

CAROLINE TREVISAN MENDES DE ALMEIDA

**VIVÊNCIAS E SIGNIFICADOS DO COMPLEXO DE ÉDIPO EM UMA
FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA**

ASSIS

2018

CAROLINE TREVISAN MENDES DE ALMEIDA

**VIVÊNCIAS E SIGNIFICADOS DO COMPLEXO DE ÉDIPO EM UMA
FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientadora: Dra. Mary Yoko Okamoto

ASSIS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

A447v Almeida, Caroline Trevisan Mendes de
Vivências e significados do Complexo de Édipo em uma família contemporânea / Caroline Trevisan Mendes de Almeida.
Assis, 2018.
271f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr^a Mary Yoko Okamoto

1. Psicanálise. 2. Édipo, Complexo de. 3. Famílias. I. Título.

CDD 616.8917



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: VIVÊNCIAS E SIGNIFICADOS DO COMPLEXO DE ÉDIPO NAS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS

AUTORA: CAROLINE TREVISAN MENDES DE ALMEIDA

ORIENTADORA: MARY YOKO OKAMOTO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em PSICOLOGIA, área: PSICOLOGIA E SOCIEDADE pela Comissão Examinadora:

Mary Yoko Okamoto

Profa. Dra. MARY YOKO OKAMOTO
Depto. de Psicologia Clínica / UNESP/Assis

Thássia Souza Emídio

Profa. Dra. THÁSSIA SOUZA EMÍDIO
Depto. de Psicologia Clínica / UNESP/Assis

Profa. Dra. HELENA RINALDI ROSA
USP / São Paulo

Assis, 29 de agosto de 2018

*À minha família, que sempre me
apoiou e incentivou.*

*À família de Chica, que me fez sentir
parte de sua família, pela confiança
e acolhimento, muito obrigada.*

AGRADECIMENTOS

Cada um que passa em nossa vida,
Passa sozinho, mas não vai só.
Nem nos deixa sós.
Leva um pouco de nós mesmos,
Deixa um pouco de si mesmo.
Há os que levam muito,
Mas há os que não levam nada.
Essa é a maior responsabilidade de nossa vida,
E a prova de que duas almas
Não se encontram ao acaso.

Autor desconhecido

Agradeço aos meus pais, Julio e Rosana, pela presença constante ao meu lado.

Ao meu pai Julio, que sempre me incentivou a estudar, crescer e me desenvolver, sendo um exemplo de superação na vida.

À minha mãe Rosana, pela compreensão e acolhimento nos momentos difíceis, por conseguir oferecer a mim muito mais do que recebeu.

Ao meu marido, Roberto, por me permitir explorar minhas curiosidades e incentivar a seguir em frente, acreditando em meu potencial, em alguns momentos mais do que eu mesma.

Ao meu querido irmão Neto, pelos abraços carinhosos e brincadeiras que me fazem lembrar a criança que fui e a minha infância com carinho.

À querida Elaine, pela amizade de vinte e um anos, sabendo sempre como me descontraír e acalmar perante as dificuldades.

À minha companheira de caminhada, minha psicóloga Ana Karina Barbosa Moura, pela generosidade e continência em me acompanhar pelos caminhos mais diversos e controversos do meu íntimo.

À Vivian Fernanda Rodolfo, por me abrir as portas da instituição, permitindo que realizasse a pesquisa com a família participante.

À minha querida orientadora, Dra. Mary Yoko Okamoto, pelo acolhimento desde o primeiro momento, respeitando minha linha de pesquisa e fornecendo novos panoramas teóricos, sendo primordial para que eu concluísse minha dissertação e experiência do mestrado com grande ganho de vivências e conhecimentos.

À Helena Rinaldi Rosa e Thassia Souza Emídio, por contribuírem com sugestões tão valiosas na ocasião do exame de qualificação, permitindo que a pesquisa se ampliasse, promovendo uma perspectiva dinâmica sobre a família e de empatia que me acompanhará na minha jornada profissional e pessoal.

À família de Chica, por me acolherem de forma tão amorosa e especial, sem exceção, revelando experiências e intimidades tão profundas, na confiança do carinho, compreensão e respeito na análise da trama familiar estabelecida entre eles.

ALMEIDA, Caroline Trevisan Mendes de. **Vivências e Significados do Complexo de Édipo em uma família contemporânea**. 2018. 271p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RESUMO

Buscou-se compreender o exercício da parentalidade e subjetivação nas famílias contemporâneas no tocante à experiência do Complexo de Édipo, a partir da teoria da psicanálise vincular. Atualmente tem ocorrido diversas transformações nas famílias contemporâneas, e considerando que a passagem pela cena edípica possibilita a discriminação de lugares e funções familiares, entende-se que seja necessário compreender este conceito e suas vivências nas famílias atuais. Foi realizado um estudo de caso, com realização de entrevistas semi-estruturadas com dois casais, sendo o casal de avós que exerce as funções principais de cuidados com suas netas e o casal composto pela mãe biológica e o padrasto das meninas, que também participa do cotidiano familiar das crianças. Com as crianças, com 6 e 7 anos de idade, utilizamos o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) de Walter Trinca, analisando as relações de amor, ódio, rivalidade, interdição e alianças inconscientes característicos de tal experiência. Verificou-se que o exercício da parentalidade é dividido e exercido pelos quatro participantes da entrevista, configurando uma vivência familiar atual em que os papéis parentais não estão delimitados de forma clara, porém para todos os membros da família, a avó representa a principal figura que exerce as funções materna e paterna diante das netas, com estabelecimento de alianças inconscientes e aspectos transgeracionais que configuraram a dinâmica familiar. Percebeu-se que as vivências dos pais e avós com suas próprias elaborações edípicas influenciam de forma significativa a experiência do Complexo de Édipo das crianças. Verificou-se que para que ocorra uma vivência edípica que permita uma triangulação das relações e a possibilidade de uma vida e relacionamentos autônomos ultrapassando as relações narcísicas e simbióticas iniciais realizadas com as figuras parentais, é necessária que seja exercida uma função diferenciadora, não limitada ao gênero ou filiação biológica, que permita o registro das diferenças e separação nas relações intersubjetivas.

Palavras-chave: Psicanálise vincular. Complexo de Édipo. Famílias contemporâneas.

ALMEIDA, Caroline Trevisan Mendes de. **Experiences and Meanings of the Oedipal Complex in a Contemporary Family**. 2018. 271p. Dissertation (Academic Master's Degree in Psychology). – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences and Languages, Assis, 2018.

ABSTRACT

The aim was to understand the exercise of parenting and subjectivation in contemporary families regarding to the Oedipus Complex experience, from Linkage Psychoanalysis Theory. Nowadays there has been different changes in contemporary families and considering that the passage through the oedipal scene allows the discrimination of places and family duties, it is understood that is necessary to comprehend this definition and its experiences in modern families. A case study has been carried out by semi – structured interviews with two couples, represented by the grandparents who fulfil the main nurture functions with their granddaughters, and the couple formed by the biological mother and the girls' stepfather, who also takes part in the family everyday life of the children. With the children who are 6 and 7 years old, the Family Drawing – and – Story Procedure (DF-E) by Walter Trinca was applied, analyzing love relationships, hate, rivalry, interdiction and unconscious alliances typical from this experience. It was found that the exercise of parenting is shared and held by the four interviewees, constituting a new family experience in which the parental roles are not limited in a clear way, however for all family members, the grandmother represents the main figure that acts as a mother and a father to her granddaughters, setting up unconscious alliances and transgenerational aspects which have configured the family dynamics. It was noticed that the parents' and grandparents' experiences with their own oedipal elaborations influence in a meaningful way the Oedipus Complex's experience in the children. It was observed that for an oedipal construction to happen which allows a relationship triangulation and the possibility of an existence and autonomous relationships overcoming the narcissistic and symbiotic first relationships with the parental figures, it's necessary to be performed a distinctive role not limited to gender or biological paternity, which allows the record of the differences and the inter-subjective relations' division.

Key-Words: Linkage Psychoanalysis. Oedipal Complex. Contemporary Families.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Desenho 1.1 – Desenhe uma família qualquer (Elisa).....	60
Desenho 1.2 – Desenhe uma família que você gostaria de ter (Elisa).....	63
Desenho 1.3 – Desenhe uma família em que alguém não está bem (Elisa).....	69
Desenho 1.4 – Desenhe a sua família (Elisa).....	71
Desenho 2.1 – Desenhe uma família qualquer (Maria Elena).....	77
Desenho 2.2 – Desenhe uma família que você gostaria de ter (Maria Elena).....	79
Desenho 2.3 – Desenhe uma família em que alguém não está bem (Maria Elena).....	81
Desenho 2.4 – Desenhe a sua família (Maria Elena).....	84

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	12
1 Complexo de Édipo: revisitando Freud	15
2 Complexo de Édipo na contemporaneidade	29
2.1 Família: desenvolvimento histórico e psicanálise.....	29
2.2 Entrelaçamentos do grupo familiar: funções e dinâmica de funcionamento.....	36
2.3 Complexo de Édipo na contemporaneidade: a função diferenciadora no grupo familiar.....	44
3 Metodologia	52
3.1 O local da coleta de dados.....	55
3.2 Os participantes da pesquisa.....	56
3.3 A entrevista com os familiares.....	56
3.4 Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E).....	57
4Análise dos resultados	58
4.1 Análise do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E).....	59
4.2 O encontro com Elisa.....	59
4.2.1 Desenhe uma família qualquer.....	60
4.2.2 Desenhe uma família que você gostaria de ter.....	63
4.2.3 Desenhe uma família em que alguém não está bem.....	69
4.2.4 Desenhe a sua família.....	71
4.2.5 Síntese.....	76
4.3 O encontro com Maria Elena.....	77
4.3.1 Desenhe uma família qualquer.....	77
4.3.2 Desenhe uma família que você gostaria de ter.....	79
4.3.3 Desenhe uma família em que alguém não está bem.....	81
4.3.4 Desenhe a sua família.....	84
4.3.5 Síntese.....	86
4.4 Síntese geral.....	87
4.5 Análise das entrevistas.....	90
4.5.1 Expectativas, gestação e nascimento das crianças.....	90
4.5.1.1 Na perspectiva dos avós.....	90
4.5.1.2 Na perspectiva da mãe.....	93

4.5.1.3 Na perspectiva do pai biológico das meninas.....	96
4.5.1.4 Na perspectiva do padrasto das meninas e pai do menino.....	97
4.5.1.5 Escolha dos nomes das crianças.....	97
4.6.1 Porque os avós assumiram a criação das netas.....	99
4.6.1.1 Na perspectiva dos avós.....	100
4.6.1.2 Na perspectiva da mãe.....	101
4.7.1 Aspectos transgeracionais.....	103
4.7.1.1 Relação dos avós com seus pais.....	103
4.7.1.2 Histórico de relacionamentos dos avós.....	105
4.7.1.3 Relacionamentos dos avós com seus filhos.....	107
4.7.1.4 Histórico de relacionamentos amorosos da mãe Maria Clara.....	117
4.8.1 Exercício das funções parentais.....	121
4.8.1.1 Exercício da função parental pela avó.....	121
4.8.1.2 Exercício da função parental pelo avô.....	126
4.8.1.3 Exercício da função parental pela mãe.....	127
4.8.1.4 Exercício da função parental pelo pai biológico das meninas.....	134
4.8.1.5 Exercício da função parental pelo padrasto.....	136
4.9.1 Conjugalidade e o impacto na parentalidade.....	139
4.9.1.1 O relacionamento dos avós.....	139
4.9.1.2 O relacionamento dos pais.....	141
4.9.1.3 O relacionamento entre a mãe e o padrasto.....	143
4.10.1 Função diferenciadora.....	147
4.10.1.1 Aquisição de autonomia, estabelecimento de regras, sexualidade.....	147
5 Discussão dos resultados.....	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	169
REFERÊNCIAS.....	171
Anexo A – Roteiro de entrevistas.....	177
Anexo B – Transcrição da entrevista com os avós.....	178
Anexo C – Transcrição da entrevista com os pais.....	220

APRESENTAÇÃO

As famílias são um ponto nodal quando procuramos compreender a estruturação psicológica dos indivíduos. Constituem nossa origem, e trazem consigo todas as vivências, realizações, segredos e não-ditos, transmitidos transgeracionalmente através das gerações. A partir das famílias são constituídas alianças inconscientes que demarcam o papel de cada membro no grupo e as funções atribuídas a eles dentro do contexto familiar.

Esta pesquisa se originou a partir de minhas reflexões com relação as minhas vivências profissionais e fundamentalmente de meu olhar para famílias tão diversas que encontrei nestes anos de trabalho. Na clínica, tive encontros com crianças que possuíam famílias diversas do modelo tradicional, que me fizeram questionar a estruturação edípica em contextos em que o pai não está presente e a mãe tem dificuldades em estabelecer interdições e separações necessárias para a autonomia e elaboração edípica satisfatória das crianças.

Enquanto psicóloga dentro de uma instituição social, deparei-me com famílias também muito diversas que, além das questões complexas que envolvem qualquer relação familiar, ainda vivem uma situação de vulnerabilidade social em diversos sentidos: a vulnerabilidade psíquica, com relações afetivas muitas vezes comprometidas entre os membros da família; a vulnerabilidade social, estando muitas vezes “à margem” e privados de oportunidades; a vulnerabilidade econômica, com pouco acesso a bens e serviços de qualidade. A elaboração edípica também entrou em questionamento, em especial neste contexto de tanta privação, com famílias que dormem todos no mesmo cômodo, filhos dividindo muitas vezes o colchão com os pais, frequentes casos de casamentos, divórcios e recasamentos na mesma família, ausência do pai, criação dos filhos por avós ou tios, além de diversos outros casos que indicam famílias diferentes do modelo em que Freud estruturou sua teoria.

Como pensar a elaboração edípica nas famílias contemporâneas? Como compreender a teoria de Freud no contexto atual em que vivemos, com mudanças sociais fundamentais nas famílias? Como ampliar o entendimento do Complexo de Édipo além da criança e dos aspectos intrapsíquicos, considerando a influências dos pais neste processo?

É neste contexto que foi gestada e se originou essa pesquisa. Sem a pretensão de responder de forma conclusiva todos estes questionamentos, proponho ao leitor que façamos uma reflexão e possamos repensar o Édipo a partir de análise contemporânea, que inclui também sua família, a história dessa família e o contexto social em que se encontra.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa compreender o exercício da parentalidade nas famílias contemporâneas, sob a perspectiva das vivências das crianças e dos familiares¹ que exercem as funções parentais em seu cotidiano, no tocante à experiência do Complexo de Édipo.

Freud (1923) considerou o Complexo de Édipo como fenômeno sexual central da primeira infância e Zimmerman (2001) aponta que mais do que a ideia de amor pelo genitor do sexo oposto e da disputa/ódio ao genitor do mesmo sexo que remete ao mito de Édipo, o conceito implica principalmente no entendimento de que os sentimentos de amor e ódio pelos genitores são alternantes. Sua importância na atualidade refere-se a muitos aspectos necessários para a convivência social e em grupo, dentre eles a possibilidade de triangulação nas relações, formação de identificações e ingresso em uma genitalidade adulta. Lopes e Paiva (2012) também apontam a importância da vivência edípica

O triângulo familiar primordial fornece à criança dois elos que a conectam separadamente a cada um dos pais e a confronta com o elo entre os dois que a exclui. Inicialmente, esse elo parental é concebido em termos de objetos parciais primitivos; se o elo entre os pais for percebido no amor e no ódio e puder ser tolerado, surge o protótipo de uma relação de objeto de um terceiro tipo em que a criança é testemunha e não participante. Isto nos permite ter uma capacidade de vermos a nós mesmo em interação com os outros e aceitar um ponto de vista diverso do nosso (LOPES; PAIVA, 2012, p. 164-165).

Compreende-se que o conceito de Complexo de Édipo é fundamental para o desenvolvimento psíquico. A família é parte importante neste processo, já que é fonte de identificações e onde os sentimentos ambivalentes da criança estarão presentes, sendo necessária a elaboração edípica para que o convívio social ocorra de maneira mais satisfatória. No entanto, verificamos diversas transformações sociais e históricas nas famílias atuais que são muito diversas do modelo de família tradicional em que Freud desenvolveu sua teoria a respeito do Complexo de Édipo. Fica o questionamento: como compreender a questão edípica nas famílias contemporâneas?

O recorte estabelecido nesta pesquisa consistiu em um estudo de caso de uma família em que avós são os principais cuidadores de duas netas, de seis e sete anos de idade respectivamente. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com os avós, e às crianças aplicado o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias, de Walter Trinca (2013).

¹ Neste trabalho, consideraremos como pais as pessoas que exercem as funções parentais na vida das crianças, conforme os diferentes arranjos familiares.

Como a mãe biológica das meninas convive no fundo da casa dos avós, juntamente com o padrasto das crianças, sendo participativa na rotina familiar, optou-se por realizar a entrevista semi-estruturada também com o casal de pais.

Para embasamento teórico a respeito do tema, inicialmente foi realizado um estudo do conceito do Complexo de Édipo na obra freudiana. Posteriormente, buscou-se compreender teoricamente o conceito de Complexo de Édipo na contemporaneidade, em um capítulo que considerou as transformações históricas e sociais das famílias, o dinamismo familiar através da psicanálise vincular, e os estudos contemporâneos a respeito do Complexo de Édipo. Na busca pela ampliação das discussões da psicanálise enfocada no aparelho psíquico, o viés teórico adotado no trabalho é o da psicanálise vincular.

Nesta abordagem, a constituição psíquica tem as suas origens e modo de funcionamento a partir da interdependência de três espaços psíquicos: intra, inter e transobjetivo. O espaço intrasubjetivo refere-se à relação do sujeito consigo mesmo, suas representações de seu próprio corpo, pulsões, desejos e relações objetais, ou seja, da relação “entre si”. O espaço intersubjetivo trata das representações psíquicas inconscientes das relações estabelecidas com o(s) outro(s) no psiquismo e dos vínculos, que engloba os elementos transgeracionais, acordos e alianças inconscientes, já caracteriza a relação “entre eles”. Já o espaço transobjetivo refere-se às representações do mundo social, o mundo externo real enquanto dimensões sociais e físicas, suas funções normativas enquanto contexto social, isto é, trata-se das relações “através deles” (VIDAL, 2002).

O sujeito se caracteriza por suas interações com os outros, em um determinado contexto geográfico e social, de maneira que qualquer sujeito é em um momento produto e produtor de subjetividade, como efeito e causa intersubjetiva. Nesse sentido, trata-se de pensar um sistema composto por partes em interação, em relações com independência relativa, um todo com aspectos heterogêneos, o que significa que qualquer parte do sistema que seja modificada afetará também as demais, causando a construção de um novo sistema (VIDAL, 2002).

Vidal (2002) relata que essa transformação de uma psicanálise estrutural para uma perspectiva vincular entre os diversos espaços psíquicos que compõem a vida do sujeito já vinha sendo apontada por outros autores. Winnicott já considerava a coexistência do dentro bem como a importância do ambiente social, ao elaborar seu conceito de espaço transicional; Bion formulou seu conceito de vínculo enquanto uma experiência emocional com diversas subjetividades; Pichon Rivière e J. Bleger foram pioneiros, considerando a realidade física e

social como constituintes do psiquismo, existindo os espaços de mente, corpo e mundo externo. Atualmente temos como referência R. Kaës, que será abordado ao longo do trabalho (VIDAL, 2002).

No próximo capítulo foram descritos os processos metodológicos para realização da pesquisa. Foi realizada uma análise com o intuito de verificar o exercício da parentalidade, principalmente na função edípica na família, de identificar o estabelecimento de alianças inconscientes familiares, os investimentos narcísicos e a função parental relativa ao estabelecimento da trama edípica de acordo com os relatos dos casais através das entrevistas, de compreender e relacionar o exercício da parentalidade com a elaboração edípica das crianças, sob a perspectiva da psicanálise vincular.

Desta forma, este trabalho propõe uma reflexão a respeito do desenvolvimento teórico referente ao Complexo de Édipo, buscando novos sentidos e compreendendo suas relações a partir dos arranjos familiares atuais, observando uma família em que a parentalidade é exercida fundamentalmente pelos avós. Inicialmente, apresentaremos as elaborações teóricas realizadas por Freud para compreender as origens deste conceito.

1 COMPLEXO DE ÉDIPO: REVISITANDO FREUD

Freud inicia suas reflexões partindo do mito de Édipo, transformado em tragédia grega por Sófocles (1990), em Édipo rei.

De acordo com Canton et al. (2016), Sófocles nasceu em Colono, próximo a Atenas, em cerca de 496 a. C. A cidade-estado de Atenas deu início à era da Grécia clássica por volta de 510 a. C., após a revolta que retirou o último rei tirano, estabelecendo uma forma de democracia. Além de se constituir, durante dois séculos, como o centro do poder político da região, foi terreno fértil para diversos desenvolvimentos intelectuais, por meio da filosofia, da cultura literária e da arte, que futuramente influenciariam a civilização ocidental.

A cultura grega clássica foi regida por atividades de pensadores, artistas e escritores de Atenas, que estabeleceram valores estéticos relacionados à clareza, forma e equilíbrio. A partir de uma visão focada no ser humano, surge também uma nova modalidade de arte literária: o drama, originário de interpretações religiosas realizadas por um coro em honra ao rei Dionísio (CANTON ET AL., 2016).

Canton et al. (2016) afirma que posteriormente às interpretações religiosas apresentadas por um coro, essencialmente musicais, ocorre a transformação dessas interpretações para uma espécie de drama, com o acréscimo de atores interpretando personagens ao invés de simplesmente narrar a história. É neste contexto que surge o teatro, constituindo-se como um entretenimento muito popular e centro do festival anual de Dionísio, feito ao longo de muitos anos com uma platéia de mais de 15 mil pessoas em forma de teatro ao ar livre. Eram encenadas as peças no festival pelos atores por meio de um formato de trilogia de tragédias a que se seguia uma peça cômica, em que competiam por prêmios de prestígio.

Durante a maior parte do século V a. C., três dramaturgos ocuparam o topo da lista destas competições, sendo eles Ésquilo (c. 525/524-c. 456/455 a. C.), Eurípedes (c. 484-406 a. C.) e Sófocles (c. 496-406 a. C.). As contribuições desses dramaturgos modificaram e estabeleceram um padrão para a arte da tragédia. Sófocles teve um papel de destaque, ganhando diversos prêmios nas competições, produzindo tragédias que foram consideradas “pontos altos do teatro clássico grego” (CANTON ET AL., 2016). Dentre as 123 tragédias que escreveu, somente sete sobreviveram intactas; entre elas, Canton et al. (2016) considera que Édipo rei seja talvez a mais refinada.

A história do mito no qual Sófocles se baseia para produzir sua tragédia, se inicia com Laio, pai de Édipo, sendo amaldiçoado por ter tido uma relação homossexual. Desta forma, se Laio tivesse um filho, este o mataria e ficaria com sua esposa. Laio se casa com Jocasta, tornando-se rei de Tebas, e de fato tem um filho que, após o nascimento, é mandado embora com os pés amarrados e perfurados para a morte, sendo daí a origem de seu nome (Édipo = pés inchados). No entanto, Édipo acaba indo viver em Corinto, por caridade daqueles que ficaram responsáveis em abandoná-lo, sendo criado por uma nova família (SÓFOCLES, 1990).

Certo dia, Édipo escuta comentários de que poderia ser um filho adotivo. Vai em busca de respostas através de um oráculo, que apenas lhe responde que ele mataria o seu pai e casaria com a sua mãe. Assustado e evitando fazer o mal àqueles em que pensava serem seus pais, Édipo se distancia da cidade e acaba encontrando-se com Laio e seus homens, desentendendo-se e provocando a morte de seu pai (sem saber que o mesmo era seu pai). Aproximando-se de Tebas, que sofria na época com uma esfinge que estava exterminando a cidade por não conseguir resolver seus enigmas, Édipo consegue resolver a charada, tirando a ameaça da cidade e sendo aclamado como rei, devendo desposar a viúva Jocasta, sua mãe (SÓFOCLES, 1990).

Durante algum tempo, Jocasta e Édipo viveram tranquilamente a vida de casados e tiveram quatro filhos. Após algum tempo, a cidade começa a sofrer pelas pestes e as pessoas começam a morrer, sendo o rei Édipo solicitado novamente a intervir em favor da população. Édipo procura descobrir através das previsões do oráculo o que está acontecendo, e verifica que o mal está pela morte não vingada de Laio, que na época não foi devidamente investigada.

A tragédia grega de Sófocles narra toda a trajetória e dificuldade de Édipo durante a perseguição do assassino de Laio. Faz uma investigação do assassinato, sem imaginar que estava procurando a si mesmo. Por fim Édipo acaba descobrindo que havia matado seu próprio pai e se casado com a sua mãe. Jocasta se suicida, e Édipo mutila seus próprios olhos, ficando cego, e se exila da cidade (SÓFOCLES, 1990).

É na carta 71 de Freud a Fliess, em 1897, que surge pela primeira vez, conforme aponta Raffaelli (2006), a palavra Édipo nos escritos de Freud, iniciando-se a entrada no mito e suas elaborações na Psicanálise. Freud inicia a carta relatando uma resistência em sua autoanálise, que teria emergido também em decorrência de “algo surpreendentemente novo” que descobrira. Após correlacionar sentimentos vividos e lembrados de sua infância começa

a considerar universal a ideia de que os meninos têm as mães enquanto escolha amorosa e sentem ciúmes dos pais. Segue um trecho da carta escrita por Freud:

(...) mas a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual (FREUD, 1897 apud MASSON, 1986, p. 273).

Laplanche e Pontalis (2004) definem o Complexo de Édipo como uma união de desejos amorosos e hostis sentidos pela criança em relação a seus pais. É apresentado de duas formas, sendo a positiva mais próxima da ideia do mito de Édipo, em que se deseja a morte do rival do mesmo sexo e um desejo sexual pela figura do sexo oposto. Em sua segunda forma, considerada negativa, ocorre uma inversão: ama-se a figura parental do mesmo sexo e rivaliza e odeia com a do sexo oposto. Em uma elaboração completa do complexo, ambas são encontradas. Apontam que para Freud o ápice do Complexo de Édipo ocorre dos três aos cinco anos, na fase fálica, tendo seu declínio na entrada da fase de latência. Esta vivência inicial é reeditada na puberdade, sendo superada de maneira mais ou menos exitosa no tipo especial de escolha de objeto.

Quanto à eficácia do Complexo de Édipo, Laplanche e Pontalis (2004) consideram que

“O Complexo de Édipo não é redutível a uma situação real, à influência efetivamente exercida sobre a criança pelo casal parental. A sua eficácia vem do fato de fazer intervir uma instância interditoria (proibição do incesto) que barra o acesso à satisfação naturalmente procurada e que liga inseparavelmente o desejo à lei (Op. cit., p.80)”.

Apesar de não deixar o conceito de Complexo de Édipo claramente descrito, Freud já começa desde 1905 a esboçar alguns aspectos que se relacionariam ao tema. Em Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, Freud (1905) relata sobre as teorias sexuais das crianças e considera que o menino parte da ideia de que todos, homens e mulheres, têm o mesmo órgão genital. No entanto, enfatiza que através da observação rapidamente o menino irá notar as diferenças e por meio de vários questionamentos internos passará por um complexo de castração. Já que as mulheres não possuem o pênis, elas podem tê-lo perdido, portanto, os meninos também estariam sujeitos a tal risco. Neste momento, Freud ainda relata sobre como a falta deste órgão é produtora da inveja do pênis nas mulheres.

A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis. Tem pouca serventia para a criança que a ciência biológica dê razão ao seu preconceito e tenha de reconhecer o clítoris feminino como um autêntico substituto do pênis. Já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua

conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas consequências (FREUD, 1905, p. 184).

Em 1909, Freud publica o caso do “Pequeno Hans”, sendo este o primeiro tratamento psicanalítico de uma criança, muito relevante para que Freud verificasse em um caso de uma criança a existência da sexualidade infantil e do Complexo de Édipo. O pai do menino conduziu o processo, fazendo uma série de anotações e sendo supervisionado por Freud, quando o menino tinha entre 3 e 5 anos. O Pequeno Hans tinha grande curiosidade e preocupação frente às questões relacionadas à sexualidade. Seu pênis lhe despertava grande interesse e ele questionava às outras pessoas se também o possuíam. Sofreu suas primeiras angústias de castração ao saber que as mulheres não têm pênis. Foi possível perceber que Hans possuía forte desejo na morte de seu pai, visto como rival em seu relacionamento com a mãe, e Freud menciona ser este sentimento normal nesta etapa, porém, se muito exacerbado, começam a surgir os sintomas, como ocorreu no caso de Hans.

Os sintomas apresentados por Hans, que o levaram à análise, relacionavam-se a uma fobia muito intensa; ele começou a se recusar a sair de casa e andar na rua, devido ao medo de ser mordido ou derrubado por um cavalo. Freud (1909) entendeu este medo do cavalo como um deslocamento de uma angústia inconsciente de ser castrado por seu pai. Esta angústia de castração foi resultado dos desejos incestuosos de Hans para com sua mãe, de sua vontade de dormir com ela e de eliminar seu pai; ao mesmo tempo, Hans também sentia uma culpa muito grande pelo ódio que nutria por um pai tão amado, resultando no medo da punição com a castração por seus desejos incestuosos. “Hans era realmente um pequeno Édipo que queria ter seu pai ‘fora do caminho’, queria livrar-se dele, para que pudesse ficar sozinho com sua linda mãe e dormir com ela (FREUD, 1909, p. 103)”.

Freud (1909) verifica que as características do cavalo que assustavam o menino lhe recordavam as características do próprio pai, demonstrando de fato o deslocamento. Freud (1909) efetua então esta interpretação da transferência do menino para o pai, que possibilita a abertura para a cura através da tomada de consciência das razões que o levaram a efetuar este deslocamento.

A importância da relação com os pais torna-se mais evidente no texto Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, em que Freud (1914) relata o quanto os filhos são investidos libidinalmente desde o nascimento, abrindo espaço para a reflexão sobre a possibilidade da intersubjetividade, em que os filhos herdam o narcisismo dos pais, seus desejos, ideais,

sonhos não realizados. Os pais revivem com os filhos o seu próprio narcisismo, desejando que “Sua Majestade o Bebê” (FREUD, 1914, p.98) seja o centro do mundo, que não poderá sofrer e nem passar pelas mesmas necessidades que os pais, mas será o portador de um mundo perfeito assim como imaginavam para si próprios anteriormente. Neste aspecto Freud mais uma vez assinalou a importância das relações parentais para a constituição do psiquismo.

Em seus estudos posteriores, Freud (1923) amplia suas compreensões em relação ao complexo de Édipo. No artigo O Ego e o Id, Freud (1923) relata considerar o Complexo de Édipo como um processo de identificações duplo, chamado de positivo e negativo, pois percebe que tanto o menino quanto a menina se identificarão com ambos os genitores durante sua elaboração antes de estabelecer a identificação definitiva.

Freud (1923) complementa que além de serem fontes de identificações, os pais precisam estabelecer o interdito, ou seja, os filhos precisam também se identificar com as proibições parentais que impedem a realização de desejos incestuosos, surgindo então o ideal de ego / superego² (termos que Freud ainda não havia definido com precisão nessa obra). Freud (1923) ressalta que quanto mais intenso tiver sido o Complexo de Édipo, mais forte e severa será a dominação do superego sobre o ego, através da consciência moral e da culpa inconsciente.

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego. (FREUD, 1923, p. 46-47).

Freud (1923) aponta que o superego não é somente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id, mas também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. Não se trata somente de expor o que deve ser feito (você deveria ser assim, como o seu pai), pois inclui também a proibição (você não poder ser assim, como o seu pai, não pode fazer tudo o que ele faz, pois existem coisas que são inerentes a sua posição enquanto pai). Esse

² Segundo Laplanche e Pontalis (2004), ideal de ego se constitui como uma instância em que se unem a idealização do ego (narcisismo) e as identificações com os pais, seus substitutos e ideais coletivos; é uma instância diferenciadora, que serve como um modelo ideal a ser seguido. Freud também abordará o conceito desenvolvido na obra Psicologia de grupo e análise do ego (1921), em que considera que o ideal de ego pode constituir-se como elemento de ligação entre as pessoas, sendo a base para participação no grupo, por meio de um ideal de ego coletivo. Ao longo da evolução dos conceitos realizada por Freud, ideal de ego passa a ter um significado diferente do conceito de superego (empregado como sinônimos no texto “O Ego e o Id” [1923]); tornando-se uma subestrutura do superego. Este é definido como uma instância da personalidade com papel similar ao de um censor para o ego, com funções de consciência moral, auto-observação e formação de ideais; é o “herdeiro do complexo de Édipo, constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004; p. 497-498).

caráter duplo do ideal do ego deriva do fato de que este ideal do ego deve reprimir o complexo de Édipo, sendo esta a razão de sua existência. Como a repressão do complexo de Édipo não era uma missão fácil, sendo os pais da criança, e em especial o pai, percebidos como obstáculos para a realização dos desejos edípianos, tornou-se necessário que o ego infantil criasse dentro de si próprio esse mesmo obstáculo para concretização da repressão. Tomando emprestado a força desse pai para a construção desse obstáculo dentro de si mesmo, o superego retém o caráter do pai, de forma que quanto mais tiver poder o complexo de Édipo e de forma mais rápida submeter-se a repressão, por meio da influência de autoridades, religião, educação escolar, etc, mais severa posteriormente será a dominação do superego sobre o ego, através da consciência ou sentimento inconsciente de culpa. Desta forma, o ideal do ego ou superego consiste no representante das nossas relações com nossos pais, sendo que quando crianças admiramos e tememos essas naturezas mais elevadas, posteriormente inserindo-as em nós mesmos.

Sendo assim, Freud (1923) afirma que o ideal do ego se constitui como o herdeiro do complexo de Édipo, e ao criar o ideal do ego, o ego pode dominar o complexo de Édipo. Ele ainda complementa com relação ao sentimento de culpa,

À medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego e continuam, sob a forma de consciência (conscience), a exercer a censura moral. A tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do ego é experimentada como sentimento de culpa. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal de ego (FREUD, 1923, p. 49).

Freud vai formulando e reformulando a questão do Complexo de Édipo. Em “A Dissolução do Complexo de Édipo”, Freud (1924) menciona que:

Em extensão sempre crescente, o complexo de Édipo revela sua importância como o fenômeno central do período sexual da primeira infância. Após isso, se efetua sua dissolução, ele sucumbe à regressão, como dizemos, e é seguido pelo período de latência (FREUD, 1924, p. 193).

A noção de fase fálica é tardia em Freud, surgindo de forma explícita apenas no texto A Organização Genital Infantil, de 1923, conforme apontam Laplanche e Pontalis (2001). “Parece-me, porém, que o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração (FREUD, 1923, p. 159-160). Zimmerman (2001) afirma que a palavra falo aparece pouco na obra de Freud, porém a adjetivação de fase fálica ocupa um espaço considerável, referindo-se a fase evolutiva da sexualidade que ocorre entre 3 e os 6 anos, em que as pulsões são

organizadas ao redor do pênis, ligadas de forma íntima com as fantasias inerentes à angústia de castração.

Freud (1924) retoma o conceito que apresentou explicitamente pela primeira vez no texto *A Organização Genital Infantil* (1923), no texto *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924), fazendo referência ao texto anterior e complementando suas elaborações teóricas a respeito da questão edípica. Localiza o Complexo de Édipo nas fases de desenvolvimento, anunciando que é na fase fálica que ele se contempla, em que para o menino o pênis assumiu seu papel principal. No entanto, não se desenvolve a organização genital definitiva, tendo um período de latência em que as questões sexuais ficam submersas.

Ultimamente nos tornamos cada vez mais cômicos que antes, de que o desenvolvimento sexual de uma criança avança até determinada fase, na qual o órgão genital já assumiu o papel principal. Esse órgão genital é apenas o masculino, ou, mais corretamente, o pênis; o genital feminino permaneceu irrevelado. Essa fase fálica, que é contemporânea do complexo de Édipo, não se desenvolve além, até a organização genital definitiva, mas é submersa, e sucedida pelo período de latência. Seu término, contudo, se realiza de maneira típica e em conjunção com acontecimentos de recorrência regular (FREUD, 1924, p. 194).

Ainda nessa obra, Freud (1924) relata que quando o interesse sexual do menino se volta para seus órgãos genitais, ocorre a manipulação dos órgãos frequentemente ou mesmo a incontinência noturna, atitudes condenáveis aos olhos dos adultos. Desta forma, muitas vezes a criança é ameaçada, em especial pelas mulheres, a perder seu órgão genital, sendo castrado, ou a perder a mão que manipula este órgão.

Este ponto é importante, pois a ameaça de castração está intimamente ligada ao declínio do Complexo de Édipo no menino. Freud aponta dois motivos que poderiam explicar e levar à dissolução do Complexo. Em um deles o Complexo riuira por ser impossível de ser concretizado, ou seja, por sua impossibilidade interna. Outra justificativa seria a questão da hereditariedade, neste caso, acabaria porque chegou seu momento de acabar, assim como os dentes de leite caem para dar lugar aos dentes definitivos. Freud não nega que ambas as justificativas sejam pertinentes, mas apresentará uma terceira, para ele, a mais importante.

Freud (1924) acredita que é a ameaça de castração que leva à dissolução do Complexo de Édipo no menino na fase fálica. Não de imediato, pois a princípio a criança não considera que pode ser realmente castrada, mas a partir da observação do órgão genital feminino em algum momento; ao observar a ausência do pênis em um ser tão semelhante a si próprio, o menino passa a acreditar na possibilidade de ser castrado e perder seu pênis e a ameaça de castração de fato alcança seu objetivo. Em relação ao exposto por Freud, Zimmerman (2001) esclarece que ao conceber a ausência do órgão genital masculino nas mulheres é gerada uma

fantasia de castração. “O menino não pode conceber qualquer ser humano sem pênis, sendo que a visão da mãe ou da irmã desprovida desse órgão gera imediatamente a fantasia de que, de fato, existe uma castração, a qual imagina ter sido cometida pelo pai (ZIMERMAN, 2001, p. 66)”.

Na conferência XXIII – Os Caminhos das Formações dos Sintomas, Freud (1917) refere-se à importância das fantasias no mundo psíquico dos sujeitos. “As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva (FREUD, 1917, p. 70)”. Afirma que dentre as fantasias que aparecem com recorrência nas histórias relacionadas aos anos iniciais de vida dos neuróticos, algumas tem especial relevância, sendo elas a observação do coito dos pais, sedução por um adulto e ameaça de ser castrado.³ Freud (1917) considera que seria errôneo considerar essas recordações nunca tendo se originado de uma realidade material. No caso da ameaça de castração, não é incomum que quando um menino “começa a brincar de modo arteiro com seu pênis” e ainda não sabe que precisa esconder tal atividade, acabe sendo ameaçado pelos pais ou a babá de serem cortados o pênis ou a mão pecaminosa. No entanto, complementa Freud (1917)

É altamente improvável, porém, que as crianças sejam ameaçadas com castração com tanta frequência como aparece na análise de neuróticos. É-nos suficiente

³ Roudinesco e Plon (1998) apontam que o termo fantasia passa a ser adotado com um conceito a partir de 1897, “correlato da elaboração da noção de realidade psíquica e do abandono da teoria da sedução, designa a vida imaginária do sujeito e a maneira como este representa para si mesmo sua história ou a história de sua origem: fala-se então de fantasia originária (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 223). Zimerman (2001) afirma que o termo fantasia no sentido psicanalítico “conceitua um elemento fundamental na estruturação do psiquismo de qualquer ser humano e constitui um fator primordial na etiologia das neuroses (ZIMERMAN, 2001, p. 141). No início de suas elaborações teóricas, Zimerman (2001) aponta que Freud considerava que de fato tivessem acontecido as cenas de sedução contadas por suas pacientes histéricas, mas que aos poucos reconheceu seu equívoco e abandonou essa crença, sustentando a partir daí que apesar de aparentemente concretas, essas cenas não passavam de uma realidade psíquica. É em 1915 que Freud utiliza pela primeira vez a expressão fantasia primitiva ou originária, referindo-se as fantasias de observação da relação sexual dos pais (cena primária), da sedução e da castração (ZIMERMAN, 2001). “Freud voltava a procurar uma origem para a história individual do sujeito, tal como tentara nos primórdios da psicanálise com a teoria da sedução ou do trauma. Assim, a cena primária remonta a uma busca de resposta da criança a sua indagação de onde se originou; nas fantasias relativas à sedução, a busca é a das origens da sexualidade, enquanto as fantasias inerentes à castração resultam da busca da origem da diferença dos sexos (ZIMERMAN, 2001, p. 142)”. Freud formula a hipótese de uma herança filogenética das fantasias, considerando tais fantasias universais mesmo em contextos e momentos onde nunca tenham ocorrido na realidade concreta; ele afirma ser possível que tais fantasias tenham sido uma realidade em tempos primitivos da família humana, sendo transmitidas como verdade pré-histórica preenchendo as lacunas da verdade individual através da criação de fantasias; sendo assim, o que foi realidade de fato na pré-história teria se tornado uma fantasia, de forma que, como exemplo, a fantasia de castração do indivíduo seria resultado de uma castração efetivamente realizado pelo pai no passado arcaico da humanidade (ZIMERMAN, 2001). Laplanche e Pontalis (2001) concordam com os autores ao definir o conceito de fantasias originárias segundo Freud “Estruturas fantasísticas típicas (vida intra-uterina, cena originária, castração, sedução) que a psicanálise descobre como organizando a vida fantasística sejam quais forem as experiências pessoais dos sujeitos; a universalidade destas fantasias explica-se, segundo Freud, pelo fato de constituírem um patrimônio transmitido filogeneticamente (LAPLANCHE; PONTALIS, 2011, p. 174)”.

perceber que a criança, em sua imaginação, capta uma ameaça desse tipo, com base em indícios e com a ajuda de um vago conhecimento de que a satisfação auto-erótica lhe é proibida, e sob a impressão de sua descoberta dos genitais femininos (FREUD, 1917, p. 371).

Nesta época, a masturbação é considerada uma descarga da excitação sexual resultante do próprio Complexo. Freud (1924) menciona que o Complexo oferece à criança duas maneiras de satisfação; uma delas se relaciona a ocupar o lugar do pai, tendo relações com a mãe assim como tinha o pai, de forma que este se tornaria um estorvo, ou poderia assumir o papel da mãe, sendo amada pelo pai, tornando a mãe dispensável. Apesar de a criança apresentar uma ideia vaga sobre uma relação erótica satisfatória, a partir de suas próprias sensações já percebe que o órgão genital masculino deve apresentar uma parte relevante nesta relação. Antes, acreditava que as mulheres também tinham pênis; ao constatar que não possuem, levando a possibilidade da ameaça de castração, as maneiras de obter satisfação no complexo são anuladas, visto que ambas implicam a perda de seu pênis, seja como uma punição na masculina ou como condição na feminina. Surge então um conflito, visto que se a satisfação do complexo implica na perda de seu pênis, o menino precisa decidir entre o interesse narcísico nesta parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Normalmente, triunfa a preservação narcísica do pênis e ocorre a dissolução do Complexo de Édipo.

De acordo com Freud (1924), este afastamento do Complexo ocorre através de identificações. Ocorre a introjeção da autoridade dos pais no ego, formando o núcleo do superego, que perpetua a proibição do incesto. As tendências libidinais são sublimadas e dessexualizadas, inibidas e transformam-se em impulsos de afeição. Desta forma, ocorreu a preservação do pênis e por outro lado o paralisou, introduzindo o período de latência que interrompe o desenvolvimento sexual.

Freud (1924) relata que existe uma repressão⁴ para este afastamento do Complexo por parte do ego, porém mais do que apenas uma repressão, o processo descrito acima trata de uma destruição e abolição do complexo.

⁴ Conforme aponta Zimerman (2001), o termo repressão contempla uma confusão semântica, em que alguns autores e tradutores preferem utilizá-lo como sinônimo de recalque, enquanto outros, em especial da escola francesa, como Laplanche e Pontalis, preferem diferenciar ambos os termos. Laplanche e Pontalis (2001) definem recalque ou recalçamento da seguinte forma: “Operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar prazer por si mesma – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 430). Já o termo repressão é definido pelos autores como “A) Em sentido amplo: operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: ideia, afeto, etc. Neste sentido, o recalque seria uma

Não vejo razão para negar o nome de ‘repressão’ ao afastamento do ego diante do complexo de Édipo, embora repressões posteriores ocorram pela maior parte com a participação do superego que, nesse caso, está apenas sendo formado. O processo que descrevemos é, porém, mais que uma repressão. Equivale, se for idealmente levada a cabo, a uma destruição e abolição do complexo. Plausivelmente podemos supor que chegamos aqui à linha fronteira – nunca bem nitidamente traçada – entre o normal e o patológico. Se o ego, na realidade, não conseguiu muito mais que uma repressão do complexo, este persiste em estado inconsciente no id e manifestará mais tarde seu efeito patogênico (FREUD, 1924, p. 196-197).⁵

Ou seja, é necessário que essas identificações e introjeção da autoridade do pai promovam de fato a formação nuclear do superego, que será responsável pela proibição do incesto, além da transformação das tendências libidinais através da sublimação, dessexualização e inibição que os transformam em impulsos de afeição. Tentando definir as linhas entre o normal e o patológico, pode-se considerar patológico quando ocorre apenas uma repressão do ego, pois estará persistindo inconscientemente no id e manifestará sua patologia mais tarde.

Neste momento, Freud (1924) já tenta iluminar a compreensão do Complexo de Édipo na menina, visto que até então a descrição se aplica apenas ao menino. Ele afirma que na menina também ocorre o Complexo de Édipo, desenvolve-se um superego e segue-se um período de latência. No entanto, à diferença anatômica também decorre uma diferença no desenvolvimento psíquico. A menina inicialmente se relaciona com seu clitóris como se fosse

modalidade especial de repressão; B) Em sentido mais restrito: designa certas operações do sentido A diferentes do recalque: a) Ou pelo caráter consciente da operação e pelo fato de o conteúdo reprimido se tornar simplesmente pré-consciente e não inconsciente; b) Ou, no caso da repressão de um afeto, porque este não é transposto para o inconsciente mais inibido, ou mesmo suprimido; c) Em certos textos franceses (e brasileiros) traduzidos do inglês, equivalente errado de Verdrängung (recalque)” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 457). Desta forma, conforme explica Zimerman (2001), Laplanche e Pontalis afirmam que o recalque é um processo que implica na participação do inconsciente, e a repressão estaria ligada a um processo de exclusão para fora da consciência, atuando no nível da segunda censura (censura entre o consciente e pré-consciente, e não como acontece no recalque, a passagem de um sistema (pré-consciente-consciente) para o outro sistema (inconsciente). Roudinesco e Plon (1998) também fizeram essa diferenciação, definindo o conceito repressão da seguinte forma “Termo empregado em psicologia para designar a inibição voluntária de uma conduta consciente. Em psicanálise, a repressão é uma operação psíquica que tende a suprimir conscientemente uma ideia ou um afeto cujo conteúdo é desagradável” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 659). Logo após a conceituação, Roudinesco e Plon (1998) explicam que a operação a que a palavra se refere não deve se confundir com o recalque, que deriva de um mecanismo inconsciente. A autora afirma que na língua inglesa James Strachey utilizou a palavra repression a conselho de Sigmund Freud para traduzir o termo recalque, surgindo daí a confusão entre os dois mecanismos (ROUDINESCO; PLON, 1998). Optamos neste trabalho por manter a palavra repressão devido a esta terminologia nos textos freudianos consultados. No entanto, fica a ressalva devido a tradução dos textos ter sido realizada a partir da de James Strachey, que conforme Roudinesco e Plon (1998) apontaram promove uma confusão de sentido. No que diz respeito ao Complexo de Édipo, compreendemos que o conceito que mais se enquadra na proposta freudiana é o de recalque, implicando um processo decorrente de um mecanismo inconsciente.

⁵ Zimerman (2001) esclarece que existe uma advertência de Freud neste texto de que a fronteira entre o normal e o patológico na resolução edípica não é sempre nítida. “Nos casos em que persistir conflituada, a resolução continuará a exercer, desde o inconsciente, uma ação persistente ao longo de toda a vida, constituindo um complexo central de cada neurose (ZIMERMAN, 2001, p. 74)”

um pênis; no entanto, ao se dar conta da inferioridade de seu órgão, em tamanho, ao comparar com o pênis de algum menino, tenta por algum tempo acreditar que seu órgão poderá crescer. Posteriormente, a menina acredita que tinha um pênis tão grande quanto o do menino e que foi castrada. Sendo assim, a diferença entre o menino e a menina é que para a menina a castração é considerada como um fato consumado, sendo que no menino ocorre o temor pela possibilidade de ser castrado.

Sendo então ausente o temor da castração na menina, para a formação do seu superego e interrupção do Complexo o que contribui são as ameaças da perda do amor resultadas da intimidação derivada do exterior. Neste texto de 1924, Freud ainda acredita que o Complexo de Édipo feminino é mais simples do que no menino (mudará este ponto de vista logo em seguida), considera que o complexo limita-se à menina assumir o papel da mãe e tornar-se mais feminina com o pai. A menina, porém, tenta compensar a sua ausência de pênis com um desejo: o de ter um bebê, de receber um bebê de presente do pai, de lhe dar um filho. Freud (1924) menciona que o Complexo gradativamente vai sendo abandonado ao constatar-se que este desejo não se realiza. Este desejo, de ter um pênis e um filho, prepara a menina para o desempenho de seu papel posterior. Freud (1924) faz ainda um apontamento de que a compreensão do Complexo na menina ainda é bastante vaga e incompleta. “Deve-se admitir, contudo, que nossa compreensão interna (insight) desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago” (FREUD, 1924, p. 198-199).

Em *A Sexualidade Feminina*, Freud (1931) faz novas formulações a respeito do Complexo de Édipo. Menciona os sentimentos ternos das crianças em relação ao genitor do sexo oposto, e sua relação primordialmente hostil com a do mesmo sexo. No caso dos meninos, fica mais clara esta relação visto que a mãe é o primeiro objeto de amor. Nas meninas, a mãe também é o primeiro objeto amoroso, de forma que surgem os questionamentos sobre como ocorre a mudança de objeto amoroso para o pai.

Freud (1931) faz novas observações e aponta para a importância do momento pré-edípico para a menina. Percebeu que nos casos em que a ligação com o pai era intensa, havia existido anteriormente uma relação igualmente intensa com a mãe, exclusiva e apaixonada. Nada de novo era acrescentado além da mudança de objeto amoroso. Também relata que a duração da ligação havia sido subestimada, que várias vezes sua duração fora até os quatro, cinco anos, abrangendo uma grande parte do período desta fase. E como é relevante o fato de que algumas mulheres permaneçam ligadas a esta relação original com a mãe e nunca

promovam uma mudança em direção aos homens. Conforme aponta Freud (1931) em sua observação das mulheres:

Dois fatos sobretudo me impressionaram. O primeiro foi o de que onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada (...). O segundo fato ensinou-me que a duração dessa ligação também fora grandemente subestimada. Em diversos casos, durara até os quatro anos de idade – em determinado caso, até os cinco –, de maneira que abrangera, em muito, a parte mais longa do período da primeira eflorescência sexual (...). Assim sendo, a fase pré-edipiana nas mulheres obtém uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído (FREUD, 1931, p. 233-234).

Apontando para outras distinções entre o homem e a mulher, Freud (1931) relata sobre como a bissexualidade inata é muito mais evidente na mulher do que no homem, e sobre como na mulher existe uma fase diferente, em que a mulher tem um momento de caráter masculino, relacionado ao seu clitóris (equivalente ao pênis), levando a um momento feminino, relacionado à sua vagina. Também as diferenças se tornam evidentes ao fato de que o primeiro objeto amoroso de todas as crianças é a mãe, mas que na menina é necessária uma substituição deste objeto por outro, seu pai, mudando o sexo de seu objeto.

Portanto, para Freud (1931, 1933) a menina tem que enfrentar duas tarefas em seu desenvolvimento psicosexual que se encontram ausentes no desenvolvimento do menino, e o sucesso da elaboração do Complexo de Édipo e conseqüente ascensão à feminilidade depende do sucesso destas duas tarefas, a saber: 1) uma mudança do seu objeto de amor, da mãe para o pai; e 2) uma mudança em seu órgão genital, do clitóris para a vagina.

Sendo assim, Freud (1931) aponta que são diferentes também as conseqüências do complexo de castração na mulher; esta reconhece a castração, sente a superioridade do homem e sua própria inferioridade, rebelando-se frente a esta questão indesejável. A partir daí surgem três linhas de desenvolvimento. Na primeira, ocorrem transformações em relação à sexualidade, em que insatisfeita com seu clitóris, a menina abandona a atividade fálica e sua sexualidade, além de grande parte de sua masculinidade. Na segunda, a menina tenta se prender afirmativamente à sua masculinidade ameaçada; tem esperança de conseguir um pênis, a fantasia de ser um homem, persistindo por um longo tempo. Se continuar nesta linha, a mulher pode escolher um objeto homossexual. Seguindo a terceira linha, indireta, será possível adquirir a atitude feminina normal, segundo Freud (1931), adquirindo a maneira feminina do Complexo de Édipo, ou seja, tomando por objeto uma figura do sexo masculino, seu pai.

Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo. Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita frequência, de modo algum é superado pela mulher (FREUD, 1931, p. 238).

Freud (1931) faz uma análise dos fatores que podem estar ligados ao afastamento da mãe por parte da menina. Um dos fatores, relacionado também aos meninos, relaciona-se aos ciúmes de outras pessoas, irmãs, rivais, e o próprio pai; sendo o amor infantil ilimitado e voraz, deseja tudo, uma posse exclusiva. Outro fator deriva do efeito do complexo da castração para a menina, que não possui o pênis. Nas meninas, ocorre a masturbação do clitóris, constituindo-se esta a sua atividade fálica, e também sua proibição e uma revolta contra aquele que a proíbe, geralmente sua mãe. O ressentimento de não poder ter sua atividade sexual livre é um fator muito importante para o desligamento da mãe. Também ocorre uma mudança na percepção de sua condição sem pênis; inicialmente, a menina acredita ter sido uma ocorrência estritamente relacionada a ela, depois de um tempo perceberá que é uma condição das mulheres. Quando compreende isso, advém a feminilidade, e sua mãe acaba sofrendo uma depreciação a seus olhos.

Ainda como motivo mais forte para o afastamento da menina em sua ligação com a mãe, Freud (1931) salienta a censura relacionada à mãe por não lhe ter fornecido um pênis apropriado, ou seja, a criança culpa sua mãe pela ausência do pênis; outra censura relaciona-se ao desmame, a filha considera que a mãe não a amamentou o suficiente. Freud (1931) aponta também a ambivalência de sentimentos da menina, entre amor e ódio, como um gerador deste afastamento. No que se relaciona aos meninos, esta ambivalência com a mãe não promove o afastamento porque a hostilidade é dirigida ao pai.

Na Conferência XXXIII – Feminilidade, Freud (1933) retoma os conceitos anteriores relativos ao Complexo de Édipo nas mulheres e acrescenta algumas contribuições, relacionadas às especificidades psíquicas da feminilidade madura. Considera que à feminilidade também está ligada uma carga maior de narcisismo, em que a mulher tem uma necessidade maior de ser amada. “Assim, atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar” (FREUD, 1933, p. 131). Também faz uma correlação entre a inveja do pênis e a vaidade física das mulheres, de modo que a valorização da mulher

de seus encantos seria uma maneira de compensar a inferioridade sexual; e ainda acrescenta que a vergonha que as mulheres costumam sentir está atrelada a ocultação de sua deficiência.

Freud (1933) aponta as questões relativas à escolha objetal da mulher, ressaltando que quando pode ocorrer mais livremente, geralmente é de acordo com o ideal narcisista do homem que a menina quisera tornar-se. Para Freud (1933), a reação frente ao nascimento de um menino é maior do que frente ao nascimento de uma menina, e entende que desta forma a falta de um pênis ainda possui um valor relevante. Acredita que a satisfação sem limites ocorre apenas na relação da mulher com seu filho menino; e que a mãe pode realizar uma transferência de seu complexo de masculinidade para o menino, esperando suprir através dele a ambição que teve que suprimir em si mesma.

Nesta Conferência, Freud (1933) ainda acrescenta que as mulheres possuem pouco senso de justiça, devido à grande inveja que possuem, sendo a exigência de justiça uma fixação da inveja; considera as mulheres menos capacitadas a sublimar seus instintos em comparação aos homens; e aponta que as mulheres, por volta de seus trinta anos, manifestam uma imutabilidade e rigidez psíquica não presente nos homens, devido à libido ter tomado posições definitivas, sem possibilidade de um novo desenvolvimento. Cabe ressaltar o momento histórico e a representação e atuação social da mulher na época em que Freud escreveu seus textos.

2 COMPLEXO DE ÉDIPO NA CONTEMPORANEIDADE

As elaborações freudianas a respeito do complexo de Édipo partem de um momento histórico e modelo de família específico. Levando em consideração que o desenvolvimento do Complexo de Édipo ocorre na família, diante do exercício das funções parentais, nesse momento discutem-se as transformações pelas quais a família passou e discussões atuais acerca do conceito de complexo de Édipo. Será realizado uma análise das funções e dinâmica familiar a partir da psicanálise vincular e, em seguida, uma relação destes conceitos com a compreensão e reflexões contemporâneas a respeito do complexo de Édipo.

2.1 FAMÍLIA: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E PSICANÁLISE

A família passou por diversas transformações a partir dos momentos históricos em que se constituiu. Refletir sobre qual família (ou famílias, já que não existe um padrão e estruturação familiar único) tomamos como referência implica contextualizar a origem dos olhares teóricos que foram estabelecidos até então. Para tanto, consideraremos a família a partir do século XV até os dias atuais.

Ariès (1981) aponta que na família medieval o sentimento de infância não estava presente, de forma que as crianças a partir dos sete anos já passavam a aprender o convívio em sociedade junto com os adultos; além disso, não existia uma diferenciação entre vida social e vida privada, os investimentos afetivos não tinham distinção entre pessoas da comunidade e do meio familiar, ou seja, a intimidade e privacidade ainda não faziam parte do cotidiano das famílias. Birman (2007) a caracteriza como uma família extensa, em que ocorria a presença de várias gerações na mesma casa, com uma dinâmica de funcionamento em que o pai detinha uma autoridade incontestável sobre a família e a mulher detinha o papel da reprodução.

Com as transformações históricas e sociais que ocorreram entre os séculos XVIII e XIX, percebemos o surgimento das famílias modernas. O início das escolas contribuiu de forma relevante para a mudança do olhar sobre a criança como possuidora de necessidades específicas. Tal valorização atingiu também os lares, ocorrendo gradativamente um sentimento de família, com uma mudança e aumento de vínculos entre pais e filhos,

enfraquecendo a relação antes indistinta entre meio social e familiar, tornando-se presentes a privacidade e intimidade (ARIÈS, 1981).

Esta família moderna, que surge com a ascensão da burguesia, revela um novo modelo que passa da família extensa à família nuclear ou burguesa. Birman (2007) explicita as diferenças dinâmicas das famílias, apontando que na família nuclear ou burguesa o poder do pai é relativizado em casa, e a mulher transforma-se de mera reprodutora para uma gestora do lar. Com a valorização da infância e dos filhos, a ascensão burguesa e da ciência, esta mãe precisa agora gerenciar os cuidados relativos à saúde e educação dos filhos. Esta mudança trás um poder maior à mulher, porém mantém-se ainda assim um poder assimétrico em relação ao homem.

Assim, em tal contexto histórico, a mulher ocupa o papel de uma mãe que se sacrifica pelos filhos (BIRMAN, 2007). Sua libido é toda direcionada para o cuidado com os filhos e a gestão do lar. Enquanto isso, ao homem era permitido que fosse um sujeito livre, que transitava no social, e direcionava sua libido para outros interesses além dos filhos.

Toda essa dinâmica trás consequências que serão estudadas e compreendidas a partir da ciência. Sendo esta tão valorizada, com a necessidade de se buscar qualidade de vida, a medicina expandindo seus estudos, encontramos neste percurso Freud, que a partir das mulheres histéricas buscará compreender os conflitos psíquicos e inconscientes característicos das doenças nervosas (BIRMAN, 2007). Freud percebe nas mulheres histéricas um aspecto masoquista na prática do sacrifício em benefício dos filhos. Partindo de uma leitura libidinal, existe uma insatisfação feminina, já que não era possível dentro desse espaço um direcionamento da libido visando à satisfação sexual e o desejo da mulher.

Percebe-se então que a figura da mãe é diferente da mulher objeto de desejo. A libido voltada unicamente para os filhos produzia doenças nervosas nas mulheres do período moderno. Conforme complementa Birman (2007), existia uma dívida dos filhos para com suas mães, já que estas abdicavam de todos os seus desejos e se sacrificavam por eles. Este mesmo fato não acontecia com o pai, que preservava sua potência libidinal ao direcionar sua libido para seu desejo com outras mulheres e para as atividades sociais da qual fazia parte.

Neste sentido, verificamos que a criança atinge uma soberania, um novo status na família, pois, conforme aponta o referido autor, estes filhos iriam realizar aquilo que os pais não conseguiram fazer devido ao sacrifício e investimento que fizeram para que aqueles se desenvolvessem. Tais percepções, aliadas ao desenvolvimento histórico das famílias,

demonstram que Freud compreendeu as relações familiares entre pais e filhos a partir de uma modalidade de família moderna. Com o passar do tempo e a transformação desta família, tornam-se necessárias várias reflexões para compreender as relações na atualidade.

Birman (2007) relata as principais mudanças que levaram ao surgimento das famílias pós-modernas. Estas surgiram por volta dos anos 50 e 60 do século XX, e trouxeram uma mulher que busca por outro lugar e posição social, desejando a igualdade, em um movimento feminista que busca alterar as relações entre homens e mulheres. O surgimento dos métodos anticoncepcionais impulsionou um novo empoderamento à mulher: ela pode decidir quando, quantos e se quer ter filhos. Desta forma, podiam ser desejantes, investir em capacitações intelectuais para a inserção no mercado de trabalho e a carreira passou a ocupar importância quanto àquela ocupada anteriormente pelo casamento. Nesse cenário surgiram os divórcios caso a satisfação dos desejos não seja atendida. Conseqüentemente, as famílias recompostas, monoparentais, e os relacionamentos homossexuais, na tentativa de satisfação dos desejos não realizados.

Neste contexto de mudanças sociais e familiares também nos deparamos com uma constituição familiar em que os avós assumem as principais funções de cuidados com os netos, sendo este o recorte específico de família que será analisado nesta pesquisa, com o enfoque de pensar o complexo de Édipo em uma família em que a parentalidade é exercida por avós.

De acordo com Mainetti e Wanderbroocke (2013), uma nova configuração familiar refere-se aos avós que assumem a criação dos netos. O aumento da expectativa de vida tem feito com que os avós convivam com mais gerações e tenham papel atuante na dinâmica familiar, em especial as mulheres idosas, como também apontam os autores Cavalcanti et al. (2015). Mainetti e Wanderbroocke (2013) apontam que durante todo o ciclo vital as mulheres têm participação ativa na vida familiar, e que quando se tornam avós essa participação é renovada, possibilitando um marco evolutivo e importante passo no processo de individuação e identidade feminina, sendo origem de renovação e renascimento, gerando a reflexão de antigos conflitos.

Além disso, o futuro genético representado pela chegada de um neto, em meio às tarefas de aposentadoria, doenças e perda do cônjuge, traz à mulher uma nova importância e utilidade e os netos têm o poder de reavivar desejos, sonhos e ideais adormecidos (MAINETTI, WANDERBROOCKE, 2013, p. 88).

Mainetti e Wanderbroocke (2013) apontam que geralmente os avós costumam fazer parte da vida dos netos, auxiliando as mães e minimizando suas ausências devido às

atividades e demandas de cuidado que possuem. No entanto, cada vez mais se percebe avós que cuidam integralmente dos netos, e inclusive cuidadores legais, por razões diversas: filhos adolescentes despreparados, desempregados, usuários de drogas, falecidos, separados, recasados sem que o novo cônjuge aceite a criança, abuso infantil, abandono dos progenitores, em conflito com a lei e por deficiências físicas e transtornos mentais. Dias, Aguiar e Hora (2010), em pesquisa com adolescentes criados por avós, com relação aos motivos por serem criados pelos avós teve como item que mais prevaleceu a separação dos pais, na opinião dos adolescentes. Também concordam com esses dados Cavalcanti et al. (2015), apontando como causas em especial a separação dos filhos, recasamento, crise financeira e gravidez na adolescência.

Cardoso e Brito (2014), em um estudo de grupos focais com avós que auxiliavam constantemente no cuidado com os netos, afirma que para algumas avós, a possibilidade de cuidar dos netos tem como significado uma maneira de se sentirem úteis e/ou preencher o vazio que sentem.

Conforme apontam Mainetti e Wanderbroocke (2013), as avós apontam como aspectos negativos da criação dos netos os conflitos com os filhos, tanto no que diz respeito à educação dos netos, quanto pela custódia legal dos mesmos, sobrecarga financeira, diminuição da qualidade de vida na saúde física e emocional das avós, surgimento de depressão, cansaço, esgotamento emocional (MAINETTI; WANDERBROOCKE, 2013).

Apesar de tentarem minimizar as dificuldades em suas falas, Cavalcanti et al. (2015), que fez uma pesquisa tanto com avôs quanto com avós, apontam que surge a consciência das responsabilidades e das limitações devido à idade avançada. Os avôs e avós vivenciam um choque de gerações, por acreditarem em valores que supõem ser bons para os netos, mas que são diferentes do que a nova geração vivencia na contemporaneidade. Também é apontado que apesar de receberem a responsabilidade educativa e disciplinar dos netos, por não serem seus filhos, em muitos casos os próprios netos afrontam as regras impostas pelos avós e esse aspecto seria uma das dificuldades apontadas pelos mesmos: a colocação de limites na educação dos netos (CAVALCANTI ET AL., 2015).

Dias, Aguiar e Hora (2010), em uma pesquisa realizada com adolescentes criados por avós, verificou que existe um afastamento natural dos netos e seus pais, por conta da convivência, levando-os a se aproximarem mais dos avós do que dos pais. No entanto, os autores fazem uma ressalva em relação ao assunto

Essa separação pode trazer necessidades e sentimentos de abandono que os avós, apesar de toda dedicação e carinho, não parecem suprir. Essas necessidades e o sentimento de abandono, se não forem devidamente considerados por pais e avós, podem levar ao sofrimento e ao desenvolvimento de transtornos aos netos, como a depressão e o isolamento social, entre outros (DIAS; AGUIAR; HORA, 2010, p. 55).

Em contrapartida, enquanto fatores positivos são mencionados o sentimento de renovação pessoal, no qual as avós sentem a oportunidade de companhia e gratificação em estarem cuidando da nova geração repassando cuidados e ensinamentos (MAINETTI; WANDERBROOCKE, 2013). Araújo e Dias (2010 apud Mainetti e Wanderbroocke, 2013, p. 88), em estudo realizado tanto com avôs quanto com avós, referem que estes procuram cuidar dos netos de todas as formas, utilizando todo o seu esforço, pois querem a sua presença que lhes proporciona alegrias, amor e um objetivo para viver.

Também são apontados como pontos positivos, na pesquisa de Cavalcanti et al. (2015), realizado com avôs e avós, que é um aspecto importante a troca de afeto e afirmam que ao cuidar dos netos podem fazê-lo de maneira mais tranquila, madura e flexível comparada à experiência da parentalidade com seus próprios filhos, tendo maior probabilidade de manterem-se física e mentalmente ativos. Dando significado a vivência de ser avó, pesquisas apontam que as mesmas consideram melhor serem avós do que serem mães, pois possuem maior sabedoria para lidar com as dificuldades e mais experiência (CAVALCANTI ET AL., 2015).

Cardoso e Brito (2014) afirmam, através de sua pesquisa com grupos focais com avós que auxiliam nos cuidados com os netos, que nos dias atuais é difícil encontrar uma definição do que é ser avó, não existindo um modelo único e preciso do ser avós. As tarefas que são dirigidas a estas mulheres são combinadas e construídas na relação com os envolvidos. É através de cada contexto em particular e da disponibilidade presente em cada membro da família que se delinearão as relações entre avós e netos.

Dias et al. (2011) realizou uma pesquisa com quinze famílias que continham três gerações convivendo juntas e chefiadas por idosos. No estudo, verificou-se que na maioria dos casos as filhas moram junto com suas mães, tendo somente uma exceção de uma nora, o que demonstra uma maior proximidade e dependência entre elas. Os autores apontam que a convivência das diversas gerações em uma mesma residência é permeada por conflitos e ambivalências, devido a grande proximidade entre os membros da família, que dá abertura para interferências mútuas na vida uns dos outros. Também os valores e especificidades de cada geração foram relevantes, ora aproximando e enriquecendo, ora separando, evidenciando

o quanto certos valores de antigas gerações permanecem, e também são somados os valores novos trazidos pela geração seguinte. Dias et al. (2011) consideram ainda que a coresidência parece oferecer mais benefícios as segunda e terceira gerações, ao invés da geração dos avós, já que as avós demonstraram-se cansadas, estressadas e com uma insatisfação devido a sobrecarga, tanto no aspecto econômico quanto de cuidados, de forma que algumas esperam ansiosas pelo momento de independência da filha, mesmo relatando que sentirão falta dos netos. Isto ocorre em especial entre as avós mais jovens, que desejam realizar outros planos, mas esperam por se sentirem impossibilitadas devido à situação de cuidar de filhos e netos.

Roudinesco (2003), buscando uma compreensão psicanalítica das famílias, retrata as transformações entre o papel de cada integrante familiar. Relata que na família tradicional e na monarquia o papel do pai se relacionava a um componente divino, sendo denominado por ela como “Deus pai”, de forma que o pai criava a vida e a mulher era um mero depositário de seu sêmen, com uma dominação marcante do homem sobre a mulher. Aos poucos, com o surgimento da burguesia, vai ocorrendo uma deterioração da figura do pai, quando o Estado ganha força na influência da regulação da sociedade; se o pai não é mais divino, é passível de erros e injustiças e pode merecer punições; desta forma, as leis iniciarão a decadência do poder patriarcal.

A elaboração da teoria freudiana no século XIX, acerca do Complexo de Édipo, também resultará em um novo empoderamento para a mulher, ao considerar que esta também é veículo de transmissão psíquica e carnal. As elaborações de Freud consideravam inclusive o desejo e o amor no romance familiar. O Édipo revela um terror pela irrupção do feminino, quando restabelece as diferenças entre homens e mulheres, e entre as gerações (ROUDINESCO, 2003).

Com o declínio da função paterna, Roudinesco (2003) afirma o surgimento de uma nova ordem, não mais marcada pelo pai religioso ou econômico, mas pelo filho que herdou a figura destruída de um pai mutilado, adquirindo um grande *status* nas famílias. Esta nova ordem teve início por volta de 1970, e foi marcada pelo surgimento de leis de controle ao poder do pai na correção dos filhos com a respectiva perda do poder do marido em autorizar as esposas a trabalhar. O casamento perdeu a força simbólica, já que não é mais indissolúvel, com a presença dos divórcios. As novas possibilidades de reprodução, como a inseminação artificial e a fertilização *in vitro* permitiram a substituição das relações sexuais por uma intervenção médica. A autora entende que ocorre um declínio do Édipo renegado com o surgimento de um Narciso triunfante.

Ceccarelli (2007) refere-se ao debate atual a respeito das novas organizações familiares, ou novos arranjos familiares, em que na ligação afetiva entre os sujeitos existe ou não uma maneira de exercício da parentalidade que se distancia dos padrões tradicionais, como são os casos de famílias monoparentais, homoparentais, adotivas, recompostas, de produção independente, entre outras. O autor aponta que muitos destes modos de filiação sempre existiram, mas viviam à margem, em relação aos padrões oficiais, ou eram ignorados como se não existissem. À medida que os protagonistas destes arranjos começaram a exigir seus direitos gerando visibilidade, surgiram questionamentos sociais, por exemplo, quanto às questões psíquicas, relacionadas ao investimento paterno e materno nas novas configurações, como ocorrerão os processos de subjetivação das crianças, de que forma ocorrerão os processos identificatórios e como se constituirá a organização psíquica do sujeito.

A psicanálise, segundo Ceccarelli (2007), “não é guardiã de uma ordem simbólica suposta imutável, produtora de uma forma idealizada de subjetivação baseada nas normas vigentes e com o poder de deliberar sobre o normal e o patológico (CECCARELLI, 2007, p. 93)”, não sendo sua responsabilidade e nem nosso papel o de ditar os caminhos “normais” para um desenvolvimento psíquico baseado nos modelos tradicionais de filiação. O autor afirma que é necessário compreender a dinâmica pulsional que permeia as novas organizações familiares, e não prescrever qual a forma com que esta dinâmica deve funcionar. Também orienta a seguirmos o exemplo de psicanalistas, em especial do próprio Freud, revisitando a teoria a partir das mudanças sociais e clínicas presentes no cotidiano, verificando como os conceitos psicanalíticos reagem aos arranjos contemporâneos.

Ceccarelli (2007) ressalta que independente do arranjo familiar, não é o aspecto biológico e consanguíneo que determina a filiação, mas as subjetivações derivam do local que o bebê ocupa no imaginário daquele que o recebe.

Se os sistemas simbólicos variam de uma cultura para outra, não é a proximidade genealógica, ou a consanguinidade, que determina a filiação. O denominador comum em todos os arranjos familiares – e aqui incluímos os novos arranjos – é o lugar que o bebê ocupa no imaginário, e na circulação do desejo, de quem o acolhe no mundo (CECCARELLI, 2007, p. 99).

Desta forma, é possível perceber o quanto os aspectos históricos e sociais influenciam nas relações estabelecidas entre os grupos, que refletem os movimentos sociais de cada momento histórico na constituição do seio familiar e da sociedade como um todo. Tantas mudanças e transformações, em especial com relação à família pós-moderna, que constituem

os arranjos familiares predominantes da atualidade, devem propiciar novas reflexões e novas maneiras de responder a antigas perguntas.

2.2. ENTRELAÇAMENTOS DO GRUPO FAMILIAR: FUNÇÕES E DINÂMICA DE FUNCIONAMENTO

Para a compreensão do grupo familiar torna-se importante identificar de que forma ocorre o entrelaçamento entre os sujeitos, as funções familiares, dinâmica e funcionamento específicos, o desenvolvimento da conjugalidade, da parentalidade e as alianças inconscientes que permitem a continuidade e desenvolvimento do grupo.

Magalhães (2010, p.207) define que “a conjugalidade implica o entrelaçamento entre dois “eus”, duas subjetividades, na direção da constituição de um terceiro eu, uma identidade compartilhada”. Desta forma, a partir da união de duas subjetividades com características diversas, forma-se um terceiro espaço, intersubjetivo, envolvendo a construção de ideais de relacionamento conjugal, projetos acerca do futuro da família, e a implicação do mito de continuidade geracional.

A conjugalidade e parentalidade tornam-se, portanto, aspectos intimamente relacionados, já que a base do relacionamento conjugal envolve a história progressiva dos aspectos transgeracionais herdados por cada um dos parceiros, e ao mesmo tempo a partir deste vínculo conjugal poderá resultar a concepção de filhos, imbricados por fatores narcísicos com a possibilidade de transmissão geracional, em que a parentalidade se desdobrará implicando também em uma nova constituição do casal parental (MAGALHÃES, 2010).

Neste contexto, Magalhães (2010) aponta para a necessidade de que o casal possa entrar em contato com a alteridade de cada um, ou seja, para a manutenção do vínculo cada um deverá estar disposto a se modificar frente aos aspectos subjetivos do outro e vice-versa, num movimento de trocas subjetivas constantes de alternância entre desconforto e rearranjo que constitui e transforma o aspecto intersubjetivo desse novo psiquismo.

Quanto à dinâmica familiar, Kaës (2011) aponta que no relacionamento com o outro e o grupo social são realizados investimentos libidinais recíprocos que colaboram para a formação de identificações inconscientes que nos levam a um objeto e traços em comum,

aspectos fundamentais para a formação do vínculo. Também são necessárias que sejam realizadas alianças, algumas conscientes e outras inconscientes, com a função de manter e preservar o vínculo, instaurar como ocorrerá seu funcionamento, normas, concessões e questões relativas a este grupo.

Kaës (2011) afirma que estabelecer uma aliança implica em um processo de ligação entre duas ou mais pessoas que pressupõe um objetivo e comprometimento em comum. Ele complementa o conceito considerando a perspectiva psicanalítica.

Chamei de aliança inconsciente uma formação psíquica intersubjetiva construída pelos sujeitos de um vínculo para reforçar em cada um deles e estabelecer, na base de seus vínculos, os investimentos narcísicos e objetivos de que eles têm necessidade, os processos, as funções e as estruturas psíquicas que lhes são necessários e que resultaram do recalque ou da denegação, da rejeição e da desautorização (KAËS, 2011, p. 198-199).

Forma-se uma realidade psíquica do grupo, por meio das alianças, que requer concessões, mas concede satisfações com base em custos psíquicos (KAËS, 2011).

A aliança se forma de tal modo que o vínculo assume para cada um desses sujeitos um valor psíquico decisivo. O conjunto assim ligado (o grupo, a família, o casal) deriva sua realidade psíquica das alianças, dos contratos e pactos que esses sujeitos estabelecem e que seu lugar no conjunto os obriga a manter (KAËS, 2011, p.199).

Cada um é sujeito do seu inconsciente, que fica envolvido pelas alianças inconscientes; portanto, a aliança molda e forma parte do inconsciente e da realidade psíquica de cada sujeito. Para além dos sujeitos, da situação ou da época, as alianças produzem efeitos que envolvem a transmissão psíquica geracional, levando seus resquícios aos outros componentes da família e do grupo que virão, uma vez que todo vínculo existe pela participação conjunta e aliança que mantém sua união (KAËS, 2011).

Sendo assim, de acordo com Kaës (2011) a malha da trama familiar envolve uma série de fatores que não podem e nem se restringem a um indivíduo isolado nesse contexto. Nesta malhagem da trama familiar se promovem as identificações e os investimentos narcísicos que permitem a continuidade dos vínculos, os mecanismos de defesa próprios e predominantes das pessoas envolvidas, as transmissões psíquicas elaboradas e as não simbolizadas e as alianças psíquicas formadas de forma consciente e inconsciente para preservação e continuidade da estrutura familiar.

Castanho (2015) faz uma discussão ao se debruçar sobre o conceito de alianças inconscientes de Kaës. Inicialmente o autor esmiúça a compreensão do vínculo a partir da noção de contrato no pensamento freudiano (CASTANHO, 2015). Concebe que na busca pelo

que faz a ligação entre os indivíduos, Freud considera como central “o desvio da finalidade pulsional, seja ela amorosa ou agressiva” (CASTANHO, 2015, p. 100). Citando o texto Totem e Tabu de Freud, Castanho (2015) relata a origem de uma passagem de condição animal para condição civilizada do homem, em que a cultura e o indivíduo surgem concomitantemente. Os tabus do incesto e parricídio são fundamentais para a estruturação psíquica de cada integrante do grupo. Assim como a castração é necessária para a estruturação psíquica neurótica, esta estruturação só pode se concretizar por meio de uma sociedade em que existam leis, contrapondo à horda primitiva. O pacto estabelecido entre os irmãos impõe a todos e a cada um diversas renúncias.

Apesar de barrar ao indivíduo suas fontes de satisfação pulsional, levando-o a buscar novas maneiras de satisfação substitutivas, é a partir dessa renúncia e obediência ao tabu que será possível a formação do aparelho psíquico. Castanho (2015) aponta que “Há um complexo jogo de ganhos e perdas nesse processo, bem como uma complexa relação entre o plano do vínculo social e o do indivíduo em sua singularidade” (CASTANHO, 2015, p. 100-101). Para o autor, este pensamento freudiano constitui-se a partir de um raciocínio contratualista, por meio de uma espécie de “contrato” social que permite o surgimento da cultura, em que o indivíduo renuncia à satisfação pulsional e, com isso, a cultura pode desempenhar a função de poder desse “super-eu cultural”, que restringe e controla a agressividade e sexualidade de cada integrante do grupo, que de certa maneira é condição para a vida humana. Dessa forma, para Freud o vínculo social implica que as pulsões tenham um desvio em sua finalidade.

Mas é a partir do conceito de alianças inconscientes proposto por Kaës que Castanho (2015) considera ser desenvolvida a ideia de uma conexão entre as dinâmicas vinculares e suas relações com a dimensão intrapsíquica dos sujeitos que fazem parte desses vínculos. O autor refere que Kaës aponta em seus escritos a importância de um contrato social como fundamental para a sociedade, já apontado por ciências humanas e sociais e presente no pensamento religioso e político; mas para Kaës além das alianças estabelecidas de formas racionais, torna-se pertinente para o contexto psicanalítico a dimensão inconsciente das alianças.

Desse modo, o conceito de alianças inconscientes tem por objetivo contemplar a especificidade do inconsciente nas relações vinculares. Além da concepção de manutenção da cultura e do laço social, Kaës propõe tal conceito para compreender o surgimento e manutenção de cada vínculo específico. Como aponta Castanho (2015), Kaës considera as alianças inconscientes como “cimento” de todo vínculo.

Kaës (2011) também ressalta a importância das funções fóricas, ou intermediárias, constituindo-se como processos psíquicos que tem como função articular o grupo e o sujeito singular. O intermediário, na origem da palavra alemã, refere-se ao “homem do meio”, ou homem “meio”, aquilo que nos serve de meio para fazer algo, um homem que se caracteriza como instrumento de alguma forma. Desta forma, certos sujeitos têm como funções realizar as passagens entre os espaços psíquicos individuais de cada sujeito e os espaços psíquicos comuns e partilhados, como em um casal, grupo, família, instituição. Tais funções promovem uma ligação entre duas margens separadas, e as pessoas que realizam essas funções se encarregam delas e as portam, sendo também carregadas por elas, levando consigo vestígios do que as criou e do qual estão fundadas. Existem diversos tipos de funções fóricas.

O porta-palavra, segundo Kaës (2011), refere-se àquele destinado a tratar a questão da fala nos grupos intersubjetivos. Tem como função dar sentido através da palavra para outros integrantes que não conseguem falar, fornecendo ligações entre experiências e o que elas representam por meio da fala. Também tem uma função representativa, portando a fala dos outros e os representando junto aos outros. No entanto, aponta Kaës (2011)

Nos grupos o porta-palavra, se fala por um mandatário e para um destinatário, não é por isso sempre ouvido por eles, assim como o porta-sintoma não é espontaneamente reconhecido como tal. O porta-palavra fala também do que é deixado de lado, e importa então que ele tenha pelo menos um ouvinte; é a função do psicanalista emprestar seu ouvido (KAËS, 2011, p. 161-162).

De acordo com Kaës (2011), o porta-sintoma é aquele que carrega o retorno do recaiado no espaço psíquico do grupo, de forma que quando um sintoma aparece, ou se resolve ou se desloca, podendo transformar-se, mas raramente desaparecendo. Dessa forma, vai permanecer no grupo através de uma função, para onde é deslocado o sintoma, e todos os integrantes do grupo em torno do sujeito contribuem para manter o sintoma através de identificações em uma aliança inconsciente, da qual cada integrante se beneficia.

A ocupação destas funções fóricas dentro do conjunto são resultantes de várias determinações. São conferidas pelo processo grupal, sendo solicitados pelos outros sujeitos quem possuem ligações dentro do grupo e tem um interesse comum na existência deste posto e função. Ao fazer parte de um grupo, é necessária uma espécie de divisão do trabalho psíquico, em que cada um ocupará um encargo psíquico para a manutenção do vínculo. Quando alguém ocupa uma função fórica, por exemplo, o porta-palavra, ele carrega consigo a tarefa de falar em nome de vários ou no lugar dos outros, representando essa tarefa, porém, carregando-a devido à escolha do conjunto para que exercesse essa função (KAËS, 2011).

Além das questões intersubjetivas, Kaës (2011) aponta que também ocorrem determinações intrapsíquicas relacionadas à função fórica do portador. O sujeito não realiza a função intermediária somente por determinação do conjunto, mas também ocorrem pelo desejo inconsciente do sujeito em ocupar essas funções e posições.

Eles certamente portam a palavra, as fantasias, os conflitos e os sintomas de outros, mas eles os portam ao mesmo tempo que os seus, sem que o saibam. Ao realizar suas funções de portadores e delegados, realizam seu próprio fim e se constituem como elos, servidores e beneficiários do conjunto ao qual estão sujeitos. A ideia de um mandato do grupo ou de uma parte do grupo não poderia definir inteiramente as funções que eles exercem. O sujeito realiza as funções fóricas no grupo devido a interesses singulares determinados por sua história e sua estrutura. A problemática na qual se inscreve a necessidade interna da função fórica é a do sujeito do inconsciente enquanto sujeito do grupo. É também a da pessoa, no sentido de persona: a máscara através da qual se fala (KAËS, 2011, p. 167-168).

Outro aspecto importante para compreensão da dinâmica familiar refere-se à questão da transgeracionalidade, discutida por Falcke e Wagner (2014). Os autores afirmam que a família tem uma força muito grande de perpetuação, mediante a transmissão de legados de uma geração à outra; esse fenômeno de transmissão transgeracional não somente confere identidade à família, a partir de uma perspectiva histórica, como dá significado às transações e idiosincrasias do movimento familiar da geração atual. Definem o termo transgeracionalidade como

Aquele representativo dos processos que são transmitidos pela família de uma geração a outra e se mantêm presentes ao longo da história familiar (...), baseia-se no pressuposto de que todo o indivíduo se insere em uma história preexistente, da qual ele é herdeiro e prisioneiro. Isso ocorre porque a identidade do indivíduo se constitui a partir desse legado familiar que, por sua vez, define o lugar que ele passa a assumir na família (FALCKE, WAGNER, 2014, p. 26).

Segundo os autores, essa definição também envolve a ideia de repetição e reedição de certos processos familiares. Em todas as famílias, são transmitidos padrões de geração a geração. Falcke e Wagner (2014) mencionam que desde a infância o indivíduo passa por uma série de experiências familiares que envolvem a cultura e transmissão de valores, que passam a fazer parte deste indivíduo sem que ele perceba, influenciam suas atitudes e escolhas, como se fossem vozes gravadas em seu interior. O que diferencia um integrante da família para o outro é a quantidade, intensidade, compreensão, ou de certa forma, o volume dessas vozes, que definiria o quanto a família tem de influência na vida do indivíduo.

Muitas vezes, segundo apontam Falcke e Wagner (2014), são atribuídos desde a infância, de forma precoce, “mandatos” aos seus membros, que definem como deverão ser, que profissão seguir, ou quem será o modelo familiar a quem devem se espelhar. Se esse mandato tiver uma importância muito intensa para a família e o sujeito não cumprir essa

expectativa, gera-se uma frustração da família por não ter cumprido com a função a que lhe impuseram, com sentimentos de abandono e solidão. Já no sujeito que não atendeu às expectativas, surge um sentimento de culpa, sofrimento, fracasso, gerados pela desobediência e refletindo em termos pessoais e familiares. Dessa forma, não é incomum a geração atual ser um reflexo dos acontecimentos da geração anterior. Aquele que tenta rejeitar esses padrões familiares, muitas vezes o faz seguindo o modelo oposto, sofrendo conseqüências frente a sua escolha e a família de origem e seus padrões.

O indivíduo pode buscar a liberdade dos padrões de origem familiares, mas ainda estará de certa forma aprisionado as relações familiares, “devido à potência e eficácia dos processos de transmissão geracional” (FALCKE; WAGNER, 2014, p. 27). Os autores apontam que seria como se existisse uma assembléia de cidadãos em atividade no mundo interno do indivíduo, fornecendo pareceres favoráveis ou não as suas atitudes, composta por pais, irmãos, avós e figuras significativas na família. Dessa forma, a transmissão geracional torna-se um aspecto muito relevante para a compreensão da dinâmica familiar da geração atual.

Rabinovich et al. (1993) realizaram uma pesquisa com adultos buscando fazer uma correlação entre a atribuição de nomes próprios e o papel do nome no desenvolvimento dos sujeitos de acordo com o relato dos nomeados. Os autores apontam que as expectativas e desejos parentais influenciam o contexto de desenvolvimento em que o bebê irá nascer, e a nomeação é uma forma de se perceber de que maneira o sujeito foi inserido socialmente neste contexto de desenvolvimento. Ao nascer, os sujeitos teriam papéis pré-estabelecidos socialmente, que se somam a execução de uma espécie de “script” que os pais interpretam de acordo com suas expectativas com relação ao nascimento da criança. O papel social que se atribui a criança tem influência no processo da escolha do nome e no próprio nome.

Além da inserção do sujeito no contexto social através do nome, é por meio deste nome que o sujeito constrói sua identidade, tendo como referencial tanto a pessoa em relação ao grupo, como a pessoa em relação a si própria. Dependendo da relação do sujeito com o projeto parental e conforme a relação pais-filho, poderá haver uma facilitação na incorporação de conteúdos que foram projetados pelos pais no filho. No estudo em questão, verificou-se que quando a pessoa aceita o seu nome e gosta dele, isto o influencia positivamente e o nome a identifica. Caso a pessoa não goste do nome ou não o aceite, percebeu-se uma influência negativa, ou não percebendo sua influência, não se identifica com seu nome (RABINOVICH ET AL.; 1993). “Do ponto de vista do sujeito, a questão mais importante associada ao nome é

a da própria identidade: ou a pessoa o assume como uma marca, ou é por ele marcado, mesmo que através da identificação (RABINOVICH ET AL.; 1993, p. 92)". Porém, os autores complementam que mesmo se identificando ou não com seus nomes, em geral as pessoas desconhecem a influência que o nome exerce em suas vidas.

Entre a escuta da história do nome e a fala do nomeado há uma lacuna que parece mostrar que o que está representado no nome é tão constituinte da pessoa que ela não consegue "descolar" o nome de si própria. Tal descolamento é possível através de hipóteses interpretativas que, trazidas à consciência da pessoa, são por ela assumidas como verdadeiras. Desse modo podemos concluir que as pessoas geralmente desconhecem as forças que operam na constituição de sua identidade (RABINOVICH ET AL., 1993, p. 92).

Santos e Cerveny (2013), em sua pesquisa a respeito da repetição de nome próprio com estudo de caso de uma família em que sete pessoas possuíam o mesmo prenome em comum, consideram que a nomeação tem um significado simbólico muito maior do que a ideia de que cada sujeito tem um nome para se distinguir das outras pessoas. Afirma que são transmitidas heranças familiares, e que por mais que existam diferenças individuais, não é possível fazer escolhas que desconsiderem de forma completa as heranças recebidas da família de origem. Os autores apontam que

O ser humano é sempre chamado a buscar equilibrar as heranças familiares e transgredir algumas das expectativas dos seus ascendentes. Este processo fica claro no estudo em questão (...). Podemos dizer que o nome recebido não determinou o script a ser seguido, mas o marcou de forma indelével. Apesar de Eli Bianor ter ultrapassado fronteiras ainda deseja portar e propagar o nome recebido onde quer que vá e luta para que seus filhos comunguem desta mesma intenção (SANTOS; CERVERY, 2013, p. 35-36).

Em estudo realizado por Oliveira (2014), cujo objetivo era o de verificar se os nomes dados aos filhos primogênitos colocavam-os em um lugar psíquico determinado na família, a autora aponta como resultado que com relação a recomposições familiares, quando o casal tem o primeiro filho nesta nova relação, é investido narcisicamente pela mãe, sendo colocado em um lugar privilegiado por ela. Além disso, nos casos de parceiros que possuíam filhos de relacionamentos anteriores, existia o desejo da mãe de que o filho fruto da relação atual ocupasse o lugar de primogênito para o marido, podendo ter como significado uma tentativa de negação do passado dos maridos.

Passos (2005) promove uma reflexão acerca dos sentidos implícitos atribuídos às funções do grupo familiar. A autora afirma que na família são construídas diversas relações, que possuem sentidos e funções diferentes; considera que o que define e regula o grupo familiar é a qualidade e intensidade dos investimentos afetivos realizados entre seus componentes, que são diferentes em cada família, e envolvem uma dinâmica intra e

interspíquica entre os sujeitos, aspectos necessários para a compreensão das funções da família (PASSOS, 2005).

Para auxílio da sistematização das funções familiares, Leprince e Ramirez (2000 apud Passos, 2005, p. 17) caracterizam os instituintes ou inscrições que estruturam o funcionamento da família. Apesar de distintos, é o funcionamento em cadeia e de forma entrelaçada destes instituintes que revelarão um sentido e efeito no grupo familiar. O primeiro instituinte refere-se à ordem social, que elabora leis e regras de conduta social que inicialmente farão parte da convivência em família, mas posteriormente serão reconduzidas para o convívio em sociedade, possibilitando relações harmônicas entre os sujeitos. O segundo instituinte refere-se à natureza psicológica, tendo como princípio a relação edipiana, envolvendo a estrutura da parentalidade a qual está ligada às identificações, projeções, interdição ao incesto, de forma a introduzir a lei e a diferenciação sexual.

O terceiro refere-se à ordem estrutural, em que se organizam a parentalidade e consanguinidade e envolvem a filiação, afiliação e complexo fraterno, promovendo a sustentação dos laços de afeto. Por fim, o quarto instituinte é de ordem cosmogônica, pouco explorado até o momento, que está relacionado aos mitos, crenças e lendas que um grupo procura estabelecer para responder as perguntas quanto às origens de forma não conflitiva.

Passos (2005) afirma que tais instituintes contribuem para a compreensão da grupalidade familiar como um todo e suas formas de sustentação; além disso, também precisamos compreender a estrutura das relações internas entre seus membros e a dinâmica dos investimentos afetivos estabelecidos nestas inter-relações. Neste sentido, essas relações internas envolvem aspectos relativos à parentalidade, filiação e conjugalidade, e são a base para a constituição psíquica do grupo e a estruturação psíquica dos membros.

Passos (2005) considera que a família acaba sendo entendida fundamentalmente como um lugar para concepção dos filhos, o que de certa forma caminha para um sentido oposto ao das configurações vinculares da atualidade, que incluem formações amorosas também sem a presença de filhos. Entretanto, para buscar os sentidos destas expansões e mudanças e suas repercussões nas subjetivações, é importante refletir sobre essas funções, mesmo que se diferenciem em alguns aspectos conforme o grupo familiar.

É na conjugalidade e a partir da constituição desse espaço relacional que a criança terá sua primeira inscrição simbólica no mundo, com o desejo dos pais por um filho. A conjugalidade tem diversas funções, dentre elas o estabelecimento de um espaço de

investimento afetivo e amoroso mútuo entre os dois parceiros, que compartilham desejos íntimos; realizar uma criação imaginária da criança, de forma que a criança começa a existir no imaginário dos pais antes de sua existência física concreta; funcionar como local de movimento e contenção dos aspectos pulsionais em excesso e realizar a transmissão psíquica entre conteúdos familiares de cada parceiro para os filhos, que receberão suas heranças e poderão atualizar seus conteúdos (PASSOS, 2005).

O processo de filiação, de acordo com Passos (2005), implica as relações dos pais com suas famílias de origem; a união dos pais, com sua história afetiva e investimento emocional realizados na concepção e o reconhecimento de posições e lugares envolvendo pais e filhos no grupo, que permitirá que os investimentos afetivos ocorram de forma a estabelecer os laços de filiação.

Cabe ressaltar que apesar de definirmos separadamente estes conceitos, é somente a partir dos movimentos estabelecidos em cada grupo familiar que as funções podem ser compreendidas e pensadas a partir dos laços ali construídos, de forma diversa em cada família (PASSOS, 2005).

2.3 COMPLEXO DE ÉDIPO NA CONTEMPORANEIDADE: A FUNÇÃO DIFERENCIADORA NO GRUPO FAMILIAR

A partir das considerações realizadas acerca das famílias contemporâneas e o complexo de Édipo para Freud, surgem alguns questionamentos. Com as grandes transformações sociais e históricas, que modificaram as relações estabelecidas entre homens e mulheres e, conseqüentemente, promoveram ressonâncias no âmbito familiar; e considerando que Freud elaborou sua teoria a partir de um modelo de família moderna e tradicional, como podemos pensar a questão edípica na contemporaneidade?

Julien (2000) considera que a família é a responsável pela transmissão dos interditos, bases da ordem social e que é por meio dela que se estabelece uma estrutura em que o sistema de parentesco define lugares simbólicos e promove um discurso que organiza esses lugares.

No entanto, Kamers (2006) considera que os pais atualmente se sentem desautorizados a educar seus filhos e vêm apresentando dificuldades no estabelecimento dos interditos. Afirma que emergem aspectos narcísicos dos pais projetados nas crianças, em que os pais

tentam evitar o sofrimento de seus filhos; porém cabe ressaltar que sem o estabelecimento de interditos, de acordo com a teoria psicanalítica, a subjetivação total não se torna possível. Se para os pais seus filhos significam o reflexo de si mesmos, não introduzirão a ordem societária e os interditos necessários. Para os filhos, inclusive para que se sintam de fato ocupando esta posição estruturalmente, os interditos e barreiras sociais são fundamentais, uma vez que possibilitam a discriminação de papéis e funções da estrutura familiar e social e localizam a criança num lugar definido simbolicamente.

Thorstensen (2011) considera existir uma “incestualidade necessária” e uma “incestualidade aprisionada”. Define a incestualidade como “uma dimensão primitiva e regressiva da sexualidade, dimensão esta sustentada pela ilusão da completude (p.16, 2011)”, mencionando que esta consiste em uma das formas em que a sexualidade circula na família.

Thorstensen (2011) considera que a incestualidade necessária refere-se àquelas trocas incestuais imprescindíveis entre o bebê e a mãe, fundamentais para a constituição subjetiva da criança, como o toque e o amamentar. No percurso do desenvolvimento, torna-se necessário a interferência do pai na relação do bebê com a mãe, em que o pai entra como instância interditora retomando a energia da mulher, que só será suprida pelo pai, relativa ao sexual. Com o redirecionamento da libido, a mãe retoma o seu relacionamento com o pai e deixa que a criança, agora com seu psiquismo constituído, também direcione a sua energia para o que a autora considera como escolhas exogâmicas, ou seja, para objetos fora do seio familiar.

Quando não ocorre uma instância interditora, quando a mãe busca a completude no relacionamento com o filho, que este não pode lhe oferecer, e não redireciona a sua energia libidinal para outro objeto (como o pai, por exemplo), a criança não consegue se desvincular e redirecionar também a sua libido para outros objetos, ou mesmo para o estudo. Nestes casos, a autora considera ocorrer uma incestualidade aprisionadora, à medida que não permite que o desenvolvimento da criança prossiga livremente na busca por novos objetos externos à família, ou seja, não é possível para a criança realizar as escolhas exogâmicas. Neste processo aprisionador, existem vários fatores que podem interferir para que a situação se desenrole desta maneira, inclusive aspectos psíquicos transgeracionais, relativos aos relacionamentos destes pais com seus próprios pais (THORSTENSEN; 2011).⁶

⁶ Cabe ressaltar que apesar de Thorstensen (2011) citar em sua pesquisa o pai e a mãe, considera-se neste trabalho os pais enquanto as pessoas que exercem as funções maternas e paternas na vida das crianças, independente de gênero ou filiação biológica, e a necessidade e importância de uma instância interditora.

Oliveira (2014) em estudo a respeito dos nomes atribuídos aos filhos primogênitos e a posição psíquica que se encontram dentro da família, aponta que a escolha do nome e a posterior nomeação foram realizadas em função de desejos, expectativas e conflitos próprios a cada sujeito do casal ou conjuntamente. Os pais realizam um investimento narcísico nos filhos e possuem uma tendência a construir um mundo idealizado para eles. A autora afirma que nesse processo de investimento, é determinante para a construção da subjetividade futura o nome atribuído ao filho. “Se o investimento parental for intenso, bem como as projeções maciças, a fixação do filho num determinado lugar familiar e geracional poderá levar às patologias nas subjetividades. Nesses casos, dificilmente a criança conseguirá ter liberdade de ser ela mesma, podendo comprometer seu desenvolvimento emocional (OLIVEIRA; 2014, p. 63).

Oliveira (2014) ainda aponta uma questão edípica relacionada ao nascimento dos filhos

Não podemos esquecer o quanto o nascimento de um filho insere o casal numa triangulação emocional. É um momento delicado onde surgem lembranças de competições e rivalidades relacionadas a conteúdos ligados à triangulação edípica e as relações fraternas. Ter sido o caçula ou o primogênito, em sua família de origem, vai interferir quando do nascimento do filho, assim como ter vivido a morte de um irmão. Os fantasmas retornam à cena e sabemos o quão é difícil lidar com sentimentos infantis. Sentir-se excluído, abandonado, ou menos amado; todos os sentimentos são possíveis ao mesmo tempo da felicidade pelo nascimento de um filho. Na maioria das entrevistas percebemos uma predominância de fantasias edípicas associadas aos seus bebês, e não uma gestação fruto de uma conjugalidade madura ou projeto conjunto do casal (OLIVEIRA, 2014, p. 64-65).

Lopes e Paiva (2012) afirmam que o Édipo contribui para a organização dentro do contexto familiar da lei reguladora do desejo e da proibição, a lei da diferença sexual, promovendo desta maneira a diversidade e o respeito, sendo este respeito sempre ameaçado pelo desejo da fusão total. Segundo os autores,

Na família, o triângulo não pode ser entendido como equilátero. Há uma relação de assimetria, pois há um plano onde está inserido o casal parental e, em um outro plano, os filhos. Espera-se que esta relação de assimetria, que se comunica constantemente, funcione como um aprendizado para a maturidade, é uma condição necessária que visa gerar justamente a autonomia. Nessa experiência de experimentar diversos lugares estabelece-se um modelo de relacionamento caracterizado pela preocupação com as necessidades do outro e do desenvolvimento pessoal (LOPES, PAIVA, 2012, p. 164).

Na atualidade, diversos fatores têm contribuído para a exacerbação do olhar narcísico dos pais sobre os filhos, gerando a dificuldade em exercer a barreira da interdição e, com isso, dificultando a inserção dos filhos na ordem social.

Dentre tais fatores, Zanetti e Gomes (2011) realizaram uma reflexão a partir de determinantes históricos, sociais e econômicos, definindo o que denominam de “fragilização das funções parentais”, em que os pais atualmente não se sentem seguros diante da educação de seus filhos, apresentando dificuldades no exercício de suas funções.

Afirmam que historicamente existia uma divisão entre a criança e o adulto baseado no nível de instrução; como o adulto detinha mais conhecimento e acesso à informação do que a criança, ele estava hierarquicamente acima. Atualmente, com o surgimento da televisão e um mundo de informações acessíveis a todos, é reivindicado para a criança um lugar de igualdade diante dos pais e com isso, os filhos passaram a pertencer à mesma categoria dos adultos, gerando uma indiferenciação entre os lugares e funções ocupados por cada um nessa trama. (ZANETTI; GOMES, 2011)

Os aspectos socioculturais também são importantes nesse processo, uma vez que ao se questionar os modelos antigos, baseados no autoritarismo e não na autoridade, atualmente confunde-se o combate ao autoritarismo com a importância do princípio de autoridade (ZANETTI; GOMES, 2011). A ciência, segundo as autoras, contribuiu para o enfraquecimento da autoridade paterna e com isso, os pais não confiam em suas próprias decisões e esperam uma ratificação social diante de suas atitudes.

Nesse sentido, Julien (2000) considera que atualmente presenciamos uma nova separação entre público e privado, em que a conjugalidade tornou-se íntima, e com o direito de ser exercida de diferentes formas conforme o casal, enquanto a parentalidade seria pública, visto que existe um terceiro social, especializado, que orienta a respeito da educação da criança, uma intervenção estatal que regula o exercício parental.

Para Zanetti e Gomes (2011), como os pais não possuem uma referência clara quanto às maneiras adequadas de se educar, acabam adotando medidas inconsistentes perante seus filhos, anulando as relações de poder, influenciados por diversas orientações quanto à educação e com um grande sentimento de culpa por não conseguirem exercer seu papel de forma ideal. Isto resulta na mudança das relações de autoridade e poder, de forma que a hierarquia e a relação entre direitos e deveres tornem-se desiguais.

O aspecto econômico também é outro fator relevante, de acordo com Zanetti e Gomes (2011), numa sociedade que prega a busca exacerbada por sucesso e a culpabilização do indivíduo pelo fracasso, resultando em uma cultura individualista e narcisista; associados a isto surgem os discursos especialistas e o pouco tempo de convívio entre pais e seus filhos

existente atualmente gera um sentimento de culpa quanto ao exercício dos seus papéis, mas que são necessários diante da cultura narcisista, pois os pais precisam trabalhar muito para compor o atual sistema social.

As autoras apontam que a “fragilização das funções parentais” gera consequências para o desenvolvimento infantil. Considerando que os pais projetam nos filhos seu próprio narcisismo, a criança passou a ocupar um lugar de ser ideal, que não foi ocupado pelos pais; sendo assim, os pais procuram atender a todos os desejos de seus filhos como se estivessem atendendo aos seus próprios desejos infantis, e evitam frustrar suas crianças como se assim pudessem amenizar as suas próprias frustrações, impedindo assim, o acesso da criança aos interditos primordiais para a cultura.

Considerando que uma das tarefas iniciais dos pais quanto à educação consiste em possibilitar ao filho o controle pulsional, as dificuldades citadas anteriormente geram grandes consequências, pois a criança não possui a contenção de seus impulsos gerando uma angústia e a falta de referência de pais fortes e protetores para acolhê-la. Zanetti e Gomes (2011) apontam ainda que a criança pode adotar atitudes agressivas, tirânicas e de indisciplina, desafiando a autoridade por suas dificuldades em lidar com seus impulsos. Se os pais não conseguem responder a tal demanda, posteriormente a criança poderá requisitar através de condutas antissociais uma busca de limites por parte da professora, parentes próximos e sociedade em geral.

Rojas (2010) considera a família como uma estrutura que serve como sustentação e fonte de identificações possibilitando a elaboração de importantes trabalhos psíquicos. A autora aponta que a função parental serve de fonte de apoio e interdição necessárias para a construção do psiquismo infantil e tal função apoia-se numa assimetria inicial entre adultos e crianças, que proporciona o estabelecimento de lugares para cada um nessa organização, ou seja, dos pais e dos filhos. Porém, Rojas (2010) identifica nas famílias atuais um processo inverso, no qual os pais cada vez mais se relacionam com seus filhos de forma simétrica, quando não ocorre a inversão completa, em que o poder é entregue aos filhos. Tal fato gera um desamparo nos filhos, e, muitas vezes, formas invisíveis de violência, que se relacionam às falhas nos laços e vínculos protetores.

A “pele familiar”, um invólucro protetor, torna-se frágil e instável ao invés de fornecer pontos de estabilidade e sustentação, dificultando a estruturação e organização psíquica (ROJAS, 2010). O excesso de decisão e responsabilidade repassado para as crianças juntamente com elevadas exigências, gera uma expectativa de realizações e perfeição

equivalente a uma encarnação do ideal do ego. Para Rojas (2010), a carência de vínculos fortes e protetores, que regulem as diferenças geracionais e de funções parentais, proporciona um sentimento de desamparo muito significativo.

Lopes e Paiva (2012) em um estudo sobre uma família monoparental apontam a importância da relação assimétrica entre os genitores e os filhos mesmo na ausência de um dos pais. “O filho precisa viver a inclusão/exclusão dentro da família, isto é, todos os papéis na triangulação. A não interdição, a ameaça de um estado fusional ou de uma simetria passa a ser vivido pelo grupo familiar como algo assustador e desencadeador de sintomas (LOPES, PAIVA, 2012, p. 168).

Diante de tais mudanças no exercício das funções parentais na atualidade e considerando que a definição de hierarquia, limites e contenção de impulsos nas crianças estão estritamente relacionadas ao complexo de Édipo, torna-se relevante a reflexão acerca do papel do pai e a elaboração edípica a partir de um olhar contemporâneo.

Fiorini (2016) retoma o declínio da função paterna e aponta que a sociedade considera que as manifestações pulsionais excessivas (como nos casos de agressividade por meio de guerras, violências e abusos), só ocorreram devido a esta queda do poder patriarcal. Refere que existe uma espécie de nostalgia, em que se entende que existia uma estrutura e uma função paterna exercidas anteriormente com grande efetividade e que agora se perdeu.

Considerando os recortes históricos da função paterna, Fiorini (2016) faz um questionamento, se fato estamos perdendo esta figura, ou se ela nunca existiu nos moldes de uma eficácia tão intensa quanto aparenta. Entende que ao olharmos para a história da humanidade, a estabilidade deste pai não foi suficiente para evitar crises sociopolíticas, expressão da violência em alto grau, incestos e diversos abusos sociais de todo tipo. Fiorini (2016) entende que se trata de uma nostalgia acerca de algo que na verdade nunca se teve.

Desta forma, propõe a reflexão e desconstrução do conceito de função paterna. Entende que a função paterna foi construída historicamente, através do poder atribuído ao pai e ao homem na sociedade e no ambiente familiar, e que não devemos naturalizar uma construção histórica. Ao invés de nos atermos ao exercício da função paterna, devemos focar no exercício da função simbólica a partir de novos funcionamentos. Assim, propõe que consideremos uma terceira função, simbólica e autônoma de quem a exerça, que poderia ser exercida inclusive pela mãe, desde que esta conseguisse a separação do filho enquanto desejo próprio.

León (2016) ressalta também o papel de uma função diferenciadora, no qual ao invés de se falar de papéis parentais estritamente definidos, podemos considerar como uma função, que permitiria o registro das diferenças e separação nas relações intersubjetivas. Assim, entende a importância de um equilíbrio no exercício das funções parentais, em que tanto pai quanto a mãe possam exercer funções de continência, narcisização e proibições. Não que sejam papéis indiferentes, mas que cada família construirá de acordo com sua dinâmica, um modelo próprio de parentalidade e exercício de funções.

Ceccarelli (2002) também aponta a importância do exercício das funções parentais independente de serem exercidas por um homem e uma mulher.

O lugar do pai e da mãe não tem que ser necessariamente ocupado por um homem e por uma mulher. O que chamamos de “função paterna” e “função materna” não necessita da presença de um homem e de uma mulher. A realidade anatômica de quem cria a criança não é um elemento fundamental para a construção da subjetividade desta última. Esta construção está muito mais subordinada à organização psíquica daqueles que cuidam da criança, de como eles se colocam em relação à sua própria sexualidade, à fantasia que têm de ser pai e/ou mãe e, talvez, sobretudo, ao lugar que a criança, adotiva ou não, ocupa no universo psíquico dos pais (CECCARELLI, 2002, p. 93).

Neste sentido, cabe retomar e inter-relacionar que a constituição psíquica e consequentemente a elaboração edípica dos sujeitos funcionam de forma interdependente com os três espaços psíquicos apontados por Vidal (2002), sendo eles o transubjetivo, intersubjetivo e intrasubjetivo. O espaço transubjetivo aponta todas as representações sociais, com relação às mudanças nos contextos familiares através da história, a descentralização da figura patriarcal, as funções parentais e a forma como devem ser exercidas. No que diz respeito ao espaço intersubjetivo, encontram-se fatores tais como o impacto que aspectos transgeracionais, como a vivência edípica das gerações anteriores, influenciam significativamente na história e elaboração edípica da geração atual; alianças inconscientes e “dívidas” que são estabelecidas e transmitidas no meio familiar; e funções atribuídas a cada membro do grupo dentro da família. O espaço intrasubjetivo inclui a forma como cada sujeito lidará consigo mesmo com as pulsões, desejos e relações objetais vivenciadas.

Sendo assim, quando são referidas as vivências narcísicas relacionadas ao vínculo da mãe e do bebê, muitos outros já estão presentes, todo o registro de uma ancestralidade, transmitida de forma transgeracional, do que é ser mãe, de como as mães dentro daquela família exercem as funções de cuidado e narcisização, e também do que a sociedade entende como representação desta relação materna. O bebê não é um ser isolado, é fruto de um projeto da sua mãe, um projeto do seu pai, de tudo o que se inscreveu na relação do par e da

bagagem psíquica herdada de cada componente do casal, e que permitiu que o bebê ocupasse um lugar no momento atual. Da mesma forma, quando se chega à vivência da experiência edípica, não se trata somente da relação entre pai, mãe e a criança, mas toda a construção social, familiar e vincular pregressa, que repercute e influencia de forma significativa para estas relações e como serão elaboradas pelos componentes da trama familiar na geração atual, inclusive permitindo ou dificultando que a função terceira ou diferenciadora consiga ser exercida levando a uma elaboração edípica da criança.

Considerando-se todos os estudos apontados, a sociedade encontra-se diante um contexto de mudanças rápidas que questionam os modelos tradicionais de família e revelam o surgimento de novos modelos familiares que descentram a figura patriarcal e resultam em rearranjos nas relações e no exercício das funções parentais. Ao mesmo tempo, também se questiona sobre como as famílias vêm lidando com tais mudanças, e quais os impactos no psiquismo de seus membros e nas relações intersubjetivas estabelecidas neste contexto e no meio social como um todo.

Os estudos explicitados acima apontam os fenômenos que se referem ao exercício da parentalidade como um aspecto cada vez mais público e com interferência de toda a sociedade e saber especialista, gerando consequências nas condutas parentais, e insegurança nos pais no tocante à tarefa de educar seus filhos. Além disso, somam-se aspectos transgeracionais que são transmitidos e influenciam no exercício da parentalidade e conjugalidade.

Considerando a família como um importante essencial para identificações, transmissões e alianças baseada na intersubjetividade, verifica-se um impacto evidente nas relações parentais, com uma simetria e falta de discriminação e diferenciação geracional. Tais aspectos geram como possíveis consequências a dificuldade das crianças em lidarem com os interditos, com experiências de frustração, e um forte sentimento de desamparo por não se sentirem seguros e protegidos no vínculo parental.

Desta forma, considerando que as questões a serem elaboradas no Complexo de Édipo envolvem justamente a definição de posições e discriminação de lugares na estrutura familiar apontadas anteriormente, fica clara a necessidade de retomar a experiência edípica na atualidade, como estão sendo suas vivências e elaborações no tocante às famílias contemporâneas, especialmente diante de tantas mudanças sociais que refletem diretamente nas famílias.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, segundo Turato (2003), possui como características principais os dados descritivos, preocupação com o processo, importância da significação, e pesquisa naturalística e indutiva. O enfoque é nos sentidos e significações dos fenômenos, buscando apreendê-los, através da escuta e observação dos sujeitos, procurando maneiras de interpretá-los. Neste sentido, nos alçamos em busca de uma compreensão dos fenômenos mais ampla, ao invés de nos prendermos à quantificação dos fatos como os pesquisadores do paradigma positivista.

O objetivo consistiu em compreender o exercício da parentalidade nas famílias contemporâneas, sob a perspectiva das vivências das crianças e dos familiares que exercem as funções parentais em seu cotidiano, no tocante à experiência do Complexo de Édipo. Para atingir tal objetivo, foi utilizado o estudo de caso nessa pesquisa. De acordo com Ventura (2007), o estudo de caso é uma modalidade de investigação que estuda uma unidade enquanto um todo, buscando a partir de casos individuais a compreensão do desenvolvimento desta unidade, considerando aspectos como o indivíduo, as relações familiares, conjunto e dinâmica das relações, etc. Essa técnica possibilita a compreensão dos aspectos relevantes para o objeto de estudo da pesquisa. Pode acontecer com a análise de um único caso ou de casos múltiplos. Ventura (2007) considera que as vantagens relacionam-se a compreender o objeto de estudo como um todo, estimulando descobertas e possibilitando uma análise aprofundada dos processos e suas relações.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico para aprofundamento e estudo do tema. Posteriormente foi realizada a atividade de campo, por meio do uso de entrevistas semi-estruturadas com pais de crianças (considerando pais aqueles que exercem as funções parentais), estabelecendo como critério a idade das crianças, entre quatro e sete anos, devido à experiência edípica nessa idade. Assim, foi realizada uma entrevista com os avós maternos, que exercem as principais funções parentais na vida de duas netas, com 6 e 7 anos de idade. Além disso, foi realizada uma entrevista com a mãe biológica das crianças e o novo parceiro da mãe, visando proporcionar uma perspectiva mais ampla dos vínculos estabelecidos no contexto familiar, já que a mãe biológica também participa do cotidiano das meninas.

Entende-se que a entrevista consiste em encontro interpessoal realizado para a busca de dados orais ou escritos, caracterizando-se como um instrumento de pesquisa. Na entrevista, evocamos a dinâmica dos preceitos psicanalíticos, enfatizando a importância do

estabelecimento do *setting*, as transferências e contratransferências das relações e a livre associação de ideias (TURATO, 2003).

Bleger (1998) considera a entrevista como um instrumento de extrema relevância para o método clínico, caracterizando-se como uma técnica de investigação científica em psicologia. Ele aponta que:

Como técnica tem seus próprios procedimentos ou regras empíricas com os quais não só se amplia e se verifica como também, ao mesmo tempo, se aplica o conhecimento científico. (...) essa dupla face da técnica tem especial gravitação no caso da entrevista porque, entre outras razões, identifica ou faz coexistir no psicólogo as funções de investigador e de profissional, já que a técnica é o ponto de interação entre a ciência e as necessidades práticas; é assim que a entrevista alcança a aplicação de conhecimentos científicos e, ao mesmo tempo, obtém ou possibilita levar a vida diária do ser humano ao nível do conhecimento e da elaboração científica. E tudo isso em um processo ininterrupto de interação (BLEGER, 1998, p.1).

A entrevista com o casal de avós e o casal de pais teve como modelo norteador uma entrevista semi-estruturada, com nove questões abertas (o roteiro da entrevista encontra-se em anexo).

As questões foram escolhidas buscando obter um panorama das dinâmicas estabelecidas na família e na relação com os filhos. Buscou-se conhecer as expectativas desde a gravidez; vínculos e primeiros cuidados realizados com o bebê; rotina, aquisição de autonomia dos filhos; investigação das relações dos pais das crianças com seus próprios pais; curiosidade sexual; e diferenças no exercício da conjugalidade após o nascimento das crianças. A partir destes temas, entende-se que foi possível verificar as elaborações edípicas realizadas na família no que diz respeito aos avós e pais, para ser complementado com as vivências das crianças por meio dos desenhos.

No tocante à coleta de dados com as crianças, utilizamos o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (D). O Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E), de Walter Trinca (2013a), é derivado do Procedimento de Desenhos-Estória (D-E) do mesmo autor, sendo que:

Como técnicas compreensivas de investigação, o D-E e o DF-E são recursos psicológicos que não se prendem à fidedignidade, à sensibilidade e à padronização dos testes psicológicos. São empregados para uma exploração ampla da personalidade, pondo em relevo a dinâmica emocional inconsciente (TRINCA, 2013a, p. 24).

Para a análise das experiências e vivências das crianças foi utilizado o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E), elaborado por Walter Trinca (2013b). De acordo com o autor

Destina-se à ampliação do conhecimento e à investigação da personalidade, com ênfase na verificação dos focos conflitivos e desajustamentos emocionais sob o ponto de vista das experiências subjetivas. É uma técnica de investigação que tem por escopo proporcionar meios de comunicação e expressão dos dinamismos e aspectos inconscientes da personalidade, que podem ser associados às relações familiares, figuras significativas e situações representativas existentes no seio da família, tais como são reveladas pelo examinando (TRINCAb, 2013, p. 218).

Neste procedimento, a criança produz quatro desenhos de famílias, sendo solicitado que ao término de cada desenho conte uma história sobre o mesmo, que é transcrita pelo pesquisador. Após a conclusão do desenho e da história, são feitas perguntas sobre os mesmos visando esclarecimentos (fase de “inquérito), além da solicitação do título para a estória. Os desenhos são solicitados com as seguintes instruções e na ordem que se segue: desenhe uma família qualquer; desenhe uma família que você gostaria de ter; desenhe uma família em que alguém não está bem; desenhe a sua família (TRINCAb,2013).

Com relação à interpretação do DF-E, Lima (2013) sugere a realização de uma análise global, em que pode ser interpretada uma unidade de produção por vez, porém posteriormente é preciso levar em consideração o conjunto das unidades de produção, chegando a uma síntese geral, sendo que cada profissional utilizará as modalidades de pensamento que tem preferência para realização da interpretação. É importante ressaltar que não existe um modelo a priori para interpretação do procedimento, porém Lima (2013) propõe algumas questões e pontos a serem observados que podem contribuir para a reflexão e interpretação do DF-E.

Lima (2013) refere-se a interpretação através de uma análise parcial objetivando atingir o todo, buscando as particularidades do paciente no caminho para desenvolver o tema da família. São realizadas parcialmente tanto as análises dos aspectos gráficos quanto dos aspectos temáticos, bem como considerando o título e o “inquérito”.

Com relação ao grafismo, Lima (2013) aponta que as figuras humanas são analisadas em seus aspectos mais gerais, verificando detalhes quando estes se sobressaírem no desenho. Algumas questões podem nortear a compreensão do desenho, dentre eles de que forma a figura humana é representada, se é simbolizada ou substituída por outro ser vivo ou objeto inanimado; de que forma o espaço é ocupado e qual o tamanho das figuras em relação à folha, se possuem tamanho grande, pequeno, colocado a um canto; os integrantes da família real estão ausentes ou forma representados; referem-se à família nuclear, de origem dos pais ou outras modalidades; se existem elementos de apoio aos desenhos; a expressão dos elementos e sua disposição em cada desenho se relacionam entre si; ao longo das sequências de desenhos, as formas de representação permanecem as mesmas ou são modificadas.

Com relação às estórias, Lima (2013) propõe a reflexão a respeito de alguns aspectos para compreensão e interpretação, dentre eles: quais os personagens principais das estórias; quais as figuras de identificação; verificam-se angústias e conflitos; se são utilizadas defesas; qual a solução dada aos conflitos; e quais os principais sentimentos apresentados.

Para a análise dos resultados foi adotada a análise de conteúdo das entrevistas, desenvolvida a partir de três momentos. Conforme Turato (2003), inicialmente, é realizada uma leitura do material coletado utilizando a atenção flutuante, sem privilegiar nenhum elemento do discurso antes do contato com os dados, consistindo em uma pré-análise em que ocorrerá um primeiro contato com os documentos e surgirão as impressões iniciais deste material. Em seguida, é estabelecida a categorização dos dados obtidos, sendo organizadas categorias e subcategorias se necessário, dos aspectos que merecem atenção e destaque na discussão frente ao tema pesquisado. A categorização foi realizada através dos critérios de repetição e relevância do material obtido com as entrevistas realizadas (TURATO, 2003).

Posteriormente, a interpretação e discussão dos dados foram realizadas utilizando-se a teoria psicanalítica como referencial teórico, recorrendo a autores que tratam sobre o tema família e abordam um enfoque nas relações e vínculos estabelecidos neste contexto, bem como estudos que possam acrescentar para a compreensão dos dados. Com relação ao DF-E, a análise foi realizada de acordo com a proposta de W. Trinca (2013).

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (CAAE 78743417.4.0000.5401). Foram seguidos todos os preceitos éticos para realização da pesquisa, sendo descritos abaixo.

3.1 O LOCAL DA COLETA DE DADOS

A coleta de dados e seleção dos participantes ocorreu em uma instituição social em uma cidade no interior do estado de São Paulo, que se responsabiliza por administrar programas sociais financiados pelo governo, fazendo acompanhamentos com crianças, adolescentes e famílias em vulnerabilidade social.

A pesquisadora trabalha na instituição e já possuía contato com a família entrevistada. A avó participa de grupos de convivência realizados pela pesquisadora, possuindo uma relação de confiança e proximidade com a mesma, sendo atendida em diversas atividades do projeto. As crianças participantes também conheciam a pesquisadora previamente através dos acompanhamentos aos grupos com a avó, mantendo uma relação de segurança e confiança

estabelecidos desde os contatos em que a avó também estava presente, além de frequentarem o programa que realiza atividades com crianças e adolescentes no período contrário ao da escola. O avô só tinha tido contatos ocasionais por meio de visitas domiciliares realizadas e encontros breves na instituição, e a mãe biológica e o padrasto das crianças não conheciam previamente a entrevistadora.

Desta forma, foi realizado um contato com a coordenadora da instituição, apresentando a proposta do trabalho e solicitando a autorização para execução do mesmo. Foram discutidos quais casos poderiam se enquadrar nos critérios da pesquisa, escolhendo-se um caso em especial, devido à presença ativa da participante na instituição, e por ter duas netas na faixa etária estipulada para a realização da pesquisa.

3.2 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa contou com a participação de dois casais, sendo o casal de avós que exercem as principais funções parentais e o casal composto pela mãe biológica e padrasto das meninas, para realização da entrevista semi-estruturada. Para realização do DF-E participaram as duas netas, de seis e sete anos de idade.

3.3 A ENTREVISTA COM OS FAMILIARES

Após a autorização da instituição, foi realizado um contato com a avó participante, sendo explicados os objetivos da pesquisa e feito o convite para sua participação, ao qual a usuária aceitou participar e também permitir a participação de suas netas.

A entrevista ocorreu em dois dias, com a participante e seu marido, na residência dos mesmos, conforme sua preferência, respeitando os critérios de privacidade exigidos para a realização de uma entrevista, sendo gravadas e posteriormente transcritas para análise dos dados.

No primeiro dia foram explicados novamente os objetivos, lidos e explicados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, tanto para a entrevista quanto para a participação das crianças, e recolhidas as assinaturas dos participantes e da pesquisadora, com entrega de uma via de cada termo assinado para os avós. Iniciou-se a entrevista, tendo a primeira parte uma duração de trinta minutos, sendo interrompida para continuação em um dia posterior, devido ao avô necessitar buscar as netas na instituição social. Foi agendado

posteriormente um novo dia, no qual a entrevista foi concluída, com duração aproximada de duas horas.

Verificou-se que como a mãe biológica e o padrasto das meninas moram em uma casa no fundo da casa dos avós e participam do cotidiano das crianças, considerou-se relevante realizar a entrevista também com este casal, visando uma compreensão mais ampla e integrada do contexto familiar. Desta forma, o casal foi convidado pela pesquisadora a participar da pesquisa, e, após aceitarem, foi agendada uma data para realização da entrevista.

A entrevista com os pais ocorreu em data previamente agendada, com a mãe biológica e o padrasto, na residência dos mesmos conforme solicitação e preferência do casal, sendo respeitados os critérios de privacidade necessários para a realização da entrevista. Assim como com os avós, a entrevista também foi gravada e posteriormente transcrita para realização da análise dos dados.

Ao casal também foram lidos e explicados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para participação de ambos na entrevista, sendo recolhidas as assinaturas dos casais e entregues uma via de cada termo assinado para os pais. A entrevista foi realizada em aproximadamente três horas e quinze minutos, sendo realizada em um único dia.

3.4 PROCEDIMENTO DE DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS (DF-E)

Conforme exposto, foi solicitada a autorização dos avós entrevistados no contato inicial estabelecido com a pesquisadora, com a assinatura do Termo De Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo que o procedimento fosse realizado com as suas netas. Optou-se por realizar o procedimento com as duas irmãs visando maior riqueza de dados e compreensão da dinâmica familiar a partir de diversas vertentes (avô, avó, e cada neta dentro de sua singularidade).

O encontro com as crianças ocorreu na instituição onde se realizam os programas, com agendamento prévio, sendo autorizado pelos avós, atendendo aos critérios de privacidade necessários. O procedimento foi realizado individualmente, na sala da psicóloga, com o resguardo da privacidade necessário para sua aplicação. A pesquisadora conversou com as meninas, dizendo que estava estudando desenhos e se elas poderiam ajudá-la; após a sua confirmação, a Elisa quis participar primeiro e, posteriormente, sua irmã Maria Elena também realizou o procedimento.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo será realizada a análise dos resultados obtidos na pesquisa. Inicialmente, será apresentada uma síntese da história da família e posteriormente serão realizadas as análises do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias e a análise das entrevistas, divididas por categorias.

A avó Francisca (Chica) possui 55 anos, estudou até a segunda série, e é casada com João Carlos, conhecendo a pesquisadora previamente de atividades realizadas na instituição social. O avô João Carlos possui 57 anos, estudou até a quarta série, encontrou-se algumas vezes com a pesquisadora em companhia da esposa, em situações de visitas domiciliares e encontros na instituição.

As netas Maria Elena e Elisa participam do projeto desde que completaram a idade para inclusão, aos cinco anos e meio de idade, de forma que Maria Elena está há cerca de dois anos participando, e Elisa há cerca de um ano. Participaram algumas vezes de atividades realizadas pela pesquisadora com a avó, conhecendo previamente a pesquisadora.

Francisca tem três filhos: Marcos, Marcelo e Maria Clara. Marcos e Marcelo são frutos do primeiro casamento, em que Chica afirma que o marido não assumiu a criação dos filhos, de forma que ela se separou e conheceu João Carlos, com o qual se casou. Na época, Marcos, o filho mais velho, tinha quatro anos, e desde então foram criados tendo João Carlos como referência paterna.

João Carlos, de 57 anos, também teve um relacionamento anterior, do qual teve um filho. No entanto, a mãe da criança teve receio que ele desaparecesse com o filho, em uma das visitas, e, por isso, decidiu mudar de cidade, sem deixar contato, logo no início do relacionamento do casal, de forma que João Carlos até hoje não tem notícias do filho.

Maria Clara é a filha mais próxima dos pais e mora nos fundos da casa de Chica. Maria Clara teve um primeiro casamento, tendo engravidado e sofrido aborto duas vezes. Posteriormente, se separou do parceiro. Iniciou novo relacionamento e engravidou da primeira filha Maria Elena, atualmente com sete anos. Não chegaram a dividir a mesma casa, pois Maria Clara era amante do pai biológico das meninas, que tinha outra família, e em menos de um ano engravidou da segunda filha Elisa, atualmente com seis anos. O relacionamento foi interrompido e o pai foi completamente ausente, tendo começado a pagar pensão somente após solicitação judicial feita pela atóxica.

Quando Maria Elena nasceu, Chica assumiu todos os cuidados desde o início, devido ao trabalho de Maria Clara. Com o nascimento de Elisa, novamente Chica assumiu os cuidados pelo mesmo motivo anterior, e Maria Clara acabou não desenvolvendo a função materna, que foi atribuída à avó Chica.

Maria Clara teve novo relacionamento com um primo, morando fora da casa de Chica, porém as meninas nunca quiseram morar com ela, visitando-a ocasionalmente. Após o rompimento amoroso com esse primo, voltou a morar na casa dos pais.

Há cerca de dois anos Maria Clara se envolveu em um novo relacionamento amoroso com Eduardo, atualmente moram juntos e engravidou do filho Daniel, com cerca de três meses até o momento da entrevista. Com este filho, desde o início da gravidez, afirmou que gostaria de assumir os cuidados maternos, tendo apoio do marido, e juntos cuidam de Daniel. Eduardo, que possui um filho fruto de um relacionamento anterior, foi aceito por toda a família, inclusive pelas enteadas, desenvolvendo bom convívio familiar.

O filho Marcos, mais velho dos três filhos de Chica, é casado com Mirela, e juntos tem 4 filhos: Lavínia, Maitê, Teresa e Davi. Após o casamento, Chica afirma que ocorreu um afastamento do filho, que acaba se envolvendo frequentemente em reuniões com a família da esposa, deixando assim de visitar a mãe, ou visitando-a somente quando precisam de algo. Chica e Mirela não possuem uma proximidade e se desentendem em algumas ocasiões, o que aumenta o afastamento.

O filho Marcelo morou por um período na casa nos fundos, junto com Maria Clara, até que um dia os pais o viram roubando dinheiro da casa deles (a casa da frente). Houve um desentendimento e o filho se mudou de cidade. Recentemente, retornou à cidade, mas não se hospedou na casa dos pais e não mantém uma aproximação com o casal. Atualmente, Chica acredita que a moça com a qual Marcos namora esteja grávida e desconfia de um possível envolvimento de seu filho com drogas.

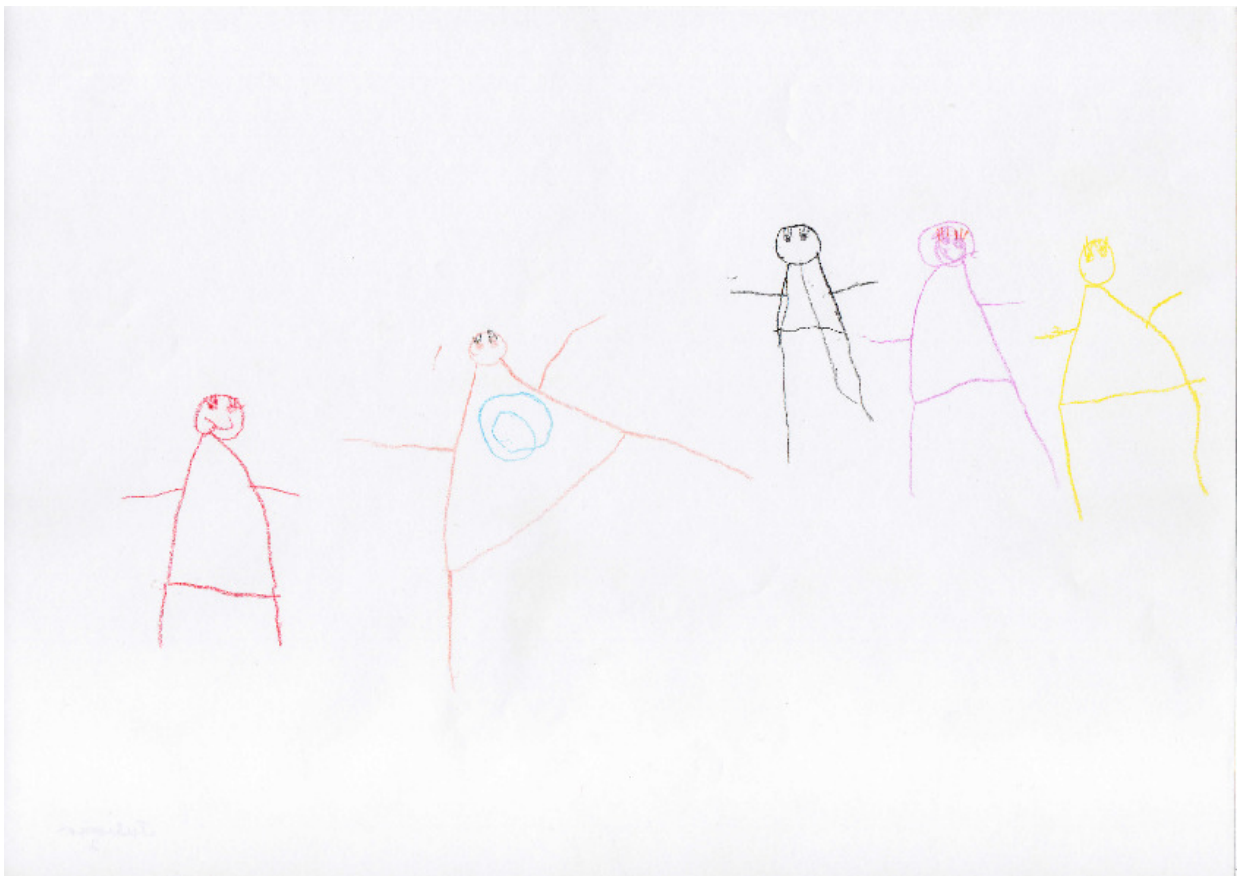
4.1 ANÁLISE DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS (DF-E)

4.2 O ENCONTRO COM ELISA

Elisa é a primeira a participar do procedimento. Conhecendo-a previamente, quando lhe pedi que me ajudasse no estudo de desenhos, ela aceitou prontamente e disse que queria ser a primeira a fazer a atividade. Desta forma, foi solicitado que fizesse os quatro desenhos de família sugeridos por Trinca (2013), seguidos de uma estória sobre os desenhos, com realização de um inquérito sobre as produções e solicitação de títulos.

4.2.1 DESENHE UMA FAMÍLIA QUALQUER

O Desenho:



Desenho 1.1 – Desenhe uma família qualquer (Elisa)

Ao entrar na sala, Elisa diz: “tô tão nervosa”, ao que tento acalmar-lhe, dizendo que serão somente desenhos e que ela pode fazer da maneira que souber. Entrego uma folha para Elisa, na posição horizontal, e peço que desenhe uma família qualquer, tendo na mesa os lápis de cor e lápis preto nº 2 à sua disposição. Elisa diz: “ah, já sei qual eu vou desenhar, fazer a família da Maitê, ela é minha melhor amiga e prima”.

Inicia seu desenho fazendo primeiramente a tia, e diz: “agora eu vou fazer o Davi, fazer de azul, cor de menino, é o meu primo mais preferido, fazer ele na barriga da tia”, rindo.

Menciona que é “melhor meu tio do lado dela, meu tio vai ser, não pode ser rosa, ele não usa vestido, melhor preto”. Depois diz: “ai, a Lavínia e a Maitê agora”. “Essa daqui vai ser a Lavínia, que ela é mais grandona né”, referindo-se à de roxo. “E a mais velha nasce primeiro? Minha irmã é mais velha e eu sou mais velha, sou a do meio, porque tem ainda o meu irmãozinho”, diz Elisa dando risada. “A cabeça da Lavínia é muito pequena, agora sim,” e corrige a cabeça da Lavínia, aumentando-a, por achar que inicialmente a fez muito pequena.

Neste momento diz: “eu tô fazendo tudo feio, por causa que eu não gosto muito dessas coisas. Ah, tem umas cores que eu ainda nem conheço, de misturar, tipo laranja com marrom, só que eu não tenho laranja com marrom, pra fazer de tinta”. Faz os cílios nos desenhos, dizendo: “ah, eu também esqueço de fazer cílios na escola”.

“Não é todos, ainda falta a Maitê, a Maitê e a Teresa, eu tô esquecendo até da Teresa agora”. “Ai, que cor é mais bonita? Vermelho eu já fiz? Não”. “Deixa eu ver quem eu faço primeiro? Ah, a Maitê é claro, que é a mais velha”. Desenha a Maitê de vermelho ao lado da tia e diz que está faltando Teresa. “Agora só tenho que fazer a Teresa, mas que lado, da Lavínia ou da Maitê?”. “Não da Lavínia né, porque ela gosta mais da Lavínia. A Maitê fez alguma coisa de errado, ela já vai pra Lavínia ou pra mãe”. Desenha Teresa do lado de Lavínia, já que Teresa gosta mais de Lavínia do que da Maitê, e suspira “ai, ai, só tem cor de menino, vou ter que usar amarelo que é cor de menina, cílios”, refere-se ao desenhá-la e inclui os cílios.

Peço a Elisa que conte uma estória para mim sobre o desenho. Ela diz: “Tudo bem, que tipo de estória?”, respondo que a estória que ela quiser sobre o desenho. Ela pergunta: “Sobre a família?”, “isso mesmo”, respondo a ela. “Hum, deixa eu me sentar, vai me dar dor de perna”. Menciono a ela: “aí eu vou anotando, pra eu não esquecer de nada da sua estória”. Ela responde: “certo, porque senão faz um trabalho aí esquece de tudo”.

A Estória: Família reunida

“Era uma vez duas meninhas andando que era muito briguenta. A pequenina era também bem choroninha e dorminhoca. Ela falava coisas mais, mais, mais coisadas. A Lavínia é, ela vai na igreja, e sabe o que ela faz? Foi num baile funk, teve uma festinha de baile funk lá na festinha do Panelão. Ela vai na igreja e faz isso. (Tá doendo minha orelha). E o bebê ficou internado. E também ele levou tantas furadas, isso é verdade. Ele ficou internado e meu tio não dormiu nem de noite.”

Conversando sobre a estória:

Elisa diz ao concluir sua estória: “quer mais coisa pra mim contar?”, ao que eu respondo: “você quer falar mais coisas ou está bom?”, “está bom”, diz ela. Peço-lhe um título, ao que ela responde: “família reunida”. Ela diz: “se quiser pode ficar com o desenho”.

Questiono: “então todas as meninas eram briguentas?”, e Elisa diz: “elas brigam, é, essas duas meninas, quando uma das duas faz errado, conta pra mãe e leva chinelada”. Pergunto: “quem são as duas meninas?”, Elisa diz “Lavínia e Maitê, as que estão bem aqui no projeto”. Questiono: “o que você acha de a Lavínia ir na igreja e depois no bailinho funk?”. Ela responde: “eu acho muito errado, porque se vai na igreja não é pra ir lá no bailinho funk”.

Pergunto a Elisa: “e o bebê que ficou internado?”. Ela diz: “ah, ele ficou internado, teve bastante preguinha”. Questiono: “e como você acha que ele se sentiu?”. Elisa responde: “ah, aqui tá tudo roxo, não, no bracinho tá roxo, aqui tá tudo machucadinho, ah, eu não vi, mas a Lavínia falou, ele já saiu do médico, o meu tio disse que ele tá melhorzinho, tá melhorzinho agora”.

Olhando para o papel em que eu estava fazendo as anotações, Elisa menciona: “Quanta coisa você já escreveu aí!”

Análise do desenho de uma família qualquer e da estória “Família reunida”

Elisa faz uma diferenciação clara entre o que considera cores de meninos e cores de meninas. As cores de menino são azul e preto, enquanto as de menina, amarelo e vermelho, e também desenha as outras figuras femininas de rosa claro e roxo.

É relevante que o primo esteja na barriga da tia mesmo após o nascimento. Ela refere-se ao primo como preferido, colocando-o em uma posição especial em relação às irmãs. Demonstra a proximidade entre a mãe e o bebê, o local que ocupa na família no momento, mas também remete à própria família de Elisa, pois seu irmão Daniel está com a mãe Maria Clara, enquanto as irmãs, Elisa e Maria Elena, estão com os avós.

Desenha primeiramente a tia, ocupando uma posição de destaque e graficamente é maior do que o marido, demonstrando que a figura materna e feminina também ocupa uma posição relevante na família. Ao desenhá-los juntos, o casal e o bebê na barriga, demonstrou uma fantasia referente à sexualidade do casal, e a proteção do filho na barriga da mãe.

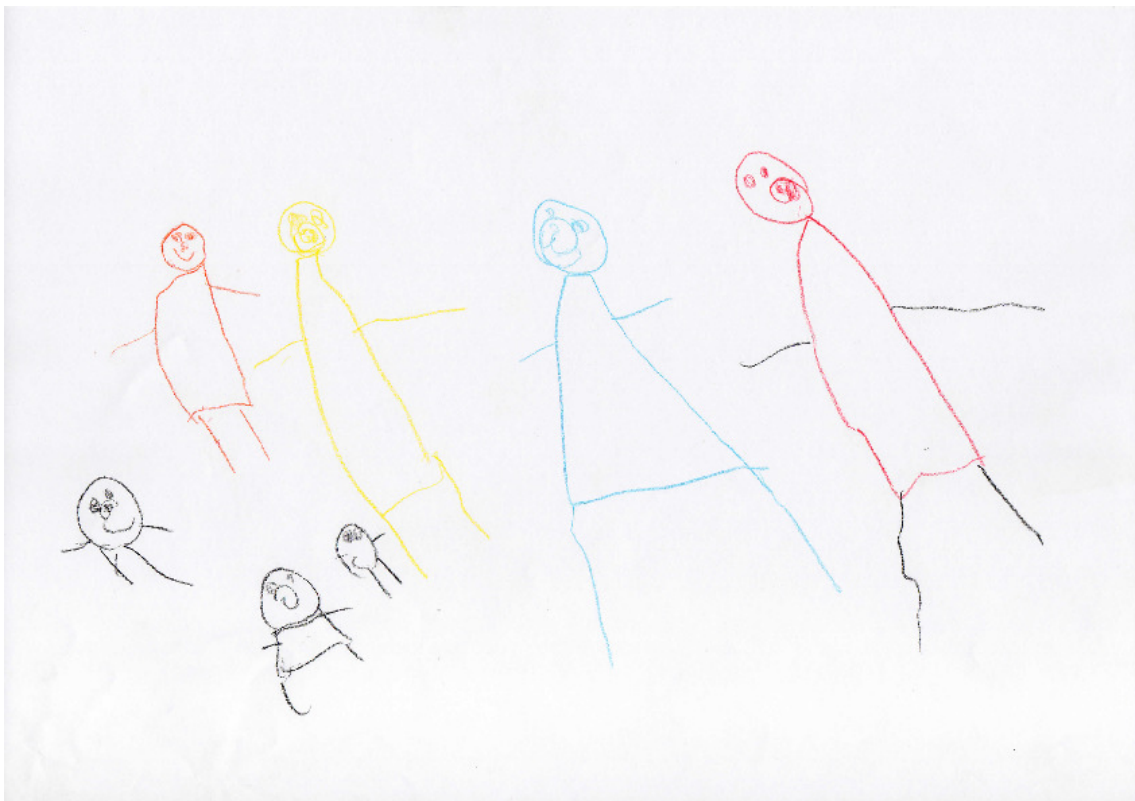
Ao contar sua estória e conversar sobre ela, Elisa também demonstra os diferentes papéis que os irmãos ocupam, as alianças formadas entre as meninas e a mãe e as rivalidades fraternas. Tais brigas e rivalidades causam uma punição nas meninas, que levam chineladas, mas também se refletem no desenho, pois Lavínia e Maitê estão afastadas, separadas pelo casal e o irmão.

Percebemos traços de um superego quando Elisa menciona que Lavínia está errada em ir ao bailinho funk sendo que frequenta a igreja. Considerando Deus como uma figura paterna, “Deus pai”, não é possível para Elisa conciliar a submissão a regras e crenças religiosas com uma atividade sexualizada e condenada pela igreja. Deus seria o superego que norteia o que pode ou não ser feito, e Elisa já começa a estruturar essa instância em seu psiquismo.

Outro aspecto relevante é que Elisa desenha o casal unido e como figura central do desenho, junto com o bebê na barriga da mãe. As filhas ocupam posição periférica no desenho.

4.2.2 DESENHE UMA FAMÍLIA QUE VOCÊ GOSTARIA DE TER

O Desenho:



Desenho 1.2 – Desenhe uma família que você gostaria de ter (Elisa)

Quando solicito a Elisa que desenhe uma família que ela gostaria de ter, Elisa responde: “a minha mesmo”. Ela menciona: “aí eu tenho uma vovózinha, que ela vem no curso, conhece ela?”. Eu respondo que sim, e ela pergunta: “quem é?”, eu lhe digo: “é a Chica”, ao que ela dá risada e conta a conversa no telefone que tivemos quando liguei para a avó dela. “Você viu eu falando no telefone, eu falei assim, é a filha da Chica”. Eu lhe pergunto: “era você então?”, e ela responde: “espertinha”.

Ela conta uma história com sua vizinha: “a vizinha, a gente brinca ali, a vizinha me emprestou, só que agora eu vou pegar o pote pra mim, não vou brincar mais não. É, nunca mais vou”. Eu lhe digo: “você vai brincar com o pote da vizinha?”, e ela diz: “não, vou pegar pra mim mesmo. Ela me emprestou, mas agora vou pegar pra mim”. “E como você decidiu isso?”, pergunto a Elisa. “Ah, se ela me chamar pra brincar, não quero, nunca nunca nunca, até eu ficar bem velhinha.”

“Você gostou muito então do brinquedo dela?”. Elisa responde: “Não, é um pote de metal, um de miojo, e só esses dois. Ela tem um monte de chicrinha. Uma que é tão turbinante, tem uma que não é pra dar pra ninguém. Ah, aí depois ela disse assim, ah, depois minha mãe fica falando as coisas, pra que dá pros outros então. Nossa senhora, ela fica muito triste, aí a mãe dela fica falando assim ah, então pra que fica dando pote pros outros. Nossa senhora, se minha avó ouvisse isso. Nossa senhora, eu acho que ela ia até me bater. Minha vovózinha, no meu desenho ela não é gordinha. (Dá um suspiro usando o apontador). Ai meu olho, tá coisado aqui.”

Vai desenhando e diz: “minha avó e a minha mamãe”, desenhando primeiro a avó de laranja, e depois a mãe de amarelo. Elisa me pergunta: “E aí Carol, como é que vai a entrevista da minha avó?”. Eu respondo: “Tudo bem”, e ela diz: “Bem mesmo? Então tá ótimo”, e damos risadas juntas. Enquanto desenha a mãe, Elisa comenta: “Minha mãe não é tão grande assim. Ah, não é tão grande. Mas assim tá bom, já é uma adulta né. Ficou meio feio”.

E continua o desenho, desenhando o pai. “Meu papai, de azul, igual o Davi. Sabe como a gente chama o meu primo? Caqui. Minha mãe não sabia, só que agora ela também chama ele de Caqui.” Eu digo: “O seu priminho?”, “É”, responde Elisa. Falando do desenho do pai: “Vai ficar igual minha mãe, parecendo um cachorro os dois (e dá risada). Um cachorro, igual o narizinho”, referindo-se aos narizes que parecem com focinhos de cachorro.

Elisa questiona: “Você não está escrevendo tudo o que eu estou falando né?”, eu lhe digo que não, e ela diz: “ah bom”. “Ah, eu tô esquecendo da perna. Vai ter bastante família. Meu tio, que eu acabei de contar essa história pra você, anotou?”, respondo que sim. Ela diz: “Ai, tem que fazer tudo isso. Tô até cansada. Minha barriga já até está doendo.” Tento acalmá-la: “Você está tão nervosa assim? Não fica assim não, seu desenho está tão bonito”, e Elisa dá risada. “Uh, depois do meu avozinho vou fazer sabe quem? O meu irmãozinho”

“Agora está parecendo um balão. Por isso não sei fazer tanto desenho”. Eu lhe digo: “ah, mas olha só que bonito está ficando.” “Bonito?”, questiona Elisa, sem acreditar que está realmente bonito. “É”, respondo a ela. “Não importa”, ela responde. “Você vai mostrar esse desenho pro curso seu?”, começo a responder “ah, eu vou ver o seu desenho...”, e Elisa interrompe e diz: “Não, você não vai falar tudo isso que eu falei não”. Eu lhe digo: “Não, tudo não, só a história”, e ela diz: “Não, nem a história”. “Nem a história?”, pergunto eu, e ela responde: “Não, não conta pra ninguém mesmo. Nem pra minha avó e nem pra ninguém do seu curso.” Eu lhe questiono: “Mas pra quem você acha que eu podia contar?”, “Pra ninguém”, e eu pergunto: “Mas você achou que eu ia contar pra quem?”, e ela responde: “Pro seu curso”. “Ah, e que curso que você sabe?”, lhe pergunto, e Elisa diz: “ah, os seus cursos que você dá. Por causa que aí eu não quero que ninguém. Aí você ia mostrar a história?”, respondo: “É”, e ela diz: “Não”. Eu digo: “Então só pra mim?”, e ela responde: “É. Se você quiser, pode mostrar essas histórias que eu falei, mas não é tudo isso que você tá escrevendo”, referindo-se as nossas conversas que eu estava anotando.

Continua desenhando e diz: “Meu irmãozinho, eu e a minha irmã. Onde é que vai caber? Debaixo da perna é que não vai. E agora?”, reflete um pouco e diz: “Tive uma ideia, minha irmã, isso”. A irmã Maria Elena bate na porta e entra, comentando: “Licença, o Elisa, a gente tá lá na informática”, e Elisa responde: “Ham, estou perdendo a maior diversão?”, Maria Elena dá risada e diz: “Tchau”, fechando a porta e saindo.

Elisa diz: “Acabei meu irmãozinho”. Eu lhe peço: “Conta pra mim quem está no desenho?”, e ela responde: “Minha avó, minha mãe, meu pai, meu avô, o Daniel, minha irmã e eu”. No desenho aparecem primeiro a irmã, depois Elisa e depois o irmão Daniel, menor graficamente. Peço então que me conte uma história sobre o desenho.

A Estória: Família bem legal

“Era uma vez duas irmãzinhas e um irmãozinho reunido comigo e com a Elizinha, e a minha irmãzinha era pra ficar em cima do Daniel. Agora eu tô ficando é com frio. Sabe quando a gente tava a gente tava dormindo, e tava contando aquela música, minha vó achou que eu tava com febre, aí eu cheguei em casa, acho que eu tava até assim ó, com frio. Teve uma vez, trovejava, trovejava, trovejava, e duas menininhas, brrrrrrrrr medo, antes de deitar na cama da vovó e queria dormir com a toalha em cima. Queria dormir com a toalha, por causa que tava com frio, aí que queria dormir na cama da vovó. Fim.”

Conversando sobre a estória:

Após terminar de contar a estória, lhe digo: “Posso perguntar umas coisas?”, e ela responde: “sim, rápido”. “Tá bom, as irmãzinhas cuidam do Daniel?”, e ela responde: “Isso, eu sou reunida com o Daniel, eu gosto muito quando eu tô brincando com ele, mas de pé em cima assim, mas aí eu gosto mais de ficar junto. Quando a gente chega já vai com eles, minha mãe não deixa tomar banho, a gente não pode tomar banho, por causa que a gente ama ficar em cima dele, todo mundo ama”.

Pergunto: “O que as meninas fazem quando elas estão com ele?”, ela diz: “Do trovejo?”, “Isso”, e Elisa pergunta: “Ah, na chuva a gente toma choque? Quando troveja relampeando?”, ao que eu lhe respondo: “Não, a gente não toma choque. O que pode acontecer é cair um raio, mas é muito difícil, aí é como se fosse um choque. Mas é muito difícil isso acontecer.”

Digo a ela: “E aí o que vocês fazem quando estão com medo?”, e Elisa diz: “Aí a gente vai brincando, brincando, vai passando o medo. Você não vai contar essa estória né?”, respondo que “Não”, e ela diz: “ah, essa pode”. “Essa pode?”, questiono a ela, e ela diz: “Só essa, lê direito pra não confundir com as outras”. Eu lhe digo: “Tá separado, em outra folha, não vou confundir”.

Pergunto: “Mas aqui na estória, pra passar o medo as meninas vão pra cama da vovó”. Elisa diz: “Não, melhor você não contar essa estória também não”, eu indago: “Por quê?”, e ela responde: “Porque não”. Eu pergunto novamente: “E as meninas iam na cama da vovó?”, e ela diz: “É, pra brincar um pouquinho, minha irmã nem gosta de brincar de nada. Eu chamo ela pra brincar ela não não não não não não não não”. Eu comento: “Nossa, e aí quando ela fala esse monte de não pra você, como você se sente?”, e Elisa responde: “Simples, fácil fácil,

é só eu, se ela não tá brincando, eu mando”; Pergunto: “E quando você manda?”, Elisa diz: “Aí ela vem brincar”.

Questiono: “E quando as meninas vão na cama da vovó que elas estão com medo, passa o medo?”, e ela responde: “O meu passa”. “Então a cama da vovó ajuda a passar o medo?”, e Elisa diz: “Não, não é a cama, é o nosso medo, que vem dá e vai embora”.

Análise do desenho da família que gostaria de ter e da estória “Família bem legal”

Elisa refere-se à avó como a mãe, quando lembra que disse ser filha dela ao telefone. Quando possui medo é na cama da vovó que encontra seu porto seguro; a avó representa a figura materna e de cuidados, pois após as meninas brincarem no ambiente seguro da “cama da avó” (proximidade afetiva e o que a avó representa), o medo passa. Elisa também parece querer trazer vida e brincadeiras para a irmã Maria Elena, que muitas vezes não quer brincar, repetindo vários não, ao que ela insiste até conseguir.

A avó representa uma figura de cuidado e ao mesmo tempo punitiva (funções materna e paterna). Ao contar como queria pegar para si o pote da vizinha, preocupa-se com a reação de sua avó, que pode puni-la por pegar algo que não lhe pertence. Demonstra o desenvolvimento de uma estrutura superegóica. Diz “Nossa Senhora” três vezes, e o aspecto religioso refere-se à uma instância superior materna (Nossa Senhora, e não “Meu Deus” ou “Deus Pai”), e ao mesmo tempo punitiva, já que vê tudo o que ela faz e precisa se preocupar em esconder o que não considera correto.

Desenha a mãe graficamente maior que a avó, dizendo que a mãe na realidade não seria tão grande, mas que já é uma adulta. Lembrando que ao desenhar a avó também disse que a mesma não seria gordinha no desenho, diminuindo-a graficamente. Cabe ressaltar que a solicitação é que desenhe uma família que gostaria de ter, nesse sentido Elisa gostaria de ter uma mãe adulta e atuante na família, e a avó com uma participação menor do que a da mãe. Também é interessante ressaltar que Elisa desenha a avó de laranja, uma cor feminina, desejando que uma função paterna masculina fosse exercida por outro integrante da família, no caso o padrasto, único adulto desenhado com uma cor masculina conforme o entendimento de Elisa a respeito das cores.

Elisa desenha o pai, o padrasto que se casou com a mãe há cerca de um ano e alguns meses. Desenha-o de azul, uma cor masculina, como ela referiu-se no primeiro desenho. Diz que vai ficar igual sua mãe, desenhando um nariz parecido, de cachorro, formando um par. Na

família que Elisa gostaria de ter, o casal, mãe e pai, ocupariam a posição central conforme a figura, a mãe desempenhando uma função materna e feminina (amarelo) e o pai desempenhando uma função paterna e masculina (azul). Ainda assim, é o pai a figura central no desenho, indicando o quanto gostaria que ele tivesse uma posição de destaque na família.

Quando Elisa desenha o avô, utiliza a cor feminina vermelha (segundo fez a discriminação de cores no primeiro desenho). O avô representa uma figura feminina, não colocando regras e estabelecendo limites, além de ser a figura que está mais afastada dos netos. O avô também possui focinho de cachorro, formando um triângulo edípico entre a mãe, o pai e o avô das meninas. Os focinhos também são desenhados nas duas meninas, e demonstra como Elisa gostaria de fazer parte desta relação mais próxima com a mãe.

Desenha primeiramente o irmão, antes de se desenhar e desenhar a irmã Maria Elena. É interessante observar que Elisa desenha todos os filhos de uma cor masculina, preta, como se quisesse que em sua família todos os filhos tivessem uma posição privilegiada e equivalente ao que constata na relação da mãe com o filho homem.

Quando conta a estória, Elisa menciona estar reunida com o irmão, e na fase de inquérito menciona que todos adoram ficar “em cima dele”, e que “todo mundo ama”, de forma que Daniel ocupa um lugar importante na família, no qual recebe carinho e cuidado.

Demonstra que a vizinha tem potes e xícaras que gostaria de pegar. Seu irmão Daniel tem muitas coisas que ela gostaria de possuir. Ele tem um lugar privilegiado, ficando mais próximo da mãe. A irmã Maria Elena tem um lugar privilegiado ficando mais próxima da avó, e a Elisa resta o meio, ficando entre o carinho das duas (avó e mãe). Evidenciamos que demonstra medo do trovão e de levar um choque. Menciona isso logo após falar de seu irmão e de todo o carinho que recebe. Parece que enquanto ela pode ser punida por pegar o pote da vizinha, seu irmão recebe atenção e carinho.

Elisa preocupa-se com as anotações feitas por mim em relação à nossa conversa. Parece perceber inconscientemente que está trazendo elementos que atualmente não condizem com a realidade e os papéis vivenciados pela família. Ressalta como não gostaria que eu comentasse com a avó, única figura conhecida que ela menciona, seguida das pessoas do “meu curso”, que poderiam analisar o desenho dela.

4.2.3 DESENHE UMA FAMÍLIA EM QUE ALGUÉM NÃO ESTÁ BEM

O Desenho:



Desenho 1.3 – Desenhe uma família em que alguém não está bem (Elisa)

Quando solicito que desenhe uma família em que alguém não está bem, Elisa responde: “a minha mãe, que ela tava com febre, ela tava muito mal”. Questiona: “posso desenhar só ela?”, ao que eu respondo que sim, poderia fazer como quisesse.

A Estória: Família triste

“Era uma vez uma mamãezinha que tava com dor e o Danielzinho chorando. (Elisa para a estória e comenta “Não conta essa também. Todas é segredo, só de nós duas. Só minha irmã pode saber. O que você quiser falar, só que ela não pode contar pra ninguém”; eu lhe digo “Mas eu não vou contar pra sua irmã o seu desenho”. Então Elisa continua a estória). E ele queria mamar bem nos peitinhos. E só isso que eu tenho de estória.”

Conversando sobre a estória:

Indago: “E o que aconteceu que a mamãe tava com dor?”. Elisa responde: “ah, não aconteceu nada, ela foi no médico, ela num ficou no médico, ela foi, aí ela voltava de noite, e

o Daniel dormia lá na cozinha, porque é mais escurinho pra ele, quando dormia a gente colocava ele lá na cozinha, e só”.

Pergunto: “E o Danielzinho tava chorando por quê?”, e ela responde: “ah, por causa que queria mamar. Nossa, mas agora ele se acostumou com o banho. Cada vez que ele chora, é um pouquinho de banho. Colocou na água, aaaahhhh.” Continuo questionando Elisa: “E como a mamãe se sente quando ela está com dor e o Danielzinho chora, que que ela faz?”, ela diz: “Ah, ela dá banho, cuida dele”. Pergunto: “Ela cuida dele mesmo com dor?”, e ela responde: “É, ela tem que cuidar né, é o direito das mães”.

Agradeço a Elisa e faço uma proposta: “Muito obrigada por fazer esses desenhos tão bonitos. Olha, e se a gente fizesse um combinado. Eu não conto dos desenhos e da estória pra ninguém que você conhece.” Ela me questiona: “Ah, mas pra quem você queria contar?”. Respondo-lhe: “Só pra pessoas que você não conhece, do meu curso. E eu não falo seu nome, só que você é uma menina muito legal que me ajudou.”. Ela pergunta: “E qual o nome da pessoa que você conhece?”, respondo: “Mary” (nome da orientadora), e ela diz: “Ah, então tá bom, mas não conta pra minha avó”(parece se tranquilizar, provavelmente não conhece ninguém com esse nome, devido a sua reação). “Pode deixar, não vou contar pra sua avó e nem pra ninguém que você conhece”. Elisa diz: “Tá bom”, e eu digo “Obrigada”.

Análise do desenho de uma família que não está bem e da estória “Família triste”

No desenho, Elisa faz a mãe e o irmão Daniel. As meninas não aparecem diretamente no desenho, pois a função materna é exercida de forma mais intensa com o filho. No primeiro desenho, mesmo após o nascimento Elisa desenha seu primo dentro da barriga da mãe, agora ela o desenha fora, sem nenhuma forma específica (não tem rosto).

Elisa começa a estória e a interrompe, pedindo segredo, permitindo que contasse somente para sua irmã, sendo enfática nesse sentido. Ambas são omitidas do desenho e unidas pela ausência na vida da mãe, e talvez, sua presença próxima à mãe apareça somente através de uma projeção através do irmão, sem forma definida e de cor feminina. Apenas a irmã, que como ela não viveu com a mãe poderia compartilhar sua estória, talvez porque ambas entendem e compartilham a mesma situação, ao contrário de Daniel, afinal, existe uma nítida diferença entre eles: enquanto elas não viveram com a mãe, o irmão é cuidado mesmo quando a mesma se encontra doente.

Apesar de apontar a mãe como a pessoa doente, procura ajuda do médico e mesmo doente cuida do filho. Inclusive, sabe como agir quando Daniel se sente desconfortável, através do banho. Ou seja, mesmo doente, a mãe após ser atendida pelo médico, pode cuidar do filho, oferecendo-lhe situações prazerosas através da amamentação e do banho, demonstrando mais uma vez que o irmão ocupa um lugar diferenciado em comparação a ela e a irmã no tocante à relação com a mãe. Além disso, demonstra que o fortalecimento ou recuperação da mãe depende do recebimento de cuidado, assim como do filho. Tal fato sublinha a diferença entre o irmão e as filhas no tocante ao cuidado e ao lugar ocupado com relação à figura materna.

É interessante ressaltar que Elisa utiliza a expressão “É o direito das mães”, considerando um direito e não um dever o cuidado da mãe oferecido ao filho. É como se com Daniel a mãe pudesse ter exercido o direito de ser mãe, diferentemente do que ocorreu com ela e a irmã.

4.2.4 DESENHE A SUA FAMÍLIA

O Desenho:



Desenho 1.4 – Desenhe a sua família (Elisa)

Ao pedir que Elisa faça um desenho da sua família, ela diz: “a minha família”, “isso”. Elisa diz: “depois é a estória”, damos risada e ela complementa: “nossa, a estória é tão difícil”. Pergunto: “é, você acha muito difícil a estória?”.

Vai desenhando e verbalizando as partes e pessoas do desenho. Primeiro desenha o seu irmão, “meu irmão”. Conta: “eu só tô pensando no sorvete que tem lá em casa”, “ah é, tem sorvete lá hoje?”, ela continua: “tava vendendo”. Ela diz: “essa é mulher, é a minha vovó”, referindo-se à segunda figura do desenho. “Ah, aqui é o Daniel e aqui é a vovó?”, e ela responde: “é por causa que ele nasceu”. Ela diz logo após “os dois juntinhos”, referindo-se ao irmão e a vovó.

Elisa pergunta: “tá com muita pressa?”, e eu respondo: “não, não, pode fazer tranquila”. “Se você tivesse eu já fazia urgente”, e eu respondo: “não, pode fazer tranquila, não tem pressa não”. Ela diz: “a axila, nos dois bracinhos”.

Elisa desenha o risco vermelho no corpo do irmão e da avó, e eu questiono: “e aqui, o que é esse vermelho?”, e ela responde: “o risquinho”, indago: “e o que é o risquinho?”, ela diz: “ah...”. Incentivo dizendo: “aqui é o da axila, e aqui?”, referindo-me à axila em amarelo e questionando sobre o vermelho, “aqui, aqui faz parte do vestido, da roupa”. Continuo “ah, os dois tem o mesmo risquinho na roupa?”, ela acena com a cabeça que sim. Diz: “só que não tem, essa roupa não tem. Por exemplo eu não tenho a, eu pinto às vezes, e esse daqui é um pouco verde, verde ele tem um pouco parece”.

Diz: “agora vamos ver, meu pai”. Lembra: “ah, o cabelo”, depois “a xuxinha”, e volta fazendo o cabelo da avó. Fala: “o cabelo não sai muito feito assim por causa que eu não sei fazer muito cabelo direito”, eu comento “ah, entendi, mas está bom”, e ela diz: “vamos ver né”. Diz “o cabelinho”, fazendo o cabelo do irmão. “Queria ir pro sem-teto ver a tia Tati, ela chegou de viagem, tava lá no Maranhão”. “Ah, e quem é a tia Tati?”, e ela diz: “minha tia, e minhas primas que brincam comigo”.

Desenhando o pai e fazendo o risquinho diz: “faz parte da roupa viu Carol, por causa que ele naaoooo vaiiiii usar vestido né”, “sim”, e ela diz: “homem não usa vestido”. Ela diz: “ó, aqui é o pescoço e aqui é a barriga, não vamos se dizer nada né”. Depois “as pernas”, “o ombro, esqueci”. “Você também vai mostrar isso pro seu grupo, nas suas reuniões?”, e eu respondo: “não, eu vou mostrar para aquela pessoa, lembra?”, e ela diz: “ah é”.

Ela comenta, referindo-se a um bilhete que eu escrevi a pedido de algumas crianças, para que entregassem para as mães: “o da Miríade rasgou o desenho”, eu pergunto: “rasgou?”

Que desenho, aquele bilhete?”, ela responde: “sim o bilhete que, o bilhete que pois lá nas coisas né, então, eu guardei pra brincar”. Ela diz: “pronto, que você não tem todo o tempo do mundo”, e eu digo: “não, fica tranquila, pode levar o tempo que você quiser”. Elisa comenta: “o risquinho na blusa”, fazendo o risquinho vermelho no pai. “Todos têm a mesma, cor assim de blusa, só que não é a mesma assim, de roupa”, e eu digo: “sim, mas todos têm o risquinho vermelho na blusa né”, “uhum”.

Elisa diz: “ai, tô tão cansada, com dor nas pernas, que minha mãe que eu tenho até medo de tirar, eu tenho a unha encravada”. Eu pergunto: “e ela arrancou?”, “arrancou”, e eu digo: “ah, mas que dor”, e ela diz: “se fosse você, nossa senhora”, “que dor”, e ela diz: “rá, se fosse você, você não taria com dor”. Pergunto: “não?”, ao que ela responde: “não, por causa que a minha mãe faz assim, tá dolorido, mas agora passou um pouquinho a dor, ela diz que é pra por minhas pernas de molho pra eu lembrar ela, que ela vai limpar”, pergunto: “quem que vai limpar?”, e ela responde: “a minha mãe”.

Continua o desenho e diz: “minha mãe”, depois complementa: “nossa, é tão legal ficar na sua sala”, “é, você gosta?”, “gosto, sabe o que eu queria mais tocar aqui no projeto?”, pergunto: “o quê?”, e ela responde: “os instrumentos, o piano ainda mais, é por causa que é muito da hora”.

Elisa diz: “tomara que a minha mãe venha rápido”; “pra chegar em casa e ó, ai que delícia sorvete. Sabe o que eu vou desejar pro papai Noel?”, pergunto: “o quê?” e ela responde: “uma máquina de sorvete”, eu digo “nossa”, e ela comenta: “ué, já dá pra custar um real né?”. Vai falando enquanto desenha “as axilas”, “agora só falta eu e a minha irmã. Que cor? É tão bonita essas cores”, “minha irmã, de roxo, vai ficar bem roxinho”, “quando nós era nenê”. Ela finaliza e diz: “prontinho Carol, agora só falta eu, e acabou, esse desenho”, “vou fazer dessa cor, vermelho, eu tenho um vestido vermelho na minha casa”. Ela diz: “o outro desenho eu não gostei, ficou parecendo nariz de cachorro”.

A terminar o desenho diz: “pronto Carol, é a minha família”, solicito: “agora diz pra mim quem está no desenho, com nomes”. Ela responde: “meu irmão Daniel, minha avó Francisca, meu pai Eduardo, minha mãe Maria Clara, minha irmã Maria Elena, e eu Elisa.”

A Estória: Deus conosco

“Era uma vez duas meninas que eram tão elegantes e fazia a estrela. (Elisa interrompe a estória e pergunta se eu vou contar para alguém sobre a estória, dizendo “que é

por que eu quero saber mesmo”; pergunto a ela “eu posso contar?”, e ela diz “pode”). Aí elas eram tão reunidas (vai fazendo os narizes e cabelos no desenho). O cabelo era bem vermelhinho. O da mamãe e o das meninas. O da Elisinha era bem roxinho. O da Maria Eleninha era bem, bem, bem pretinho. Cada vez mais elas eram bem elegantes e do fundo do coração. Essa vez passaram de outra.”

Conversando sobre a Estória:

Pergunto a Elisa: “E a estrela como é, que as meninas faziam?”, Elisa responde: “uma estrela de show, estrelas de show, a gente eram as estrelas”. Digo a ela: “ah, tinha um show e vocês eram muito importantes no show, era isso, as estrelas, aquelas principais do show?”, e ela responde: “isso!”. Questiono Elisa: “E como era esse show?”, “ué, a gente ficava falando sobre de Deus, falando do amor de Deus”, “a gente estava na TV, e a gente tava cantando no show, aí falava sobre Deus, aí a gente mostrava tudo que tinha no palco, sobre Deus, e todo o nosso país seria protegido sobre Deus”. Pergunto: “e todos podiam ver da televisão?”, “isso, aí a gente podia representar, eu e a minha irmã ficava falando, eram os membros da palavra de Deus”.

Pergunto a ela: “e essas duas irmãs eram bem reunidas, essas menininhas?”, “sim, e os deuses estão muito orgulhosos por elas trabalharem, pelas orações e o show”; pergunto: “e as irmãs eram bem reunidas?”. Ela responde: “Sim, elas deixavam os deuses orgulhosos, por suas orações e o show”. “Então nesse show tinha duas meninas que elas eram bem elegantes, e toda a família se orgulhava”.

Questiono sobre o que quer dizer: “E do fundo do coração?” Elisa diz: “o show era um princípio que era do fundo do coração com Jesus, que Jesus tava dentro do coração quando fazia esse princípio de Deus”. Pergunto a ela: “e como passaram de outra?”, “ah, uma vez a gente passou, e passaram de outra, várias semanas e outras e outras, estava em um dia, aí depois outro dia passado, foi um dia e depois foi o outro”, esclarece: “ah, então passaram vários dias?”, e ela responde: “isso”.

Questiono: “e como elas se sentiram sendo as estrelas do show?”, “ah, estavam juntas eu, e a Maria Elena e a minha mãe, e Deus vinha com a gente no show, e a gente nem sentia vergonha”. Menciona que o palco era bem decorado, com coisas bem bonitas.

Pergunto o nome de sua estória, e ela diz que precisará beber água, “senão acaba a minha energia de tanto falar”. O nome da estória é “Deus conosco”, mas Elisa acrescenta que

o palco se chamava “A estrela de Deus”, “por causa que a gente representava todos os membros, por causa que Deus vinha encher nossos corações de alegria”.

Agradeço a Elisa pela participação, nos abraçamos e finalizamos nosso encontro.

Análise do desenho da sua família e da estória “Deus conosco”:

No desenho, Elisa desenha a avó rodeada pelos netos. Desenha Chica da cor azul, e cabe ressaltar que no primeiro desenho ela já havia discriminado que essa era uma cor de menino, ressaltando como em sua família percebe sua avó como uma figura masculina. Graficamente a avó também é a maior do desenho, demonstrando simbolicamente o quanto é referência dentro do contexto familiar.

Seu irmão Daniel é desenhado primeiro e com a cor verde, que foi utilizada para desenhar uma pessoa somente neste último desenho, representando o quanto Daniel é visto como uma figura diferenciada dentro da família. É interessante ressaltar que na perspectiva de Elisa a avó também fica com este neto. No desenho anterior, apontou a mãe doente não podendo cuidar do Daniel, e no momento de desenhar sua família ele surge afastado novamente da mãe.

O pai, que é o padrasto das meninas e mora nos fundos da casa da avó, com a mãe biológica, é a figura central do desenho. Também é desenhado com uma cor masculina, preta, e tanto o pai quanto a avó possuem ombros, como se ambos “carregassem a família nas costas”. Dentre os adultos, o pai é aquele mais próximo de alcançar a posição da avó, pois está desenhado ligeiramente abaixo dela no desenho.

A mãe está afastada da família, e parece “pular fora” do desenho. É desenhada em uma cor feminina, porém é a única que não possui o risquinho vermelho no corpo. Ela foi pintada de roxo, vermelho e verde, constituindo as cores utilizadas para pintar os três filhos, demonstrando uma identificação entre eles. Para Elisa, a mãe não está assumindo uma função materna perante os filhos, e lembrando o desenho anterior, com o uso também da cor roxa, é a raiz de uma família que não está bem e do problema da dinâmica dentro dessa família, pois é uma mãe que não pode ficar com os filhos. Sendo assim, falta algo (o risquinho), que a ligue aos integrantes da família, em especial aos filhos, que ficam com a avó; é a figura fragilizada, que não consegue assumir uma postura ativa na família. O risquinho também fica no lugar e é feito da cor vermelha, que socialmente está ligado ao coração e afeto, e é como se faltasse esse componente na ligação entre a mãe e os filhos.

Elisa não desenhou seu avô, que fica omissos, como se não exercesse uma função significativa na família. Foi desenhado somente no desenho da família que eu gostaria de ter, e ainda assim em uma cor feminina, de modo que Elisa demonstra o avô com uma função associada à cor feminina. Sua esperança recai sobre o pai, que se aproxima da altura da avó no desenho, tem ombros fortes e pode competir com ela, ficando no centro do desenho, assim como também já havia ficado no desenho da família que gostaria de ter.

Com relação à estória, Elisa aponta novamente a união entre as irmãs, estrelas do show de Deus, uma vez que a união entre as irmãs é motivo de orgulho para Deus e por isso, as abençoa através da união com a mãe. Nessa produção, a criança demonstra a necessidade da presença da figura paterna, representada por Deus-pai (padrasto), a única figura capaz de unir as irmãs e a mãe.

4.2.5 SÍNTESE

Elisa tem a avó como a figura de referência das funções de cuidado, proteção e de punição, geralmente representada como a figura maior, com uma função de destaque e referência na família. Ao pedir segredo, em especial para a avó, Elisa evidencia a função punitiva exercida por esta figura.

Além disso, em suas produções, a criança representou a separação entre as filhas e a mãe, demonstrando o quanto sente falta desse contato evidenciando que o mesmo não ocorre na relação da mãe com o irmão. Nesse sentido, o irmão recebe os cuidados da mãe mesmo quando esta adoece, exercendo seu direito de mãe com Daniel. Dessa forma, o irmão aparece ocupando um lugar privilegiado na família, seja em função dos cuidados e atenção que recebe como pela proximidade e, possivelmente, porque tem o pai e a mãe unidos em seu cuidado.

Tal situação gera uma ligação especial entre as irmãs, que compartilham a mesma situação de perda e necessitam da intervenção da figura paterna, representada pelo pai, para que a união aconteça.

A esperança é de que o pai ocupe uma posição de destaque, sendo central na família. É o único próximo de alcançar a força simbólica ocupada pela avó na família, tendo ombros assim como ela, ambos de cores masculinas. É o pai quem cuida da mãe, permitindo que toda a família fique feliz, com a possibilidade de que com o apoio desse pai, a mãe fique bem para cuidar dos filhos.

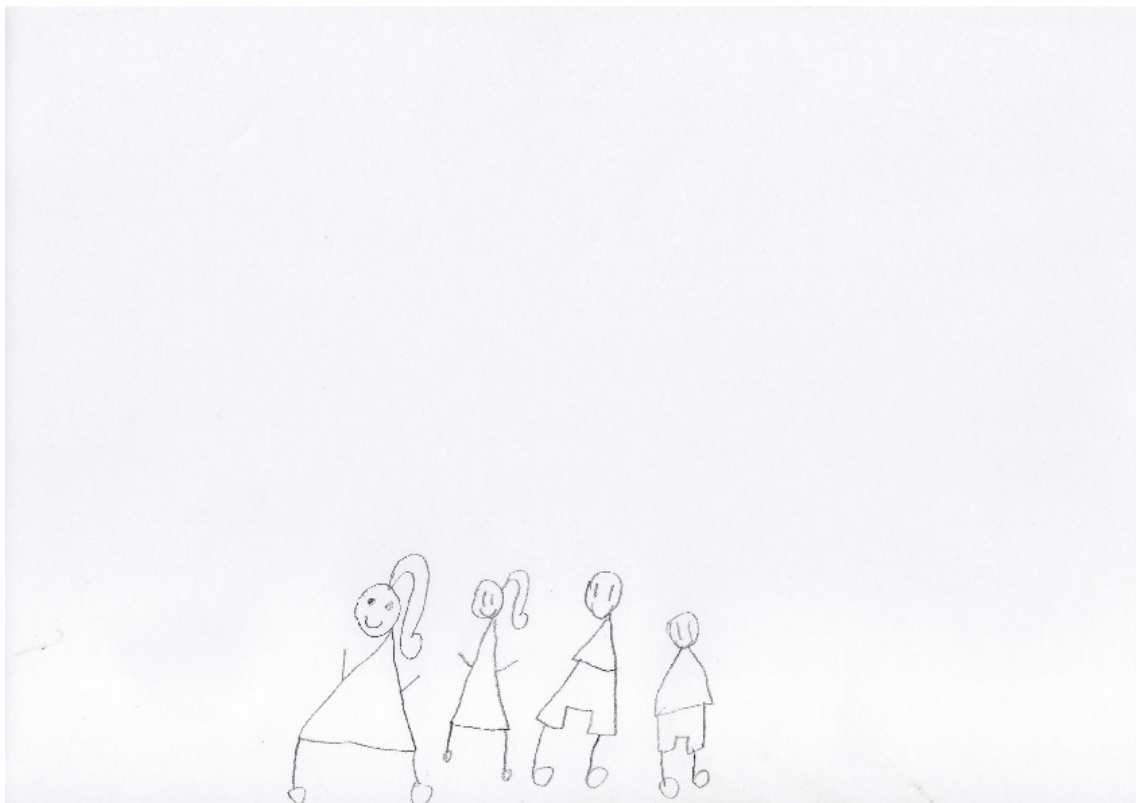
A pouca evidência reservada para a figura do avô destaca o lugar ocupado pela figura da avó apontado acima e da expectativa depositada no pai enquanto aquele que pode unir mãe e filhas no cenário familiar, e por isso, o avô não ocupou uma função específica nas produções de Elisa.

4.3 O ENCONTRO COM MARIA ELENA

Maria Elena participou do procedimento logo após o término do encontro com Elisa. Logo ao entrar, questionou se o desenho de Elisa foi bonito, e ao ser respondido que sim, ela dá uma risadinha, porém parece um riso nervoso, preocupado. Afirmando que estou estudando desenhos, se ela poderia me ajudar, e que poderia fazer o desenho da forma como soubesse.

4.3.1 DESENHE UMA FAMÍLIA QUALQUER

O Desenho:



Desenho 2.1 – Desenhe uma família qualquer (Maria Elena)

Quando solicito que desenhe uma família qualquer, Maria Elena questiona: “qualquer um?”, e eu respondo: “qualquer um”. É silenciosa durante a realização do desenho. Ao

término, pergunto: “quem você desenhou?”, e ela responde: “a minha vizinha Elaine”. Peço a ela: “fala pra mim quem está no seu desenho”, ao que ela diz: “a Elaine, a Estela, o Jefferson e o Wagner, são meus vizinhos”. Pergunto quem é cada um deles e ela responde: “Elaine é a mãe da Estela, irmã do Wagner e Jefferson é o pai”.

Peço a Maria Elena: “você pode contar uma história sobre o seu desenho?”, e ela dá um riso nervoso, dizendo: “não sei nenhuma estória deles”. Digo: “pode inventar alguma estória”. Maria Elena se concentra e fica pensativa, depois inicia sua estória.

A Estória: Os casais alegres

“Era uma vez uma mãe que se chamava Elaine e ela era muito feliz e alegre e encontrou um homem chamado Jefferson e os dois se casaram. E aí eles tiveram dois filhos, uma chamada Estela e o outro chamado Wagner. E aí eles ficaram juntos e fim.”

Conversando sobre a Estória:

Questiono Maria Elena: “eles se dão bem?”, e ela responde: “dão”. Digo a ela: “como foi quando a Elaine encontrou o Jefferson?”, e ela diz: “não sei”; afirmo: “não precisa ser a Elaine e o Jefferson que você conhece, pode inventar para a sua estória”, e ela responde: “ah, um dia o Jefferson apareceu e a Elaine gostou dele e foi isso”. Pergunto: “e quando eles tiveram filhos?”, ela diz: “ah, não sei”. Questiono: “e os irmãos se dão bem?”, “mais ou menos, não sei se eles se dão bem”; digo a ela: “e porque você acha que é mais ou menos?”, Maria Elena diz: “ah”, sem conseguir completar. Incentivo: “que acontece com eles que você fica na dúvida?”, “bom, eu não sei se eles se dão bem ou não”, e complementa: “mas eu brinco com a Estela todo dia, todo dia não, de vez em quando”. Pergunto: “e você gosta bastante da Estela?”, e ela responde: “gosto, fica me perturbando muito pra gente brincar”; “mas te perturba mesmo ou você gosta?”, e ela diz: “não, eu gosto”, novamente com um riso nervoso.

Análise do desenho de uma família qualquer e da estória “Os casais alegres”

No desenho de Maria Elena, a mãe é a figura graficamente maior, em detrimento do pai, que além de menor, não possui braços, ou seja, uma figura com pouca mobilidade, movimentos e ações.

O pai fica entre os filhos, porém as duas figuras masculinas não possuem braços, como se tivessem impedidas de agir. O pai é menor, graficamente, do que a mãe, e aproximadamente do mesmo tamanho da filha, podendo indicar a maior importância atribuída à figura materna.

Maria Elena nomeia o desenho como os casais alegres, no plural, apesar de só conter um casal amoroso que originou a família. Para ela, a alegria seria o casal viver unido com seus filhos, que aparecem separando o casal.

4.3.2 DESENHE UMA FAMÍLIA QUE VOCÊ GOSTARIA DE TER

O Desenho:



Desenho 2.2 – Desenhe uma família que você gostaria de ter (Maria Elena)

Quando solicito que desenhasse uma família que gostaria de ter, Maria Elena questiona: “pode desenhar mesmo a minha?”, e eu respondo: “pode, a que você gostaria de ter, qualquer uma”, e ela diz: “ah, eu gostaria de ter a minha”, e eu digo: “a sua? Então pode desenhar a sua”. Faz seu desenho em silêncio, finalizando dizendo: “pronto”.

Pergunto: “e quem você desenhou, fala pra mim”, e ela diz: “a minha vó, ah, esqueci de duas pessoas aqui, eu, a Elisa, minha mãe e meu pai”. Questiono: “e quem você esqueceu?”, e ela diz: “o meu vô e o meu irmão”, voltando e desenhando o avô ao lado da avó. Pergunta: “pode fazer o meu irmão na barriga?”, ao que eu respondo: “pode, do jeito que você quiser”.

Digo a ela: “eu vou pedir pra você contar uma estória, não precisa ser que aconteceu, pode inventar qualquer estória”. E ela diz: “pode contar como a minha mãe e meu pai se conheceram?”, e eu respondo: “pode”.

A Estória: A família reunida

“Um dia minha mãe tava vendendo sonho, aí a minha mãe encontrou meu pai num barraco, lá no sem-teto. Aí a gente foi na casa da prima do meu pai. Aí nós foi andando, andando (Maria Elena interrompe e diz “ai não sei!”, e eu falo “pode contar do jeito que você quiser”) aí minha mãe encontrou com meu pai e os dois ficaram juntos, aí que eles começaram a namorar e casar. Fim.”

Conversando sobre a Estória:

Peço a ela que diga quem está no desenho, com nomes, “fala os nomes pra mim”, e ela responde: “o meu vô João Carlos, vó Chica, eu e a Elisa, minha mãe é Maria Clara, meu pai é Edu, se quiser pode colocar Edu”. Questiono: “e o que você achou da sua mãe e do seu pai casados?”, e ela responde: “eles ainda não casaram, mas eles tão junto. Ah, achei legal”. Digo a ela: “e aí vocês foram lá no sem-teto e foi lá que as coisas aconteceram?”, Maria Elena dá outro riso nervoso e diz: “foi”. Pergunto: “e como está essa família?”, e ela diz: “ah, aí meu pai e minha mãe, a gente tá tudo junto”; “e o que você acha disso?”, e ela responde: “legal”.

Análise do desenho da família que gostaria de ter e da estória “A família reunida”

No desenho da família que gostaria de ter, as duas meninas ficam no centro, entre os dois casais e, embora as figuras masculinas sejam localizadas na extremidade, como uma proteção à família, a avó é graficamente maior que os demais membros da família. Além disso, o filho é representado na barriga na mãe, apontando uma maior proximidade em detrimento das filhas. As meninas ocupam o lugar entre os dois casais, ou seja, ficam no

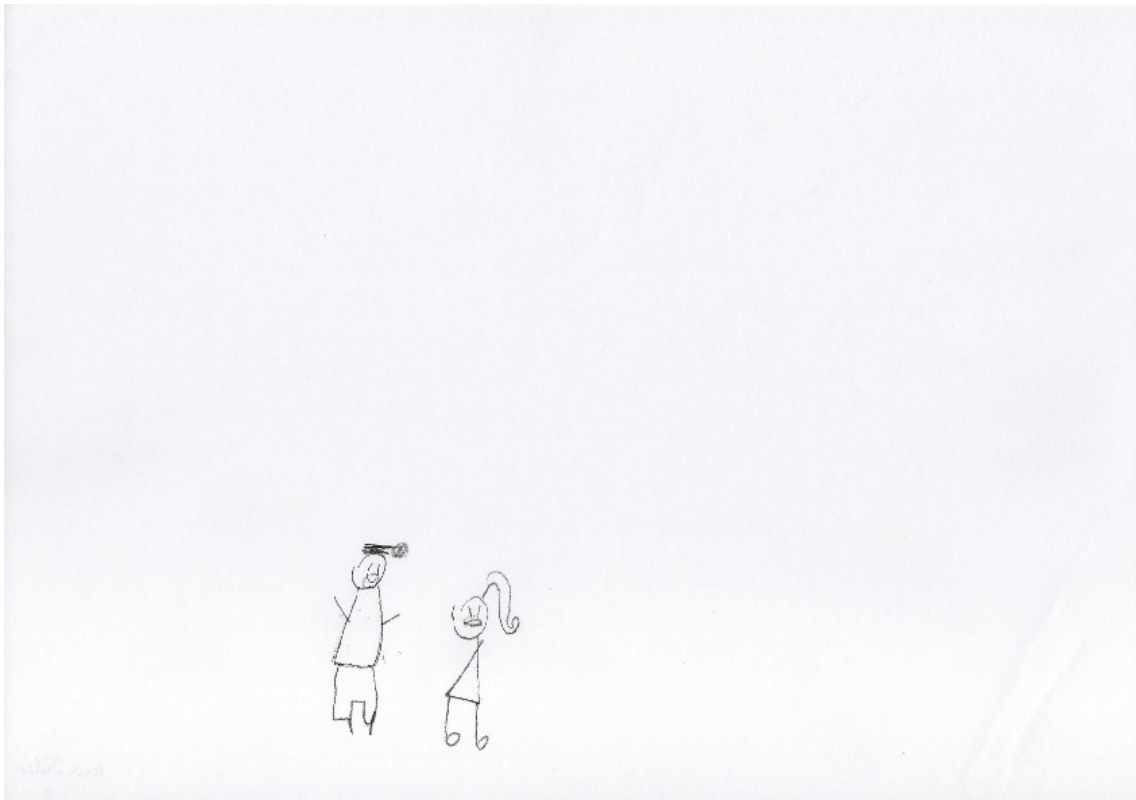
entre, ao contrário do irmão que ocupa claramente um lugar no casal dos representados pelos pais. Ademais, sua irmã está mais próxima à mãe enquanto ela, à avó.

A união/reunião da família é algo valorizado e a criança retoma o encontro dos pais, algo muito importante para a reunião da família.

Existe um desejo pelo casal unido. A estória remonta ao encontro dos pais (algo valorizado) através do amor e a simbologia é o irmão, fruto desse casal na barriga da mãe. As meninas não são filhas deste casal e estão entre os casais dos avós e dos pais.

4.3.3 DESENHE UMA FAMÍLIA EM QUE ALGUÉM NÃO ESTÁ BEM

O Desenho:



Desenho 2.3 – Desenhe uma família em que alguém não está bem (Maria Elena)

Quando pedi a Maria Elena que fizesse um desenho de uma família em que alguém não está bem, ela diz: “não conheço nenhuma”. Vou conversando com ela, tentando ajudá-la a pensar em alguma família: “quando você acha que alguém não está bem?”, “eu não sei”, “quando uma pessoa está mal?”, “não sei”, “ah, mas vamos tentar pensar juntas”, e ela novamente afirma: “mas eu não sei”. Digo a ela: “ah, mas você consegue sim, olha os

desenhos bonitos que você fez pra mim, você até contou a estória que você nem sabia e conseguiu contar, contou uma estória bonita e das duas famílias”, ao que ela dá um riso nervoso e diz: “mas eu não sei de nenhuma”. Tento esclarecer junto com ela: “e o que é uma família que está bem?”, e ela diz: “ah, uma família unida”, ao que eu falo “então uma família que não está bem...”, mas ela não complementa.

Digo a ela: “se uma família que está bem é unida, o que seria uma família em que alguém não está bem?”, e ela responde “uma família que está passando apuros”. “Sim, e o que você acha de desenhar uma família pra mim que está em apuros?”, e ela menciona: “eu não conheço nenhuma”. Falo a ela: “não precisa ser uma família que você conhece, pode inventar, igual você fez com a estória, de qualquer jeito que você souber”. Ela questiona: “mas não tá bem com as coisas de médico?”, e eu digo: “pode ser”, ao que ela diz: “ah, vou inventar”, “isso, pode inventar”. Ela pergunta: “pode dar o nome que quiser?”, eu digo que pode. Ao terminar o desenho ela diz: “pronto”. Pergunto: “o que você inventou?”, e ela responde: “uma família triste”. Peço a ela: “conta uma estória para mim sobre o desenho”.

A Estória: Os casais que sempre brigaram

“Era uma vez um homem e uma mulher e eles eram muito tristes. Cada noite e dia eles discutiam juntos, e eles acharam um ao outro muito chatos, aí decidiram se separar um tempo, aí um dia eles queriam voltar de novo. E aí toda noite e dia eles discutiam de novo. Fim.”

Conversando sobre a Estória:

Questiono Maria Elena: “e porque você acha que eles discutiam tanto?”, e ela diz: “não sei, tinha uma briga. Ah, porque um dia tinha um moço que queria separar eles, aí eles ficaram brigando toda noite e dia”. Eu pergunto: “tinha um moço então que queria separar os dois?”, “aham”, “e por que será que esse moço queria fazer isso?”, e ela diz: “não sei”. Indago: “e aí eles se separaram e depois eles voltaram?”, e ela complementa “e de novo continuaram discutindo”.

Eu pergunto: “e você acha que tinha alguma coisa que eles podiam fazer pra ficar mais felizes?”, “melhorar”, eu pergunto: “e como?”, “ah, esse moço podia dar alguma coisa pra ela, aí eles podiam voltar”, ao que eu complemento: “ah, então ele precisava fazer alguma coisa

pra agradar ela, dar algum presente, aí talvez eles pudessem voltar?”, e ela responde: “aham”. Pergunto: “e aí eles iam ser felizes?”, e Maria Elena confirma que sim com a cabeça.

Digo a ela: “quer inventar um nome para as pessoas da sua estória?”, e ela diz: “o moço é Artur e a moça é a Angélica”.

Análise do desenho da família em que alguém não está bem e da estória “Os casais que sempre brigaram”

Este foi o desenho que Maria Elena apresentou maior resistência para realizar, evidenciando a dificuldade em entrar em contato com os conflitos que podem produzir sofrimento na família. Apesar das dificuldades iniciais, quando percebe que o contrário de uma família unida é a família que não está bem, ela diz se tratar de uma família em apuros.

A criança relaciona uma família em apuros com tristeza, e na estória, essa tristeza é evidenciada à separação de um casal permeada por brigas e a interferência de um objeto externo que provocou a separação. Podemos ressaltar que na estória dos pais biológicos de Maria Elena, ocorreu uma situação semelhante. O casal brigava e separava, com tentativas em reatar a relação, e foi num desses momentos que a mãe engravidou de Elisa. Inclusive o motivo da separação do casal aproxima-se ao que ocorreu com seus pais, que se separaram devido à interferência de um objeto externo, sendo esse objeto a família que o pai já possuía antes do relacionamento com a mãe, já que Maria Clara era sua amante, o que fez com que a mãe se separasse dele. A separação do casal acarretou a separação entre filhas e mãe, apontada na produção anterior, e talvez esse conjunto de rompimentos seja o conteúdo que causa a tristeza e o sofrimento familiar.

Ao mencionar a tristeza, fica a questão do sofrimento de Maria Elena diante do desamparo e a falta das figuras parentais, decorrentes da separação do casal, revelando uma fantasia de separação e abandono devido ao rompimento do casal.

Com relação à menção ao homem responsável pela separação do casal, a criança demonstrou o medo diante da possibilidade de um objeto externo que possa interferir na união do casal, lembrando que atualmente, sua mãe está com o pai Edu, conforme apresentou na produção anterior. Devido à angústia de separação, existe o temor acerca da possibilidade de separação do casal.

4.3.4 DESENHE A SUA FAMÍLIA

O Desenho:



Desenho 2.4 – Desenhe a sua família (Maria Elena)

Ao solicitar que desenhe a sua família, Maria Elena diz: “de novo”, com uma risadinha. Parece mais tranquila neste momento, menos angustiada. Menciona: “eu não sei desenhar muito bem não”, ao que eu digo: “ah, mas seus desenhos ficaram tão bonitos”, e ela ri e diz: “vou tentar”. Ela diz: “se meu vô estivesse aqui, ele ia desenhar muito melhor”. Eu lhe digo: “ah é, ele sabe desenhar bem?”, e ela fala: “ele sabe desenhar rosa, alecrim, um monte de coisas”. Ao término ela diz: “pronto”; “pronto? Agora fala pra mim quem que é”. Dá uma risadinha, um pouco nervosa, e diz: “minha mãe Maria Clara, meu irmãozinho Daniel”, e eu pergunto: “que está na barriga?”, e ela diz “é, mas já saiu”, “ah!”, e ela continua “meu pai Eduardo, eu, minha vó Chica, meu vô João Carlos e minha irmã Elisa”.

Ao pedir que conte uma estória, nós rimos juntas e ela diz: “não sei nenhuma”. Eu digo: “nenhuma? E se você inventar assim, olhando o desenho e inventa uma estória?”, e ela responde: “ah”, mas começa a estória.

A Estória: Os casais felizes

“Era uma vez uma mulher que se chamava Maria Clara e aí ela era muito, muito, muito, muito solitária. Aí um dia ela abriu a janela e viu um moço chamado Eduardo. Um gostou do outro e eles tiveram três filhos e felizes para sempre.”

Conversando sobre a estória:

Maria Elena diz: “hoje meu irmão faz três meses”, e eu digo: “faz três meses!”. Pergunto: “e o que os filhos acham da mãe?”, e ela responde: “da hora”. Quando começo a perguntar: “e o que os filhos acharam...”, Maria Elena complementa a pergunta: “de ter uma mãe nova e um pai novo?”, digo: “sim”, e ela responde: “ah, legal”.

Questiono: “e esse pai novo, como que é?”, “ah, ele é bem legal”, ao que eu pergunto: “e o que ele faz?”, e ela responde: “ah, agora ele tá reformando a casa”. Pergunto: “e esse pai novo e essa mãe nova ficam junto com as crianças?”, “ficam”, responde ela. “E eles fazem as coisas juntos?”, e ela responde: “às vezes”. Pergunto: “e tipo o que eles fazem juntos?”, “Ah, tipo minha mãe ajuda meu pai, e meu pai ajuda minha mãe, ainda mais com o Daniel agora”.

Digo a Maria Elena: “e como que foi agora com o Daniel?”, “ah, está bem legal”. Questiono: “e o que mudou depois que o Daniel nasceu?”, e ela diz: “A casa, fez um quarto, agora está reformando a sala e o banheiro”. “E aí começou a reformar depois que o Daniel veio?”, e Maria Elena responde: “É, pra ter uma casa mais...”, e dá uma risadinha breve.

Pergunto: “você falou dos pais novos, o pai e mãe novos, e o pai e a mãe antigo?”, ela diz: “não, minha mãe já é antiga”, “sua mãe é antiga”, e ela complementa: “e o pai é novo, ele veio lá do Maranhão, agora eu tenho uma outra avó, e três primos”. Questiono: “e o que você achou dessa família nova?”, “achei muito legal”.

Agradeço a participação de Maria Elena, trocamos um abraço e finalizamos nosso encontro.

Análise do desenho da sua família e da estória “Os casais felizes”

Verificamos nessa produção os mesmos temas apresentados nas estórias anteriores. A mãe é apontada como uma figura solitária até que o pai surge em sua janela. A presença de um companheiro para a mãe é responsável pela união não apenas do casal, mas também da

família, com seus três filhos. Além disso, o pai seria também uma figura de amparo para a mãe que tanto pode causar tristeza quando ocorre uma separação quanto união quando o casal está unido.

Essa produção corrobora a produção anterior, apontando que para Maria Elena a conjugalidade é aspecto importante para que a família esteja unida e feliz, permitindo que o casal desenvolva a parentalidade. Ela refere-se ao pai novo, que trouxe tantas mudanças, deu suporte para a mãe, e de acordo com a estória assumiu todos os filhos, mas também faz menção à mãe antiga, de forma que é como se essa mãe fosse outra, diferente, após a chegada desse pai.

Maria Elena percebe o quanto o pai ajuda a mãe, inclusive no cuidado com seu irmão, e fica o questionamento sobre até que ponto esta família viveu felizes para sempre, sem conflitos, pois a partir do desenho anterior parece existir uma fantasia de abandono vivida por Maria Elena, devido à postura dos pais biológicos.

No desenho, novamente Maria Elena aparece entre os dois casais. Pai, mãe e filho são unidos, Daniel ocupando um local importante na barriga da mãe, em posição privilegiada de afeto e aproximação. A avó ainda é ligeiramente maior do que a mãe, porém é o pai o mais alto de todos, de forma que parece representar uma figura de destaque, ao menos na fantasia de que seja a figura que pode favorecer a união da família com os três filhos. Elisa fica do lado de fora dos casais, como se ocupasse um espaço menos privilegiado, porém ao mesmo tempo de maior autonomia, por não estar dividida entre os casais, como no caso de Maria Elena ao ficar dividida entre o afeto da avó e da mãe.

A reforma mencionada por Maria Elena, efetuada pelo pai Edu, demonstra que a mudança provocada pela chegada do pai atingiu a organização simbólica da família, através da reforma da casa, ou seja, aponta que a organização grupal da família representada simbolicamente através da casa está sendo ampliada com a chegada do pai, e com isso, poderia receber e conter as duas filhas.

4.3.5 SÍNTESE

Para Maria Elena a conjugalidade é aspecto importante para a dinâmica familiar. Refere a estória do casal composto por sua mãe e seu padrasto, como felizes, sendo unidos pelo amor, e através deste amor, dando origem aos filhos, como é o caso de Daniel.

Desta forma, ressaltamos a fantasia de concepção em relação à sua origem e de sua irmã, através da separação e rompimento, tanto que os filhos não têm um lugar fixo, ora estão entre os dois casais, ora entre os membros da família. Por outro lado, Daniel, o único filho do casal atual tem um lugar melhor definido (na barriga da mãe), e fruto do amor entre ambos.

O avô é uma figura pouco presente nas produções de Maria Elena, chegando a esquecer de desenhá-lo. Também omite seu irmão na família que gostaria de ter, demonstrando uma rivalidade com relação à posição ocupada por ele na tríade mãe, pai e filho, e o desejo de ocupar um papel de relevância e privilegiado assim como o irmão.

A importância da avó é mais ressaltada devido ao seu tamanho graficamente. Mesmo na família que gostaria de ter, percebe-se que ela ainda ocupa um lugar importante, demonstrando o quanto é intensa a vinculação de Maria Elena com a avó.

É importante ressaltar a ênfase na união e separação do casal como um processo que provoca tristeza e solidão, seja para a figura materna como para as filhas que foram separadas da mãe devido à separação conjugal. Assim, a fantasia de separação e perda provoca sofrimentos, desamparo e insegurança para a criança.

4.4 SÍNTESE GERAL

Analisando as produções das irmãs, podemos apontar, nesse momento, regularidades e as diferenças encontradas nas análises.

No tocante às diferenças, Elisa é mais expressiva, ocupa o sulfite de forma mais completa e colore seus desenhos. É mais comunicativa, percebe alguns dinamismos que passam o funcionamento familiar e parece ter o desejo de falar, porém com o receio da reprovação da avó. Maria Elena produz desenhos menores, centralizados na parte inferior da folha, deixando mais da metade das folhas em branco. Desenha somente em preto e branco e tem uma dificuldade muito grande de sair da realidade concreta e utilizar a imaginação criando coisas diversas das vividas concretamente. Ao realizar os desenhos é mais introvertida, mesmo conhecendo previamente a pesquisadora, demonstrando certa ansiedade ao ter que representar suas vivências emocionais através do desenho. Utiliza-se de defesas para evitar tomar contato com as angústias relacionadas ao contexto familiar.

Com relação às regularidades, apontamos que a avó representa uma figura de destaque, desempenhando as funções maternas e paternas na vida das meninas, sendo aquela

que fornece cuidados quanto à figura punitiva, e que remete ao desenvolvimento de um superego no desenvolvimento infantil. Embora Elisa expresse mais efetivamente essa situação relativa à punição e de cuidado desempenhado pela avó, nas produções de Maria Elena a avó aparece graficamente como a figura maior nas produções. Porém, Maria Elena coloca-se numa posição entre a avó e a mãe, demonstrando um certo conflito no lugar ocupado diante das duas figuras femininas.

A fantasia de separação e a angústia de abandono são temas centrais nas produções das irmãs, embora com Maria Elena a angústia fica mais evidenciada do que na irmã. A fantasia da união do casal como essencial para a união família demonstra que as crianças percebem a diferença causada devido à separação conjugal da mãe com o pai biológico. Assim, a situação do irmão Daniel é diferenciada, uma vez que a mãe está unida ao padrasto/pai e por isso, a representação do irmão, na produção de ambas é na barriga da mãe, demonstrando que o laço que une a mãe com o filho e da mãe com as filhas é diferente e, para as meninas, essa diferença é decorrência da separação conjugal.

Além disso, a separação fragiliza a mãe, apontada como a figura que não está bem na produção de Elisa e como uma pessoa triste na estória de Maria Elena. A fragilização e desamparo da mãe quando está sozinha do par conjugal são apontadas pelas irmãs. Por outro lado, a figura da mãe fortalecida e unida ao filho surgiu como decorrência de sua união conjugal.

Tal fato corrobora as diferenças na representação realizadas pelas irmãs no laço existente entre a mãe e as filhas e o filho, além do laço existente entre as irmãs. Elas compartilham a experiência da separação: foram separadas do pai biológico e da mãe, enquanto Daniel é o filho unido à mãe - dentro de sua barriga - e conta com a presença do pai. Por isso, para Elisa, as irmãs são re-unidas, elas compartilham as mesmas experiências e sofrimento, diferentemente do irmão.

Assim, ainda relacionado à união conjugal, a figura do pai enquanto companheiro, apoio e amparo para a mãe surgiu nas produções como aquele que pode re-unir novamente a família para que vivam felizes: o casal e os três filhos, conforme a estória de Maria Elena. Apontamos que para as filhas o estabelecimento da parentalidade está totalmente relacionada à conjugalidade, uma vez que em suas experiências, a separação conjugal gerou a separação entre mãe e filhas. Em contrapartida, o casal unido cuida de Daniel e a mãe mantém-se ligada a este filho. Talvez, por isso, ambas depositam uma expectativa que o pai Edú possa re-unir a família e manter a mãe feliz.

O avô não possui presença atuante no exercício das funções parentais, não sendo desenhado ou desenhado de uma cor feminina no caso de Elisa, e omitido por Maria Elena em um dos desenhos, sendo desenhado posteriormente. Uma hipótese é a de que, com a expectativa de que o pai possa re-unir a família, a função paterna esteja depositada em Edu. Ademais, antes de Edu, a avó seria a figura que combina a função materna e paterna, por isso, não foi atribuída uma função ao avô em nenhuma produção das crianças.

4.5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A análise das entrevistas ocorreu a partir da divisão em categorias dos assuntos que mais se repetiram e destacaram no contexto familiar, mesclando a perspectiva que os avós e pais possuíam em relação às vivências abordadas. As categorias consistiram em expectativas, gestação e nascimento das crianças; porque os avós assumiram a criação das netas; aspectos transgeracionais; conjugalidade e o impacto na parentalidade; funções parentais e função diferenciadora.

4.5.1 EXPECTATIVAS, GESTAÇÃO E NASCIMENTO DAS CRIANÇAS

Nesta categoria serão abordadas as expectativas, gestação e nascimento das crianças na família, sob a perspectiva dos avós, da mãe, do pai biológico das meninas (segundo o relato dos avós e da mãe), do padrasto e o processo de escolha dos nomes.

4.5.1.1 NA PERSPECTIVA DOS AVÓS

Os avós criaram muitas expectativas com o nascimento das netas, em especial, a avó com o nascimento da primeira neta Maria Elena. Desde o período da gravidez Chica gestou simbolicamente Maria Elena mais do que a mãe, conversando com a barriga, apresentando uma expectativa com relação à criança e assumindo a maternidade antes mesmo do nascimento. Depois do nascimento, Chica concretizou a desejada função materna “pegando” a menina na maternidade e assumindo todos os cuidados relacionados à neta. Ela relata que a neta é como se fosse uma filha, menciona que ela foi como uma espécie de presente. Segundo relato de Chica, com Maria Elena constitui uma relação em que ambas estão muito vinculadas, pois a avó sente como se a neta também retribuísse um amor diferente e especial para com a avó. Esta neta é vista de forma muito idealizada.

“Da Maria Elena pelo menos, eu tive uma expectativa muito grande, porque é, ela pra mim foi um, assim como um presente memo⁷. E quando a Maria Clara teve, eu já peguei na maternidade e fiquei com ela né e até hoje aonde eu tô ela tá junto, então pra mim foi muito especial (Chica - avó)”

“Então a Maria Clara eu punha a mão na barriga dela, eu conversava com ela (Maria Elena) na barriga da mãe, eu tinha tudo como, em vez de ser a mãe era eu que ficava conversando com ela. E ela já tava então, quando nasceu, a enfermeira veio e deu no colo do pai⁸ eu já tomei e não devolvi (risos) (Chica – avó)”

O nascimento da neta trouxe um sentido novo para a vida de Chica, que anteriormente estava doente e após se responsabilizar pela neta começou a ter mais disposição devido ao compromisso de cuidar de Maria Elena. Chica considera que ofereceu uma estrutura emocional para Maria Elena, dando-lhe um casal de pais-avós que cuidavam dela, e em troca a neta se transformou em sua razão para continuar vivendo, sua força para continuar. À Maria Clara foi delegado o papel financeiro, já que saía para trabalhar enquanto a avó exercia os cuidados maternos.

“Então nós assumimos essa responsabilidade e ela também quis como, aceitou nós como pai, como avô, como, né. Então foi isso, foi uma troca, que as pessoas não entende às vezes até, porque foi uma troca muito boa. Tanto pra mim, que eu, vivia mais na cama do que é, doente, e é, quando eu peguei a Maria Elena, eu tive força pra continuar porque eu tinha ela pra cuidar, eu tinha ela pra olhar, e a Maria Clara trabalhando então nós ficamos muito tempo juntas, até hoje nós tamo, batalhando (Chica – avó)”.

Na entrevista, solicitou-se as expectativas em relação à gravidez e nascimento das crianças, e Chica mencionou somente de Maria Elena, referindo-se a Elisa após ser questionada pela entrevistadora, o que já indica como é mais próxima da neta mais velha. Diferente de Maria Elena, que foi vista como um presente, Elisa foi um susto na vida dos avós, uma vez que a gestação foi muito próxima de Maria Elena, sendo que as duas netas têm menos de um ano de diferença de idade. O acompanhamento da gravidez foi diferente, sem a mesma “gestação emocional” que ocorreu com Maria Elena. Mesmo assim, a aceitaram e assumiram os cuidados principais com as crianças, cabendo novamente a Maria Clara continuar contribuindo no aspecto financeiro ao sair para ir trabalhar.

⁷ Foram preservadas algumas palavras e expressões que não estão de acordo com a norma culta de língua portuguesa, visando fornecer de forma mais realista e sem distorções pela pesquisadora o que cada um dos entrevistados quis dizer.

⁸ Não foi utilizado um nome fictício para o pai biológico de Maria Elena e Elisa porque ninguém citou seu nome nas entrevistas; resolveu-se seguir o modo da família expressar isso.

“Da Elisa foi bem mais é, já tava memo assim né, ela veio logo em seguida, e a gente até assustou porque não sabia nem que ela tava grávida. Mas, aí desde que já tava grávida como diz, a gente aceitou numa boa (Chica – avó)”

“Quando veio a Elisa nós também acolhemos, da mesma forma, aí ela foi trabalhar numa casa que era de uma senhora aí na cidade, ela trabalhava o dia, ficava o dia e a noite, e eu olhava as duas pequenininha (...). Mas aí já foi mais necessidade também né (assumir os cuidados com a neta), que ela (Maria Clara) tinha que trabalhar (Chica – avó)”

“Mas em termos de cuidado a Elisa foi mais complicada. Que a Elisa ela foi alérgica até um certo tempo a leite, a lactose então, foi muito difícil (...). Mas graças a Deus a única que foi um pouquinho mais doente foi a Elisa (Chica – avó)”

Com Elisa, Chica demonstrou ambivalência, ora dizendo que não tiveram dificuldades, ora mencionando que a neta precisou de cuidados especiais que não eram esperados, devido à alergia ao leite. Devido à idealização de Maria Elena, a avó não atribui problemas e dificuldades nessa comparação.

O avô João Carlos menciona o quanto esperava desde antes do nascimento que o casal de avós assumiria as netas. Ele não discrimina uma expectativa diferente entre Maria Elena e Elisa. Mas aponta que mesmo assumindo os cuidados com os netos, tem pouco papel nas funções comparado à avó Chica. Porém, apontou a necessidade da mãe em trabalhar e assumir os gastos financeiros com as filhas, que o berçário não é uma boa opção e que para ele é natural que os avós assumam os netos.

“Eu vou falar uma coisa pra você, eu sempre imaginei. Eu imaginei por causa do serviço né, porque a mãe tem que trabalhar né, se a mãe tá trabalhando, então as crianças vai ficar com, não vou dizer tanto comigo porque eu também trabalhava, passou a ser mais a avó tem mais parte de mãe do que o avô de pai (João Carlos – avô).”

Chica tenta demonstrar uma diferenciação na relação com o terceiro neto, Daniel, dizendo que agora está sendo avó, pois não exerce todos os cuidados parentais com a criança. Apesar disso, durante os dois dias em que foi realizada a entrevista com o casal de avós, os mesmos passaram diversos momentos cuidando do neto enquanto a mãe estava fora. Demonstrou uma relação de carinho e proximidade intensas com este neto, mesmo com a mãe exercendo mais funções de cuidado do que com as outras filhas. Chica se encanta com o neto, que é visto de forma diferenciada, como um bebê muito tranquilo, tendo vindo em um contexto muito diferente do das meninas.

“Falei pra ela (Maria Clara) que agora sim eu tô sendo avó, porque agora ela cuida, ela dá o banho, ela troca, ela leva pra onde ela vai, então isto é ser avó, porque de vez em quando cê ficar e dar uma olhadinha é uma coisa, mas direto, aí você não é avó (Chica – avó)”

“Aí ele ri, aí ele se esbalda. E hoje que eu fui lá ver ele tomar banho, que a mãe tava dando banho, mas ele se arreganha tanto que ele não sabe nem o que ele faz pela alegria do banho. Mas é, graças a Deus esse daqui não deu trabalho igual as meninas não. As meninas era muito chorona. Mas ele mama bem, come bem, dorme bem à noite (Chica – avó)”

João Carlos revelou a expectativa de uma repetição no cuidado do neto, uma vez que é delegado aos pais o papel de provedores financeiros e aos avós, os cuidados parentais.

“Mas no fim acaba, acontecendo igual às outras, porque ela vai ter que trabalhar, o pai vai ter que trabalhar, a hora que tiver com idade pra ir lá no prezinho igual tá, a Maria Elena a Elisa né, aí já melhora, mas até lá, já praticamente é filho né. Acaba sendo, sendo considerado como filho do mesmo jeito (João Carlos – avô)”

“E no fim a criança vai crescendo acaba, tem muitos que chama avó de mãe, às vezes nem, tem criança que não chama nem a mãe de mãe, às vezes chama até por nome, mas a avó, sempre foi a mãe né. Então eu acredito, que esse daqui também não vai ficar fora não (João Carlos – avô)”

4.5.1.2 NA PERSPECTIVA DA MÃE

Assim como Chica, Maria Clara também respondeu à questão a respeito da expectativa do nascimento dos filhos referindo-se primeiramente à Maria Elena, falando sobre a filha Elisa somente após ser questionada, da mesma forma como Chica também fez ao responder a mesma pergunta. Assim como Chica, Maria Elena parece ter proporcionado uma vivência marcante também para a mãe Maria Clara, porém em um sentido diferente.

“Eu acho que eu imaginava já mais ou menos do jeito que ela (Maria Elena) nasceu mesmo, que, assim, sobre o aspecto físico dela eu imaginava daquele jeito e ela acabou saindo do jeito que eu imaginava (Maria Clara – mãe)”

Desde o começo da gravidez Maria Clara passou por diversos problemas de saúde, tendo sido um momento sofrido, tomando medicações, em acompanhamento médico frequente e com limitações inclusive alimentares e locomotoras, precisando ficar de repouso. Apesar de ter um momento tranquilo depois dessa primeira fase de dificuldades, o momento do parto consistiu em uma experiência intensa, devido ao risco para a bebê por estar passando da hora de nascer.

Quanto ao nascimento, para Maria Clara foi considerado um susto, uma espécie de choque ao se dar conta de que realmente havia um bebê em sua barriga, e que ao nascer demandaria um trabalho intenso, bem diferente das brincadeiras de boneca. Também menciona sua idade, engravidando com dezessete anos e como não se sentia preparada para uma responsabilidade tão grande.

Evidencia-se a diferença entre as vivências de Chica e Maria Clara no nascimento de Maria Elena; enquanto para a avó forneceu um novo sentido de vida, um motivo para viver e recuperar suas forças, Maria Clara viveu esse momento como uma espécie de choque, com a imposição de uma nova realidade para a qual não se sentia preparada.

“Quando a Maria Elena nasceu eu me assustei, falei meu Deus, que ela nasceu bem gordinha assim, falava meu pai do céu, eu com um bebê de verdade agora, né, foi, completamente assim, deu um negócio na cabeça né. Eu era bem nova na época, quando eu tive ela, engravidei com dezessete anos, depois eu tive ela com dezoito já, falei é uma responsabilidade assim enorme agora né, não é um bebezinho que você pega ele de brinquedo e daqui a pouco deixa né (Maria Clara – mãe)”

Quando Maria Clara engravidou de Elisa seu desejo era ter um menino. Maria Clara também teve dificuldades com esta gestação, porém de forma mais atenuada do que com Maria Elena, já que com Elisa passou mal somente nos primeiros meses e depois se sentiu melhor.

“A Elisa eu já imaginava quando eu comecei, desde o comecinho da gravidez eu imaginava que ela seria um menininho, que eu queria um menino na época, aí depois já, eu fiquei sabendo que era uma menina, e fiquei feliz também, vindo com saúde tá bom, mas eu tinha pra mim que era um, um menino (Maria Clara – mãe)”

A expectativa de Maria Clara ao nascer Elisa foi de que ela seria semelhante à irmã, referindo-se ao corpo físico. Elisa foi vista com uma fragilidade maior por nascer mais magrinha do que a irmã. Novamente foi um susto, e Elisa foi percebida pela mãe como tão frágil que talvez não conseguisse sobreviver.

“Já a Elisa eu me assustei também, porque como a Maria Elena nasceu bem gordinha, bem assim, a Elisa já nasceu magrinha, tão magrelinha na época, que ela nasceu com dois quilos e pouquinho, nasceu no tempo certo, mas nasceu completamente diferente da irmã dela, que eu olhava assim e falava meu Deus essa menina não vai pra frente, de verdade, porque uma nasceu bem forte, já a outra completamente diferente uma da outra (Maria Clara – mãe)”

Na terceira gestação, Maria Clara conseguiu realizar seu desejo de ser mãe de um menino, Daniel. Percebe-se que as vivências de Maria Clara referentes às três gestações foram

muito diferentes. A primeira foi vivida como um momento muito difícil, um susto e acompanhada de problemas de saúde. A segunda gravidez, da filha Elisa, apesar de algumas dificuldades também no início da gestação, posteriormente foi uma gravidez mais tranquila. Já a terceira, do filho Daniel, foi uma experiência completamente diferente das outras, não apresentando problemas de saúde e sendo vivida como uma “benção de Deus”.

“E do Daniel graças a Deus eu não tive nada, nem enjoô, nada, nada, nada, foi uma benção a gravidez, foi totalmente diferente das meninas, bem diferente (Maria Clara – mãe)”

Maria Clara relatou que a experiência de ter o filho Daniel foi vivida com muita felicidade, e entende que isto aconteceu em grande parte pelo planejamento. Percebe-se que as condições de concepção e nascimento do Daniel proporcionaram um ambiente de confiança e segurança que permitiram que a mãe pudesse de fato vivenciar seu papel enquanto figura materna, exercendo as devidas funções relacionadas a ela. Outro aspecto importante é o fato do filho ter sido um menino conforme o desejado pelos pais. Quando Maria Clara menciona que gostaria de ser para o Daniel a mãe que não foi para as primeiras filhas, declara que realmente não exerceu as funções maternas que foram ocupadas pela avó.

“Dentro assim de mim eu já sabia que ia ser um menininho, ele foi bem mais tranquilo porque foi uma coisa planejada, a gente planejou, eu e o pai dele a gente já queria, então eu já tinha mais consciência, não, é isso que eu quero, aí foi muito mais tranquilo do que o das meninas, o das meninas eu era muito nova, foi um susto, nem imaginava, então dele já foi tudo bem mais, mais tranquilo (Maria Clara – mãe)”

“Foi, felicidade, só felicidade. Como você, eu acredito assim, quando você não tem experiência nenhuma e você se engravida sem estabilidade nenhuma e sem esperar aquilo, é completamente diferente do que quando você planeja. Então quando você planeja uma coisa, você tem e é só alegria, quando você tem um filho, sem o planejamento, é uma alegria também, porque é um filho, mas você fica completamente perdida. Então tem essa diferença. Hoje, do Daniel, eu sabia que eu queria ser mãe, a mãe que eu não fui pra elas, então, tudo tem sido diferente, desde o momento que eu engravidei até hoje (Maria Clara – mãe)”

Com o filho, Maria Clara teve outra experiência, podendo aproveitar os momentos com o filho, sem trabalhar, permitindo-se exercer a maternidade. Observa-se que a possibilidade de perder o emprego após a licença, devido a ter engravidado, não a incomodou ou preocupou, pois se sente segura com a relação conjugal e isso também contribui para que continue exercendo as funções maternas. Verifica-se que no caso de Daniel, é com João Carlos que Maria Clara procura estabelecer alianças, ao contrário da aliança estabelecida com

Chica no nascimento das duas filhas, desejando trabalhar com o pai e se organizar com o apoio dele para continuar próxima do filho, ressaltando-se mais uma vez a questão edípica no relacionamento que Maria Clara estabelece com seu pai.

“E o Daniel já foi diferente, porque, é, eu tive esse tempo aí, de licença maternidade, então deu pra mim curtir ele agora, até os cinco meses, agora eu voltei a trabalhar, mas também assim, eu ainda saio uma hora mais cedo durante um mês, e num ponto, tá aí que provavelmente eu vou perder o trabalho, mas no outro ponto eu tô feliz porque eu vou poder ficar um pouco mais com ele. Eu penso em trabalhar junto com o meu pai, nesse caso, tipo ficar como autônoma, que daí dá pra fazer os meus horários e acompanhar ele muito mais (Maria Clara – mãe)”.

4.5.1.3 NA PERSPECTIVA DO PAI BIOLÓGICO DAS MENINAS

Maria Clara relatou as dificuldades no relacionamento com o pai biológico das filhas e refere que quando o parceiro descobriu a gravidez de Maria Elena, passou todos os bens para o nome da filha mais velha, pois ele tinha outra família e provavelmente não queria dividir suas posses com a nova filha. Embora registrasse Maria Elena, não adotou uma postura paterna com a filha. Na realidade, a condição que Maria Clara ocupava na vida do pai biológico, de um relacionamento extraconjugal, talvez tenha sido um fator que contribuiu para a fragilidade dos vínculos na conjugalidade e na parentalidade.

“Foi sempre bem difícil. É, era um relacionamento assim um pouco complicado, a gente nunca chegou a morar junto, ele tem uma outra família, entendeu, então assim quando eu fiquei grávida, o procedimento dele foi, assim, ele tem uma casa lá com a família dele, ele passou essa casa pro nome da filha dele mais velha, provavelmente com medo da minha filha, da Maria Elena, ter alguma coisa, enfim. E aí ele, teve que contar pra família dele que, a Maria Elena, tava vindo por aí. Então assim, as filhas dele, tudo, elas vem hoje, a esposa dele vem, desde o começo, desde quando ela nasceu, veio, conheceu, é, ele registrou, só que assim nunca foi aquele pai presente (Maria Clara – mãe)”

Diante dessa postura do companheiro, Maria Clara decidiu romper a relação, mudar-se de cidade e reconstruir sua vida. Voltou a morar com os pais, porém, descobriu que estava grávida de Elisa, e como descobriu a gravidez após o rompimento, o pai biológico alegou dúvidas quanto à paternidade da segunda filha. Acompanhou-a no médico algumas vezes e registrou a criança, porém não teve papel atuante após o nascimento. Com o passar do tempo, o pai biológico das meninas foi se afastando cada vez, não tendo sido presente enquanto função paterna em qualquer circunstância na vida das crianças.

“E aí então eu, voltei embora pra cá, comecei a trabalhar, e eu descobri que eu tava grávida da Elisa. Desde isso a gente nunca mais teve nada, é, mas ele ainda ficou próximo. No período que ela tava grávida ele vinha, me levava no médico, não sei que, ele levava pra casa dele, quando a menina nasceu a minha mãe avisou, ele veio, viu, registrou, e parou por aí. E hoje ele vem uma vez por ano. Vê elas. Como eu vim embora pra cá, sempre teve uma grande diferença da Maria Elena pra Elisa. Ele gosta muito da, Maria Elena, mas a Elisa ele tinha dúvida que seria filha dele, porque eu descobri quando eu já tinha vindo embora pra cá. (Maria Clara – mãe)”

4.5.1.4 NA PERSPECTIVA DO PADRASTO DAS MENINAS E PAI DO MENINO

O pai Edú proporcionou outra experiência para a vivência de maternidade de Maria Clara, conforme apontado acima. Maria Clara desejava exercer o papel materno e Edú, o paterno, visando suprir a falta do filho Danilo, fruto de seu relacionamento anterior. Isto se reflete na escolha do nome de Daniel, que foi muito parecido com o nome do primeiro filho de Edú, lembrando e buscando reproduzir uma vivência paterna em que de fato conseguisse ser atuante e presente. Edú também tinha a intenção de realizar Maria Clara inclusive no seu desejo quanto ao sexo do bebê, já que era sua expectativa desde a gravidez de Elisa. Tanto Edú quanto Maria Clara não puderam exercer de forma efetiva a parentalidade na vida dos primeiros filhos anteriores, o que vem se concretizando com Daniel.

“Do Daniel, foi, na verdade a gente planejou né, ela falava que queria ter um menino, aí a gente começou, com três meses que a gente já tava junto ela já engravidou, aí quando soube que ela tava grávida aí, ela ficou na expectativa do que iria ser, até eu falei pra ela o minha fia, eu fiz um menino (risos). Foi um menino que eu fiz. Aí nós começou a planejar, caçar nome, depois de fazer a, aonde, dá o, a ultrassom lá que... Que vê né o sexo. (...) O médico já tinha visto lá o, ele viu um negocinho lá um saquinho lá mas pode ser uma, mas era um saquinho mesmo. Aí nós começou a caçar o nome dele, aí o nome dele nós colocou como, parecido com o nome do outro filho que eu tenho. Se chama Danilo. Aí nós ficou lá, preparando tudo pra vinda dele, foi tudo como Deus planejou e a gente também (Edú – pai)”

4.5.1.5 ESCOLHA DOS NOMES DAS CRIANÇAS

Nessa categoria, verificamos uma similaridade nos nomes escolhidos para as crianças. O nome da filha Maria Elena foi escolhido em conjunto pela mãe o pai biológico. Consistiu em um conjunto, formado por questões emocionais de cada um dos pais; Maria Clara queria ter algo de seu na filha, tendo talvez uma das únicas oportunidades de criar algo de

identificação e que unisse ambas, enquanto o pai biológico tinha um afeto especial pela avó, desejando reproduzir com a filha este tipo de relação.

Já o nome de Elisa não teve a participação do seu pai, visto que conforme expôs Maria Clara ele inclusive duvidou acerca da paternidade dessa filha. A escolha foi realizada por Maria Clara e seu pai, demonstrando mais uma vez o vínculo entre eles. Com esta filha, o nome não remeteu aos pais, e sim ao nome da irmã, pois Elisa foi o nome escolhido para combinar com Elena, ambos os nomes começando da mesma forma. Os nomes tão parecidos refletem também certa indiferenciação no exercício das funções nessa família, entre quem é mãe e quem é filha, quem executa cada função e como funciona a dinâmica familiar.

“A Maria Elena eu escolhi junto com o pai dela. O pai dela tinha uma avó que chamava Elena, e ele tinha assim, a família por parte de pai dele, eles eram italianos, legítimos, então ele disse que chamava ela de nona, entendeu, é, aí ele tinha assim um carinho muito grande por ela, apesar dela já ter falecido, e eu queria colocar Maria alguma coisa pra ser parecido com o meu nome, e aí ele queria colocar Elena, e aí foi onde falou, eu falei então fica Maria Elena, porque ele queria Elena mas eu queria alguma coisa com Maria, então, ficou Maria Elena (...) Já da Elisa, eu queria parecido com o a da Maria Elena pra combinar, só que eu num, num sabia assim, eu falei ah, eu fiquei em dúvida, e aí um dia eu cheguei no meu pai e falei pai, que nome que eu coloco? Aí ele falou assim porque que você não coloca Elisa, eu acho bonito. Eu falei pronto, então vai ficar Maria Elena e Elisa. Aí pra não ficar só Elisa eu coloquei Elisa Fernanda. Então, foi por isso (risos). Que eu queria mesmo os dois iguais, quase iguais né (Maria Clara – mãe)”

A escolha do nome de Daniel também teve relação com o significado simbólico de seu nascimento na vida dos pais, conforme foi apontado anteriormente. Ambos, Maria Clara e Edú, tinham o desejo de ter outro filho, e ressalta-se o desejo em especial pelo sexo masculino. Para Maria Clara, era uma oportunidade de recuperar seu papel materno. Além disso, como Edú também queria um filho, percebemos que Maria Clara também queria presentear o marido com seu filho desta vez, ao invés de oferecê-lo à sua mãe.

Edú tinha estabelecido uma relação muito intensa com o filho Danilo, tendo aceitado continuar em um relacionamento amoroso que não lhe proporcionava satisfação para exercer as funções paternas. No entanto, após a separação e a mãe ter levado o filho embora, a falta da convivência com seu primeiro filho deixou um vazio para o pai, e o significado de também querer um filho homem assim como Maria Clara foi uma tentativa de reviver e de alguma forma se aproximar do relacionamento paternal que estabeleceu com o primeiro filho.

“Com certeza ele também sentia falta (do primeiro filho). Não que o Daniel de maneira alguma vai preencher né, o lugar do outro, mas é, eu acredito que você tá acostumado ali com um bebezinho então você sente falta né. (...)De certa forma um queria o outro também, porque sentia falta, eu via que ele sentia falta do nenê, e a gente planejou, então foi e tudo aconteceu (Maria Clara – mãe).”

Com o primeiro filho, Edú cumpriu o único papel parental que foi permitido pela ex-mulher, pagando a pensão de forma regular. No entanto, até mesmo por enfatizar como continua ajudando o outro da forma como é possível, verifica-se um sentimento de culpa pela ausência emocional na vida de Danilo e que sente muita tristeza por não tê-lo por perto. Neste sentido, Maria Clara e Edú se identificam, ambos tentando fornecer condições financeiras favoráveis aos primeiros filhos, no entanto, impedidos de estarem emocionalmente presentes enquanto pais.

“Mas nunca deixei de ajudar o outro não viu (Edú – pai)”

Desta forma, o nome de Daniel conferiu um lugar para o psiquismo dos pais, representando a possibilidade de resgate das perdas das funções vividas com os filhos anteriores. Edú escolheu um nome muito próximo ao de seu filho mais velho, representando uma ligação emocional entre os filhos. Assim, o lugar ocupado por Daniel está relacionado à possibilidade de resgate das funções parentais para Edú e Maria Clara.

“A gente acabou, entrando num acordo, se fosse menina eu escolheria o nome e se fosse menino ele escolheria. E ele escolheu um nome parecido, tão parecido que até hoje, olha, outro dia eu disse assim que se fosse, se eu pudesse eu mudaria o nome dele. Porque ninguém chama ele de Daniel. Todo mundo chama ele pelo nome do irmão. A gente não, não batiza, porque como a gente é evangélico a gente não batiza, mas a gente faz uma apresentação da criança. E na hora da oração, o pastor me chama ele de Danilo. Meu Deus, tem misericórdia. Então assim, foi muito parecido mesmo. Sem o pastor saber. O pastor nem sabia que o Danilo existia. (Maria Clara – mãe)”

“Eu queria, colocar um nome que combinasse com o primeiro sabe, tipo, tudo com D. Nós caçou bastante nome (...), mas o que eu mais gostei foi Daniel (Edú – pai)”

4.6.1 PORQUE OS AVÓS ASSUMIRAM A CRIAÇÃO DAS NETAS

Nesta categoria são abordados os motivos pelos quais os avós assumiram as principais funções de cuidado em relação às netas, tanto na perspectiva dos avós, quanto na perspectiva da mãe das crianças.

4.6.1.1 NA PERSPECTIVA DOS AVÓS

Um dos primeiros aspectos apontados pelos avós referiu-se à necessidade financeira, justificada devido a ausência e a falta de apoio do pai biológico e a consequente obrigação de Maria Clara ter que trabalhar para contribuir financeiramente com a família. Assim, a avó que já não trabalhava em razão de uma doença contraída antes do nascimento das netas poderia exercer os cuidados básicos com as crianças. Todos estes fatores culminaram para que os avós assumissem a criação e cuidados com as netas.

No entanto, não foram somente estes fatores que levaram os avós e a mãe Maria Clara a constituírem a dinâmica familiar desta forma. Ao longo das entrevistas, foi possível delinear outros fatores emocionais que definiram essa organização. Chica aponta o seu medo e o apego que desenvolveu com as netas, já que a vinda das mesmas transformou sua vida diante do impacto que a separação dos filhos, Marcos e Marcelo, causou na vida dos avós, conforme será indicado adiante. Devido ao tipo de vínculo estabelecido entre Chica e João Carlos com os filhos, eles puderam reproduzir na relação com as netas as vivências que tiveram anteriormente com seus filhos.

“Porque na verdade das duas eu, acho que eu, não sei se foi medo, mais medo meu ou, ou se foi um apego mesmo que eu tive, que eu já peguei da maternidade e já quis cuidar (Chica – avó)”

No caso de Elisa, o processo foi diferente. Enquanto a avó “gestou” e escolheu a neta mais velha, com Elisa ela afirmou que a criação foi principalmente devido à necessidade de que Maria Clara pudesse continuar com o emprego, suprimindo as necessidades financeiras da família. Embora Chica apontasse questões emocionais anteriormente, há uma diferença na relação que Chica estabeleceu com as netas estando muito mais vinculada emocionalmente com a mais velha.

“Não, não foi, não peguei e fui cuidando, mas eu, na verdade eu tive que ficar cuidando por causa disso, porque a Maria Clara foi trabalhar na casa dessa família e, que ela trabalhava de babá, e me deixou a Elisa acho que ela tinha uns, um mês, dois mês (Chica – avó)”

Em seu discurso, o avô não demonstrou preocupação com componentes emocionais, ao contrário, para ele, o cuidado das netas apareceu como algo previsível, acreditando ser natural que os avós assumam os cuidados dos netos devido à necessidade dos pais em trabalhar. A questão da creche nem é levada em consideração como uma questão relevante, pois para João Carlos é muito melhor que as crianças fiquem com os avós do que na creche, caso os avós aceitem cuidar dos netos.

“Então imaginar isso aí sem dúvida né, porque qualquer, qualquer avó imagina né, desde que a pessoa tem que trabalhar, se não quer por em berçário nem nada... (João Carlos – avô)”

4.6.1.2 NA PERSPECTIVA DA MÃE

Maria Clara relatou como se sentiu sozinha no nascimento da filha Maria Elena, devido à ausência do pai biológico no cuidado da filha e possivelmente, como apoio para que pudesse exercer a maternidade. Demonstrou que o relacionamento com o companheiro não atendeu as suas expectativas, apesar do fato de que ele tinha outra família. Com o nascimento de Maria Elena, exigiu que trabalhasse para ele ao invés de oferecer o sustento financeiro. Ou seja, as circunstâncias vividas por Maria Clara no nascimento de Maria Elena foram muito desfavoráveis para que pudesse assumir a função materna e para que tivesse condições de estabelecer uma separação de Maria Elena e Chica desde o início. Precisou assumir as funções paternas no sentido de buscar o sustento da filha, impedindo-a de se dedicar de forma mais presente no cotidiano da filha.

“Quando ela nasceu, ele era dono de uma granja de porco, ele era sócio junto com um outro amigo nosso, quando ela nasceu ele, eu deixei ela já com cinco meses com a minha mãe, a Maria Elena, pra mim poder trabalhar, eu trabalhava pra ele na granja, e ele me pagava então um salário por mês, porque depois que eu engravidei foi muito diferente, ele dizia que não dava nada de graça pra ninguém porque tudo que vem de graça a gente não sabia dar valor. Então eu tinha que deixar a menina, que era filha dele, com a minha mãe e ir trabalhar (Maria Clara – mãe)”

Maria Clara evidenciou em seu discurso que a decepção no relacionamento com o companheiro e sua decisão em romper a relação levou-a a viver uma situação de crise e de reorganização, que incluiu a mudança de cidade e o retorno para a casa dos pais. No entanto, após ter utilizado suas energias psíquicas para elaborar essa experiência, descobriu que estava grávida de Elisa, o que lhe exigiu uma nova reorganização. A presença de seu pai nesse momento de vida foi muito importante, auxiliando-a nos momentos da gestação e fornecendo o apoio financeiro que o pai das meninas não supria, demonstrando mais uma vez a aliança e relação de proximidade entre Maria Clara e seu pai.

“E da Elisa já, eu não queria mais aquela vida pra mim, achava que já não tava bom, foi quando eu vim embora pra cá, falei pra ele que não dava mais, fui embora, e quando eu cheguei aqui eu comecei a trabalhar já, cheguei no mês de dezembro, consegui um trabalho no centro, logo que eu cheguei, e com um mês que eu tava trabalhando eu descobri que eu tava grávida, foi onde eu perdi o emprego, porque eles não quiseram me segurar, porque eu já tava grávida, foi bem difícil, meu pai me ajudou

demais. (...) Eu nunca mais quis ficar com o pai delas, mas mesmo assim na gravidez ele ainda vinha, ele acompanhou também a gravidez da Elisa, quando eu tinha que ir em médico ele vinha, ele me levava pra fazer ultrassom, ele me levava, não pagava, mas ele levava. Quem pagava as ultrassom era o meu pai (...). Quando a menina nasceu ele veio, viu, registrou, e, no comecinho até quando elas tinham acho que uns dois aninhos ele ainda vinha com mais frequência. Mas aí depois disso hoje ele vem a cada um ano, pode-se dizer que um ano, se menos uns oito meses, é onde ele aparece pra ver, entendeu. Isso é o presente (Maria Clara – mãe)”

Assim, diante dessa situação de crise na gestação das filhas, Maria Clara demonstrou que percebeu as diferenças na gestação de Daniel e apontou a importância do planejamento, da estabilidade, da presença do parceiro e desejo deste para o nascimento, e como esses aspectos influenciaram de forma significativa nessa busca de finalmente conseguir desempenhar a função materna. Com isso, sente que pode ser a mãe de Daniel, ao contrário das filhas, que até pouco tempo atrás nem a chamavam de “mãe”.

*“O primeiro é que não foi planejado, nenhuma das duas, certo (diferenças entre as experiências com a maternidade). Segundo é que eu **não pude** ser pra elas a mãe que eu queria ter sido. Então assim, pra ele, eu determinei, eu vou ser a mãe dele. Porque das meninas, é, hoje elas me chamam de mãe, até uns três anos atrás não chamavam. Me chamavam por nome e a minha mãe sempre foi a mãe delas. Da Maria Elena principalmente. Até hoje, infelizmente tem uma diferencinha aí. Não que hoje elas, me chamam de mãe, mas, principalmente da Maria Elena a consideração eu ainda vejo que, falta um pouquinho. Então tem essa diferença, grande (Maria Clara – mãe)”*

Vale ressaltar o uso da expressão “não pude” ser a mãe que eu queria ter sido, ao invés de “eu não quis” ser a mãe. Esse lapso de linguagem indica o quanto Maria Clara não se sentia autorizada a ser mãe, pois tinha um compromisso em auxiliar e preencher o vazio de sua própria mãe, a avó Chica. Somando-se a isso todas as dificuldades no relacionamento e práticas vividas nas duas gravidezes, percebemos certo ressentimento em seu discurso por perceber que sua ausência enquanto mãe e a presença intensa de Chica nessa função trouxeram consequências em sua relação com as filhas, em especial com Maria Elena, apontando inicialmente uma “diferencinha”, porém acrescentando logo em seguida que na realidade existe uma grande diferença.

A ambivalência emocional de Maria Clara em relação a ter deixado as filhas sob os cuidados de Chica é muito grande, visto que ao mesmo tempo em que se entristecia por não exercer esses cuidados, também percebia como o zelo e amor demonstrado pela mãe Chica eram intensos com as netas, de forma que até mencionar esses sentimentos de tristeza podiam soar como ingratidão.

Percebemos que diante da impossibilidade de assumir a função materna acabou assumindo a função paterna, no sentido de procurar auxiliar seu pai João Carlos a prover as necessidades básicas e financeiras da família, já que não tinha apoio do pai biológico das meninas.

“Eu ficava um pouco triste. E ao mesmo tempo não, porque assim, a minha mãe, graças a Deus, sempre foi uma mãezona pra elas, sempre fez de tudo, fez o que ela pode, eu agradeço muito, e eu também não pude ser a mãe que eu queria ser porque eu sempre tive que trabalhar, então eu deixei a Maria Elena com a minha mãe, pra começar a trabalhar ela tinha uns cinco meses. A Elisa já foi bem menos, a Elisa acho que tinha uns dois meses. Eu passando apertado, o pai dela não me ajudava (Maria Clara – mãe)”.

4.7.1 ASPECTOS TRANSGERACIONAIS

Nesta categoria serão apontados dados referentes à história dos integrantes da família que permitem verificar como as experiências vividas pela família na atualidade têm reflexos de aspectos transgeracionais, influenciando nas atitudes e formas de relacionamento de cada membro familiar da geração atual.

4.7.1.1 RELAÇÃO DOS AVÓS COM SEUS PAIS

A relação de Chica com o seu pai foi muito distante, não criaram um vínculo emocional de muita aproximação, sendo uma figura ausente das ocupações familiares, participando somente no aspecto financeiro. Já com sua mãe, Chica desenvolveu uma relação afetiva e emocional muito intensa, relatando ter tido uma “ligação muito grande” com a mesma durante toda a sua vida, e que mesmo com a sua morte é muito difícil lidar com a separação da mãe. Estes aspectos assemelham-se ao funcionamento familiar estabelecido atualmente, em que João Carlos possui uma postura pouco ativa nos relacionamentos familiares e Chica estabelece um vínculo muito forte com os filhos e as netas, tendo a mesma dificuldade de separação com eles que sempre teve com sua mãe. Para Chica, amor, vínculo, ligação, representam uma união muito intensa, não ficando discriminados os lugares e posições de cada componente familiar, já que o pai não promoveu essa separação e possibilidade de triangulação na relação entre Chica e sua mãe, e também não existiu outro membro da família que fizesse isso. Possivelmente a mãe de Chica também tinha uma

dificuldade grande em estabelecer essa separação, já que para Chica isto sempre se constituiu em uma dificuldade vivenciada até hoje.

“Olha eu tinha uma, uma, uma ligação muito grande com a minha mãe. Meu pai não. Meu pai, num tive muita, muita convivência com o meu pai. Mas a minha mãe é, ela ia pro sítio eu ia junto, onde ela tava eu tava junto (...), mas eu não tinha uma boa convivência com ele. Talvez porque trabalhasse né, chegasse só, ele saía de madrugada, chegava de tarde. (...) Mas a minha mãe eu senti muito. Minha mãe, toda a vida a separação da minha mãe foi muito difícil pra mim. Mesmo casado, ou sem casado, do jeito que fosse, mesmo depois de mais velha eu ainda achei muita falta. Já do meu pai não (Chica – avó)”

Outro aspecto importante é que no nascimento de Maria Clara, Chica perdeu a sua mãe, de forma que passou por um processo de tristeza intenso, influenciando na relação de ambas. Conforme aponta Maria Clara, a mãe sempre foi vista como uma pessoa que estava doente, depressiva, e Maria Clara sempre tentou compensá-la estando sempre próxima e tentando diminuir o vazio e tristeza vivenciados pela mãe desde que ela nasceu.

“Eu tinha tido a Maria Clara. Foi em noventa. E, aí ela, ela ficou quinze dia internada, em coma, quando eu fui eu cheguei, eu num tava, eu morava em Piraju, quando eu cheguei, cheguei num dia no outro dia ela morreu (Chica – avó)”

A questão de exercer a função materna com crianças que não fossem seus filhos biológicos já havia ocorrido anteriormente. Chica já havia cuidado de seus sobrinhos. Demonstrou o prazer que a vitalidade das crianças proporciona e como gostou de se ocupar com o exercício da função materna.

“Porque uma criança ela trás alegria, ela trás um bem-estar muito grande, não é dizer que, ah, eu sempre gostei muito de criança, ajudei a minha irmã também a criar os dela, que hoje são tudo casado, tudo velho já, já tem até netos, então, acho que num foi, perdido não. Pra mim foi ótimo ter feito isso. Não me arrependo não (Chica – avó)”

João Carlos não aprofundou o tipo de relacionamento que teve com seus pais, apenas relatando a educação rígida vivenciada. Em seu relato, demonstrou que as crianças não eram consideradas naquela época, não podendo conversar muito com os pais, trabalhando desde muito novo, sendo punido com agressão física quando desobedecia.

“Ah, eu vou falar pro cê, antigamente não era nada fácil né, então apanhar, apanhava de acordo né. Esse daí num tinha pra onde correr né. Não tinha uma pessoa às vezes conversando, e quando tinha duas pessoas mais, mais velha conversando, num podia nem passar perto né, na faixa de sete, oito anos mais ou menos já estudava, já ia pra, depois do almoço já ia pra, levar o almoço e já ficava na

roça né, e eu tive uma infância até boa, fala pro cê não, embora que eu apanhei muito, pra mim serviu né, porque, é uma educação né, então aprendi muito com isso daí. Então pra mim eu num, tenho do que reclamar. Que deu, meu pai morreu em 76, minha mãe morreu agora uns dez anos pra trás, mas a convivência minha com, com a minha família, com meus irmão, foi tudo bem, num tenho que reclamar não (João Carlos – avô)”

O avô também criticou a impossibilidade de reagir da mesma forma que os pais, com correções por meio da agressão física e ensino do trabalho desde cedo para as crianças, devido as exigências de leis atuais. No entanto, demonstrou uma postura ambivalente, pois ao mesmo tempo em que agradeceu a educação fornecida pelos pais e desejou que pudesse ser realizada da mesma forma na atualidade, em sua relação com as netas faz exatamente o contrário, fornecendo a elas aquilo que desejava (“não tinha uma pessoa às vezes conversando”), uma relação mais afetuosa, com conversas ao invés de imposições verbais e físicas. Diferente do caso de Chica, que reproduziu a forma com que a mãe cuidava dos filhos na relação com seus próprios filhos e netos, João Carlos adotou uma postura mais carinhosa e passiva. Sua repetição consistiu na relação enquanto casal estabelecida com Chica, já que da mesma forma que era submisso a ordens rígidas vindas dos pais, sem poder questionar, também permite que Chica tome decisões e posturas sem a sua opinião.

“Em vista do que você vê hoje, hoje é terrível né, porque você não pode corrigir, hoje você num pode fazer nada que favorece, num pode ensinar a criança a trabalhar, num pode ensinar a fazer nada que, antigamente não, antigamente cê podia ensinar (João Carlos – avô)”

4.7.1.2 HISTÓRICO DE RELACIONAMENTOS DOS AVÓS

Chica teve dificuldades para engravidar, e realizou tratamento por um período de quatro anos até a gravidez de Marcos, seu primeiro filho. Desejou muito a criança e depois teve mais dois filhos, Marcelo e Maria Clara. Os dois primeiros filhos foram fruto de seu primeiro relacionamento, e Chica relata como o pai não assumiu as responsabilidades paternas e não se posicionou no lar, exigindo que ela fizesse tudo para o sustento e educação dos filhos. Cabe ressaltar que assumiu esta função em especial com os dois filhos, e nesses casos nos parece que não houve uma figura terceira, tal como o pai, que promovesse uma separação entre ela e os filhos.

Após conhecer João Carlos decide se separar do primeiro marido e apesar do novo parceiro não ter uma postura ativa e não exercer uma função diferenciadora, trabalhava e apoiava-a emocionalmente, deixando que gerisse o lar. João Carlos assumiu os filhos de

Chica, que tiveram o pai biológico ausente por quase toda a vida, e juntos tiveram mais uma filha, Maria Clara.

“Ah, o Marcos eu quis muito viu Carol, porque eu, eu não podia ter filhos né, aí foi um tratamento que eu fiz e acabei engravidando. Depois de quatro anos engravidei do Marcelo. (...) Mas, foi normal, a única coisa é que foi muito difícil porque o pai deles num, num assumiu né, é, eu era casada tudo, mas num assumiu não. Ele preferiu sumir né, não assumir (risos). Então, aí depois eu conheci o João Carlos, o Marcelo tava com um ano, aí eu vim embora. Larguei ele pra lá, logo depois (...). O Marcos tinha quatro anos e o Marcelo tinha um ano. Aí vim embora, nunca mais voltei pra lá, voltei quando eles tava com, tinha acho que uns cinco anos mais ou menos, mas levei pra ele ver tudo, sabe, aí eu já tinha divorciado no papel também, levei tudo os papel pra ele, depois logo ele morreu também num, as crianças num chegou a ter mais contato muito com ele não (Chica – avó)⁹”

João Carlos teve outro relacionamento anterior com Olga, tendo tido um filho fruto desta relação. No entanto, a relação entre João Carlos e esse filho foi interrompida, pois Olga levou-o embora e deixou João Carlos sem contato, de forma que eles nunca mais se encontraram.

“A mãe desapareceu, num sei nem pra onde é que foi, nós se separamo né, ela de medo de eu levar o menino, morava numa casa, ela mudou pra outro lugar, nunca mais consegui ver. Num sei nem pra onde que foi, que ela tinha um medo de eu levar o menino embora né, eu falei pra ela: não eu não quero. (...) Morava em São Paulo, quando eu larguei eu mudei pra Santana, aí ficou bem longe né, então no final de semana eu ia lá e pegava o menino pra, pra levar pra casa, pra passar o dia junto. Ela de medo ela mandava a menina dela junto também, a menina pequenininha (João Carlos – avó)”

Olga tinha um medo de que Chica pegasse seu filho e não o devolvesse, chegando ao extremo de fugir com a criança e deixando João Carlos sem contatos com o filho. Chica tentou amenizar, dizendo que não tinha nenhum perigo e explicou isso a Olga, que jamais pegaria um filho que não fosse seu. Através do presente estudo não podemos nos aprofundar nessa questão, porém, é possível perceber que Chica tinha uma postura de cuidados com a criança.

“Eu cansei de falar pra ela Olga, eu não vou levar o seu filho embora, não é a minha intenção (...). Sempre tratei bem viu Carol, não tenha dúvida disso, mas eu falava pra ela: não precisa se preocupar não, que eu não vou levar seu filho embora não, eu acho que do mesmo jeito que eu não gostaria que levasse os meu, ah, não era a mesma coisa, a dor não era mesma? Só que era dela, o filho era dela, e o filho era meu, então eu não podia fazer uma coisa dessas. (...) Mas ela tinha um medo. Mas sempre entreguei na hora certa, sabe, ela deixava ir, aí às vezes eu mesma que ia levar, né, bem, na casa

⁹ Chica não faz comentário a respeito de sua gestação da filha Maria Clara.

dela, não tinha nada não (...). Cuidei bem, o menino tinha bronquite, às vezes precisa levar no pronto-socorro, até no pronto-socorro cheguei a levar, mas num, nunca mais vi também o menino (Chica – avó)”

4.7.1.3 RELACIONAMENTOS DOS AVÓS COM SEUS FILHOS

Chica teve três filhos, Marcos e Marcelo, fruto do primeiro casamento, e Maria Clara, fruto do relacionamento com João Carlos. Discriminaremos agora as vivências dos avós e as relações estabelecidas com cada filho, mas verifica-se que em geral o mundo externo é visto como ameaçador, pois pode gerar uma separação da relação simbiótica estabelecida com os pais, bem como o crescimento dos filhos, que gera independência e afastamento.

O filho mais velho, Marcos, é casado e possui quatro filhos. Após o casamento, afastou-se dos pais, visita-os com pouca frequência. No entanto, Maria Clara aponta como Marcos já vinha demonstrando desejo de independência e autonomia em relação à família ao se tornar adolescente, com aproximação de amigos e escolhas que a família considerava inadequadas, como fumar por exemplo. Aos dezoito anos, Marcos quis sair de casa, mas Chica não permitiu, dizendo que só se tornaria realmente maior de idade aos vinte e um anos. E assim que completou esta idade, acabou se casando, e talvez esse tenha sido o modo que encontrou para separar-se da família.

“A primeira vez que ela(Chica) se magoou foi numa reunião que teve se eu não me engano no projeto (...), perguntaram pra ele o que era família pra ele, e ele disse que família era os amigos. É, as pessoas, enfim, deixou bem claro que era as pessoas de fora, e não o pai e uma mãe. (Maria Clara - mãe)

Por a minha mãe ser muito rígida, um dia ele falou pra ela que não via a hora dele ter dezoito anos pra ele sair fora de casa. E ela disse assim pra ele, que com dezoito ele não sairia, que ele só sairia com vinte e um, porque homem só é maior de idade com vinte e um anos. E, assim que ele fez vinte e um anos ele casou e, e não quis nem saber. Hoje ele se arrepende muito, porque casou também meio que de qualquer jeito, casou com uma pessoa que talvez não era muito certa, faz dez anos que tá levando o casamento, mas levando daquele jeito. Empurrando com a barriga por causa dos filhos hoje(...), foi bem tranquila a relação dos dois até onde ele quis começar a criar asa de jovem, né, de eu sou dono do meu nariz. (Maria Clara – mãe)”

Maria Clara também relata que Marcos utilizou-se de um trecho da Bíblia que menciona que é preciso separar-se do pai e da mãe e constituir sua própria família, como argumento para o afastamento dos pais. No entanto, apesar do afastamento, Maria Clara relata

que Chica continuou tentando se manter próxima do filho, contribuindo financeiramente com a sua família sem que João Carlos soubesse, já que ele considerava que o filho deveria criar responsabilidades com sua própria família. Percebemos uma mágoa de Maria Clara, no sentido de que sempre foi cobrada e julgada por receber a ajuda dos pais na criação das netas, porém, a mãe também mantinha a família de Marcos em segredo, e por isso, o irmão não recebeu o mesmo tipo de julgamento.

“Ele casou, aí também ele já não considera a nossa família família dele, porque ele se, ele se coisa naquela passagem da bíblia que fala que deixa teu pai e a sua mãe e constitui uma nova família, que aí o pai e a mãe já não é mais família. (...) Quando vem as dificuldades era aqui em casa que ele batia. É, e o meu pai sempre pegando no pé da minha mãe porque ele tinha que aprender a ter responsabilidade, pegou o dinheiro, primeiro a casa, então assim eles não faziam uma compra boa e isso e aquilo e gastava todo o dinheiro, e a minha mãe muitas vezes escondido, tirou compra daqui de dentro de casa pra manter a casa dele. Entendeu. É, e aí ela tirava escondido porque ela sabia que o meu pai ia ficar bravo. Porque ele tava se matando de trabalhar já pra sustentar nós, e as minhas filhas, e, e ela ainda tirava. (...) E de certa forma, eu digo assim, que ele não trouxe, mas mesmo sem meu pai saber ele tava ajudando, porque ela tirava pra mandar, só que ninguém sabe. Por muitas vezes aconteceu. Entendeu, então não era uma coisa visível como no meu caso, que todo mundo via, mas é, acho que o pior é isso, você sabe que acontece praticamente a mesma coisa, mas outra pessoa ainda sai por, por boa porque, num trouxe assim visivelmente né. (Maria Clara – mãe)”

Chica considera que Mirela teve uma influência negativa sobre o comportamento de Marcos, afastando-o da família. Utilizou a expressão “como se eu fosse uma estranha”, e podemos considerar que o estranha é no sentido de não se sentir igual, não se sentir pertencendo àquele grupo familiar formado por Marcos e Mirela. Chica se ressentiu pelo fato de Marcos, em sua opinião, deixar que Mirela o controle, não se impondo e tomando uma atitude com a esposa e aproximar-se novamente da família.

Percebe-se que Marcos escolheu uma esposa que possui, segundo a apresentação feita por Chica, os mesmos comportamentos da mãe, no sentido de impor opiniões e preservar a aproximação entre o casal e os filhos, impedindo a interferência do ambiente externo (no caso, os avós e demais familiares), demonstrando uma postura mais passiva nessa relação com a esposa.

“Mas olha, toda festa, é dia das mães, é tudo, o Marcos sabe aonde vai, pra sogra. Isso, depois que ele casou, ele só tem a sogra. (...) A Mirela é uma pessoa que ela, ela não é, ela nunca, gostou de mim, vamos se dizer assim. Ela só me quis como bode expiatório, que foi no dia que ela veio aqui pra mim ir lá assinar os papel pra eles casar. Mas depois que ela se viu servida, ela tacou foi os dois pé

no meu traseiro, como diz o povo né. E nessa situação aí, se eu chegar na casa dela ela não me manda entrar, não me oferece um copo d'água, num, é, nada disso. É como se eu fosse uma estranha (...). Eu acho que se ela tem mãe, ele também tem, mas quem que tem que impor isso? É ele. Não adianta eu falar, porque se eu vou falar, quem vai ser mais por ruim? Então, se ele não se impõe, se ele não fala nada, é porque aceita. (Chica – avó)”

O afastamento de Marcos é vivido de forma muito dolorosa tanto por Chica quanto por João Carlos, que considera “inexplicável” a conduta do filho. Novamente trazem fantasias de um mundo externo ameaçador, a mudança de cidade e o casamento como possíveis causas para esse distanciamento.

Nesse sentido, os pais interpretaram o comportamento dos filhos como derivado de uma influência externa ao meio familiar, e não derivado da forma de relacionamento estabelecida entre os membros da família, que de alguma forma pudesse produzir o desejo de uma vida mais autônoma e independente desses pais.

“É uma coisa que, pra mim, praticamente, é inexplicável. Porque casaram já foram embora pra Jaú. Certo, conviveram lá bastante tempo né, os dois. Portanto a mãe morava lá ele nunca foi na casa da mãe. A mãe viveu dois anos lá. Perto, raramente ia. Às vezes vai quando precisa de alguma coisa né, aí vai, pelo contrário não vai né. Então não sei, sei lá. O que, que passa na cabeça, o que que pensa. Ou se a mulher impede, ou se a mulher fala alguma coisa e ele fica chateado de não vim. Eu não sei. (João Carlos – avô)”

Desse modo a relação dos avós com essas netas, filhas de Marcos, Lavínia, Maitê, Teresa e Davi é caracterizada pela avó como mais distanciada. De acordo com seu relato, a nora não permite que ela possa educar as netas como ocorre com Maria Elena e Elisa. Inclusive, Chica apontou que poderia ajudar nos cuidados das netas, porém, a nora não permite a aproximação.

“Das crianças da Maria Clara pra essas, e seu corrijo vamos supor, eu posso ficar brava com as meninas da Maria Clara, posso tá perto, ela faz como que eu falei, acabou. As dele, ele não fala, mas a mulher não gosta. Elas pode tá fazendo arte que ou cê aceita, ou então cê compra uma briga. (...) Então eu acho que a mãe influencia muito essas menina. Tem uma influência, e não é uma influência assim boa, pra dizer que as menina poderiam ser mais bem tratada, ser mais bem cuidada, porque ela precisa de ajuda pra cuidar dessas criança, e ela não aceita. Então eu acho que aí ela coloca uma barreira entre nós e as meninas, mas quem tá saindo prejudicada não somos nós, é as menina, porque o que nós podemos fazer pra, pra Maria Elena com a Elisa, nós podia fazer pra ela também, mas não fazemos porque não podemos (Chica – avó)”

Maria Clara corrobora tal situação e inclusive caracteriza a postura da cunhada como “uma desfeita muito grande”. Tal desfeita foi relacionada à postura de Mirela em evidenciar que as decisões com relação aos seus filhos não seriam realizadas sem a sua permissão. Na situação ilustrada abaixo, destacamos que a definição do lugar materno é determinada por Mirela, que, ao contrário de Maria Clara, não permitiu que Chica pudesse tomar essa função na relação com seus filhos. Com isto, Maria Clara posicionou-se a favor de Chica, embora perceba que para que isso ocorra é necessária a permissão da mãe. E no seu caso, ela permitiu que sua mãe tomasse essa função para si, sem se “impor” como mãe, de acordo com suas próprias palavras.

“Tava na hora delas irem pro ensaio lá da igreja, e a nenemzinha da Mirela tava comendo, com a minha mãe, nessa época era só a Lavínia. E a minha mãe também ia descer, só que ela tava dando comida pra menina primeiro, e a Mirela tomou a menina dela e disse que não, que a filha era dela, e que a menina ia com ela a hora que ela fosse, ela nem deixou a menina terminar de comer. A minha mãe também ia pro mesmo lugar e disse assim não, deixa a menina terminar de comer, a hora que descer, e aí a Mirela tomou a menina e disse não, a menina é minha filha e a hora que eu for ela vai. (...) Disse assim, na cara da minha mãe, e a minha mãe então a partir ela começou vê que ela não poderia nem se aproximar como vó, porque nesse caso ela num queria né, fazer que nem ela fez comigo, comigo também ela só fez porque eu deixei entendeu, talvez se eu tivesse me imposto, teria sido diferente né. Mas como eu sempre morei com ela, eu num via mal nenhum. Hoje eu vejo que poderia ter sido diferente. Mas a Mirela não, acho que de medo de perder a menina, sei lá, alguma coisa assim, ela já, já se impôs assim e a minha mãe também já percebeu que ela não queria muita aproximação, e sempre foi assim, nunca se aproximou muito, de nenhum deles, ela nunca deixou. Sempre foi assim (Maria Clara – mãe)”

Ao ser questionada se a mãe assumiria os cuidados com os filhos de Marcos caso precisassem, ela afirmou que sim, e não deixou dúvida quanto a isso. Afirmou, inclusive, que a família de Marcos já tentou morar no fundo da casa dos avós, onde mora atualmente. No entanto, devido à relação conflituosa entre Chica e Mirela, eles optaram em se mudar.

“Sim. Sem a mãe (...). Porque já tentaram morar aqui e não deu certo, porque a minha mãe não se dá bem com a Mirela. Sim, com certeza. Isso é, lá no começo lá atrás (...). Hoje, também não. Porque hoje as meninas já tem um certo tipo de educação, é, dada por eles, que a minha mãe também não tem muitas paciência (...), mas lá atrás quando eram bebês com certeza. Sim, abraçaria também da mesma forma. Não tenho dúvida disso (Maria Clara – mãe)”

Com relação ao segundo filho, Marcelo, Chica demonstrou preocupação e tristeza, atribuindo seu afastamento ao uso de drogas. João Carlos também demonstrou o sentimento

de que o filho desconsiderava a família ao não contribuir financeiramente com os gastos da casa, mesmo com a doença da mãe, evidenciando um afastamento emocional em relação à família.

“Ah, Carol, num sei não, mas se o Marcelo não tiver mexendo com droga, eu não sei não (...), pra uma pessoa que não mexia nas coisas dos outros começar a mexer nas coisas dos outros, é, ah, num sei, eu, como mãe eu tenho essa suspeita. (Chica – avó)”

“O dinheiro não sei pra onde ia, pra pagar uma conta de água, de luz, pra ajudar a pagar era a coisa mais difícil, até mesmo pra, uma vez aí que ela (Chica) pediu um remédio que num tinha na farmácia, se dava pra ele comprar, a resposta foi uma, se sobrar eu te dou (João Carlos – avô)”

“O Marcelo, ele aprontou aquilo lá né, na casa da minha tia onde ele ficou, ele roubou um relógio dela, só tava os dois lá não tinha como não ser ele, e eu acredito que foi, porque antes dele sair daqui da primeira vez ele já tinha roubado duzentos reais do meu pai (Maria Clara – mãe)”

Aqui, novamente, como já foi apontado anteriormente, Chica atribuiu ao ambiente externo a causa do rompimento na relação com os filhos: Marcos, com a entrada da esposa, e Marcelo, devido a amizades. Também vale ressaltar que Chica considera que os relacionamentos amorosos estabelecidos pelos filhos são ruins, que as mulheres são “más influências”, pois contribuem para esse afastamento.

“Ele era uma pessoa, depois que ele entrou pra trabalhar no Panelão, nunca mais ele foi o mesmo. Aí ele arrumou umas amizade (...). Então eu digo pra você, a amizade ela pode ser muito boa, mas a pessoa também tem que ter a cabeça no lugar, porque dependendo da amizade, em vez dele te ajudar ele te afunda mais ainda (Chica – avó)”

“Depois aí conheceu essa prima dela (da amiga que conheceu no Panelão), e essa prima dela bebe igual a não sei o que e agora ela tá grávida, eu nem sei o que que tão passando pra lá (...) (Chica – avó)”

Mas nos pareceu que para Chica o problema seria muito maior porque Marcelo não a procura para resolver as suas dificuldades. Ela apontou os comportamentos que considera inadequados por Marcelo como uma repetição das atitudes do pai, como se fosse algo transgeracional.

“Eu aconselhei, eu já fiz tudo que tava no meu alcance, não quer ajuda, que que cê quer que faça, num chega, num expõe, num fala ó, o negócio é assim, assim, assado, aconteceu isso, isso, isso, isso, isso, mas eu quero sair, eu quero, cê vai procurar ajuda, mas ninguém fala, ninguém, só, é, ele é no canto dele (...) Mas o Marcelo mesmo num tendo contato parece que é o filho que mais puxou o pai,

até a bebida é, é complicado, é uma coisa que eu não consigo entender como é que pode num ter sido criado junto, apesar de ter o sangue né, talvez, mas bebe que dá medo (Chica – avó)”

De acordo com Maria Clara, Chica sempre impediu uma aproximação maior entre Marcelo e João Carlos, ao contrário do que ocorreu com Marcos. Marcelo era colocado como o “bebê”, o companheiro da mãe. Apontamos aqui, a necessidade de Chica em eleger um filho para desempenhar essa função, demonstrando a dificuldade em estabelecer a diferenciação de lugares na relação familiar. Além disso, podemos apontar também uma rivalidade fraterna diante da situação estabelecida por Chica na relação com os filhos, na qual Maria Clara se vê em desvantagem na posição emocional que Marcelo ocupava com a mãe.

“Mas ela já sofreu bastante. Já chorou muito por causa dele, muito, muito, muito, mas, eu que cresci junto eu vejo que, foi da mesma forma que tá sendo. O Marcos o meu pai sempre levou pro trabalho, sempre acompanhou meu pai, o Marcelo a minha mãe queria levar, o meu pai queria levar e a minha mãe ai, o meu Celinho, deixa ele, deixa ele comigo que ele vai me fazer companhia, que o meu Celinho, que o meu Celinho, só passando a mão na cabeça, deu no que deu. O Marcelo não respeita ela, o Marcelo, ela já chegou chorando porque ele tem vergonha dela. (...) E aí eu falo adiantou tanto amor? Eu acho que a gente tem que saber amar. E saber a hora de corrigir. Esse é o meu entendimento (...). E sempre foi assim, o Marcelo sempre foi o preferido dela, e o preferido dela hoje é o que menos dá atenção pra ela. (...) Você via que era uma paixão assim, que ela num tem o amor, ela diz que são todos iguais mas, ela num tem o amor por mim e pelo Marcos que ela tem pelo Marcelo. Hoje, é um pouco diferente(Maria Clara – mãe)”

Maria Clara apontou em seu discurso a percepção de uma repetição no vínculo estabelecido por sua mãe com Maria Elena, como se ela ocupasse o vazio deixado por Marcelo na vida de Chica. Além disso, demonstrou uma preocupação de que em decorrência desse “excesso de amor” de Chica, com poucas correções e superproteção, Maria Elena desenvolverá um comportamento próximo ao de seu irmão que desrespeita Chica e a família e não demonstra consideração por eles. No entanto, mesmo com tal receio, Maria Clara não consegue se impor e solicitar mudanças no comportamento de Chica, demonstrando que não consegue assumir o lugar de mãe de suas filhas nem interpelar a mãe a assumir esse lugar, tal como o fez sua cunhada, Mirela. Tal dificuldade relaciona-se ao temor que Maria Clara tem de frustrar e magoar sua mãe. Assim, acata suas interferências, inclusive, abrindo mão do seu lugar de mãe.

“Tudo o que eu vi ali o meu irmão, crescendo e tudo eu vejo hoje de novo, se repetindo a mesma cena com a minha filha (...). O mesmo jeito, a mesma dificuldade pra falar, que ela tem dificuldade pra se

expor (...), ela já começa a chorar do nada, tem dia que eu chego do serviço que eu não posso nem oiá pra ela que já começa a chorar (Maria Clara – mãe)”

Maria Clara relatou que desde criança a mãe sempre apresentou vários momentos com doenças e estados depressivos. De acordo com seu discurso, seu pai exerceu as principais funções de cuidado com ela, pois seu nascimento coincidiu com a morte da mãe de Chica, que apresentou um quadro depressivo. Foi seu pai quem lhe dava banho, cuidava e alimentava; Maria Clara cresceu tendo a impressão de que com ela a mãe nunca teve muita paciência, era muito rígida e batia, ao contrário da postura com os filhos, em especial Marcelo.

“Desde que eu era bebê, quando ela teve eu, passado pouco tempo a minha vó faleceu, então ela ficou muito triste, parece muito coisa, e aí desde então o meu pai que, que cuidou mais de mim, que dava mamá, que me dava banho, porque parece que ela entrou um pouco em depressão nessa época quando a mãe dela faleceu (Maria Clara – mãe)”

“Era mais ela que me batia, que meu pai nunca me bateu, era ela que me batia (...). Então assim, ela era bem rígida (Maria Clara – mãe)”

Devido aos problemas de saúde da mãe, muitas vezes eram os filhos que precisavam fazer os serviços da casa. Parece que para Maria Clara, a mãe é vista como uma figura frágil devido aos seus problemas de saúde e estados depressivos frequentes. Ao mesmo tempo, em vários momentos do crescimento dos filhos Chica não desempenhou a função materna, sendo necessário que João Carlos cumprisse tal função. Ao contrário, devido ao seu estado de saúde, muitas vezes necessitava de cuidados e os filhos desempenhavam a função de cuidar da casa e, inclusive, da mãe.

“Ela num tinha saúde pra fazer. Então assim, o Marcos que era o filho mais velho às vezes saía, ia fazer as coisas dele e deixava eu e o Marcelo, e a gente tinha que se virar. Com comida, com casa, tinha que limpar que se a gente num limpasse ela não aguentava, e de tarde o meu pai chegava e tava tudo (Maria Clara – mãe)”

“Teve uma época que ela pegou uma depressão profunda, que ela não saía da cama pra nada, nem pra comer, nem pra tomar banho, ficou mais de mês, só chorava, só chorava, só chorava em cima daquela cama, só chorava, só chorava (Maria Clara – mãe)”

Com a adolescência, a relação entre Maria Clara e sua mãe passou por transformações quando Maria Clara começou a namorar. Chica a apoiou e acalmou os ciúmes de João Carlos, dizendo que a filha estava crescendo, e a partir daí a relação das duas começou a melhorar. É interessante observar que com a filha, Chica percebeu o relacionamento amoroso como algo positivo, diferente dos filhos.

Foi também nesse período que Maria Clara, percebendo que seus irmãos não supriam a necessidade afetiva de Chica, começou a se aproximar mais da mãe e a desempenhar essa função. Interessante que tal mudança ocorreu justamente com sua entrada na adolescência e talvez Chica percebeu que dessa forma conseguiria interferir na relação estabelecida entre a filha e João Carlos, que era muito próximo da filha. Aqui, o papel da sexualidade foi essencial para a mudança dos lugares ocupados na tríade filha-mãe-pai.

“É, eu num tinha uma relação muito, muito amigável assim não. Depois de um tempo, aí que a, nossa amizade começou e nós tivemos uma amizade melhor depois de uns quatorze, quinze anos, mas antes não (Chica – avó)”

“Quando eu fui vendo que os meus irmãos foram crescendo, e que eles não davam aquele amor que ela precisava assim, não sei, parece que alguma coisa dentro de mim assim eu não gosto de ver ela triste, não gosto mesmo, não gosto de ver ela triste, não gosto de ver ela chateada, é, eu tô sempre ali se ela tá bem, tá tudo bem sabe, é, eu tenho um amor assim, depois dos meus treze anos pra cá tudo mudou (Maria Clara – avó)”

“Ela sempre me falava do meu, do meu relacionamento com o meu pai. Assim, porque, a gente era muito unido, mas o meu pai também, ele me preservava muito assim né, é, e ela falava assim, cê vai vê, quando você quiser namorar, que seu pai num vai deixar (...). E aí acho que foi mais assim que a gente se aproximou quando eu já comecei a querer os primeiro namorico, que aí o meu pai pegava no pé e ela, e ela então me apoiava, falava não ela tá crescendo (Maria Clara – mãe)”

Chica admitiu que interferia no relacionamento da filha com os parceiros e que isso pode ter sido um dos fatores que contribuíram para o desgaste. Com o relacionamento de Maria Clara com Edú, com quem a família deposita confiança, Chica não percebe mais a necessidade de interferir na vida da filha.

“A gente sempre teve, as pessoas falavam até, achavam um absurdo a amizade que a gente tinha antigamente, depois foi se desgastando um pouco, devido, depois que ela casou, tudo, aí começou um desgaste, talvez ela quisesse viver a vida dela, e talvez eu por, pela experiência de mais velha talvez me intrometesse no que não era da minha conta também porque, eu acho que num era eu que tinha que falar, era ela e, mas hoje quando a gente vê que ela arrumou uma pessoa que num precisa de você, nem de você falar e nem da gente se intrometer, ah, é uma outra convivência (Chica – avó)”

Ao longo da entrevista, Maria Clara vai demonstrando alguns ressentimentos com relação à mãe, como na situação na qual Chica a forçou a entrar com o pedido de pensão ao pai biológico das meninas, com o auxílio de uma advogada conhecida da família. Nessa situação, sentiu-se humilhada porque a advogada disse que ela não merecia sua ajuda, e que só estava entrando com o processo devido à consideração que tinha pelo seu pai João Carlos.

Mencionou, ainda, que a advogada elogiou seu irmão, Marcos, por não ter levado os filhos para os avós cuidarem, o que deixou Maria Clara ainda mais magoada, pois sabia o quanto a mãe ajudava para manter financeiramente a família de Marcos, escondida do pai.

“Ela disse assim pra mim, olha, em primeiro lugar eu quero deixar uma coisa bem clara pra você. Eu vou fazer mas não é por você. Que você não merece. Ela falou: eu vou fazer pelo teu pai. Porque eu gosto muito dele. E porque eu não acho justo você ter levado duas filhas pra dentro da casa dele pra ele criar (Maria Clara – mãe)”

Chica também a magoou em determinada ocasião, quando disse que ela não “prestava para ser mãe”. No entanto, Maria Clara estabeleceu um vínculo tão forte com Chica que não conseguiu se posicionar; assumiu uma espécie de responsabilidade afetiva com ela e evita magoá-la, talvez porque teme a fragilidade da mãe diante de rompimentos e perdas. Além disso, considera a mãe um alicerce em sua vida e, apesar de ter permitido que a mãe assumisse a criação das filhas, em grande parte pela necessidade da própria Chica, Maria Clara ainda se sente com uma espécie de dívida de gratidão com a mãe, como se não pudesse reclamar das atitudes dela, mesmo diante de excesso na ajuda e carinho fornecido por Chica para com as netas. Verificamos que estabeleceram um vínculo com poucas fronteiras, talvez a maneira encontrada pela filha para conseguir manter-se ao lado da mãe: acompanha a mãe ao médico, mudou-se de cidade para não a deixar sozinha, a ajudou a gerar renda na venda de salgados e doces, além de permitir que Chica cuidasse de suas filhas, diferente de Marcos.

“E um dia ela falou pra mim. Que eu não prestava nem pra ser mãe. Nossa, eu preferia ter levado um tapa na minha cara do que ouvir isso dela. Me matando de tanto trabalhar (Maria Clara – mãe)”

“A minha mãe é uma pessoa que se magoa muito fácil, que fica chateada, então pra mim não magoar, eu não falo. É, eu preciso dela. Entendeu. Então assim, talvez por eu precisar, por eu gostar demais. Eu fico chateada quando os meu irmãos chateiam ela, porque ela fica lá chorando, de canto, e eu não quero ser assim. Eu não quero ser uma pessoa que deixa ela chateada, eu faço o possível e o impossível pra não magoar ela (Maria Clara – mãe)”

“Eu sou muito, completamente agradecida por ela, das meninas também eu sou, muito agradecida, eu nunca tive assim o que reclamar, a minha mãe ela sempre foi o meu alicerce, ela sempre me ajudou demais. Talvez das meninas ela tenha ajudado demais mesmo (risos), né, demais mesmo, com tanto amor e carinho (Maria Clara – mãe)”

Maria Clara mora no fundo da casa dos pais, demonstrando que mesmo na questão concreta e de espaço físico mantém uma relação muito próxima dos pais. Até existe uma tentativa de separação, pois ela e o marido compraram um terreno para construir uma casa,

porém, os próprios pais duvidam disso, percebendo uma controvérsia: apesar da compra do terreno, reformaram a casa em que moram.

“E ela nunca separou de mim mesmo, ela sempre viveu aqui (...). Então ela nunca separou não. Agora eu não sei porque, eles compraram um terreno né, agora disse que vão começar a construir agora em janeiro. Talvez não sei se vai pra ser pra morar ou o que que vão fazer. (...) Ah, mas não tá com cara que vai morar não. Tão arrumano aqui (risos). Colocou piso lá no fundo, que eles compraram lá e, o rapaz mesmo colocou. (...) Ah, quem sabe ele arrumou pra deixar pra nós alugar né (Chica – avó)”

“Ah (risos). É o que é um pouco difícil né (João Carlos – avô)”

Já quanto ao relacionamento de Maria Clara e o pai João Carlos, percebemos a característica edípica de tal vínculo, no qual Maria Clara desenvolveu uma forte ligação com o pai: é carinhosa e o agrada, levando o café da manhã para ele na cama até hoje. Chica demonstrou ciúmes dessa relação, e João Carlos, como sempre, sugeriu que isso seria algo natural. Interessante retomar, nesse momento, que essa ligação entre pai e filha já foi apontada anteriormente e de acordo com o percebemos era notado por Chica que, durante a adolescência da filha, conseguiu inserir-se nessa relação e estabelecer uma mediação entre o pai e a filha, quando esta começou a namorar.

“Ele me protegia bastante, e eu sempre gostei muito dele também. Meu pai é, tudo pra mim. Eu sempre falei isso. Meu pai é, meu porto seguro, é, eu gosto muito dele, admiro muito ele. (...) E eu acho que por causa do meu pai também ver esse jeito dela, ele, acolhia um pouco, então eu sempre fui muito ligada com ele (Maria Clara – mãe)”

“Então, ficou aquele grude né Carol. E, é até hoje viu. Até hoje ainda é (João Carlos – avô)”

“E é mesmo, tudo que ela faz, ela vem trazer pro pai. Café na cama de manhã até hoje (Chica – avó)”

“Mas quando eu tava na função eu também eu levava, então ficou trocado (João Carlos – avô)”

É interessante observar que apesar de Maria Clara ter um relacionamento muito próximo com o pai, é para Chica que ela “entrega” suas filhas. Conforme aponta Freud (1924), que afirma que após a separação da mãe e proximidade do pai a filha quer poder dar um filho ao pai como presente, neste caso a presenteada era a mãe. Apesar de ter uma relação muito próxima com o pai, Freud afirma que nestes casos anteriormente também existiu uma relação do mesmo tipo com a mãe.

Diante das dificuldades verificadas para que os avós aceitem o desenvolvimento e o crescimento dos filhos e a conseqüente autonomia e independência e considerando que ambos possuem uma dependência emocional das netas, o crescimento das netas torna-se

preocupante, à medida em que não sabemos como Chica irá reagir perdendo aquilo que considerou seu novo sentido de vida, e como poderá substituir o vazio deixado pela independência da neta. Também fica o questionamento sobre como as meninas conseguirão estabelecer uma separação e diferenciação saudável dos avós.

“É uma belezinha quando pequeno mas depois que cresce, ai meu Deus, eu tenho medo. Porque os meu, os meu foi muita decepção viu (...). Num vem ver (referindo-se a ausência dos filhos no natal), o filho só vem se eu ligar, ainda assim, se você ligar e implorar muito, porque senão o Marcos nem aparecer aqui não aparece (...). Eu num, sei lá, só ficou eu e a Maria Clara aqui, eu nem pro fundo num fui, porque eu já num tava boa mesmo, num fui nem pro fundo. (Chica – avó)”

“Ó Carol, é um negócio até engraçado viu, você teve aquela etapa que você criou os seus, cê vem vindo tudo, até, pega aí uma idade de dez, doze anos, praticamente eles quer ser dono do seu nariz né. Então dali pra cá praticamente para de brincadeira, essas coisera já, é menos né. Então, um quer ir prum canto, o outro quer ir jogar uma bola, outro quer fazer uma coisa, fazer outra, então, praticamente já vai, já acostumando daquilo. Aí quando vem a segunda etapa lá, que é os neto né, então é, pra mim é motivo muito de alegria né, você torna a se apegar tudo de novo né. Enquanto é pequeno, enquanto tá aí nessas idade aí, tá indo tudo bem, é legal, agora, agora a hora que chegar ali na fase dos doze, treze anos, já começa a deixar de novo (...). Aí começa já a desdeixar nós de novo né. (João Carlos – avô)”

“É capaz que num queria nem ver nós de novo (Chica – avó)”

4.7.1.4 HISTÓRICO DE RELACIONAMENTOS AMOROSOS DA MÃE MARIA CLARA

Na entrevista com os avós, ambos mencionaram que anteriormente ao nascimento da filha Maria Elena, a filha Maria Clara já tinha tido um primeiro relacionamento, casando-se e tendo perdido duas crianças. No entanto, o relacionamento não deu certo e Maria Clara mudou-se para outra cidade junto com a mãe em busca de melhor tratamento médico para Chica. No entanto, em sua entrevista Maria Clara não citou este relacionamento e os abortos sofridos.

“As gravidez dela é tudo de risco. Ela já tinha perdido duas criança (antes de engravidar de Maria Elena e Elisa) (Chica – avó)”

“Do primeiro casamento. Ela teve um casamento que ela casou no civil, tudo certinho. Aí depois esse rapaz agarrou dar muito trabalho, aí separou, e foi aonde ela conheceu o pai das menina. E aí que

tem as menina. Mas antes disso, do primeiro marido dela ela teve essas duas sim (...). É, o útero dela né, não segura (Chica – avó)”

Maria Clara começou a relatar seu histórico de relacionamentos a partir da relação com o pai biológico das filhas, que era mais velho, tinha quarenta e cinco anos, enquanto ela tinha dezessete. O contato com ele iniciou-se na casa da família que as receberam para o tratamento de Chica, na cidade de Jaú, uma vez que ele era sócio dessa família. Aos poucos ele foi se aproximando, ajudando-a a alugar uma casa, a buscar seus direitos trabalhistas após ter saído do emprego devido à mudança, e aos poucos ela começou a se interessar por ele.

Além disso, cabe ressaltar um aspecto muito importante apontado por Maria Clara, relatando que a mãe a incentivou a ter um relacionamento com ele, dizendo que era uma boa pessoa, e ela se envolveu, mas afirma que não foi por vontade própria na realidade. Ao fazer seu relato, fica implícito que desejava dar boas condições para a mãe restabelecer sua saúde e o pai das meninas se oferecia para ajudar nesse sentido, além do impacto causado pelo fato de Chica a estimular a ficar com o parceiro. Novamente, a filha apontou o quanto buscou agradar a mãe em detrimento de assumir suas escolhas e desejos. É evidente que tal fato não justifica o envolvimento amoroso de Maria Clara, porém, levamos em consideração que tal aspecto é apontado em seu discurso como algo que a afetou, demonstrando a característica da relação estabelecida com sua mãe.

“Eu nunca quis me relacionar com ele na verdade. Ele era bem mais velho que eu, quando eu conheci ele, ele tinha acho que quarenta e cinco anos e eu tinha dezessete (...). A gente tava na casa do Zé, que é um amigo da família, e era sócio dele, só que a gente não poderia ficar ali por muito tempo, e Jaú é muito bom pra médico, então ele meio que se aproveitou da situação. É, ele se aproximou, ele ajudou a gente a alugar casa, na época ele não pagava nada, porque como eu fui mandada embora do trabalho eu tinha cinco meses de seguro pra receber, mas ele começou a querer se aproximar, eu não conhecia nada, ele me levou pra dar entrada no seguro, na Caixa (banco), e foi se aproximando, se aproximando, e aí ele despertou aquele interesse em mim, eu não queria. Mas a minha mãe meio que, que ele é uma pessoa boa, porque não sei o que, enfim, e moral da história eu acabei ficando junto com ele. Não por vontade própria nesse caso (Maria Clara – mãe)”

Maria Clara afirmou que logo engravidou da Maria Elena, mas percebeu que de fato o parceiro tinha uma família e não vivia mal como contava para ela, tanto que até o momento está casado com a esposa, e decidiu se separar dele. Porém, quando ela afirmou que ia embora ele a procurou tentando reatar e prometendo se separar da esposa, e ela tentou manter o relacionamento, na época em que Maria Elena estava com oito meses. Ela aceitou a proposta, pois não queria criar a filha sozinha e era muito nova. Chegou a se mudar para a casa que

Maria Clara morava, porém, passou apenas a dormir na casa, estava sempre estressado, ficando o restante do tempo na casa da outra família.

Ao perceber que ele não cumpriria o acordo em ajudar no cuidado da filha, decidiu romper a relação e voltou para a cidade de origem. É interessante apontar que nessa situação, Maria Clara realiza uma escolha de maneira independente. Voltou para a cidade de origem, começou a trabalhar, e logo descobriu que já estava grávida de Elisa. Como estavam separados, inicialmente o pai desconfiou da paternidade, a levava ao médico, mas era o pai João Carlos que pagava os exames, e após o nascimento da filha veio visitá-la e registrou a criança, ausentando-se posteriormente.

“Ele chegou numa sexta-feira à tarde e eu já tava com a roupa dele pronta já, na malinha do mesmo jeito que ele trouxe na sacola, eu falei eu não quero mais, tô voltando embora pra Bauru. Não dá desse jeito. Você falou que a gente ia tentar criar a menina junto, agora, desse jeito, você não se decide né. E aí então eu, voltei embora pra cá, comecei a trabalhar, e eu descobri que eu tava grávida da Elisa (Maria Clara – mãe)”

No relato dos avós, percebeu-se a omissão ao fato do pai biológico das netas ser casado e também quanto ao incentivo que Chica ofereceu para que o relacionamento seguisse adiante. Ela somente relatou que foram para outra cidade em busca de tratamento médico, e quando melhorou começou a fazer salgados para vender, e logo Maria Clara engravidou de Maria Elena, e posteriormente de Elisa, de forma bem resumida. Fica a questão do porque do incentivo de Chica para que Maria Clara tivesse um relacionamento com um homem mais velho e casado, pois é nítido o quanto estes fatores contribuíram para que Maria Clara não exercesse a função materna na vida das netas, já que o pai biológico não a apoiava. No entanto, não temos o relato relativo a tal questão.

“E ela morava em, nós morava em Jaú. Porque lá, lá pra médico é muito melhor Carol (...). E quando eu melhorei eu agarrei fazer salgado fora também. A Maria Clara ajudava. Aí engravidou da Maria Elena. E de repente quando nós pensamo que não, ela logo em seguida engravidou da Elisa (Chica – avó)”

Ao ser questionada sobre como se sentia em relação à mãe, por tê-la incentivado a iniciar o relacionamento com o pai biológico das crianças, Maria Clara declarou arrependimento por não se posicionar diante da mãe dizendo que não queria levar a relação adiante. Ela relatou que posteriormente, após a separação, a mãe tentou interferir novamente em sua vida amorosa estimulando-a a ficar com um amigo do pai. Diz que o pai tinha um grupo de amigos que veio fazer um serviço na região, e que acabaram alugando a casa do

fundo para eles ficarem durante este período. No entanto, um desses amigos do pai se interessou por ela e agradava muito as meninas, tentando conquistá-la. Ela relatou que Chica dizia para dar uma chance para ele, porque ele gostava das meninas e que ela não deveria mais pensar nela mesma e sim nas crianças, mesmo com a negativa da filha. A mãe dizia que ela aprenderia a gostar com o tempo, e ambas viveram um conflito. Porém, o rapaz se mudou e desistiu do relacionamento. Nessa situação, Maria Clara foi capaz de barrar o desejo da mãe e apesar de um conflito momentâneo, a filha conseguiu afastar a mãe dessa decisão.

“Arrependimento (silêncio). Muito. Muito arrependimento de não me, de não me opor, de não por a minha opinião, de, de não ter sido mais firme, de dizer não, não quero (Maria Clara – mãe)”

“Até uma vez ela ficou completamente chateada comigo porque eu indo buscar a Elisa na escola com o carro do meu pai, ela tocou no assunto. Deu, dá uma chance pra ele, e eu disse assim pra ela, mãe, a última vez eu vou falar pra você, eu já fiquei com uma pessoa que eu não queria uma vez, porque você quis, e essa pessoa foi o pai das meninas. Falei eu não vou fazer essa mesma, essa mesma burrada de novo. Nossa aquilo pra ela, ela ficou chateada comigo uns par de tempo, ela ficou sem conversar comigo... (...). Foi como se eu tivesse ofendido ela assim, e ela trata isso como uma ofensa mesmo entendeu (...), e ele desencanou e ele foi embora, e aliviou a situação e tudo melhorou, mas mesmo assim de vez em quando ela ainda dava uma tacada ainda na cara sabe (Maria Clara – mãe)”

Posteriormente, ela se relacionou com outro rapaz, que não foi aceito pela mãe, o que gerou muitos conflitos. Eles ficaram morando no fundo da casa dos avós durante um período, porém devido a brigas devido à interferência de Chica no relacionamento do casal, acabaram se mudando para outro local, e Maria Clara ficou ainda mais distante das filhas, pois a avó não deixava as meninas irem visitá-la. Foram dois meses separados, e a relação entre a mãe e as filhas foi ficando cada vez mais difícil, até que ela rompeu esse relacionamento e voltou para o fundo da casa dos pais.

“Foi uns dois meses antes do relacionamento acabar, dois meses aí, longe delas. Só vendo de vez em quando, eu passava do serviço, dava uma olhadinha, e ficava mais com ela mesmo, e aí eu vi que elas tavam cada vez se afastando mais do que já era, entendeu, então aí onde meu relacionamento acabou, eu voltei a morar aqui, e, era bem pior, muito pior nessa época. (Maria Clara – mãe)”

Maria Clara relatou que o maior conflito que teve com a mãe foi devido aos relacionamentos amorosos que estabeleceu, e que após relacionar-se com Edú, a situação está mais tranquila uma vez que ele foi bem aceito por toda a família, além do fato que ele assumiu os filhos e desenvolveu uma postura de apoio a Maria Clara. Outro aspecto importante é que para essa escolha, não houve a interferência de Chica.

“Então assim, o nosso conflito grande foi por causa disso, aí graças ao bom e querido Deus o Edú apareceu e acabou toda a história (risos). Hoje eu tô com uma pessoa que eu gosto, que eu amo, que eu respeito e que elas também gostam, e que a minha mãe também gosta, que o meu pai também gosta, e graças a Deus tem dado certo, depois de todo o sofrimento tem dado tudo certo (Maria Clara – mãe)”

4.8.1 EXERCÍCIO DAS FUNÇÕES PARENTAIS

Nesta categoria será abordado como ocorre o exercício das funções parentais na vida das crianças, sendo especificada a postura de cada membro familiar, considerando a avó Chica, o avô João Carlos, a mãe Maria Clara, o pai biológico das meninas, e Edú. Verificou-se que as funções parentais são divididas entre os membros, porém é a avó Chica a principal figura que exerce tanto as funções maternas quanto as funções paternas.

4.8.1.1 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO PARENTAL PELA AVÓ

Nesta subcategoria será abordado como ocorre o exercício da função parental da avó com os três netos filhos de Maria Clara: Maria Elena, Elisa e Daniel.

Ao relembrar as vivências da avó com as netas quando bebês, verificou-se que o período de amamentação, que era uma atividade que somente a mãe Maria Clara podia fazer e que poderia fortalecer a relação com a figura materna, foi muito curto, em especial com Elisa. Nos outros momentos as netas mantinham uma relação muito próxima com os avós, inclusive dormindo na mesma cama com Chica. Apesar de mencionar que as meninas nunca aceitaram o berço, sempre existiu a necessidade e desejo de Chica em mantê-las sempre por perto, já que a decisão de as colocar na cama do casal foi dela.

“A Maria Elena tomou Nim (Ninho). Já, ela, amamentou sim, a Maria Elena amamentou mais (...). A Elisa foi menos (amamentação), foi só enquanto ela teve de dieta, que ela tava em casa (Chica – avó)”

“Toda vida ela deitava na cama junto comigo, não era bercinho também não, porque nunca aceitaram berço, era na cama mesmo (Chica – avó)”

Conforme já exposto quanto às expectativas da avó perante o nascimento das netas, em especial no caso da neta Maria Elena, construiu-se uma relação de afeto muito intensa, em que Chica já “gestava simbolicamente” o seu nascimento desde a gravidez, diferentemente da relação estabelecida com Elisa.

Tal fato reflete uma diferença no tratamento que Chica oferece para Maria Elena e Elisa, confirmado por Maria Clara que notava uma diferença e que Maria Elena era priorizada e tinha seus desejos atendidos mais prontamente, enquanto que com Elisa a avó tinha menos paciência e a repreendia mais, mesmo quando as duas estavam fazendo algo de errado. Atualmente ainda percebe uma diferença, no entanto, considerou menor se comparada com anteriormente.

“No começo, eu achava que tinha uma diferencinha. Até hoje ainda tem. Mas é bem menos. A Maria Elena é tudo pra minha mãe. A Elisa no começo a minha mãe parece que não tinha muita paciência às vezes, cê via assim que, que era um pouquinho de injustiça em algumas coisas, que, que as duas ali às vezes tavam aprontando e só quem levava o fumo era a Elisa (Maria Clara – mãe)”

“Cê vê que a Maria Elena é priorizada em todos os sentidos. A Maria Elena fala pra ela assim mãe, eu quero comer, sei lá eu o que, ela, ela pode não tá boa mas ela levanta e vai fazer (...). Faz (para Elisa). Mas nem tão na hora quanto pra Maria Elena (Maria Clara – mãe)”

Quando Maria Clara afirmou que *“Maria Elena é tudo pra minha mãe”*(sic), salientamos que além de recíproca, tal situação converte-se num vinculação na qual a neta ocupa um lugar de apoio emocional na vida da avó, preocupa-se em deixá-la sozinha e priva-se de momentos com outros integrantes da família para preservar essa relação simbiótica estabelecida com Chica, na qual não se percebe uma função diferenciadora funcionando efetivamente para estabelecer uma diferenciação entre ambas. É provável que ao ocupar esse lugar, a criança cumpre uma função na vida da avó e, portanto, da família, porque não deixa a avó sozinha e escolhe permanecer ao seu lado. Apontamos também uma similaridade entre o sentimento de responsabilidade e compromisso de Maria Elena e a mãe Maria Clara na relação com Chica. Em contrapartida, Elisa tem maior liberdade, sendo permitido inclusive que visite a outra avó (mãe de Edú).

“No domingo, se a mãe dela vai na casa da outra avó, ela vai junto, a Elisa. A Elisa, a Maria Elena não vai, ela fica comigo, só se eu for. Aí se, se o João Carlos tiver aqui pra me fazer companhia, ela vai, até ela pergunta pra mim, eu posso ir mãe, não tem problema eu ir? Não, não tem, aí ela vai. Agora se o João Carlos não tiver, ela não vai não. Ela fala pra mãe dela não eu não vou porque minha avó vai ficar sozinha, eu fico aqui. Aí não vai (Chica – avó)”

“No começo eu ficava assim, mais é, as duas faz bem uma pra outra na verdade, então assim a minha mãe, eu acredito que a minha mãe precise desse amor, cê vê que ela é dependente assim do amor da Maria Elena, e a Maria Elena também não fica sem ela, não fica, não adianta (Maria Clara – mãe).”

“É, mas a gente já sabia que um dia ou outro ia vim os neto né, só não sabia que a gente ia olhar (risos). Mas, depois eu peguei tanto amor nas bichinha que olha, é difícil viu. Ficar sem elas. Às vezes quando a Maria Clara vai pro sem-teto que leva, nossa, eu acho uma falta. A Maria Elena nem vai, se eu num for, e se o João Carlos num tiver em casa, aí ela num vai, ela fala não, vou ficar de companhia. E fica mesmo. Às vezes dá até dó dela, coitada, porque, é pra ela sair, se divertir, passear e ela num vai, se eu num for num vai de jeito nenhum. Mas é bom que, a convivência nossa é maior né (Chica – avó)”

Embora Maria Clara tenha clareza dessa vinculação estabelecida, também não efetua uma função diferenciadora, e parece que tais dificuldades, seja de Maria Elena e de sua mãe em realizar tal função na relação com Chica, esteja relacionada com o temor em frustrar Chica, evidenciando um receio em causar um sofrimento que possa levá-la ao adoecimento como já ocorreu no passado. Dessa maneira, Maria Clara e Maria Elena cumprem uma função de proteção e apoio afetivo na vida de Chica diante de sua dificuldade para enfrentar situações de rupturas e perdas.

“A Maria Elena eu posso sair, posso tá, posso não tá, pra ela num, o importante é a minha mãe. A minha mãe sai um pouquinho ela já quer ir atrás, ela, se eu vou às vezes no acampamento, lá na casa das minhas cunhada com o Edú, se meu pai não tá em casa, que nem hoje ele foi pescar, ele não tá em casa, se eu falar que eu vou sair, e a minha mãe, e às vezes ela pode até ficar pronta pra sair, a Maria Elena, mas a minha mãe fala assim ah, cê vai deixar a vó sozinha, acabou. Ela não vai. Ela já fica com a minha mãe. E se ela for também, vai num dá cinco minuto que a gente chegou no lugar, ou ela já quer ligar pra minha mãe, aí deixa eu ligar pra minha vó como é que ela tá, pra vê como é que ela tá, ou ela aí mãe, vamo embora, porque a vó ficou sozinha, então cê vê que ela tem um amor muito grande pela minha mãe. Então eu acabo deixando. Deixando elas. Não que eu não ame, eu amo demais, mas, eu faço o que eu posso (Maria Clara – mãe)”

No dia a dia das meninas, existe uma divisão de tarefas, mas é Chica quem ocupa as principais funções maternas e de cuidados com as netas. Leva as meninas para o culto, acompanha o sono, já que dormem na casa da frente dos avós, e a alimentação é uma função dividida entre ela e Maria Clara. No que diz respeito à escola e ao projeto que as meninas participam, quem faz o acompanhamento é a avó Chica, bem como em relação aos cuidados médicos. Verificamos a divisão das funções, como é comum na constituição familiar atual.

“A Elisa acorda vai direto pro banheiro escovar o dente, e depois vai pra casa da mãe dela, pra tomar café, que ela toma café lá. Depois ela volta, aí ela já volta arrumada pra ir pra escola, porque seis horas da manhã ela tá acordada, e ela é a primeira, a estar arrumada pra tudo, não é como a Maria Elena (...). E, e depois elas vão pra escola, passa o dia na escola né, a parte da manhã. Depois

chegam aqui, tomam banho, e vão pro projeto e fica lá até as quatro e vinte, aí depois vem pra casa de novo. Aí, dia de segunda, elas ficam em casa. Dia de terça, é, terça também que não tem culto na igreja. Mas aí dia de hoje tem culto aí vai pra igreja (Chica – avó)”

“Às vezes come na casa da mãe dela, às vezes não quer comer na casa da mãe delas, como aqui, às vezes toma café lá, se a mãe delas faz alguma coisa diferente logicamente se elas gosta elas come, elas quer. Mas a mãe delas não tem, nesse ponto não tem misereza não. Já faz, faz bastante, faz a comida pro João Carlos e elas também come (Chica – avó)”

Com relação às regras, existe uma divisão entre Chica, Maria Clara e Edú, no sentido de estabelecer limites para as netas, de forma que o padrasto cada vez mais torna-se uma figura atuante na vida das meninas. Chica relatou que as netas obedecem, mas ao mesmo tempo demonstrou certa insegurança, dizendo que não é exatamente “aquilo”, evidenciando que talvez a avó prefira demonstrar aspectos mais positivos das netas para a entrevistadora, evitando apontar as dificuldades nos relacionamentos estabelecidos entre elas, já que não descreve exatamente o que seria “aquilo” que ela espera que as netas aprendam. Devido ao relato da filha Maria Clara, percebeu-se que Chica deve ter certa consciência de uma diferença na relação que possui com as duas netas, muitas vezes deixando que Maria Elena a desobedeça sem tomar uma postura mais ativa.

“Mas ela obedece assim (...). Talvez num seja aquilo que, né, ainda porque tem muito tempo pra aprender né. Mas elas chega lá. (Chica – avó)”

Percebe-se que a avó Chica e a mãe Maria Clara tentam definir um posicionamento sobre a conduta com as meninas. Como veremos mais adiante, Chica permite as atitudes de Maria Clara, porém quando ela concorda com o posicionamento da filha, com uma postura mais ativa no momento em que elas desobedecem, caso contrário interfere e se posiciona, segundo aponta Maria Clara.

“Ah, é assim ó, se foi a mãe dela, eu não interfiro. Porque senão, se a mãe dela manda e eu desmando vai ficar uma coisa que ninguém obedece ninguém. E a mesma coisa lá, se eu falar a mãe delas também não se intromete (Chica – avó)”

“Eu muitas vezes prefiro não falar. Porque assim, eu sei que é minha mãe, mas ela é muito sentida (...). Eu evito, eu não falo. Uma vez, ela ficou um tempo assim, meio com raiva de mim porque eu cheguei a dizer pra ela que ela ia estragar a minha filha (Maria Elena) do mesmo jeito que ela estragou o Marcelo. De tanto passar a mão na cabeça (Maria Clara – mãe)”

Chica apontou que no geral são ela e Maria Clara que definem as regras e cobram que sejam executadas pelas meninas. Assim, parece que esta função é exercida através das figuras

femininas e aos poucos Edú começa a se posicionar neste quesito também. O papel do avô no tocante a esse aspecto não apareceu nas entrevistas.

“É, são mais nós duas, que define (as regras) (Chica – avó)”

Embora não seja possível prever o que ocorrerá com o cuidado de Daniel, e esse não é o objetivo dessa pesquisa, Chica revelou uma preocupação com o neto, incentivando a filha a deixá-lo em algumas circunstâncias, utilizando o argumento relacionado ao tempo, mas que também trás o desejo da avó em se aproximar e cuidar do neto. Apesar do posicionamento de Maria Clara de que com Daniel será diferente, essa é uma questão que fica em aberto.

“Ah não, eu olho assim, se precisar, às vezes, igual hoje ela foi buscar remédio pra mim, na farmácia e ficou aqui um pouquinho, mas assim também no carrinho. Num fico pegando, num. E também se ela precisar ir em algum lugar que não dá pra levar eu seguro. Aí fica aqui. Mas do contrário ela mesmo que olha, ela cuida de noite tudo. (...) Ela mesma já falou que dessa vez ela mesmo queria cuidar, porque ela num teve o, vamos supor assim, a oportunidade de olhar né, porque na verdade das duas eu, acho que eu, não sei se foi medo, mais medo meu ou, ou se foi um apego mesmo que eu tive, que eu já peguei da maternidade e já quis cuidar e depois veio a Elisa mas aí já foi mais necessidade também né, que ela tinha que trabalhar (...) Eles já tomam conta, vão pro mercado, leva junto, é só mesmo quando não dá mesmo. Porque aí eu falo pra ela se tiver ventando muito, eu fico preocupada, por causa de coisa, eu falo pra ela não, deixa que se não vai demorar, num vou, aí fica, mas do contrário não (Chica – avó)”

Maria Clara afirmou que se sente mais madura e que agora se sente apoiada para desempenhar a função materna com Daniel devido à presença de Edú, ao contrário do que ocorreu com as filhas e que foi apontado nos desenhos de Elisa sobre “Uma família em que alguém não está bem”.

“Ele ainda é muito novinho pra mim dizer que, que tem alguma interferência, não tem, nenhuma, eu saio de manhã, eu deixo com ela, quando eu volto de tarde eu já passo, eu já pego, e eu vejo que com o Daniel eu não sei se pelo fato ou deu já tá mais amadurecida, ou pelo fato dele ter o pai por perto, eu vejo que ela num, ela num se impõe absolutamente nada, entendeu. Eu não sei se, se foi por causa do pai das meninas talvez, tá ali, se tivesse talvez teria sido diferente (...). Eu sou a mãe entendeu, dele. (...). Do Daniel foi completamente diferente, hoje eu não deixaria. Ela, por mais que ela goste, por mais que ela ame, por mais que eu precise, eu não deixaria ela, abraçar pra si como ela fez com as meninas. De jeito nenhum. Jamais. (...) Então assim eu preciso dela, pra ela me ajudar, porque eu preciso trabalhar, mas com limite. Tá aqui, ela é vó, ela ama, ela me ajuda a cuidar, mas a parte de corrigir é minha. Vai ser diferente, muito diferente, cê pode ter certeza (Maria Clara – mãe)”

Chica notou e relatou a respeito das diferenças entre o exercício da função parental com as netas e com os filhos, considerou e ponderou que foi uma experiência muito diferente, pois as netas vieram em um momento que tem mais tempo do que na época em que cuidava dos filhos, gerando uma aproximação maior, o que tornou a relação tão especial.

“Pra mim foi muito especial sim. É, eu acho que não foi nem, quando eu tive os meus filhos eu acho que foi tão, como os neto, pode tá certa disso (risos). (...) O que eu acho que mudou, é porque eu tive mais tempo pra ficar com eles. (...) É, o Marcos que me ajudou muito na criação deles né, que ele era o mais velho, mas eu acho que hoje com a Maria Elena e a Elisa é muito diferente. É completamente diferente (Chica – avó)”

4.8.1.2 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO PARENTAL PELO AVÔ

No exercício da função parental o avô adquire uma postura passiva, em especial no estabelecimento de regras, conversando em alguns momentos, porém anunciando que as netas só o escutam quando desejam, e apesar da tentativa em “colocar de castigo”, não obtém resultados. É a avó quem adquire uma postura mais ativa e relatou o quanto João Carlos não exerce nenhuma autoridade, chegando a chamá-lo de “bobão”. A própria constituição da vida de Chica e João Carlos enquanto casal demonstrou uma combinação entre um perfil mais ativo e dominador (Chica) e um perfil passivo e submisso (João Carlos).

“O castigo dele é leve. Ele é um bobão. Ai, eu não tenho paciência, gente (Chica – avó)”

“Eu procuro mais conversar, né, Carol. Ó, num pode fazer isso, num pode fazer aquilo (...). Então procura é, dar um castigo naquilo que elas gostam de assistir né, e aí quem sabe melhora, né. (...) Dá, dá atenção. Elas dão atenção. Se for do assunto é, do interesse delas dão atenção né. Mas sempre dá atenção né, então. Ouve tudo, concorda ou não concorda. E assim por diante (João Carlos – avô).”

Maria Clara concordou com o dito pelos pais, de que João Carlos não exerce uma função paterna, no sentido de estabelecer e impor regras para as meninas. Afirma que ele exerce uma função mais maternal, em especial com a neta Elisa, enquanto com Maria Elena é a avó Chica que tem uma função materna mais atuante.

“Uma água morna (risos). Nem pra lá, nem pra cá. Ele sempre foi muito puxa saco da Elisa, muito (Maria Clara – mãe)”

“Ela faz as vontades sim, mas quem faz mais também é meu pai, da Elisa, da Elisa o meu pai, se a Elisa falar, ele vai ele faz ele compra ele, ele agrada, mas cê vê que a Elisa é mais o meu pai, a Maria Elena é mais a minha mãe (Maria Clara – mãe)”

Tais relatos coincidem com o que o avô percebe em sua relação com as netas, sendo reservado a ele um papel afetivo e lúdico de brincar com as netas. Percebe-se que é como se ele se aproximasse mais de um “papel de avô”, no sentido de não perceber o mesmo peso na responsabilidade de educar as netas como sentiu ao educar os filhos.

“É como se tivesse o, é como se você voltasse no tempo da, que os filho era pequeno né, cê brincava, tinha aquela convivência com eles né, então, é um motivo muito de alegria né. Pra mim é motivo de alegria né. Às vezes cê tá aqui, vai lá, começa a fazer um carinho, às vezes começa a perturbar, brincar, então, pra mim é bom (João Carlos – avô)”

“Às vezes cê tá ali tranquilo, aí vem ela, deixa eu arrumar o cabelo, aí começa, daqui a pouco taca água pro cabelo, quando não põe chuchinha, vira uma narquia (risos). Então cê pega amor né, é gostoso. É legal (João Carlos – avô)”

Quanto à diferença da criação das netas para a criação dos filhos, João Carlos também considera que a relação com as netas gerou um vínculo diferente, com mais amor e mais fortalecido do que com os filhos.

“Parece que os neto é, a gente parece que tem mais amor do que os próprio filho (João Carlos – avô)”

No entanto, este vínculo ocorre com as netas que eles cuidam, pois com os filhos de Marcos possuem uma relação diferente e menos próxima, conforme também relatou Chica.

“A única diferença é a convivência (...). E, então, os que é criado com você, tá toda hora, tá ali, tá brincando, cê tá conversando, então fica um pouco mais diferente né, então você não tem aquela convivência que, igual os outros que cê tá lá com ele, porque de vez em quando que eles vem aqui, eles não tão direto junto com você. Então eu acho que os daqui cê se apega mais. (João Carlos – avô)”

4.8.1.3 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO PARENTAL PELA MÃE

Com relação à filha mais velha, Maria Clara apontou que desde o período da gravidez, estendendo-se até o nascimento e primeiros meses de Maria Elena, encontrou muitas dificuldades no relacionamento com a filha, que apresentou refluxo e comportamento muito agitado, gerando angústia de que algo pudesse acontecer com ela, gerando uma demanda muito intensa de cuidados. Estas primeiras impressões e relacionamento de Maria Clara com a filha refletem-se até os dias atuais.

“É, eu lembro mais da Maria Elena. Que a da Maria Elena eu ainda acompanhei ela até uns cinco meses. Deu muito trabalho. Meu Deus do céu, só Jesus na causa. Ela tinha refluxo, refluxo bem forte, então assim, é, a gente, ficava com medo de deixar ela dormir sozinha, porque era daquele que quando voltava assim, ela vomitava longe mesmo (Maria Clara – mãe)”

Tais dificuldades associadas ao desejo desencadeado em Chica na gestação de Maria Elena contribuíram para que ela assumisse os cuidados essenciais da criança. Chica interferiu desde o início na relação materna estabelecida com Maria Elena, permitindo somente a amamentação (no pouco tempo em que ela ocorreu) e assumiu para si os demais cuidados. A vida do casal já não era prioridade, pois mesmo dormindo juntos Chica trazia Maria Elena para si, preenchendo suas demandas emocionais com a presença e aproximação da neta, ou seja, através da função parental e não conjugal.

Essas relações aconteceram de forma indiferenciada, uma vez que inicialmente, Chica, Maria Clara e Maria Elena dormiam juntas em uma mesma cama, de forma que desde o início não havia uma função terceira que estabelecesse a separação de Chica e Maria Clara, e com o nascimento de Maria Elena a menina acabou sendo também incluída nesse modelo de relação simbiótica.

“A minha mãe, desde que chegou. A minha mãe, ela, tomou pra si, não sei se pelo fato de eu ser muito nova, e como eu também num, só tinha dezoito anos, sabe, então assim, eu deixei, ela cuidar, eu dormia assim, na época só tava morando eu e ela (...), ficava eu, ela e no caso a Maria Elena. Então assim a Maria Elena dormia no nosso meio, às vezes, aí de final de semana o meu pai ia pra lá (...), então assim quando os dois tavam dormindo lá no quarto deles, aí eu dormia no quarto separado com a Maria Elena, mas era assim se a Maria Elena acordava de noite e começava a chorar, ela só esperava eu dar o peito e pegava e levava pra ela. Então assim eu nunca tive aquela responsabilidade, principalmente com a Maria Elena (Maria Clara – mãe)”

“Da Maria Elena eu ainda peguei ela assim mais ou menos da idade que Daniel tá hoje, é, era, gostoso, só que pra mim era, como se fosse, ali, brincar de boneca, né, que eu não tinha aquela responsabilidade (Maria Clara – mãe)”

Com Elisa a experiência foi diferente, um pouco mais tranquila, mas ainda assim a segunda filha era voraz, mamando o suco em grande quantidade, o que também gerava um desconforto e dificuldade da mãe Maria Clara em lidar com a situação. Por isso, relatou que nem percebeu a filha crescer.

“Ela teve uma infecção por causa de dar o leite, eu troquei o leite dela várias vezes, e até ela só pode se adaptar com o, o suco de soja, aquele Ades de maçã, era o único que ela bebia, só que chegou uma

época que eu não sei se ele não sustentava muito bem, apesar dela já comer nessa época tudo, já começou a comer, ela mamava um litro daquele por noite, era horrível, meu Deus, misericórdia (Maria Clara – mãe)”

“Da Elisa eu já não vi nada, não vi nem ela começar a andar (Maria Clara – mãe)”

Percebe-se que na experiência com as filhas, houve uma separação entre a função materna responsável por cuidados e afeto desempenhado por Chica e a de provedora por Maria Clara. Além disso, era responsabilidade dela a organização da casa e de algumas tarefas domésticas. Porém, a função de estabelecer a separação e diferenciação entre Chica e Maria Elena parece não ter sido desempenhada nem por Maria Clara nem por João Carlos.

“Eu chegava num tinha nem uma janta pronta, nada muito feito, assim em casa, ela dava só um tapinha, então eu chegava e me preocupava mais em arrumar a casa, em fazer uma janta, aí a neném queria atenção, aí eu já não tinha muita paciência, com tudo aquilo (Maria Clara – mãe)”

Foi com o crescimento das filhas que Maria Clara começou a perceber que de fato não possuía uma função materna atuante, com o tratamento que as filhas lhe forneciam e a imposição cada vez mais clara das vontades de Chica quanto à forma correta de educar e de quem executaria essa função. Mencionou certo arrependimento e o desejo de que sua mãe a tivesse incentivado a se responsabilizar pelas filhas. Porém, percebemos que apesar de tal relato, a mudança dessa situação dependeria principalmente da capacidade de Maria Clara em frustrar Chica e promover o desligamento entre ela e Maria Elena, e percebemos que até hoje a filha não conseguiu exercer essa função na relação com sua mãe.

“Foi até por isso que hoje elas consideram muito mais a minha mãe do que eu, que a responsabilidade foi transferida toda pra ela. Talvez se ela tivesse, acredito eu naquela época, não, você teve, eu tô aqui, eu te apoio mas a obrigação é sua, talvez eu tivesse, mas como ela fazia e eu via que era com tanto amor e com tanto carinho, eu achei que não havia mal nenhum. Assim, né, me arrependo hoje, mas... Sim, sim, com certeza, muito, muito (se arrepende) (Maria Clara – mãe)”

“Eu fui cair em si, que era eu que devia ter feito esse papel todo, assim, talvez não teria como eu mudar a história, teria como eu mudar até os cinco meses, mas depois disso talvez não teria mais, porque como eu te disse eu tinha que trabalhar, e como eu tinha que trabalhar, ficava com ela (Maria Clara – mãe)”

Ao afirmar que percebeu o quanto não consegue educar as filhas no tocante a limites e exigências, percebemos que Maria Clara não concorda com a educação de Chica, principalmente com Maria Elena, que devido ao excesso de proteção, não existe a função terceira que coloque limites claros e definidos tanto nas questões de atividades domésticas

quanto no relacionamento estabelecido entre avó e neta. O único ponto que realmente é exigido refere-se à educação escolar. Por fim, Maria Clara sente-se impotente para exercer tal função na relação com Maria Elena.

“Talvez por ela amar demais, ela corrige de menos. Entendeu. A Maria Elena ela não faz nada, pra ela pegar uma agulha que caiu no chão, se você pedir ela chora, ela não quer fazer (...) só que a Maria Elena é uma criança que tem dia que ela não quer ir pra escola, ela chora pra ir pra escola, só que a, a escola ela pega no pé (...) elas vão estudar e vão ser alguém, entendeu, é, esse é o único ponto que ela (avó) realmente pega firme, mas no caso assim deu querer ensinar, Maria Elena, você tem que limpar o seu quarto, Maria Elena, não deixa jogado, Maria Elena isso, Maria Elena aquilo, se eu coloco a menina pra fazer um serviço (...) então você vê que ela faz, pra passar o pano quente em cima da menina, porque ela sabe que ela não vai fazer, e a hora que eu chegar eu vou ficar brava com ela (Maria Clara – mãe)”

Maria Clara fez uma primeira tentativa de mudança no relacionamento com as filhas quando Maria Elena tinha cerca de seis anos, talvez quando percebeu que as filhas não a respeitavam. Exigiu delas uma postura de um modo a deixar claro o seu lugar e exigindo um respeito ao seu lugar de mãe. Foi dessa maneira que conseguiu que as filhas a chamassem de “mãe”. Porém, uma mudança mais efetiva só ocorreu com a chegada de Edú, ou seja, o apoio da figura masculina pareceu essencial para o fortalecimento da mãe na relação com as filhas.

“A Maria Elena um dia faltou com o respeito comigo e eu corriji ela, falei pra ela, eu falei assim eu não quero mais que você me chame assim, e aí foi onde a minha mãe começou a conversar com elas também e pegar no pé quando elas me chamavam, eu falei assim ó, a partir de hoje, se você não me chamar de mãe eu não vou te atender, falei que eu sou a tua mãe, e aí foi onde, às vezes ela vinha ela ainda me chamava por nome e eu me retraía e ela, aí foram as duas acostumando. E acostumando a chamar ela de vó também (Maria Clara – mãe)”

“A relação assim só foi melhorar mesmo, quando a gente começou a ter um relacionamento eu e ele, que daí eu comecei a ter um pouquinho mais de autoridade, que ainda não é tudo aquilo que eu queria, mas já tá melhor. Tá bem melhor. Ela já deixa mais um pouco (Maria Clara – mãe)”

É importante ressaltar que essa aceitação do lugar materno de Maria Clara ocorreu porque Edú foi aceito por toda a família, considerado uma pessoa responsável e que se importa com as meninas. No entanto, a autoridade de Maria Clara ainda não ocorre de forma espontânea. Mesmo quando discorda e percebe que uma atitude pode causar prejuízo para o desenvolvimento das filhas, acaba se retraindo buscando evitar o conflito. Ou seja, Edú é respeitado, mas a postura de Maria Clara ainda é frágil na relação com as filhas.

“Na verdade, a relação minha e das meninas mudou bastante, ainda não tá cem por cento, mas mudou bastante depois que eu vim morar com o Edú. Porque, é, dos relacionamentos aí que eu tive, o Edú foi uma pessoa assim que foi bem aceita pela família, porque ele é uma pessoa responsável, porque ela vê que a gente se dá bem, ela vê que ele cuida bem das crianças, entendeu, então assim, hoje ela deixa um pouco mais, mas dependendo eu ainda não tenho aquela autoridade que eu gostaria de ter com as meninas (Maria Clara – mãe)”

Ao pontuar sua relação com Elisa atualmente, Maria Clara relatou que as duas sempre foram mais próximas. Mencionou que a filha procura apoiá-la nos momentos difíceis, sempre foi amorosa, dormia junto com ela e Edu até Maria Clara ficar grávida de Daniel, pois ela se mexia muito na cama e a mãe tinha medo de se machucar. Talvez um dos aspectos que afetou nessa relação com Elisa seja o distanciamento de Chica dessa neta, uma vez que não existe espaço com Maria Elena.

“A Elisa ela sempre foi mais apegada a mim, desde o começo, eu não sei se é porque quando ela era mais nenenzinha eu não fiquei muito com ela, então ela sentiu aquela falta de mãe, então assim ela sempre foi mais do meu lado (Maria Clara – mãe)”

“A Elisa é bem, bem amorosa comigo, ela sempre foi muito amiga. Todos os momentos assim. Principalmente nos meus momentos mais difíceis, de dificuldade, de tristeza, ela sempre teve ali comigo. Querendo me consolar do jeitinho dela, ah mãe, não fica triste não, eu vou dormir aqui com a senhora, ela dormia comigo até, ficar grávida do Daniel né mô? Dormia com a gente a Elisa. Dormia ali do meu lado (...). Do contrário ela sempre foi muito comigo. (Maria Clara – mãe)”

As dificuldades encontradas por Maria Clara com a filha mais velha demonstraram o quanto se sente desvalorizada e sem lugar na vida da filha, demonstrando o quanto isso a afeta, chegando a emocioná-la durante a entrevista.

“Aí ela já chegou assim, de que que é esse bolo? Eu falei é de coco. Só que é aquelas massinha pronta sabe, só tem o sabor e o aroma de coco. Mas cadê o coco? Aí eu não respondi, eu fiquei calada. Ah, vou pegar um pedaço pra experimentar, você vê que ela tem aquela, tipo te esnobando sabe? Eu sinto assim, ah, eu vou pegar um pedaço pra experimentar. Aí ela comeu um pedaço e falou assim, é, tá bom, mas não chega aos pés do bolo que a minha mãe vai fazer pra mim hoje, que a minha vó vai fazer, que é um bolo de prestígio que ela pediu. Aí ela me respondeu dessa maneira (suspiro). Aí eu falei assim pra ela, você é muito mal agradecida (se emociona). Aí ela falou assim, que o bolo tava queimado (Maria Clara chora) (Maria Clara – mãe)”

Depois de se acalmar após este relato, Maria Clara demonstrou a tristeza devido ao não reconhecimento da filha de seu papel na questão da ajuda financeira, por mais que não estivesse tão presente emocionalmente na vida da filha. Sente que a filha tem como se fosse

um “amor interesseiro” por ela, que só se aproxima caso a mãe atenda aos seus gostos, como por exemplo, com uma alimentação diferenciada. Parece que diante desses conflitos no tocante à parentalidade, Maria Elena deixa claro que o lugar conferido à mãe envolve principalmente a questão financeira, pois foi através dela que Maria Clara exerceu uma função parental.

“E eu fico chateada, assim, não pelo amor que ela sente, mas por ela (soluções)... desfazer de mim por esse amor que ela sente pela minha mãe entendeu. Porque por mais que eu nunca fui uma mãe muito presente, eu sempre procurei fazer o melhor. Talvez eu num tava aqui pra dar todo o carinho que a minha mãe deu, mas a parte financeira eu precisei fazer, pra ajudar meu pai (Maria Clara – mãe).”

“Quando eu compro tudo o que ela quer, o amor da Maria Elena por mim, eu penso que é um amor, interesseiro, vamos dizer assim, infelizmente, é minha filha mas eu falo. Se eu comprar tudo o que ela quer, se eu fizer os gostos dela, pra ela tá bom, só que se eu não tiver pra dar, ela não tá bom. Porque assim, é, a minha mãe ela, ela faz. Tudo o que ela quer. Tudo. Tudo. Ela pode não ter agora, mas ela fala assim daqui a pouco eu vou lá e eu compro. Quando a minha mãe não tem o dinheiro o meu pai compra, e eles sempre fizeram todos os gostos dela (Maria Clara – mãe).”

Foi possível perceber que a dificuldade em desempenhar a função materna aliada à relação estabelecida entre Chica e Maria Elena resultaram nessa situação conflituosa, na qual a mãe, destituída de seu lugar não encontra o espaço que pode ocupar na relação com a filha, sobretudo com Maria Elena, que por sua vez não aceita as intervenções da mãe, sejam de afeto ou punitivas.

“Eu gostaria de ter um parecer de um profissional pra mim entender como eu lido com ela, porque eu não consigo, eu não, eu não sei lidar com ela. Se eu vou com carinho não tá bom, se eu vou com carinho, ela me dá patada, que nem me deu hoje de manhã, se eu vou agressiva ela fica mais áspera. Ela se afasta mais. Então, como eu já te falei do meu medo, é justamente esse o meu medo, lá na frente, quando ela crescer, como vai ser a nossa relação a minha e a dela. Deus me livre guarde uma hora ou outra a minha mãe faltar, como vai ser? (Maria Clara – mãe)”

Diante dessa situação, restou à Maria Clara exercer a função de provedora econômica, de autoridade e de exigência da renúncia pulsional das filhas. Porém, mesmo assim, ela depende da autorização de Chica para exercer até mesmo essa função. Com isso, tem percebido que a relação com as filhas muitas vezes é desagradável, uma vez que é ela quem desempenha a função de frustrá-las e da exigência, ocasionando ainda mais o afastamento das filhas que buscam o refúgio na avó. Assim, cada uma ocupa um lugar de polaridade na relação com as crianças: enquanto uma ocupa o lugar do afeto e confere situações prazerosas, a outra, do desprazer. Em contrapartida, Chica convoca Maria Clara para resolver situações de

conflitos, desobediências e desentendimentos e com isso, preserva sua relação com as netas ao mesmo tempo em que expõe Maria Clara a uma situação de conflito com as filhas.

“A hora que eu pego firme mesmo, que eu falo cês vai agora ou cês vai apanhar elas vão. Então assim, é, não é uma coisa assim que uma criança que você falou e ela vai te obedecer, cê tem que falar uma, duas, três, dez, até você perder a paciência, a hora que elas vê que cê não tem mais paciência elas vão e faz. (...) Então, talvez por esse chamado de atenção, por aqui, por mais que a gente esteja no mesmo quintal, mas por aqui ser diferente, elas ficam mais lá. Mais com a minha mãe. (Maria Clara – mãe)”

“Ela (Chica) tá falando, falando, falando, entrou por aqui, saiu por aqui aí ela me grita Clara, ela sabe que quando eu vou e eu realmente imponho, ou ameaço de bater elas vão e fazem. E aí às vezes ela cansa de tanto falar e aí ela me chama (Maria Clara – mãe)”

Com relação a Daniel, as diferenças já foram apontadas desde a gravidez, que foi planejada e mais calma, por isso, Maria Clara percebe que o filho é mais tranquilo, afetuoso, de forma que mesmo quando ele se sente mal, um pouco doente, ainda assim é calmo e não demanda preocupação nem gera insegurança em sua atuação como mãe. Após contato com a médica, começa a compreender o quanto os sentimentos durante cada gravidez podem influenciar inclusive na personalidade de cada filho.

“Já o Daniel desde que nasceu, nossa, tão quietinho, só dorme, dorme a noite inteira, ele acorda de manhãzinha, ele tem um chocalhinho dele ali e ele já chuta o chocalho, tipo acordei, e ele não chora, não acorda chorando, ele já coisa, já, a gente vai lá ele já começa a dar risada, sempre brincando, sorridente, até quando ele tá doente (...), ele é bem tranquilo, bem calmo, e, é, dorme a noite inteira, dá umas sete e meia, oito horas mais ou menos ele dorme e vai até no outro dia, não mama de noite, ele é bem tranquilo (Maria Clara – mãe)”

“Acredito eu, como eu já perguntei e a médica disse também, é tudo decorrente a gravidez né, acho que se a mãe, talvez, passa muito nervoso ou tem uma gravidez mais turbulenta isso reflete na criança lá na frente né. E a gravidez do Daniel foi bem diferente, bem tranquila, acredito que possa ser por isso que hoje tem uma diferença aí entre eles (Maria Clara – mãe)”

Tal contexto foi fundamental para que Maria Clara exerça a função materna com esse filho, reservando para Chica o lugar de avó.

“É, como eu voltei a trabalhar agora, na verdade assim até o mês, até o dia dezessete do mês, mês passado que eu voltei a trabalhar? É, dia dezessete do mês passado fui eu que cuidei. Quando ele nasceu, a minha sogra veio, a minha sogra ficou aqui, uns dias em casa, me ajudou, mas assim, é, ajudou mas eu também não deixava assim muito, porque como eu te disse eu queria ser a mãe desde o começo. A minha mãe também às vezes vem, quer ajudar, mas eu, se eu tô eu prefiro eu fazer, a não

ser agora como eu voltei a trabalhar, então de manhã cedo eu já levo ele dado mamar, trocado, tudo bonitinho, aí eu deixo lá com ela, que é o período que eu não vou estar, mas eu cheguei também, ele já vem pra cá. E, eu que cuido, ficou doente eu que levo no médico, eu que troco, eu que dou banho, eu que dou mamar, eu que faço (Maria Clara – mãe)”

Nesse contexto, existe também a figura de um pai presente e que conferiu a tranquilidade para que a mãe pudesse exercer a função materna. Edú brinca com o filho, se preocupa e participa da vida familiar. Desta forma, a união do casal permitiu outro tipo de relacionamento entre Maria Clara e o filho, e as meninas apontam a questão do casal com muita frequência no DF-E, demonstrando que percebem esta diferença.

“Eu tô curtindo mais mesmo o Daniel na verdade. Que ele já acorda sorrindo, já, já é aquela coisa completamente diferente (Maria Clara – mãe)”

4.8.1.4 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO PARENTAL PELO PAI BIOLÓGICO DAS MENINAS

Conforme exposto anteriormente, o pai biológico não teve um papel presente e atuante desde a gravidez das filhas. Acompanhava Maria Clara às consultas médicas, mas não pagava os exames e consultas, que ficava sob responsabilidade de João Carlos. Essa ausência concretizada através da separação do casal possibilitou que os avós assumissem os cuidados da neta.

“Então é assim, nós cuidamos, o João Carlos tudo né, como avô mas, ela falava que era o avô pai. Quando ela ficou internada pelas primeira vez que foi já quando ela já tava grandinha o pai ligou perguntando e, e ela, ele falando que vinha aqui, ela falou que não precisava que o avô já tava vindo pra buscar ela, então não precisava ele vim (Chica – avó)”

O pai registrou as filhas, porém não pagava a pensão, e foi Chica quem o chamou para conversar para resolver a questão financeira, exercendo uma postura ativa diante da situação. Como o pai não foi ao encontro proposto por Chica, ela entrou com o processo de pensão, contra a vontade da mãe Maria Clara, que acabou cedendo devido à insistência de Chica.

“Eu chamei ele pra uma conversa porque tinha as menina, e primeiro tinha a Maria Elena, depois nasceu a Elisa e ele quieto, ele não ajudava com nada, e só ficava o João Carlos e eu vendendo as coisas, tendo as coisas pra vender e ela trabalhando pra baixo e pra cima, aí eu chamei ele (Chica – avó)”

Chica tentou demonstrar que permitiria uma aproximação do pai biológico desde que isso seja em sua casa. Mais uma vez, a inserção da figura parental depende da permissão e autorização de Chica.

“Não, mas já, eu já falei pra ele que é ele na casa dele e nós na nossa casa. Que se ele quiser ele vem aqui. Elas não vão, então não é nós que proíbe, a gente tenta aconselhar porque sabe que uma hora isso pode acontecer. Não tem como evitar, sabe disso. Mas, por elas, obrigada ele não pode levar. Mas, de boa vontade também é que elas não vai. Eu acho que não (Chica – avó)”

Portanto, a função paterna é resumida ao pagamento da pensão, sendo cada vez mais ausente na vida das filhas.

“É, cê vê que o pai vai fazer um ano agora em fevereiro que veio aqui. O pai delas. Não voltou mais (Chica – avó)”

“Mas hoje eu ainda vejo que tem diferença. No aniversário da Maria Elena, todos eles, ele aparece, todos ele trás presente, quando ele trás pra Maria Elena no aniversário ele já trás pra Elisa, mas no aniversário da Elisa ele nunca veio (Maria Clara – mãe)”

Também existe uma diferença na forma com que cada filha vive a relação com o pai biológico. De acordo com o relato de Maria Clara, no início a filha Maria Elena chamava pelo pai, pedia para a mãe que fizesse ligações para ele, mas aos poucos, conforme percebia sua ausência, acabou evitando uma relação com o pai, dando “uma bloqueada nele” segundo Maria Clara, e que não comenta nada sobre o pai.

Tal fato evidenciou-se em seu último aniversário. Como sabia que o pai viria, já tinha avisado a avó que queria sair neste dia, ou seja, não quis encontrar o pai mesmo emocionada com a sua vinda. Talvez essa relação distante desperta a angústia de separação e abandono tão evidente em Maria Elena e por isso, preferiu manter-se distante do pai, porque sabe que ele não permanecerá presente em sua vida.

Ao contrário, Elisa não demonstrou esse sofrimento e consegue expressar verbalmente quais as suas opiniões, o que gosta e o que não gosta mesmo quando o assunto é o pai ausente.

“Ela chegou aqui e falou assim cê sabe quem que tá aí? Mas aí eu vi que o olho dela já encheu de água, ela não chorou mas, é, eu vi que ela sentiu (...). Uns dia antes ela já sabia que ele vinha, porque ele vem todo aniversário, ela chegou a falar pra minha mãe, se o meu pai vim eu quero sair. Eu quero dizer pra ele que eu vou na igreja, mesmo que não seja o dia de ir. E justamente caiu numa quarta-feira que era um dia de culto, e ela se arrumou e ela não quis ficar (...). Então não sei se talvez esse jeito dela possa ser por, por alguma coisa alguma mágoa, alguma coisa dele, mas cê vê que ela tem aí

esse. A gente nunca falou mal dele pra elas, mas ela tem um sentimento aí de mágoa com ele com certeza, dá pra se ver isso visivelmente (Maria Clara – mãe)”

“Olha, conversam bem (sobre o pai), mas sempre a menor, ultimamente tem dado as suas patadas (risos) (Chica – avó)”

“Eu vejo que mesmo ele fazendo tudo isso ela (Elisa) ainda tem mais amor do que a Maria Elena, ela não tem tanta mágoa como a Maria Elena. Porque eu vi assim que ela ficou felizinha assim sabe quando ele veio, ela ficou mais lá na frente, ela vinha aqui também mas cê vê que a Maria Elena ela guarda mágoa, e a Elisa já não, pra ela, assim acho que é como uma pessoa que veio visitar e ela gosta, ela gosta muito do Edú também, mas a Maria Elena em todo o momento vinha, abraçava o Edú, como diz né, ele tá aí mas você é o meu pai, eu acredito que foi mais ou menos isso. E a Elisa já não, ela não tem problema nenhum, ela vai, ela conversa, ela fica lá, brinca (Maria Clara – mãe)”

4.8.1.5 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO PARENTAL PELO PADRASTO

O relacionamento de Edú e Maria Clara passou pela aprovação de Chica, o que facilitou a aproximação do padrasto com as crianças. Chica considera Edú uma pessoa dedicada em incluir as meninas no contexto familiar do casal. Observou-se que nestes relacionamentos avó e padrasto apresentam uma divisão parcial das funções, em que Edú também pode demonstrar carinho e se aproximar das enteadas.

“Trata as menina muito bem, aonde vai quer levar as menina, sabe, é, esses dias foram até no cinema, levaram as meninas pra, pra passear, então eu acho que tá bom demais (Chica – avó)”

“Ah, sim, nossa, ele já chega. Até com as menina mesmo, ele já chega com as menina tá aqui ele já grita, vão tudo lá pro fundo, conversa, brinca, só vem na hora da novela de dormir mesmo, a maior parte (Chica – avó)”

A aceitação de Edú como pai foi muito rápida em grande parte pela aceitação da avó, e talvez porque ele representou a esperança de uma função terceira que consiga reorganizar as funções familiares permitindo-lhes mais autonomia e independência. Essa esperança é tão grande que logo começaram a chamar-lhe de pai, muito antes do tempo demorado para as meninas chamarem Maria Clara de mãe, chegando a impressionar Edú, que não pareceu entender claramente o impacto emocional que a sua chegada causou na vida das meninas. De certa forma, Maria Clara tentou aproximar as filhas, afirmando que todos deveriam chamá-lo de pai.

“Mas eu achei que foi bem rápido, bem mais rápido do que com ela (chamar de pai e mãe) (Edú – pai)”

“Sempre que eu cheguei na, que a gente começou a namorar elas sempre, elas gostava de mim (...). Agora, tá, me chama de pai, tudo, é pai pra cá, pai pra ali, pra onde cê vai, até se eu vou jogar bola elas quer ir junto também (Edu – pai)”

“Ah, as meninas sempre gostaram dele, desde o começo, sempre gostaram. Aí teve uma época que quando eu tava grávida já do Daniel eu falei pra elas assim, ó, é, cês gostam dele, elas siiiim né, aí eu falei assim, então que que vai acontecer, agora vocês tem que começar a chamar ele de pai, uma porque assim eu falei ele cria vocês como se fosse pai de vocês, porque o pai de vocês, vocês vê que praticamente nem aparece, então ele não é um pai presente, então do mesmo jeito que eu sou a mãe de vocês, ele tem o papel dele de pai, e eu falei e outra, se vocês começarem a chamar ele de Edú, quando o Daniel nascer, ele não vai acostumar a chamar de pai, ele vai chamar de Edú também (...). E aí foi onde elas começaram (Maria Clara – mãe)”

No entanto, a relação de Edu com cada uma das enteadas é diferente. A aceitação de Maria Elena surpreendeu a avó, visto que Maria Elena não aceitava nenhum parceiro trazido por Maria Clara. No entanto, compreendemos que tal aceitação está relacionada à aprovação de Chica, considerando que a reação da avó também permitiu uma postura mais receptiva de Maria Elena. Por outro lado, a aceitação do padrasto e do casal pela filha também permitiu mudanças no relacionamento de Maria Elena e Maria Clara, diminuindo parte da distância entre elas.

Porém, Chica utilizou expressões tais como “absurdo”, “não acreditava”, “de jeito nenhum”, para comunicar o quanto essa aproximação a surpreendeu, e levando em consideração a sua relação com esta neta, podem indicar que tal aproximação representa uma ameaça para a avó, uma vez que o estabelecimento do casal pode levar a um núcleo conjugal fortalecido e que cumpra as funções diferenciadoras através da função materna e paterna, culminando numa aproximação de Maria Clara e sua mãe.

“Eu até achei absurdo a Maria Elena. Quando ela começou sabe (a chamar Edú de pai). Porque eu não acreditava não. De verdade, que isso fosse acontecer. De jeito nenhum.(...)Ela não se dava com ninguém com a mãe dela, que ela pusesse pra dentro de casa. De jeito nenhum. Ela é, ela tem um gênio muito difícil. Então, todo, todos que a mãe dela teve, podia ser um namoro ou amizade tudo, quando ela via né, bem, ela já, ela por si própria ela já se afastava, já cortava assim, num tinha amizade nem nada. Então ela nunca teve. A intenção não era de dizer que esse ia passar no teste não (Chica – avó)”

Apesar disso, a relação com Maria Elena é mais distante se comparada com a da irmã. Elisa tem mais facilidade em se vincular com Edú, de forma que na perspectiva da própria avó ambos demonstram uma relação semelhante a de pai e filha.

“A Maria Elena, tem esse coiso mas ela é mais desligadona, mais, ela secona, ela não é muito de agradar e de, né. (Chica – avó)”

“A Elisa tem um luxo com ele até mais do que a Maria Elena, você percebe que, que é diferente até a convivência dos dois como se fosse pai mesmo, e filha mesmo. (Chica – avó)”

“A Elisa chama até de paizinho né, ô paizinho (risos) (Maria Clara – mãe)”

Edú demonstrou que percebe tal diferença entre as irmãs. Consideramos que essa diferença está relacionada à relação das meninas com a avó, conforme apontamos diversas vezes nesse capítulo. Quando Edú faz alguma solicitação, Maria Elena se aproxima de Chica para tentar evitar a repreensão, mas a avó mantém a posição de Edú, e só então a criança atende ao padrasto.

Além disso, com o tempo, passaram a obedecê-lo menos e atualmente ele também precisa insistir para que as crianças o atendam.

“Ah, tem diferença sim. A Elisa ela, ela me obedece mais. A Maria Elena ela obedece mas um pouco menos, por causa da proteção tipo, às vezes eu falo ela vai pra vó dela aí, aí às vezes até eu vou lá, cadê a Maria Elena? Você já foi fazer aquilo lá que você deixou lá? Ela fica ali, meio no pé da vó dela, vai fazer o que seu pai tá mandando. Aí ela vai. A Elisa ela, já obedece mais (Edú – pai)”

“Elas falaram assim que no começo ele era mais legal, ele explica pra elas mas no começo a gente falava (...) e elas obedeciam e hoje elas não obedecem mais (...), porque você chama a atenção hoje e antes você não chamava (Maria Clara – mãe)”

É evidente que essa relação, ainda recente, passará por conflitos e dificuldades até que se estabeleça de maneira estável, inclusive porque consideramos que as crianças já viveram perdas na relação com o pai e mesmo com a mãe. Além disso, um aspecto importante nesse vínculo diz respeito ao posicionamento de Chica. A aceitação do lugar de Edú e, portanto, da função que pode desempenhar na família passa pela aprovação da avó que até o momento respeita o posicionamento do genro. Inclusive, de acordo com Maria Clara, Chica tem mais respeito por Edú do que pela própria filha, ou seja, ela permitiu a entrada da figura paterna e de certa forma fragiliza e destitui a filha em ocupar a função materna.

Desta forma, o lugar ocupado por Edú, a função paterna, com a aprovação da avó pode oferecer condições para estabelecer uma diferenciação na relação estabelecida com as netas, além de possibilitar o fortalecimento da figura materna, uma vez que nas produções de DF-E das crianças, evidenciaram que tal fortalecimento está relacionado com a presença de uma figura masculina.

“Quando ela chega de manhã cedo aqui, a primeira pergunta que eu já, ela já querendo abraçar e tudo, aí calma peraí cê já arrumou a sua cama, hummm, volta lá e arruma a cama depois vem aqui. Aí elas volta meia, mas volta, arruma e depois vem. Já escovou o dente, ah não, aí vai escovar o dente (Edú – pai)”

“Eu vejo até que quando ele chama a atenção das meninas, que nem ele chega a ir lá, muitas vezes ele fala assim aqui, aí daqui a pouco elas corre pra lá e ele vai lá na janela, já foi fazer o que eu mandei, ela ainda ó, teu pai tá falando, ela num tem oposição nenhuma. A minha mãe ela ainda respeita mais quando ele fala, se ele vai lá e pega no pé, do que quando eu falo, quando eu falo talvez porque ela saiba que se eu falar uma, duas, eu não vou aguentar e eu vou bater e ela, interfere (Maria Clara – mãe)”

“Ah eu converso com elas, às vezes eu falo um pouco bravo com elas né, mas bater eu num bato e ela acaba obedecendo (Edu – pai)”

Na relação com o filho, além de realizar o apoio à mãe, oferecendo segurança, Edú também desempenha uma função lúdica e de cuidados, demonstrando efetivamente sua presença na vida de ambos.

“A gente tá sempre com ele, eu saio às vezes, saio do serviço cedo e volto à tarde, mas quando eu chego, na hora que ela liga meio dia eu já pergunto e o Daniel, já ligou pra sua mãe, aí, pra mim, só felicidade. Ela, ela às vezes briga comigo que eu pego ele e eu rolo na cama entendeu (risos). Mas ele gosta (Edú – pai)”

“Faz umas brincadeira muito doida, ele rola na cama, aí o menino começa a resmungar, e eu para com isso (risos) (Maria Clara – mãe)”

4.9.1 CONJUGALIDADE E O IMPACTO NA PARENTALIDADE

Nesta categoria, serão abordadas as conexões encontradas nas entrevistas que dizem respeito às relações entre a conjugalidade e a parentalidade, pois foi possível perceber que existem questões importantes quanto a este aspecto, como as questões transgeracionais, por exemplo.

4.9.1.1 O RELACIONAMENTO DOS AVÓS

Ao analisar a vida conjugal e a parentalidade na história do casal de avós que tivemos acesso através das entrevistas realizadas, foi possível perceber que para este casal, a conjugalidade teve como principal finalidade a constituição de uma parentalidade, seja através

dos filhos ou por meio dos netos. Cabe apontar ainda, que ambos viveram um rompimento conjugal anterior, no qual a parentalidade não pôde ser exercida por ausência ou falta de apoio. Não foi possível, através das entrevistas, ter acesso a questões da vida conjugal do casal, porém, com os dados coletados, Chica fez referência aos momentos vividos como companheiros, enquanto iam pescar juntos, mas João Carlos relata não sentir falta nenhuma, referindo-se somente à saúde como um empecilho para não fazer as atividades da mesma forma que faziam antes.

“Ah, eu sinto sim porque de primeiro eu gostava muito de ir pro rio com ele, mas hoje eu não vou mais. É, a gente tinha barco, tudo, e aí, e, eu sinto falta sim, de quando a gente ia pro rio, pescar, andava de barco, tudo, mas, hoje já não é a mesma coisa (Chica – avó)”

“Ah Carol eu, vou falar uma coisa pra você, eu não, e eu acho que eu não tenho nada. Agora não, agora eu tô com a coluna, o joelho meio, meio moído né, braço também né, mas, quando há possibilidade às vezes a, eu até vou pro rio pescar, então praticamente eu não acho falta não (João Carlos – avô)”

Aos poucos os avós relatam um distanciamento entre o casal nos passeios de barco e na pesca, atividade que compartilhavam e que há muito tempo Chica não acompanhava mais o marido. Tal ausência ocorreu principalmente devido aos cuidados com os filhos, particularmente ao modo intenso de se aproximar e cuidar deles.

“Não, mas pescar eu sempre gostei sim. É que depois foi vindo, depois veio as criança também, aí a gente já fica mais pra olhar né, ajudar a olhar... (Chica – avó)”

Desde a configuração da parentalidade com os filhos, Chica e João Carlos apresentaram um grande envolvimento com eles, embora com diferenças de envolvimento em relação a cada um. Enquanto Chica apresentava uma postura mais ativa e controladora, João Carlos demonstrou uma postura mais passiva. Tal aspecto pode ser evidenciado no fato de que com Marcelo, o filho eleito por Chica para ocupar o lugar de companheiro, isso afetou a proximidade de João Carlos, que não conseguia levar o filho para acompanhá-lo ao trabalho e, dessa forma, o avô não pode desempenhar a função diferenciadora para a separação/diferenciação entre a mãe e o filho.

Assim também ocorreu no relacionamento de ambos com as netas. A forte ligação de Chica com Maria Elena dificultou o desempenho da função paterna de João Carlos e, por isso, a ele coube a aproximação com Elisa.

Esses dados foram corroborados através das produções do DF-E de Elisa, que no desenho de sua família e na família que gostaria de ter desenhou o avô em uma cor determinada por ela como feminina, indicando que para a neta, o exercício é de uma função materna pelo avô. Talvez a função paterna realizada por ele tenha sido principalmente com relação à contribuição financeira.

Ao serem questionados sobre o impacto para a vida conjugal do casal causado pelo nascimento das netas, os avós relataram que puderem estabelecer uma relação de muita proximidade com as netas, mais intensa do que a perceberam com seus próprios filhos.

“Ah, eu num sei, o que mudou foi assim, porque a gente já não tava mais acostumada a carregar os filhos, é, pra onde ia né, vamos supor, o mercado, aonde fosse, é, num tinha mais esse coiso (...) Mas hoje, aonde nós vai leva elas, é nesse sentido assim que mudou bem (Chica – avó)”

“É, mudou assim né, nesse sentido aí né. Pra onde vai quer ir junto né (João Carlos – avô)”

Além disso, foi possível perceber que o contexto social e econômico vividos pela família, de certa forma intensificaram essa forte relação com as netas, devido ao temor de perigo do ambiente e justifica o fato de os avós não permitirem que as netas saiam para a rua sozinhas.

“Às vezes até pede pra sair né, às vezes tá aqui ah, ceis num vão lá pra pracinha, brincar um pouco lá no, nos brinquedos, vamo no mercado, às vezes até elas mesmo pede né (João Carlos – avô)”

“Tem hora que a gente pega e, larga o que tá fazendo e leva porque, fala, se tá pedindo às vezes é porque tá com vontade né, porque elas num sai, a gente num deixa ficar nem pra fora né (Chica – avó)”

Assim, o relato dos avós apontou a importância da parentalidade para a vida do casal, sobretudo para Chica, que investiu muito na relação com os filhos e com o vazio vivido em decorrência do crescimento e afastamento dos mesmos, pôde retomar o lugar de mãe com o nascimento das netas.

4.9.1.2 O RELACIONAMENTO DOS PAIS

Ao nos debruçarmos na história do casal, notamos a dificuldade da constituição da conjugalidade desde o início, uma vez que o pai biológico era casado e vivia com sua família e nos pareceu que o envolvimento com Maria Clara foi em busca de um prazer sexual extraconjugal. Por sua vez, Maria Clara buscava alguém que pudesse desempenhar uma função de apoio num momento de crise familiar devido à doença da mãe. Aproximou-se dele

principalmente porque ofereceu auxílio para algumas das dificuldades vividas naquele momento e por incentivo de sua mãe.

“Como na época só tava eu e a minha mãe (...), a gente tava na casa do Zé, que é um amigo da família, e era sócio dele, só que a gente não poderia ficar ali por muito tempo, e Jaú é muito bom pra médico, então ele meio que se aproveitou da situação (Maria Clara – mãe)”

No seu relato, Maria Clara apontou a falta de afetividade e desejo para constituir um casal e após a gravidez de Maria Elena, deu continuidade ao relacionamento em busca de apoio para cuidar da filha. Porém, ao se deparar com a falta de apoio do pai da criança, decidiu romper o relacionamento e após a separação soube da segunda gestação.

“Ele fez o papel dele de registrar, só que assim, quando uma fralda tava na metade eu já tinha que começar a pedir porque se eu esperasse acabar a menina ficava sem fralda, entendeu (Maria Clara – mãe)”

Diante dessa situação, o pai novamente não ofereceu apoio, inclusive financeiro, e gradativamente foi se afastando das filhas. A ausência do pai biológico contribuiu para promover uma reorganização das funções parentais na vida das crianças. Não se sabe até que ponto Maria Clara agiria de forma diferente com as filhas, porém, com a presença de Chica como a principal cuidadora das crianças, e ao deparar-se com a necessidade financeira da família e a impossibilidade de seu pai manter financeiramente a família, acabou adotando para si a função de prover financeiramente, de trabalhar e contribuir para o sustento do lar.

“Eu chegava aqui em casa, aí eu limpava a casa, fazia comida, dava banho nelas, era o tempo delas já almoçar e querer dormir, eu fazia elas dormir, duas horas eu pegava o ônibus aqui de novo, porque eu tinha que pegar dois ônibus pra chegar no estoril, pra poder estar lá quatro horas, e essa foi uma vida bem corrida, durante um ano e dois meses. Então assim, eu não vi a Elisa crescer, eu não vi a Maria Elena crescer, eu não vi elas começar a andar, eu não vi nada (Maria Clara – mãe)”

Essa relação é complexa, porque se por um lado Chica tomou a função materna para si, interferindo na relação de Maria Clara com as filhas e não possibilitando que a mãe pudesse exercer minimamente seu papel, por outro lado Maria Clara teve muita dificuldade de desenvolver a função parental sem o apoio conjugal de um companheiro.

“Mas a parte assim, mais gostosa, e a pior na verdade, porque as duas eram pequenas, e elas precisavam de mim aqui, principalmente na fase que começa a querer andar, que dá muito mais trabalho, eu não presenciei, quem presenciou foi ela (Maria Clara – mãe)”

Desse modo, percebemos que as dificuldades em estabelecer limites e fronteiras ocorreu na relação entre Maria Clara e Chica e desta com as netas.

É interessante observar o quanto estes fatores são apontados também pelas meninas no DF-E. Maria Elena demonstrou que uma família não está bem quando os casais não se entendem e estão sempre brigando, indicando o quanto compreendeu, em seu caso, que a falta de uma conjugalidade bem estabelecida pode impactar uma família de forma negativa, deixando-os em “apuros”, conforme mencionou quando uma família não é unida.

No desenho de Elisa, uma família em que alguém não está bem é aquela em que a mãe sente-se sozinha e separada dos filhos, não podendo exercer sua parentalidade. Não faz referência direta ao casal, talvez por nunca ter tido proximidade com o pai biológico e não ter presenciado momentos dos dois juntos, brigando, porém, o fato da mãe estar sozinha indica que falta alguma coisa, que enxerga a mãe como uma figura fragilizada quando não existe alguém a apoiando para que exerça suas funções parentais.

No caso desta família, no que diz respeito às filhas, a falta de uma conjugalidade consistente, em que os parceiros se apoiam e são companheiros, formando uma família unida (conforme as duas meninas ressaltaram nos títulos do DF-E), causou um prejuízo na forma com que a parentalidade foi exercida, conseqüentemente um impacto no desenvolvimento das meninas.

4.9.1.3. O RELACIONAMENTO ENTRE A MÃE E O PADRASTO

No momento em que o casal relembrou e relatou o contexto em que se conheceu, percebemos que a história foi narrada de forma apaixonada. Edú e Maria Clara, felizes, deram risadas ao lembrar como tudo começou. Foi possível perceber a existência de desejo e afeto entre ambos. É interessante apontar também que se conheceram num dia em que Maria Clara saiu para vender sonhos feitos por sua mãe. Na fala abaixo, percebemos que ela aproximou-se de Edú para oferecer-lhe um “sonho”, que ao que tudo indica, foi aceito por ele e de fato, puderam dar início a um sonho compartilhado.

No contexto de encontro do casal apresentado, verificamos que Edú comprou muito mais do que um “sonho-doce”, mas sim o sonho de uma família. Por sua vez, Maria Clara desejava reconstituir sua vida amorosa e formar sua própria família e obteve a aceitação de seu “sonho” por Edú. Ao contrário do relacionamento com o pai de suas filhas, aqui podemos notar o encontro e, por isso, a possibilidade da construção do “sonho”.

“Aí um belo dia né, eu fui vender sonho, e, e aí o Edú tava sentado lá, que ele também morava lá no acampamento, e ele tava deitado no sofá, que era até nesse sofá aqui (risos), tava lá fora, aí eu

cheguei assim até, na metade assim do, do terreno, e eu vi que ele tava dormindo, aí eu pensei ah, não vou chamar não, eu até virei pra voltar pra trás, aí eu falei, quer saber, vou voltar, e aí eu chamei, falei moço (risos), aí ele acordou, aí ele falou assim chega pra cá, com esse jeitão meio doido dele (risos), aí eu cheguei e falei assim você quer comprar sonho, e ele falou assim deixa eu ver, aí ele sentou, aí eu abri, mostrei pra ele os sonhos tudo, e, aí ele falou que ele queria, e a gente começou ali a conversar (Maria Clara – mãe)”

Foi a partir desse encontro que passaram a conversar e logo no início, ao ser indagada por Edú, Maria Clara já demonstrou sua condição de mãe e pai de suas filhas.

“E aí ele falou assim, ô moça, e eu tava com as duas meninas, nesse dia elas foram me acompanhar, aí ele falou assim ô moça, porque você não deixa as meninas com o pai delas pra você ir vender o sonho? E eu falei assim porque eu sou a mãe e o pai delas. Aí a Estela falou era tudo o que ele queria saber (risos) (Maria Clara – mãe)”

Embora Edú quisesse estabelecer um relacionamento com ela, ainda estava casado e Maria Clara só aceitou o envolvimento após o término do casamento com Sara.

“E aí ele disse que ele tava se separando, porque ele já num, num vivia bem com ela, enfim, só tava com ela por causa do filho e não por causa que ele gostava dela, e eu disse pra ele então, então você resolve primeiro uma situação pra depois a gente começar outra (Maria Clara – mãe)”

Percebemos que a condição de Edú era a mesma do pai das suas filhas, porém, nesse caso, o posicionamento de Maria Clara foi diferente: assumiu uma postura na qual exigiu que Edú resolvesse a situação de seu casamento antes de qualquer coisa, demonstrando que apesar das dificuldades em ocupar essa postura, em alguns momentos pode exigir e delinear uma fronteira na relação.

“Depois que ele falou pra mim que ela realmente tinha ido embora, que não dava mais o relacionamento dele então aí a gente começou a namorar. A gente ficou namorando mesmo ele na casa dele e eu na minha o quê, uma semana, duas semanas? Duas ou três semanas. Na acho que na terceira semana, num sábado ele já posou aqui em casa (Maria Clara – mãe)”

Com a separação de Edú, ambos estabeleceram uma vida de casal tão intensa que em menos de um mês já estavam morando juntos no fundo da casa de Chica. Também oficializaram a união civil, o que é muito importante para a família de Maria Clara devido às questões religiosas.

“Em dez dias o que eu passei com ela em um ano e pouco com ela num, os dez mês já tinha superado um ano e pouco entendeu (Edú – pai)”

“E aí a gente nunca mais se largou, aí ele começou praticamente a morar aqui em casa, desde o dia que ele dormiu aqui, ele vinha todo dia (...) e a gente então passou a morar aqui no fundo. Aí tamo junto até hoje, já faz um ano e, alguns meses... (Maria Clara – mãe)”

“Meio, um ano e meio... (Edú – pai)”

“Aí logo já veio o Daniel e enfim tamo aí graças a Deus, agora faz um mês e pouquinho que a gente casou, e vamo tocando, com fé em Deus (Maria Clara – mãe)”

Com relação às mudanças no exercício da conjugalidade e parentalidade do casal, comparados aos primeiros relacionamentos, ambos apontaram diferenças. Maria Clara mencionou o quanto se sentia segura no relacionamento e que com o nascimento de Daniel sentia muita confiança de que teria outro tipo de relação com o filho, devido ao bom estabelecimento da conjugalidade, o que possibilitou que cuidasse do filho sem a ajuda dos pais. Mencionou um duplo aspecto para a união do casal, tanto por amor mútuo, quanto para juntos criarem o filho. Aqui, percebemos que existe uma relação entre a conjugalidade e a parentalidade, no sentido de que a última fortaleceu a conjugalidade.

“Pra mim mudou completamente. Porque foi tudo muito diferente. É, eu tive o Daniel, já tendo a certeza de que eu queria ter o Daniel, tendo a certeza de que eu queria ficar com o pai dele, é, e tendo a certeza de que seria tudo completamente diferente, que eu faria tudo diferente. Desde já tá com uma pessoa que eu gosto, até ao ponto da criação, até ao ponto de não depender dos meus pais pra isso, até o ponto de, de ficar com ele, por amor, mas também ficar com ele pra educar o Daniel junto. Entendeu. É, eu sempre falei isso pra ele, eu falei a gente vai ter um filho mas, eu não penso jamais em deixar ele. Entendeu, eu não penso. Uma porque eu amo ele, e outra porque criar um filho sozinha, não é fácil (Maria Clara pronuncia a última expressão mais baixo). Eu tenho a plena certeza disso (Maria Clara – mãe)”

Edú também mencionou a diferença com relação ao casamento anterior, apontando que a falta de satisfação no relacionamento tinha como resultado o seu distanciamento de casa e da família. No casamento atual, isso não ocorre devido às questões apontadas acima.

“Pra mim mudou tudo também. Que eu, na verdade eu, eu, eu tava num relacionamento que eu num queria, e desde então apareceu ela na minha vida e tudo ficou, completamente diferente. E, além de tá com uma pessoa que eu não gosto eu procurava sair pra poder me divertir em outro lugar, entendeu, e hoje eu não penso em nada disso (Edú – pai)”

Com relação às mudanças no relacionamento do casal após a chegada de Daniel, Maria Clara relatou uma mudança no tocante a uma diminuição da euforia inicial conforme foram amadurecendo a relação. Disse que não se sentia bem com seu corpo na gravidez, e isto

gerou um afastamento físico, porém após o nascimento, retomaram a proximidade e de certa forma, até o momento percebemos que a chegada de Daniel tem contribuído para a consolidação da vida do casal.

“É teve um certo tipo de mudança assim, mas desde o começo pra cá, porque no começo, né, tudo novo, aquela coisa, aquela euforia assim, eu acredito que a gente amadureceu um pouco mais, mas da, da maneira que era, mas assim, tá, tá ótimo do jeito que tá. Eu fiquei assim, eu me sentia um pouco, depressiva assim quando eu tava grávida, porque eu fiquei com um barrigão, que eu num guentava andar, ele não queria nem encostar sabe, não fica pra lá, porque assim se ele encostasse, porque eu já sentia incomodada (...). Mas assim, depois que ele nasceu, voltou tudo ao normal, tá tranquilo (Maria Clara – mãe)”

Embora já tenha sido apontado anteriormente, cabe ressaltar a importância da aceitação de Edú pela família, uma vez que isso contribuiu para a inserção e a aceitação do lugar e função por ele desempenhados, influenciando tanto na parentalidade quanto na conjugalidade. Maria Clara afirmou o quanto Chica aceitou seu marido, minimizando sua interferência na vida do casal. Existia o desejo e a expectativa de uma figura que pudesse organizar psiquicamente os lugares parentais e isso pôde ocorrer através da chegada de Edú, considerado quase como “divino”, diante do “milagre” operado: a de que Chica não invada o espaço da vida conjugal e parental de Maria Clara. A possibilidade de perda desse “genro de Deus”, que ampara e apóia a filha, também definiu o lugar de Chica diante desse casal: o de sogra e de avó.

“Eu nunca vi a minha mãe falando um a do Edú. Coisa que é muito difícil porque, nunca se deu bem com nenhum relacionamento que eu tive, nunca, nunca, e o Edú ela não abre a boca, ela não fala nada, muita das vezes ainda ela, se tem alguma coisa assim ela ainda concorda com ele, do lado dele às vezes, é, muito diferente. Acredito eu que foi de Deus mesmo, porque, quando essas coisas são, acredito que vem de Deus e é pra dar certo tudo dá certo (Maria Clara – mãe)”

“Às vezes possa ser por causa dela ter ido com a minha cara (risos) (Edu – pai)”

Dessa forma, destacamos que tendo tido um relacionamento permeado por uma escolha amorosa, segurança e fortalecimento, ambos conseguiram estabelecer a parentalidade com o filho de forma presente e ativa e fortalecer a conjugalidade. Gradativamente o vínculo da mãe com as filhas tem gerado contornos mais precisos, gerando a expectativa nas filhas, conforme apontou o DF-E, chamando-o de pai e desejando que contribua para que a família fique reunida (unida novamente, conforme apontou um dos títulos da estória).

4.10.1 FUNÇÃO DIFERENCIADORA

Nesta categoria será abordado de que forma surgem reflexos do estabelecimento de uma função diferenciadora na vida das crianças, por meio das experiências de separação e autonomia, estabelecimento de regras, e sexualidade.

4.10.1.1 AQUISIÇÃO DE AUTONOMIA, ESTABELECIMENTO DE REGRAS, SEXUALIDADE

Através da análise das entrevistas realizadas, reunimos nesse momento aspectos que consideramos importantes para compreender a maneira como a função diferenciadora tem ocorrido e o seu contorno no desenvolvimento das crianças. De modo geral, a entrada de um objeto que possibilite a separação inicial estabelecida entre a mãe e o bebê é uma condição para que a criança possa caminhar rumo à autonomia, seja de questões práticas as quais envolvem a rotina (banho, alimentação, tarefa escolares, dentre outros) e a organização da sexualidade infantil, e nesse sentido, a triangulação edípica favorece que a criança possa desvincular-se dessa relação inicial cuja escolha recai inicialmente sobre um dos genitores e gradativamente vincular-se a outros objetos.

Desse modo, a vinculação indiferenciada e que não favoreceu a autonomia é evidente na relação estabelecida entre Chica e Maria Elena e, por isso, a criança apresentou uma dificuldade para permanecer na creche e permanecer separada da avó. Paralelamente, percebemos a dificuldade da avó em realizar processos de separação através do desfralde e desmame, que só aconteceram por escolha da própria criança.

“E o desmamar dela de repente foi largando, começa a passar pro copo né. E, ah não, vou pegar um copo de leite. Não vou querer na mamadeira. Um dia queria mamadeira, o outro dia já queria no copo. E assim foi até que largou por si, mesmo (João Carlos – avô)”

“A fralda ela largou praticamente por si mesma. Ela achava até ruim de por a fralda que ela falava que apertava né (...) (com) Uns dois anos mais ou menos (João Carlos – avô)”

A entrada para a creche foi um momento muito delicado para toda a família, uma vez que representa a separação da criança de seu cuidador principal. A mãe participou do processo de adaptação escolar e como a filha chorava e tinha dificuldade de ficar na creche, quase chegou a desistir, se não fosse a interferência de uma funcionária da creche. A dificuldade em ficar separada da figura materna gerou um sofrimento na criança, que se recusava em permanecer na escola.

A interferência da funcionária pode ter funcionado como a representação de uma diferenciação na relação da mãe com a filha, possibilitando um apoio para que a mãe pudesse suportar o sofrimento da filha nesse processo.

“Ah, a Maria Elena deu trabalho (na adaptação na creche). Eu acho que foi com, com um ano e pouco. Mas também ela acostumou muito comigo aqui em casa né, eu nem num levava, porque eu já sabia que se fosse eu ia ser pior, então a Maria Clara que levava (Chica – avó)”

“Ela não ficava. Parece que ela tinha um medo de outras pessoas sabe, ela, ela grudava na minha mãe e não desgrudava de jeito nenhum. Então ela queria que ela, ela se sentia protegida com ela. Então ela deu muito trabalho pra entra na, na escolinha (Maria Clara – mãe)”

“Quando já chega em casa, pra fazer a tarefa dá trabalho. É bem preguiçosa pra fazer a tarefa, a letra, bem assim, ruim, faz de qualquer jeito, sabe, quer ficar só na televisão (Maria Clara – mãe)”

Ao contrário, Elisa é uma criança mais sociável, com mais facilidade para se adaptar a novos contextos e relacionamentos e não apresentou as dificuldades verificadas com a irmã, embora tenha sido levada para a creche em idade mais precoce do que sua irmã.

“A Elisa tinha seis meses quando foi. Então lá que eles mesmos desmamaram, eles mesmos ensinaram ela a ir no banheiro, tiraram fralda, tudo, quer dizer que isso eu num posso falar (...). Aí lá eles foram, elas foram libertando assim de tudo. Mas foi, vamos supor, foi tranquilo (Chica – avó)”

“Ah, eu gostei porque me ajudou muito. É, na escolinha que elas tavam, lá que eles desmamaram a Elisa. Foi lá porque a Elisa já foi pro berçário né (Chica – avó)”

“A Elisa é, vai pro banheiro, se escova o dente sozinha, se, é quer tomar banho, pentear cabelo, ela mesma, ela, sabe que ela sabe pentear o cabelo sozinha?(Chica – avó)”

“Cê vê que ela é uma criança completamente disposta, ativa em te ajudar, se ela vê eu assim meio triste, ela vem, ela, se às vezes eu tô chorando assim ela enxuga, ah, porque que cê tá chorando, chora não, ela vem e me dá um beijo, uma criança muito amorosa (Maria Clara – mãe)”

Outro aspecto que diz respeito à separação e aquisição da autonomia consiste na separação das crianças da cama do casal de avós. Mesmo com o crescimento das netas, Chica tem dificuldade em estabelecer separações e por isso tem sentimentos ambivalentes, pois ao mesmo tempo em que compra uma cama nova para as meninas, não permite que durmam na casa da mãe.

“Hoje elas tem a cama delas né, apesar que elas não dormem na cama delas lá na casa da mãe delas, aí eu ponho o colchão no chão ali e elas dormem no meu quarto ainda (...), que eu comprei daquelas que tem a cama auxiliar né. Aí, mas fica lá no fundo, e como elas não ficam no fundo (Chica – avó)”

“Sempre dormiram comigo mesmo. Todas duas. Ou é na cama, ou às vezes o João Carlos que dormia no chão antigamente (Chica – avó)”

“E a cama lá, por causa de ser alta, e criança mexe a noite, uma acaba caindo em cima da outra, acaba até machucando né Carol. É por isso que não usa ela, a cama do fundo né (João Carlos – avô)”

Maria Clara relatou a situação em que Maria Elena caiu da cama e considerou que foi uma espécie de pretexto para que Chica voltasse a ter as netas dormindo ao seu lado, pois sempre evitou que as meninas dormissem com a mãe.

“A minha mãe ela nunca deixou, na verdade quando eu passei aqui pro fundo, ela num, nunca deixou muito. As meninas dormirem aqui. Tanto é que elas compraram aquela cama que tá ali hoje, é, era aqui no meu quarto, comprou pra elas, elas dormiram na cama, duas vezes, uma vez, duas vezes, se dormiram. E, aí acho que a Maria Elena acabou caindo da, da cama, porque era alta, não sei o que, aí já pronto já, era o pretexto que ela queria né (Maria Clara – mãe)”

No tocante ao estabelecimento de regras, frisamos que essa função é desempenhada por Chica, Maria Clara e Edú, enquanto o avô não ocupa esse lugar, não sendo respeitado pelas crianças. Porém, Maria Elena tem dificuldade para obedecer e quando percebe que será cobrada pela mãe, acaba procurando a proteção da avó. Elisa aceita melhor e não parece gerar problemas.

“Aí por fim precisa dar uns grito com ela, pra ela poder obedecer, porque ela é meia, ela acha que cê tá só falando, num tá falando sério entendeu. Aí tem hora que você precisa, então, mostrar pra ela que é sério. Mas ela, a mãe dela ela obedece demais. E também o Edú as vezes pede pra ela, ele põe ordem também (Chica – avó)”

“Só que a Maria Elena principalmente é assim, é, ela vem aqui em casa, que aqui em casa, aqui em casa eu boto regra, ó é assim, que que ela faz, vup pra minha mãe. Dependendo do jeito que eu chamar a atenção dela ela fica um, quase um dia inteiro sem aparecer aqui, fica lá pro lado da minha mãe (Maria Clara – mãe)”

Edú consegue estabelecer regras e delimitar limites tanto para Maria Elena quanto para Elisa. Percebe-se uma postura que combina componentes afetivos e de cuidado com componentes relacionados a uma função diferenciadora, com discriminação de posições, lugares e funcionamento familiar.

“Mas é assim, ele (Edú) também põe ordem e elas obedece viu. Eu percebi que ele, que ele tem um jeito de lidar assim bem, bem, na hora de dar carinho, ele leva pra comprar um sapato, ele leva pra

comprar uma roupa às vezes sabe, num é aquilo caro, mas ele demonstra que ele, ele tem hora pra tudo. E elas obedece sim (Chica – avó)”

“É, por incrível que pareça, mesmo reclamando um pouco, elas obedecem bem o Edú. Ele fala, já arrumou o seu quarto, não sei quê, e elas vão, faz, às vezes meia assim reclamando, mas você vê que tem uma diferença porque mesmo elas reclamando, elas gostam muito dele e num leva em consideração ele chamar a atenção (Maria Clara – mãe)”

Os relatos apontaram o pouco interesse das crianças no tocante à sexualidade, sendo uma sub-categoria que surgiu com pouca frequência nas entrevistas.

Porém, apontamos dois aspectos que se destacaram. Maria Clara relatou um episódio no qual Maria Elena chamou o padrasto de “musculoso” quando o viu sem camisa, e Maria Clara a repreendeu. Também mencionou que a filha tenta imitar a mãe em sua postura com Edú. Demonstramos uma vivência edípica em que Maria Elena de certa forma se identifica com a mãe e tenta manter-se mais próxima afetivamente de Edú, sendo estabelecido pela mãe um interdito através de repreensões quando não concorda com as falas e atitudes da filha. A hipótese é de que Maria Elena aos poucos esteja se permitindo aproximar-se afetivamente de Edú, e com isso, tornando-se menos submetida à relação com Chica e aproximando-se de uma cena edípica.

“Ela teve uma conversa que o pai dela tava sem camisa e ela falou nossa pai, como você é musculoso, não sei o que, teve um, um coiso assim sabe e eu chamei a atenção dela, onde cê tá aprendendo essas coisas, não sei o que, disse ela que foi num desenho, do jovens titãs, jovens não sei o que lá, que ela andou assistindo, e aí eu meio que dei uma repreendida nela porque eu achei que o jeito que ela comentou não foi muito, agradável pra idade dela entendeu, e faltando meio que, no meu ponto de vista com o respeito (Maria Clara – mãe)”

“Cê vê assim que, ela acha que ela pode fazer aquilo que ela vê você fazendo. Então eu, eu evito, não faço nada que ela não possa, fazer assim, perto dela. É, se eu vou, se o pai dela tá deitado ali e eu vou lá abraçar ela quer abraçar também. Ela vai e abraça também. Aí às vezes eu falo pra ele assim, ai meu gostoso, não sei que, e aí ela vem abraça ele e fala assim ai meu gostoso, então você vê que ela faz tudo que você faz. Entendeu. Ela é bem. Já a Elisa não, ela é bem amorosa mas, não sei se eu diria com mais respeito, ou com mais ingenuidade, do que a Maria Elena (Maria Clara – mãe)”

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A família aqui apresentada e estudada pode ser considerada uma nova organização familiar, em que são os avós que exercem as principais funções de cuidado com as netas, embora haja a presença cotidiana da mãe biológica e do padrasto. Ceccarelli (2007) aponta a necessidade de perceber que esses novos arranjos familiares na realidade sempre existiram, porém viviam à margem, sendo, na verdade, ignorados. Aos poucos as figuras centrais desses arranjos começaram a exigir direitos e tornaram-se “visíveis” socialmente, por isso atualmente são realizados debates a respeito de como os processos de subjetivação serão realizados a partir destes modelos de família que fogem ao tradicional.

A psicanálise não pode ser vista como detentora do que é “normal ou patológico”, não guarda uma ordem simbólica como se fosse algo imutável, e conforme nos orienta Ceccarelli (2007), nossa postura diante desses novos arranjos familiares deve ser o de compreender como ocorre esta dinâmica, sem ditar a forma correta que esta dinâmica deve funcionar, assim como Freud muitas vezes partiu das experiências sociais e clínicas para elaborar suas teorias, e não o contrário.

Sendo assim, neste capítulo buscaremos discutir teoricamente o corpus da análise das entrevistas apresentada no capítulo anterior.

Através da percepção das expectativas, gestação e nascimento das crianças, notamos aspectos relacionados à inscrição simbólica de cada criança no contexto familiar. No caso de Maria Elena, ela foi “gestada simbolicamente” por Chica desde a gravidez de Maria Clara, conversando com a barriga e estabelecendo um vínculo com a neta que iria nascer. Em relação ao pai biológico, quando este soube da gravidez, por já ter outra família constituída, acabou passando os bens para a filha mais velha, simbolizando o quanto Maria Elena não teria espaço significativo na vida do pai. Maria Clara na época tinha dezessete anos, não se sentia preparada para ser mãe e ainda se deparou com a ausência do pai, de forma afetiva e financeira, e teve que trabalhar para auxiliar nas despesas da casa, mantendo-se distante afetivamente da filha mais velha. Enquanto isso, a avó Chica estabeleceu uma relação afetiva muito intensa com a neta, com um investimento libidinal significativo, tornando-a seu novo sentido de vida, após ter passado vários períodos doente.

Maria Clara engravidou de Elisa cerca de oito meses depois do nascimento de Maria Elena. Sem saber que já estava grávida de um mês de Elisa, decidiu separar-se definitivamente do pai biológico das crianças, por não estar satisfeita com a forma de relacionamento que mantinham. Mesmo após descobrir a gravidez, não retomaram a relação.

Em contrapartida, Daniel nasceu em um contexto completamente diferente, a partir de uma conjugalidade bem constituída entre Maria Clara e Edu, seu novo parceiro, e com o desejo de ambos os pais de exercerem as funções parentais na vida do filho.

Para compreender como a família é constituída, formando um grupo, Passos (2005) aponta que é preciso observar como se estruturam as relações internas entre os membros, verificando de que forma são feitos os investimentos afetivos nas inter-relações, os quais envolvem aspectos que se relacionam à parentalidade, filiação e conjugalidade, sendo a base para constituição psíquica do grupo e a estruturação psíquica de cada membro familiar.

No entanto, Ceccarelli (2007) pontua que não basta possuir uma vinculação biológica e consanguínea para determinar a filiação; muito mais do que isso, os processos de subjetivação serão resultados do lugar que o bebê ocupa no imaginário de quem o recebe e acolhe no mundo.

Maria Elena ocupou um lugar psíquico diferenciado no imaginário da avó, e a filiação entre as duas ocorreu de forma muito mais intensa do que com Maria Clara, que demonstrou uma dificuldade em estabelecer uma vinculação emocional desde a gravidez, em que se sentia preocupada com seu futuro, despreparada para ser mãe e emocionalmente distante. Por mais que ambas, Chica e Maria Clara, convivassem com Maria Elena, o principal investimento libidinal recebido por ela foi o de Chica.

Elisa não ocupou um lugar psíquico significativo na vida de nenhum dos membros da família; os avós cuidaram dela como uma consequência natural devido à necessidade de a mãe trabalhar. Já Daniel ocupa lugar de destaque no psiquismo do casal, pois ambos desejaram exercer a parentalidade com o filho, e neste caso a vinculação consanguínea coincidiu com o estabelecimento da filiação.

Inclusive a escolha dos nomes das crianças aponta o lugar psíquico ocupado por cada um deles dentro do contexto familiar. Rabinovitch al. (1993) apontam o quanto a escolha dos nomes define um lugar social que o sujeito deve ocupar, como se ao nascer os sujeitos tivessem papéis pré-estabelecidos, que se relacionam às expectativas dos pais quanto ao nascimento da criança. Relaciona-se fortemente com sua identidade, e conforme se estabelece uma relação do sujeito com o projeto parental, poderá ou não existir uma facilitação para incorporar os conteúdos que foram projetados pelos pais nos filhos. Os autores destacam que a pessoa pode assumir o seu nome como uma marca, ou então será por ele marcado, por meio da identificação. Mesmo que o sujeito não perceba, seu nome tem grande influência em sua vida.

O nome da Maria Elena foi escolhido pelos pais. Maria Clara quis escolher um nome que fosse parecido com o dela, e o pai biológico desejava homenagear a avó com a qual tinha grande relação afetiva, combinando o desejo dos dois no nome Maria Elena. Percebe-se que Maria Clara sempre foi a filha que mais se disponibilizou a estar próxima e auxiliar a mãe Chica, e ao dar até o nome parcialmente igual ao seu, transmitiu simbolicamente esse papel de proximidade e continência da avó.

Elisa teve seu nome sugerido pelo avô após a mãe Maria Clara afirmar que desejava que o nome da segunda filha combinasse com o da primeira. Percebe-se o quanto até mesmo na escolha do nome o pai biológico foi ausente, com uma ausência de filiação simbólica completa, já que até mesmo duvidava da paternidade. Elisa teve seu nome escolhido por se assemelhar a Elena, estabelecendo uma relação com a irmã e com o avô que escolheu o nome, e não com os pais.

No caso da escolha do nome de Daniel, Oliveira (2014) realizou um estudo que tinha o objetivo de verificar se os nomes atribuídos aos filhos primogênitos o designavam a um lugar psíquico na família, e verificou que no caso de recomposições familiares, após o nascimento do primeiro filho nesta nova relação, existe um investimento narcísico realizado pela mãe que o coloca em um lugar privilegiado. Quando os novos parceiros já tinham tido outros filhos das relações anteriores, o estudo apontou que a mãe demonstrava um desejo de que o filho da relação atual ocupasse o lugar de primogênito para o marido, e atribui que isto pode significar uma tentativa da mãe em negar o passado do marido.

Os resultados apontados por Oliveira (2014) em sua pesquisa são verificados também no caso de Daniel. Edú já possuía o primeiro filho de uma relação anterior, e Maria Clara de fato o coloca em um lugar privilegiado na família, sendo aquele filho que não teve problemas na gestação, que não tem dificuldades com o sono e até mesmo quando está doente é muito tranquilo, diferentemente dos relatos das vivências com as primeiras filhas. O nome foi escolhido em especial pelo pai, sendo muito semelhante ao nome de seu primeiro filho. Percebe-se o quanto o pai desejava suprir a falta do primeiro filho, desejando que o filho ocupasse simbolicamente o espaço vazio após o afastamento de Danilo.

Por sua vez, a mãe sempre teve desejo de ter um menino, e conforme indica o estudo, parece ter um forte desejo de que o filho fruto da relação atual tenha uma posição de destaque para o marido, em comparação ao filho do relacionamento anterior. Santos e Cervený (2013) consideram que através da escolha dos nomes ocorrem transmissões de heranças familiares, e que não é possível desconsiderar de forma completa as heranças que são transmitidas pela família de origem. Desta forma, Daniel é posicionado como uma criança especial para os pais,

mais tranquilo do que as irmãs e responsável por suprir afetivamente a ausência do primeiro irmão para o pai.

Com relação aos motivos que levaram os avós a assumirem a educação dos netos, verificou-se nesta família razões que já foram verificadas em estudos anteriores. Mainetti e Wanderbroocke (2013) afirmaram que com o aumento da expectativa de vida os avós têm convivido cada vez mais com as novas gerações, tendo papel atuante na família, em especial as mulheres idosas. Este aspecto fica evidente na família pesquisada, na qual se verifica o papel determinante de Chica para a configuração familiar. Os autores também relatam que a presença dos netos permite que antigos desejos, sonhos e ideais sejam reavivados.

No momento da gravidez de Maria Clara, Chica submetia-se a um tratamento médico em outra cidade e foi acompanhada pela filha. Os primeiros filhos já estavam vivendo de forma mais independente e Maria Clara estava com dezessete anos. Assim, com a ausência dos filhos, a chegada de problemas de saúde e a experiência de um estado depressivo, Chica viveu uma ausência de sentido de vida. Com a chegada de Maria Elena, seu desejo de completude foi reavivado, fruto de um investimento narcísico e libidinal intenso que já tinha estabelecido desde a relação com a sua mãe até a relação com os filhos. Cardoso e Brito (2014) contribuem nesse sentido ao constatarem em um estudo com avós que cuidavam de forma constante dos netos que o exercício dessas funções tinha como significado uma maneira de se sentirem úteis ou preencherem o vazio que sentiam. No caso de Chica, o vazio com o crescimento e afastamento dos filhos pode ser preenchido com a chegada das netas, em especial Maria Elena.

Quanto às razões para que os avós assumissem a criação dos netos, a separação de Maria Clara do pai biológico das crianças e a gravidez na adolescência, em um período em que a mãe não se sentia preparada para exercer essa função, teve grande relevância. Precisou, ainda, trabalhar para contribuir financeiramente com a família, já que o pai não contribuía com as despesas. Estudos anteriores já apontaram a questão da separação dos pais e gravidez na adolescência como razões muito frequentes para que os avós assumissem os netos, dentre eles Mainetti e Wanderbroocke (2013) e Cavalcanti et al. (2015).

Em nossa pesquisa os avós não apontaram aspectos negativos na criação dos netos, diferentemente de outras pesquisas realizadas. Mainetti e Wanderbroocke (2013) citam que os avós apontaram aspectos como sobrecarga financeira, educação dos netos, diminuição da qualidade de vida, depressão e cansaço como pontos negativos. Cavalcanti et al. (2015) relataram que os avós pesquisados em seu estudo relataram dificuldades devido ao choque de geração e a imposição de regras, sendo afrontados pelos netos. É possível notar que a vivência

de Chica e João Carlos no cuidado com as netas muitas vezes é sentido como idealizado. A avó mencionou apenas brevemente dificuldades com a alergia à lactose de Elisa.

Os aspectos positivos da criação de netos, relatados por Araújo e Dias (2010 apud Mainetti e Wanderbroocke, 2013, p. 88), foram verificados na presente pesquisa. Os autores relataram que os avós procuram cuidar dos netos dedicando-se ao máximo, pois sentem muita alegria, amor e um objetivo para viver com a presença deles. Chica e João Carlos também demonstram se dedicarem de todas as maneiras, tanto no aspecto afetivo quanto financeiro, pois as netas lhes proporcionam vivências que lhes causam bem-estar, tornando-se, de fato, um objetivo na vida desses avós.

A experiência de cuidar dos netos é tão positiva para os avós que chegaram a mencionar que essa relação baseada na experiência de cuidados chega a ser melhor do que quando cuidavam dos filhos, pois atualmente possuem mais tempo para estarem com eles.

Essa dificuldade em definir o que é ser avó e quais as suas funções já foi apontada pelas avós pesquisadas por Cardoso e Brito (2014), que relataram não existir uma definição e modelo único do que é ser avós, pois as tarefas são combinadas a partir da relação estabelecida com os demais componentes da família. Variam conforme o contexto e a disponibilidade, e é no dia-a-dia que serão delineadas as relações entre avós e netos.

No entanto, além destes pontos mencionados verifica-se na dinâmica familiar como os aspectos transgeracionais influenciaram para que os avós assumissem a criação das netas. Falcke e Wagner (2014) apontam que a família tem uma grande força de perpetuação, transmitindo legados de uma geração a outra, fornecendo identidade à família e atribuindo significados e influenciando as vivências da geração atual. Afirmam que todo sujeito se insere em uma história preexistente, em que é “herdeiro e prisioneiro”, já que a identidade de cada membro do grupo é formada a partir do legado familiar que define o lugar que ele deverá assumir na família.

Observou-se que Chica possuía desde a relação com seus pais modelos de relacionamento e de identificação que determinaram a forma com que se relaciona com os filhos e as netas. Era muito vinculada à mãe, enquanto o pai era uma figura ausente, não existindo entre elas uma figura diferenciadora. No primeiro casamento, Chica acabou se relacionando com um homem que também não exerceu as funções parentais, de forma que Chica teve que assumir sozinha os principais cuidados com Marcos e Marcelo, assim como sua mãe.

No segundo casamento, João Carlos é companheiro e contribui para suprir as necessidades financeiras da família, porém, não conseguiu adotar uma postura ativa diante da

esposa, de forma que Chica configura-se como a figura central nas decisões familiares, bem como estabelece os vínculos sem discriminação de funções com grande investimento libidinal para os filhos e as netas, e João Carlos não consegue estabelecer uma função terceira nesta relação. João Carlos viveu uma educação muito rígida na qual era submisso ao tio e a mãe, relação que reproduz com Chica numa postura passiva.

Após o casamento, João Carlos assumiu os dois filhos da esposa, no entanto, Chica não permitiu a aproximação de João Carlos e Marcos, deixando o pai levá-lo junto para trabalhar e aprender seu ofício, porém era tão vinculada com Marcelo e estabeleceu com ele uma relação de investimento narcísico tão intenso que não permitiu a mesma aproximação do pai. Maria Clara é a única filha do casal, que sempre foi muito próxima do pai, sendo ele que exerceu as cuidados básicos após o seu nascimento, pois este período coincidiu com o falecimento da mãe de Chica, deixando-a em estado deprimido.

Com o passar dos anos e crescimento dos filhos, Marcos e Marcelo se afastaram da família, apesar do investimento libidinal dos pais nos filhos de forma muito intensa, a ponto de o ambiente externo ser percebido sempre por Chica e João Carlos como ameaçador, uma vez que atribuíram tais separações à influência do mundo externo.

Falcke e Wagner (2014) afirmam que desde a infância precoce são atribuídos aos membros da família “mandatos” relacionados a como deverão ser e quem será o modelo familiar no qual deverão se espelhar. Caso o mandato tenha um significado intenso para a família e o sujeito não realizar essa expectativa, a família sente-se frustrada pelo não cumprimento da função imposta, gerando sentimentos de abandono e solidão. Sendo assim, muitas vezes a geração atual sofre reflexos das vivências da geração anterior, e aquele que tenta rejeitar tais padrões familiares herdados o faz seguindo o modelo oposto, sofrendo as consequências de suas escolhas perante a família.

O afastamento dos filhos gerou nos pais sensações de abandono e solidão, justamente porque não tenderam ao mandato familiar caracterizado por essa vinculação intensa com os pais que não permitia o exercício pleno de suas autonomias. Marcos casou-se com uma figura que lhe auxiliou a promover essa separação, e Marcelo rejeitou esse padrão familiar seguindo o modelo oposto, afastando-se completamente dos pais.

Maria Clara é a única filha do relacionamento de Chica e João Carlos, e somente ela continua próxima dos pais. Afirma que quando começou a perceber que os irmãos não forneciam a Chica o amor que ela “precisava”, começou a sentir que deveria cumprir o papel de acolhê-la, estando sempre próxima e evitando frustrá-la. Quando a mãe adoeceu e precisou

mudar de cidade para fazer tratamento médico, foi Maria Clara quem a acompanhou, e após ter suas duas filhas, foi a única que permitiu que os avós assumissem o cuidado das netas.

Demonstra estabelecer uma aliança com os pais, em especial com a mãe Chica, como se tivesse que cumprir o “mandato” herdado que impõe que os filhos devem sempre estar próximos aos pais, em uma mistura de funções. Falcke e Wagner (2014) afirmam que os padrões e valores são transmitidos de geração em geração, fazem parte da vida dos sujeitos sem que eles percebam e influenciam atitudes e escolhas, como se fossem vozes vindas de seu interior. O que faz a diferença entre um integrante da família e outro é o “volume” dessas vozes para cada sujeito, sua quantidade, intensidade e compreensão. No caso de Maria Clara, esta voz soou mais alta, cumprindo a função de sujeitar-se às suas escolhas e posicionamentos. O fato de ela ter sido a filha mais nova, percebido os efeitos do afastamento dos irmãos e de ser a única filha consanguínea do casal contribuiu para que assumisse esse papel.

Kaës (2011) afirma que para a formação e manutenção do vínculo no relacionamento com o outro e o grupo social são necessárias formações de alianças inconscientes e conscientes que tenham a função de preservar este vínculo, determinar como será seu funcionamento, suas normas e concessões referentes a este grupo. É fundamental um objetivo e comprometimento em comum entre duas ou mais pessoas para que exista um processo de ligação que constitui as alianças.

Através das alianças é formada uma realidade psíquica do grupo, em que existem contratos e pactos estabelecidos pelos sujeitos e que sua posição no grupo os abriga a mantê-los; exige concessões e fornece satisfações a partir dos custos psíquicos. Como cada um é sujeito de seu inconsciente, que é envolvido pelas alianças inconscientes, cada sujeito terá a sua própria realidade psíquica constituída e moldada pelas alianças estabelecidas. Kaës (2011) ainda aponta que as alianças geram efeitos que envolvem a transmissão psíquica geracional, de forma que emitem resquícios aos próximos componentes da família que virão.

Desta forma, Maria Clara estabeleceu uma aliança inconsciente com os pais de forma a se responsabilizar por eles emocionalmente, mantendo uma relação sem discriminação de funções e lugares, muitas vezes abriu mão de sua autonomia como forma de agradá-los. Isto se reflete no fato de ter aceitado relacionar-se com o pai biológico das filhas por interferência de sua mãe, que a incentivou, além do fato de sentir-se desamparada diante do peso de responsabilizar-se, numa idade tão jovem, dos cuidados de uma mãe doente. Dessa forma, como o parceiro mostrou-se inicialmente disposto a ajudá-la, acabou estabelecendo um relacionamento com um homem casado e quase trinta anos mais velho, e sem perceber, ainda

forneceu duas filhas para suprirem o vazio instalado na vida de Chica com a ausência dos filhos. Muito além de um suposto abandono das filhas com os avós, Maria Clara tinha dificuldades em perceber como a mãe estava se vinculando de forma tão intensa com as filhas, que ocupou o seu lugar de mãe, e diante de suas dificuldades em realizar um corte que permitiria que sua mãe pudesse respeitar seu lugar, manteve a aliança de comprometimento de união com a família, inibindo sua própria autonomia.

O próprio fato de manter-se morando no fundo da casa dos pais mesmo após a constituição do novo casamento e nascimento dos filhos, deixa claro o quanto tais alianças têm reflexo em sua vida. Tal processo já foi verificado em estudo realizado por Dias et al. (2011), que pesquisaram famílias com três gerações convivendo juntas e sendo chefiadas por idosos. De quinze famílias, na maioria dos casos são as filhas que moram junto com suas mães, com a exceção de uma nora, demonstrando uma proximidade e dependência entre elas. Além disso, verificou-se que esta convivência de diferentes gerações na mesma casa é cercada de conflitos e ambivalências, devido à proximidade intensa entre os membros, que acaba dando abertura para interferências mútuas na vida uns dos outros. Tais aspectos também são percebidos no caso de Maria Clara e sua relação com a família, sendo somente a filha mulher que continuou próxima dos pais, estabelecendo uma relação de dependência entre eles. Os conflitos acontecem devido às discordâncias frente à forma de educar as meninas, pois a avó interfere diretamente, além das interferências nos relacionamentos amorosos anteriores de Maria Clara.

Falcke e Wagner (2014) ainda referem sobre a transmissão psíquica enfatizando que existe uma potência e eficácia muito intensas nesses processos de transmissão, de forma que por mais que o indivíduo tente buscar a liberdade dos padrões de origem familiares, ainda assim estará de certa forma aprisionado a tais relações. Percebe-se uma espécie de aprisionamento de Maria Clara aos padrões familiares dos pais (que também foram herdados), com reflexos na geração atual, em que a função atribuída a ela frente aos pais, em especial a Chica, também foi transmitida para Maria Elena, que estabeleceu uma aliança muito forte com a avó, refletindo em seu desenvolvimento emocional.

Maria Clara também estabeleceu uma ligação muito forte com João Carlos. Refere-se a ele como um “porto seguro”, aquele que a acolhe quando necessita de apoio, demonstrando seu afeto e se organizando para trabalhar com o pai caso seja demitida após o retorno da licença-maternidade, e possuindo lembranças de amor e cuidado na infância mais fortes com o pai do que com a mãe.

No entanto, Freud (1931), quanto ao complexo de Édipo, afirma que a menina também possui um momento pré-edípico; quando a vinculação com o pai é muito intensa, também havia existido uma relação igualmente intensa com a mãe, exclusiva, acontecendo apenas uma mudança de objeto amoroso. Devido aos reflexos das escolhas de Maria Clara na atualidade e na aliança estabelecida com Chica, verifica-se que anteriormente também havia passado por forte vinculação com a mãe, antes de mudar seu objeto amoroso para o pai. Freud (1924) ainda afirma que no caso do complexo de Édipo da menina, esta tenta assumir o papel de mãe e torna-se mais feminina com o pai. Ela deseja compensar a ausência do pênis com o desejo de ter um bebê, de receber um bebê de presente do pai, de lhe dar um filho; posteriormente o complexo vai sendo abandonado gradativamente quando este desejo não se realiza. No entanto, no caso de Maria Clara, percebemos que ao invés do desejo de dar um filho ao pai, acabou dando as duas filhas para a mãe, em função das alianças inconscientes estabelecidas na família e também devido à vinculação que já era possivelmente muito intensa desde o momento pré-edípico, como aponta Freud (1924).

Outro aspecto relevante para a compreensão da vivência edípica de toda a família, em especial desta vivência atual de Maria Elena e Elisa, constitui-se no estabelecimento da conjugalidade na família e de que forma isto influencia o exercício da parentalidade.

Magalhães (2010) define a conjugalidade como um entrelaçamento de dois “eus”, duas subjetividades que caminham em direção à constituição de um terceiro eu, uma identidade compartilhada. Unem-se duas subjetividades diferentes, levando à formação de um terceiro espaço, intersubjetivo, com a construção de ideais de relacionamento conjugal e projetos sobre o futuro da família.

Para a manutenção do vínculo do casal é necessário o contato com a alteridade do outro, colocando-se à disposição para se modificar de acordo com os aspectos subjetivos do outro de forma mútua, passando por momentos de desconforto e rearranjo constituindo um aspecto intersubjetivo desse novo psiquismo (MAGALHÃES, 2010).

Conforme aponta Magalhães (2010), a conjugalidade e a parentalidade estão intimamente ligadas, pois a base para a relação conjugal envolve tanto os aspectos transgeracionais herdados por cada um dos parceiros, sua história pregressa, quanto a partir deste vínculo poderá ocorrer a concepção de filhos, envolvidos por fatores narcísicos e a possibilidade de transmissão geracional. A partir da parentalidade também deverá ocorrer uma nova constituição do casal parental.

Tendo como referência tais conceitos teóricos, verificou-se que no casamento de Chica e João Carlos existiu a junção de dois “eus” formando um terceiro eu, compartilhado, em que

a conjugalidade existe primordialmente com a finalidade de procriação. Cada um assumiu um papel perante o relacionamento e ambos se organizaram frente aos papéis ocupados, em que João Carlos possui perfil mais passivo, e Chica uma postura mais ativa e de certa forma controladora. Desta forma, para a manutenção de Maria Clara e as netas em uma relação de dependência, João Carlos também cumpre seu papel para a preservação das alianças, ausentando-se de exercer uma função diferenciadora com a filha e as netas, pois também se mistura nessas relações.

O relacionamento estabelecido entre Maria Clara e o pai biológico das meninas não caminha para a formação de uma identidade compartilhada, devido aos motivos já expostos. Ambos não estão dispostos a entrarem em contato com a alteridade um do outro e írem se ajustando mutuamente em um novo rearranjo intersubjetivo; o pai não modifica a sua vida pregressa, e a mãe até tenta manter o relacionamento, mas somente com a finalidade de ter uma figura que lhe auxilie na criação das filhas, ou seja, de exercer a parentalidade.

Após o nascimento das filhas, a parentalidade exigiria uma nova constituição do casal parental, porém não conseguem manter o relacionamento conjugal e nem exercer a parentalidade com as filhas. No estudo em questão observou-se que a parentalidade foi prejudicada pela ausência de uma conjugalidade satisfatória, pois o pai é ausente para manter sua primeira família, e a mãe, ao sentir-se sozinha e despreparada acaba deixando as filhas sob os cuidados da avó para trabalhar e suprir a necessidade financeira da família.

Este ponto fica nitidamente claro no DF-E de Maria Elena, que apontou no desenho em que alguém não está bem, um casal sem filhos que sempre vivem brigando, tentam se aproximar, mas acabam brigando novamente. Ou seja, em sua fantasia a origem dos problemas familiares, o ponto que não permite que a família fique bem se refere à ausência de uma conjugalidade bem estabelecida. Tanto Maria Elena quanto Elisa, no desenho da família que gostariam de ter, fazem um casal unido, com a representação da mãe e de Edu.

Isto também se reflete na ausência de uma função diferenciadora das netas com Chica, em especial de Maria Elena e Chica, que não pode ser exercida pelo pai biológico das meninas e nem por qualquer integrante do triângulo Chica – João Carlos – Maria Clara, devendo ser estabelecido por alguém de fora. A expectativa de ambas é a de que Edú seja o parceiro da mãe, estabelecendo a conjugalidade que reflita em um exercício da parentalidade que assegure o lugar de filhas nessa cadeia genealógica.

Dias, Aguiar e Hora (2010) em sua pesquisa com adolescentes criados por avós verificaram que o item que mais prevaleceu como motivos por serem criados pelos avós na

opinião dos próprios adolescentes foi a separação dos pais e este aspecto também se confirmou através do DF-E da presente pesquisa.

O novo relacionamento de Maria Clara com Edú trouxe reflexos e transformações em toda a família. Ambos buscaram construir uma identidade compartilhada; a história pregressa de ambos contribuiu para isso e também a formação de alianças que mantém o vínculo do casal. Nenhum deles pôde exercer a parentalidade com os filhos dos relacionamentos amorosos anteriores, ambos desejavam mais filhos para viver a experiência da maternidade e paternidade de forma ativa e conjunta; tinham o desejo de ter um filho e conseguiram realizá-lo com o nascimento de Daniel. Como Edú sentia falta do primeiro filho, Maria Clara tentou suprir essa falta, “dando” o filho ao marido, ao invés de oferecer à sua mãe; também permitiu que até mesmo o nome de Daniel remetesse ao primeiro filho Danilo, como que para ocupar um lugar especial no psiquismo do pai.

Edú foi aceito por toda a família, em especial por Chica e pelas meninas. Todos estes fatores resultaram em uma conjugalidade estabelecida, com aspectos de ligação entre ambos, e que trouxeram modificações para a organização da dinâmica familiar estabelecida.

O impacto de um casal presente para o exercício da parentalidade é tão forte no psiquismo das filhas que ambas desenham o irmão como um “privilegiado” na família, e mesmo nas entrevistas ele é apontado como um bebê especial, tranquilo e cativante. No desenho de sua família, a primeira figura desenhada por Elisa foi Daniel e de uma cor única que não foi utilizada em nenhuma figura humana além dele dentre os quatro desenhos. Em sua estória Elisa falou acerca da admiração que “Deus – pai Edú” tem perante o comportamento das meninas. No desenho da família que gostaria de ter, Elisa desenhou todos os filhos da mesma cor, como se quisesse que os três ocupassem a mesma posição na família, e também conta o quanto deseja “pegar” para si os brinquedos da “vizinha” enquanto faz o desenho, expressando o quanto gostaria de ter tido todo o desejo dos pais pela sua vinda e um casal unido, assim como Daniel teve.

Já Maria Elena, no desenho de sua família desenha o irmão na barriga da mãe, mesmo após seu nascimento, evidenciando o vínculo diferente que a mãe estabelece com ele. Nessa estória ela afirma o quanto a mãe “solitária” Maria Clara conheceu um moço chamado Edú, um “gostou” do outro (existe uma ligação afetiva entre eles), e a partir daí “tiveram três filhos” e viveram felizes para sempre.

Passos (2005) afirma que é a partir da constituição do espaço em que se estabelece a conjugalidade que a criança terá a sua primeira inscrição simbólica no mundo, a partir do desejo dos pais por um filho. As funções da conjugalidade incluem a construção de um espaço

de investimento afetivo e amoroso mútuo entre os parceiros, compartilhando desejos íntimos; a criação imaginária da criança, que começa a existir no imaginário dos pais antes de sua existência física; local de contenção dos aspectos pulsionais em excesso; promover a transmissão psíquica entre os conteúdos familiares dos parceiros para os filhos.

Considerando tais funções, para as meninas o investimento afetivo entre os pais possibilitou a Daniel uma inscrição simbólica diferente daquela que receberam, com maior desejo pela sua vinda. A função da conjugalidade, de contenção dos aspectos pulsionais também está relacionada à vivência edípica, através de uma triangulação das relações, e é verificada no caso das meninas. O estabelecimento deste novo relacionamento propiciou que uma figura terceira surgisse na relação estabelecida entre as netas e a avó, de forma a possibilitar a triangulação das relações. A possibilidade de que Edú exerça uma função diferenciadora existiu não somente pela questão de gênero, mas porque nenhum componente da família conseguiu se libertar dos aspectos transgeracionais que envolvem a família.

Fica evidente porque a figura masculina presente na família anteriormente, que é o avô João Carlos, não consegue estabelecer esta função, chegando a ser esquecido pelas duas netas no desenho de sua família. Maria Elena “esqueceu” de desenhar o avô e o irmão na família que gostaria de ter, desenhando-os posteriormente, e em seus desenhos apontam o desejo de que ambos os casais estivessem unidos.

No entanto, a avó ainda é graficamente maior no desenho que Elisa faz de sua família, evidenciando como seu papel é central para a dinâmica familiar. Ela desenha o pai Edú quase na mesma altura da avó, ambos com ombros, como se “sustentassem” e carregassem a família “nas costas”. Sendo tão centralizadora, fica o questionamento sobre até que ponto Edú conseguirá exercer uma função diferenciadora na relação das netas com a avó.

Já no desenho de Maria Elena sobre sua família, Chica e Edú tem praticamente o mesmo tamanho, indicando que em sua percepção ele já é uma figura relevante. No desenho da família que gostaria de ter, ela desenha a avó graficamente maior do que todos de forma significativa, apontando que ao mesmo tempo tem uma aliança em que deve preservar e cultivar o vínculo com a avó, como reflexo transgeracional da função também estabelecida por Maria Clara perante Chica.

A família é considerada por Julien (2000) como a responsável pela transmissão dos interditos, que servem de base para a ordem social, e através dela é estabelecida uma estrutura em que o sistema de parentesco define lugares simbólicos e gera um discurso que organiza esses lugares.

Dessa forma, as funções parentais são exercidas de maneiras diferentes, de acordo com cada membro familiar, realizando ou não a transmissão dos interditos. A avó assume papéis relacionados às funções maternas e paternas na vida das netas. Ela possui de fato uma filiação com as netas, que supriram a ausência afetiva dos filhos. Nas atividades de rotina é a maior responsável em cuidar de aspectos relacionados à rotina, tais como escola, projeto, roupas, entre outros.

Kamers (2006) afirma que os pais têm apresentado dificuldades no estabelecimento dos interditos para os filhos, decorrente da tentativa de evitar o sofrimento dos filhos devido à projeção de seus próprios aspectos narcísicos nas crianças. No entanto, sem o estabelecimento de interditos a subjetivação total não se torna possível. Se os filhos assumem para os pais um significado de reflexo de si mesmos, a inserção da ordem social e dos interditos não acontecerá. O autor aponta que os interditos e barreiras sociais são fundamentais para os filhos, inclusive para que se sintam de fato ocupando a posição de filhos, pois possibilitam a discriminação de papéis e funções da estrutura familiar localizando a criança em um lugar definido simbolicamente.

Esta dificuldade é verificada em especial na relação de Chica e Maria Elena. A neta assumiu uma espécie de compromisso, em que se sente responsável por suprir o vazio e a demanda de afeto da avó. Maria Clara apontou o quanto essa filha não tem os mesmos limites e regras que Elisa, pois a avó superprotege a neta e procura atender a todos os seus desejos.

Throrstensen (2011) considera existir duas formas de incestualidade: uma “incestualidade necessária” e uma “incestualidade aprisionadora”. Sua definição de incestualidade é de uma dimensão primitiva da sexualidade, que está sustentada pela ilusão de completude. A incestualidade necessária é aquela que contempla as trocas incestuais primordiais entre o bebê e a mãe, importantes para a constituição subjetiva da criança, tais como o toque e o amamentar. Conforme ocorre o desenvolvimento da criança, é preciso que ocorra uma interferência do pai na relação do bebê com a mãe, em que o pai comparece enquanto instância interditora retomando a energia da mulher, que será suprida somente pelo pai, quanto ao aspecto sexual. Através desse redirecionamento da libido, a mãe volta ao seu relacionamento com o pai, deixando a criança, que agora já está com seu psiquismo constituído, livre para que também redirecione a sua energia para escolhas exogâmicas, para objetos fora do seio familiar.

Sendo assim, os investimentos libidinais realizados por Chica com a neta Maria Elena foram necessários para constituição do seu psiquismo, no entanto, necessitam de uma

instância interditória que faça com que a energia libidinal de Chica seja redirecionada e permita que Maria Elena possa investir libidinalmente objetos fora do seio da família.

Em relação a isso, Thorstensen (2011) explica o conceito de incestualidade aprisionadora, que são os casos em que o interdito não acontece e a mãe procura a completude no relacionamento com o filho, completude que o filho não pode oferecer, e ao não redirecionar a sua libido para outro objeto, como o pai, a criança também não consegue se desvincular e redirecionar sua própria libido para outros objetos. Constitui-se então uma incestualidade aprisionadora, pois os investimentos libidinais da mãe, que buscam uma completude no filho, não permitem que o desenvolvimento da criança aconteça de forma livre para buscar outros objetos externos a família. A autora ainda aponta que podem existir aspectos transgeracionais, referentes aos relacionamentos destes pais com seus próprios pais, interferindo neste processo.

Como a avó não consegue realizar esse redirecionamento de energia libidinal, inclusive devido aos aspectos transgeracionais - ausência de seu pai e relacionamento fortemente investido com a mãe - o desenvolvimento de Maria Elena ficou prejudicado, pois não consegue se desvincular da avó e redirecionar sua libido para outros objetos. Assumiu a posição de ilusão de completude, não se separando da avó, e também se somam a isto a forte aliança inconsciente estabelecida e transmitida desde o início do relacionamento de Maria Clara com o pai biológico da menina, com o objetivo de atender aos desejos da avó. Ou seja, para Maria Elena exercer esse afastamento seria necessária a presença de uma instância interditória que lhe auxilie.

Quando as funções parentais não são estabelecidas de forma a estabelecer interditos, mas através da projeção nos filhos do narcisismo dos pais, esta fragilidade é apontada por Zanetti e Gomes (2011) como geradoras de consequências para o desenvolvimento infantil. Não possibilitando aos filhos o controle pulsional, a criança não tem a contenção de seus impulsos levando a uma angústia e falta de referência de pais fortes e protetores para acolhê-la. Podem tornar-se indisciplinadas, agressivas e tirânicas, e requisitar do ambiente social uma busca por limites através de condutas antissociais.

Rojas (2010) identifica nas famílias atuais um processo em que cada vez mais os pais relacionam-se com seus filhos de forma simétrica, ou então uma inversão completa, em que os poderes são todos entregues aos filhos, gerando um desamparo e formas invisíveis de violência relacionadas às falhas nos vínculos protetores. Ela também aponta o quanto a assimetria na relação entre adultos e crianças é fundamental para que ocupem lugares dentro da organização familiar, de pais e de filhos.

Oliveira (2014) ainda complementa que nos casos em que o investimento parental é intenso com projeções maciças, fixar o filho numa determinada posição na família pode gerar patologias nas subjetividades, em que a criança dificilmente conseguirá ter liberdade de ser ela mesma, levando a um comprometimento de seu desenvolvimento emocional.

A avó procurou assumir o lugar da mãe Maria Clara, através deste investimento libidinal, inclusive afastando-a da neta, ao buscar a menina de madrugada, quando chorava, logo em seguida da mãe terminar de amamentar e levando-a para si; dificultando que Maria Elena durma junto com a mãe na casa do fundo; fornecendo-lhe tudo aquilo que deseja, e conferindo a Maria Clara somente o papel de separações e vivências difíceis, tais como colocar limites quando a avó não consegue, levá-la para a creche, dentre outros. Por mais que a avó procure suprir essa falta da mãe, estudos apontam aspectos relevantes que precisam ser levados em consideração.

Dias, Aguiar e Hora (2010), em uma pesquisa realizada com adolescentes criados por avós, verificaram que existe um afastamento natural dos netos e seus pais, devido à convivência, levando a aproximarem-se mais dos avós do que dos pais. Porém, os autores fazem uma ressalva, que se aplica ao caso de Maria Elena. Eles apontam que a separação dos filhos dos pais biológicos pode trazer necessidades e sentimentos de abandono que os avós, por mais que lhes ofereçam dedicação e carinho, não parecem suprir. Caso essas necessidades e sentimento de abandono não forem considerados pelos pais e avós, isto pode gerar um sofrimento e desenvolvimento de transtornos aos netos, como depressão e isolamento social.

A fantasia de abandono de Maria Elena e um prejuízo ao seu desenvolvimento são percebidos em seu DF-E. Ela realizou todos os desenhos em branco e preto, e em todos eles ocupa menos da metade da folha, desenhando na parte inferior e central. Corman (1979) refere que a zona da página ocupada pelo desenho tem uma significação, indicando que nos casos de uso da zona inferior da página, corresponde aos instintos primordiais de conservação da vida, sendo eletiva dos fatigados e deprimidos. Apesar de o autor apontar que se deve interpretar este simbolismo juntamente com outros elementos, a mãe afirma o quanto a filha chora muito facilmente, em especial em situações de regras ou conversas com a mãe. Também é apontado por Corman (1979) que as zonas brancas, onde não existem desenhos, não são espaços vagos que não dizem nada; constituem-se como zonas interditas, como por exemplo, os sujeitos que só desenharam na parte inferior da página, os deprimidos, são sujeitos a quem toda a expansão, impulso para o alto e toda a imaginação está proibida.

Soifer (1992) também aponta os mesmos dados expressos por Corman (1979). Afirma que desenhos na margem inferior da página constituem-se como expressão de traços

depressivos. Quanto ao tamanho das figuras, quando são desenhadas figuras pequenas, como no caso de Maria Elena, expressam tendências autistas e a necessidade de não ser visto, além de denotar menos valia. O uso de uma cor predominante também é relevante, e a cor preta, única utilizada por ela, expressa depressão. Soifer (1992) aponta que as crianças depressivas apresentam-se comumente retraídas na hora do jogo; apresentam desenhos pobres, mesmo que correspondentes à sua idade cronológica, e podem ser feitos somente com lápis preto, sem colorir; desenham figuras pequenas e passam uma sensação de tristeza; a figura humana tem rosto triste.

A relação entre a avó e Maria Elena, com a ausência de uma instância interditoria que redirecione a libido da avó e conseqüentemente permita o redirecionamento da libido da neta, tem causado prejuízos emocionais para a criança. Os sentimentos de abandono dos pais não são preenchidos pelo afeto fornecido pelos avós, as zonas brancas indicam uma interdição, desenhando na parte inferior por não se sentir permitida a expandir seus impulsos e imaginação, que ficam proibidos, relacionando-se à componentes depressivos. Os aspectos apontados por Soifer (1992) em relação às crianças depressivas se aplicam a Maria Elena.

Pode-se compreender que Maria Elena ocupa uma função de porta-sintoma no ambiente familiar. Segundo Kaës (2011), o porta-sintoma é aquele para quem os sintomas do grupo serão deslocados, e todos contribuem para manter o sintoma deslocado neste integrante por meio de alianças inconscientes que beneficiam a todos. É Maria Elena quem aponta o quanto a família não está bem, estabelecendo relações indiscriminadas e com investimentos libidinais que não se direcionam a objetos fora do ambiente familiar.

Quanto à relação de Chica com a Elisa, percebe-se que a avó não promoveu o mesmo investimento libidinal que no caso de Maria Elena. Forneceu os cuidados e afetos necessários, mas não chegou a uma incestualidade aprisionadora, por já ter toda a sua energia psíquica voltada para a primeira neta. Isto permitiu que Elisa tivesse sua energia libidinal mais livre para ser redirecionada para outros objetos fora do seio familiar. Elisa faz desenhos que ocupam entre a zona central da página e a zona superior. Corman (1979) aponta que a zona superior é a da expansão imaginativa, relativas aos sonhadores e idealistas. Soifer (1992) refere que desenhos que ocupam o centro são casos em que o ego encontra-se em equilíbrio com o mundo; já desenhos que ocupam a parte superior mostram uma tendência à evasão na fantasia. Quanto ao tamanho das figuras, pode-se considerar que em seus desenhos fez figuras em tamanhos medianos, que indicam um equilíbrio normal do ego em sua relação com o mundo (SOIFER; 1992). Soifer também aponta que tons claros em equilíbrio com os fortes são normais, e que se deve considerar a predominância de alguma cor em especial.

No caso de Elisa, três de seus desenhos são coloridos utilizando cores diversas, e somente o desenho de uma família em que alguém não está bem é utilizada somente a cor roxa, que como considera Soifer (1992) expressa depressão. A própria escolha do título é “família triste”, e conta a estória de uma mãe que não pode ficar com o seu filho. Para Elisa, uma família que não está bem é aquela em que a mãe não pode exercer sua parentalidade.

Desta forma, de maneira geral os desenhos de Elisa e suas estórias indicam componentes de um ego estruturado mesclado com uma expansão imaginativa, fantasia e criatividade. Sua energia libidinal é redirecionada para vários objetos, tanto que facilmente se adapta a escola, novos ambientes, socializa com facilidade e expressa uma vivacidade intensa, até mesmo pelas suas conversas ao realizar o DF-E e o inquérito. Indica que seu desenvolvimento emocional vem se estruturando de forma a permitir uma liberdade de ser ela mesma.

Também se verifica a presença de um superego, quando fala sobre não poder ir à igreja e frequentar o bailinho funk, o quanto a avó ficaria brava se soubesse que ela queria pegar para ela os brinquedos da vizinha, demonstrando que a avó parece ter tido mais facilidade em possibilitar o exercício de uma função diferenciadora, tanto que Maria Clara e Elisa são mais próximas emocionalmente, sem a interferência intensa de Chica, e Maria Clara fornece ordens que são atendidas mais prontamente por Elisa do que por Maria Elena, que é mais resistente. Conforme aponta Freud (1923), o ideal de ego/superego é herdeiro do complexo de Édipo. O superego não expõe somente o que deve ser feito, mas também inclui a proibição, do que não deve ser feito, aspectos observado em Elisa, indicando uma experiência edípica mais elaborada.

No caso de Elisa, podemos perceber que ela ocupa uma função de porta-palavra no grupo, sendo extremamente comunicativa e ao mesmo tempo pedindo muitos segredos a todos os aspectos que são apontados no DF-E, como se não fosse permitido a ela que os expusesse, estando impedida de falar. Kaës (2011) define o porta-palavra como aquele destinado a tratar a questão da fala nos grupos, dando sentido por meio da palavra a experiências que os outros integrantes não conseguem nomear. Nem sempre o grupo escuta o porta-palavra, que também fala sobre o que é deixado de lado, sendo necessário pelo menos um ouvinte, que pode ser o psicanalista.

A mãe não conseguiu exercer as funções maternas e o investimento libidinal na vida de Maria Elena, tendo uma relação afastada, exercendo somente as funções paternas, no sentido de tentar contribuir financeiramente com a família e cobrar que a filha cumpra as regras. No entanto, como a filha já sabe que a avó a protege, muitas vezes Maria Clara não

consegue estabelecer sua autoridade. Também se reflete como ela não consegue ocupar uma função diferenciadora na família, em especial na relação entre Maria Elena e Chica.

Edú também exerce funções parentais na vida das meninas. A ele é permitido colocar regras e cobrar tais regras das crianças, por isso, conseguiu o respeito das crianças sem recorrer a castigos e punições. Foi visto como uma espécie de “salvador” por todos, dando novo significado de vida à Maria Clara e fornecendo uma esperança em Maria Elena e Elisa de que agora ele ocupe a função diferenciadora na família. Maria Elena inclusive se identifica com a mãe e copia suas atitudes com o Edú, começando a demonstrar uma questão edípica frente a este casal. No entanto, não é possível precisar o quanto Edú conseguirá estabelecer essa função perante a relação estabelecida entre Chica e Maria Elena.

Fiorini (2016) refere-se à importância do exercício de uma função simbólica, uma função terceira, não vinculada necessariamente ao gênero. Léon (2016) também aponta a importância de uma função diferenciadora, que permita o registro das diferenças e separação nas relações intersubjetivas. É necessário um equilíbrio entre o exercício das funções parentais, de forma que tanto o pai quanto a mãe possam exercer funções de continência, narcisização e proibições, construídos através da dinâmica de cada família. Ceccarelli (2002) também enfatiza que as funções maternas e paternas não precisam da presença de um homem e uma mulher, mas estão muito mais relacionadas à organização psíquica das pessoas que cuidam das crianças e que local ocupam no universo psíquico dos pais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura aponta que nas famílias contemporâneas as funções parentais são exercidas em conjunto por todos os seus membros, que apresentam funções maternas e paternas nas relações com as crianças independentemente de gênero, podendo cada participante executar mais de uma função perante aos filhos e netos.

Na família pesquisada, em que os avós assumiram as principais funções de cuidados com as netas, mas a mãe biológica e seu novo parceiro também participam do cotidiano das famílias, verificou-se esta divisão de funções parentais. A avó foi considerada por todos como a que mais exerce as funções parentais frente às netas, porém verifica-se um desejo das filhas de que o casal de pais ocupe uma posição mais significativa na família e na relação parental. Percebe-se que mesmo tratando-se de uma nova configuração familiar, na qual as funções são exercidas conforme afirmamos anteriormente, ainda existe uma idealização da família nuclear, expressa tanto pelas produções das crianças quanto pela mãe.

Os aspectos transgeracionais foram percebidos como influenciadores de forma direta na vivência edípica da família, e isso foi verificado principalmente para a avó, que diante de qualquer experiência de separação e autonomia daquelas em quem investe sua energia libidinal é sentida como um abandono, fruto de uma relação com sua mãe que também não teve uma função diferenciadora, prejudicando sua elaboração edípica e influenciando em suas relações com os filhos e netos.

Os processos psíquicos herdados refletiram-se igualmente na conduta dos filhos frente à mãe, ora tentando afastar-se de maneira radical, como no caso dos filhos Marcos e Marcelo, ora assumindo para si esse mandato transmitido, como no caso de Maria Clara, desejando preencher o vazio de sua mãe, transmitidos ainda para a neta Maria Elena, que vive uma relação intensa e aprisionadora com a avó.

Maria Elena, a neta mais velha, sente-se também responsável afetivamente por Chica, num contexto no qual estabeleceram-se alianças psíquicas que a fazem permanecer nesta posição. O investimento libidinal de Chica, a ausência de um redirecionamento da energia psíquica para outro objeto, também impedem que Maria Elena redirecione sua própria energia libidinal para outros objetos fora do contexto familiar, prejudicando seu desenvolvimento emocional e apresentando traços depressivos no DF-E, bem como interferindo para uma elaboração edípica satisfatória. Elisa não recebeu o mesmo investimento afetivo da avó, e com isso tem mais liberdade, redirecionando sua energia psíquica para outros contextos, com facilidades de socialização e criatividade, e também consegue vivenciar o complexo de Édipo

de forma mais elaborada, percebendo-se a presença e estruturação de um superego em sua organização psíquica.

Desta forma, a presença de uma função diferenciadora própria ao momento da vivência do complexo do Édipo torna-se fundamental, pois a sua ausência pode prejudicar o desenvolvimento emocional, formação de identidade e autonomia dos sujeitos, implicando em novos mandatos transmitidos a cada nova geração, com a possibilidade de futuras gerações também apresentarem as mesmas dificuldades, ou então sejam fortemente influenciadas pelas dificuldades da geração anterior.

Verificou-se que apesar de todas as mudanças na constituição das famílias atuais, se comparadas com aquela família nuclear estudada por Freud, no tocante à elaboração edípica é que atualmente existe uma nova roupagem do complexo de Édipo, não limitada ao gênero e figura parental (pai/mãe), mas às funções parentais de narcizização/cuidado e de interdição, que podem ser executadas por diferentes membros da família, e também por mais de um membro, concomitantemente. As funções parentais na família estudada demonstraram ser exercidas de formas mais fluidas, com uma flexibilidade maior em seu exercício. No entanto, apesar de tais diferenças, a experiência edípica enquanto a tomada de lugar ocupada pelos que exercem as funções parentais e no que diz respeito ao lugar do desejo da sexualidade infantil continuam sendo vividas pelas famílias contemporâneas, e a necessidade de sua elaboração ainda permanece como fundamental para o desenvolvimento e estruturação psíquica dos sujeitos, ainda que com uma roupagem e exercícios diferentes das funções parentais.

Cabe ressaltar as limitações deste trabalho, visto que foi realizado somente com o estudo de caso de uma família. Considera-se importante a realização de pesquisas com mais famílias, inclusive situações em que a família está ausente como em casas de acolhimento infantis, buscando compreender como o complexo de Édipo se organiza nesses casos.

Para finalizar, cabe apontar que nesse estudo, ficou evidente que a experiência edípica está atrelada às questões transgeracionais que interferem na composição da conjugalidade e da parentalidade, que servem de veículo para a transmissão dos interditos, da ordem simbólica e dos investimentos libidinais que ocorrem entre pais e filhos e situam os filhos numa cadeia geracional diferenciada dos pais, embora se constituam como herdeiros e elos, podem concretizar as projeções nele depositadas e concomitantemente alçar vôos em busca de prazer sem, contudo, romper o estabelecimento desses elos entre as gerações.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BIRMAN, J. Laços e Desenlaces na Contemporaneidade. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n. 42, p. 47-62, jun. 2007.
- BLEGER, J. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CANTON, J. et al. **O livro da literatura**. São Paulo: Globo, 2016.
- CARDOSO, A. R.; BRITO, L. M. T. de. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 433-441, set. / dez. 2014.
- CASTANHO, P. O conceito de alianças inconscientes como fundamento para o trabalho vincular em psicanálise. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 6, n. 2, p. 92-112, dez. 2015.
- CAVALCANTI, J. R. G. et al. Percepções e vivências de avós que cuidam de seus netos. In: 4º CIEH – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, n. 1, 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Realize, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV040_MD2_SA8_ID2441_27072015135311.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2018.
- CECCARELLI, P. R. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. **Pulsional Revista de Psicanálise**, p. 88-98, set. 2002.
- CECCARELLI, P. R. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **Jornal de Psicanálise**, v. 40, n. 72, p. 89-102, jun. 2007.
- CORMAN, L. **O teste do desenho de família**. São Paulo: Mestre Jou, 1979.

DIAS, C. M. de. S. B.; AGUIAR, A. G. de. S.; HORA, F. F. A. da. Netos criados por avós: motivos e repercussões. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). **Casal e Família: Permanências e Rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 41-58.

DIAS, C. M. de. S. B.; et al. As relações entre as gerações nas famílias chiadas por idosos. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). **Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 79-94.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. (Org.). **Como se perpetua a família?: A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 25-46.

FIORINI, L. G. Deconstruyendo el concepto de función paterna. Un paradigma interpelado. **El Psicoanalítico**, 2013. Disponível em: < <http://www.elpsicoanalitico.com.ar/num21/clinica-glocer-deconstruyendo-funcion-paterna.php>>. Acesso em: 31 ago 2016.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In:_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume VII (1901-1905), Um Caso de Histeria Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In:_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume X (1909), Duas Histórias Clínicas (O “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 1, p. 11-133.

FREUD, S. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914). In:_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XIV (1914-1916), A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 2, p. 75-108.

FREUD, S. Conferência XXIII Os caminhos da formação dos sintomas (1917). In:_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume**

XVI(1915-1916), Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III). Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 1, p. 361-378.

FREUD, S. O Ego e o Id (1923). In:_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XIX (1923-1925), O Ego e o Id e Outros Trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 1, p. 13-80.

FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In:_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XIX (1923-1925), O Ego e o Id e Outros Trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 5, p. 153-161.

FREUD, S. A Dissolução do Complexo de Édipo (1924). In:_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XIX (1923-1925), O Ego e o Id e Outros Trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 7, p. 189-199.

FREUD, S. Sexualidade Feminina (1931). In:_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XXI (1927-1931), O Futuro de uma Ilusão, O Mal Estar na Civilização e Outros Trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 9, p. 229-251.

FREUD, S. Conferência XXXIII Feminilidade (1933). In:_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XXII (1932-1936), Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise e Outros Trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 1, p. 113-134.

JULIEN, P. **Abandonarás teu pai e tua mãe.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

KAËS, R. **Um singular plural** – A psicanálise à prova do grupo. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

KAMERS, M. As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais. **Estilos da Clínica**, v. XI, n. 21, p. 108-125, jun. 2006.

LAPLANCHE, J; PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEÓN, E. P. “Funcion diferenciadora” y parentalidad. **Apuruguay**, sem ano. Disponível em: < <http://www.apuruguay.org/sites/default/files/Ema-P-de-Leon-Funcion-diferenciadora-y-parentalidad-apu.pdf>>. Acesso em: 31 ago 2016.

LIMA, C. B. Procedimento de Desenhos de Família com Estórias: tendências atuais. In: Trinca, W. (Org.). **Formas compreensivas de investigação psicológica: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias**. São Paulo: Vetor, 2013, p. 227-248.

LOPES, A. R.; PAIVA, M. L. de. S. C. Entendendo uma família monoparental à luz do Complexo de Édipo. In: Gomes, I. C.; Fernandes, M. I. A.; LEVISKY, R. B. (Orgs.). **Diálogos psicanalíticos sobre família e casal**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2012. p. 161-212.

MAGALHÃES, A. S. Conjugalidade e parentalidade na clínica com famílias. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). **Casal e Família: Permanências e Rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 205-217.

MAINETTI, A. C.; WANDERBROOKE, A. C. N. de S. Avós que assumem a criação de netos. **Pensando famílias**, v. 17, n. 1, p. 87-98, jul. 2013.

MASSON, J. M. **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

OLIVEIRA, C. S. C. de. **Os nomes plantados nas árvores genealógicas**. 2014. 77 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PASSOS, M. C. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. In: FERES-CARNEIRO, T. **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005. p. 11-23.

RABINOVICH, E. P. et al. Atribuição de nomes próprios e seu papel no desenvolvimento segundo o relato dos nomeados. **Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. S. Paulo**, v. 1, n. 2, p. 84-94.

RAFFAELLI, R. Freud: Questões Epistemológicas. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, n. 80, p. 1-19, abr. 2006.

ROJAS, M. C. Desamparo e desmentidos na família atual: intervenções do analista. **Vínculo**, v. 7, n. 2, p. 2-7, dez. 2010.

ROUDINESCO; E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROUDISNECO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, B. F. M. C. dos.; CERVENY, C. M. de. O. Repetição de nome próprio: vínculos familiares e culturais. **Vínculo – Revista do NESME**, v. 10, n.1, p. 29-37, 2013.

SOFOCLES. **A Trilogia Tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SOIFER, R. **Psiquiatria infantil operativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

THORSTENSEN, S. C. **Incestualidade: Um Pathos Familiar**. 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

TRINCA, W. **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões**. São Paulo: Vetor, 2013a.

TRINCA, W. **Formas compreensivas de investigação psicológica: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias**. São Paulo: Vetor, 2013b.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Rev. SOCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, set/out. 2007.

VIDAL, R. Los espacios psíquicos: intra, inter y transubjetivo. Ejemplificación mediante un tratamiento de pareja. **Aperturas Psicanalíticas**, Revista nº 10, 2002. Disponível em: <<http://www.aperturas.org/articulos.php?id=0000195>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

ZANETTI, S. A. S.; GOMES, I. C. A “fragilização das funções parentais” na família contemporânea: determinantes e conseqüências. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 2, p. 491-502, dez. 2011.

ZIMERMAN, D. E. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Identificação:

Nome: Estado civil: Renda mensal:

Idade: Escolaridade:

Perguntas:

1 – Como imaginava seu(ua) filho(a) durante a gestação? Como foi deparar-se com o bebê real? Me conte sobre a gestação, desejos, expectativa em relação ao seu(ua) filho(a).

2 - Me conte como era o comportamento do seu(ua) filho (a) quando bebê: sono, alimentação, atenção aos estímulos do meio, choro, irritação, agressividade...

3 - Como você reagia a esses comportamentos? Como se sentia? Como fazia?

4 - Como é a rotina do seu(ua) filho(a)? O que costuma fazer em dias de semana e aos finais de semana (banho, alimentação, sono, escolha das roupas, escola...)?

5 - Seu filho costuma obedecer ao pai e a mãe? Conte como são as situações que envolvem obediência e regras. Como você reage e entende essas situações? Qual de vocês o filho respeita mais?

6 - Conte como foi a aquisição de autonomia do seu(ua) filho(a) (desmame, andar, ir para a escola). Como você se sentiu?

7 - Como era a sua relação com os seus pais ou figuras cuidadoras quando criança?

8 - Seu(ua) filho(a) já demonstrou curiosidade sexual? Como foi? Como reagiram? Explique.

9 – Como ficou a vida conjugal após o nascimento do seu(ua) filho(a)? Explique.

ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM OS AVÓS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Identificação: Estado civil: Casada
 Nome: Francisca (“Chica”) Escolaridade: 2ª série
 Idade: 55 anos
 Renda mensal: R\$600

Nome: João Carlos Estado civil: Casado
 Idade: 57 anos Escolaridade: 4ª série

Datas em que a entrevista foi realizada:

Primeiro encontro: 13/12/2017 às 15h, com duração de 30 minutos

Segundo encontro: 27/12/2017 às 14h, com duração de 2 horas

Perguntas:

Primeiro encontro: 13/12/2017 às 15h, com duração de 30 minutos

1 – Entrevistadora (E): Como imaginava seu(ua) filho(a) durante a gestação? Como foi deparar-se com o bebê real? Me conte sobre a gestação, desejos, expectativa em relação ao seu(ua) filho(a).

Chica (C)¹⁰: Olha, da Maria Elena pelo menos, eu tive uma expectativa muito grande, porque é, ela pra mim foi um, assim como um presente memo¹¹. E quando a Maria Clara teve, eu já peguei na maternidade e fiquei com ela né e até hoje aonde eu tô ela tá junto, então pra mim foi muito especial. Ela pra mim não é uma neta, é uma filha. E não tem o que te explica, como te explica isso porque, é tanto eu gosto muito dela como ela também tem um amor muito especial. Então a Maria Clara eu punha a mão na barriga dela, eu conversava com ela na barriga da mãe, eu tinha tudo como, em vez de ser a mãe era eu que ficava conversando com ela. E ela já tava então, quando nasceu, a enfermeira veio e deu no colo do pai eu já tomei e não devolvi (risos), eu fui bem, né, não devia ter feito mas fiz.

(E): E você já imaginava que ia ser assim?

(C): Não.

(E): Como foi, antes de nascer?

(C): Não.

(E): Que você acabaria pegando...

¹⁰ Todos os nomes, tanto dos participantes, quanto os nomes mencionados por eles, foram alterados devido a questões éticas de resguardo e sigilo. A avó participante é conhecida por seu apelido, e preferiu-se escolher um nome e atribuir também um apelido fictício para a entrevista, de forma a aproximar-se da experiência real no contato com a mesma.

¹¹ Foram preservadas algumas palavras e expressões que não estão de acordo com a norma culta de língua portuguesa, visando fornecer de forma mais realista e sem distorções pela pesquisadora o que cada um dos avós quis dizer.

(C): Não, eu não pensei que fosse assim não. Eu pensei que fosse deixar com ela né, porque ela é a mãe né, mas eu acabei pegando pra mim. Na verdade ela memo fala que “ah mãe, a Elisa tudo bem, mas a senhora, a Maria Elena não tem o que eu fazer, a Maria Elena, não tem mais o que eu fazer”. E se, ela vai na casa da mãe por visita, ela não vai como filha entendeu? Então é assim, nós cuidamos, o João Carlos tudo né, como avô mas, ela falava que era o avô pai. Quando ela ficou internada pelas primeira vez que foi já quando ela já tava grandinha o pai ligou perguntando e, e ela, ele falando que vinha aqui, ela falou que não precisava que o avô já tava vindo pra buscar ela, então não precisava ele vim. Então nós assumimos essa responsabilidade e ela também quis como, aceitou nós como pai, como avô, como, né. Então foi isso, foi uma troca, que as pessoas não entende às vezes até, porque foi uma troca muito boa. Tanto pra mim, que eu, vivia mais na cama do que é, doente, e é, quando eu peguei a Maria Elena, eu tive força pra continuar porque eu tinha ela pra cuidar, eu tinha ela pra olhar, e a Maria Clara trabalhando então nós ficamos muito tempo juntas, até hoje nós tamo, batalhando.

(E): E a Maria Clara como foi nisso tudo, né, porque vocês foram se vinculando cada vez mais você e a Maria Elena...

(C): Não, ela nunca ligou. Não, nunca ligou. Porque a Maria Clara ela memo falava, a Maria Elena no começo me chamava até de mãe. E eu sempre que eu via eu falava não, eu não sou é, eu sou sua avó, e chamava, e falava pra ela, e hoje ela me chama de vó, mas ela me chamava de mãe até uma, até os seus quatro, cinco anos, ela não queria me chamar de vó. E, e todo mundo falava pra Maria Clara, nossa, mas como é que cê deixa essa menina chamar sua mãe de mãe, e, e ela não chamava a Maria Clara de mãe, ela chamava a Maria Clara de Maria Clara. Mas a Maria Clara também nunca ligou não, que ela me chamasse de mãe, até hoje eu fui no projeto¹² lá fazer a matrícula e eu falei pra ela, que ela foi junto, falei cê quer assinar a matrícula, não mãe, pode ser a senhora mesmo. E foi é, sempre nós mesmo que olha. Então, pra nós não teve dificuldade não. E ela aceitou também porque, vamos supor, ela como mãe né, poderia ter ficado triste ou aborrecida, não mas ela sabia que a gente fazia pelo bem das meninas. E gosta das meninas de verdade e tudo o que nós podemos fazer, o João Carlos trabalhava a gente é, tudo o que pode comprar, tudo o que pode dar, a gente nunca negou não. Hoje é que as coisas ta meio difícil mas nós corre atrás pra poder, não deixar. Pra mim foi muito especial sim. É, eu acho que não foi nem, quando eu tive os meus filhos eu acho que foi tão, como os neto, pode tá certa disso (risos).

(E): E o que você acha que mudou tanto, dos filhos pros netos?

(C): Olha, o que eu acho que mudou, é porque eu tive mais tempo pra ficar com eles. Porque, dos meus filhos eu não tive tempo pra ficar. É, a gente trabalhava né então não tinha tempo pra ficar, brincando, cuidando, levando pra, é, ah sei lá ela dormia comigo, eu, então eu tenho mais tempo hoje pra elas. E acho que pros meus filhos eu não tive todo esse tempo. É, o Marcos¹³ que me ajudou muito na criação deles né, que ele era o mais velho, mas eu acho que hoje com a Maria Elena e a Elisa é muito diferente. É completamente diferente. Até tem as outras netas mas, não é igual. Não consigo ver, é, elas junto com as outras. Vejo assim como primo, mas não é igual eu vejo as duas.

¹² Quando a avó menciona o projeto, está se referindo a instituição em que são desenvolvidos os programas da qual ela e as netas participam.

¹³ Marcos é o filho mais velho da Chica.

(E): Você falou da Maria Elena e como é que foi com a Elisa, durante a gravidez, que expectativa que você tinha?

(C): Ah, da Elisa foi bem mais é, já tava memo assim né, ela veio logo em seguida, e a gente até assustou porque não sabia nem que ela tava grávida. Mas, aí desde que já tava grávida como diz, a gente aceitou numa boa, porque na verdade a gente aconselhou muito, a primeira a gente ainda falou pra ela, olha né, não devia mas, aí quando veio a Elisa nós também acolhemos, da mesma forma, aí ela foi trabalhar numa casa que era de uma senhora aí na cidade, ela trabalhava o dia, ficava o dia e a noite, e eu olhava as duas pequenininha. Tinha dia que eu precisava chamar o Marcelo¹⁴ do serviço, eu tinha que largar lá pedir pro encarregado e vim porque às vezes ficava doente e tudo. Então foi muito, difícil, pra gente cuidar né, mas a gente sempre cuidou com muito amor, com muito carinho, e, não tivemos muitas dificuldades não. Porque teve também uma advogada na cidade que o João Carlos trabalhava pra ela, que roupa, sapato, tudo o que era da filha dela, que ela engravidou já com uma certa idade, aí ela quis engravidar também, aí engravidou ela junto quase com a Maria Clara, e aí, as roupas, as coisas da menina dela veio pra Maria Clara, passou pra Elisa, depois da Elisa a gente passou pros outros, e aí foi indo. Então a gente não teve uma dificuldade tão grande, é, nós não tivemos que comprar coisas pra criar, porque muita gente acha que a dificuldade de criar filhos é por causa de comprar roupa ou sapato, não, isso não, eu acho que a dificuldade é a educação, a dificuldade é a educação e o convívio com as outras crianças porque é, tem muitas mães que acha que os filhos é, é, porque elas foram criadas rígidas, então os filhos hoje pode fazer tudo o que quer, então elas largam, abandonam, e isso é uma coisa que afeta muito as outras crianças que tem um certo rigor em casa, uma certa, tipo de educação em casa. Então é só isso que eu acho que a convivência na escola, nos outros lugar é mais difícil. Palavões, essas coisas, eu não aceito que elas falem então, cê tem uma certa dificuldade pra explicar olha, isso não pode, cê vê as outras falar, mas não pode fazer, porque, você não é, você pode ser colega mas você não pode ser igual, você não é criado assim. Cê não vê a sua avó falar, cê não vê seu avô falar, cê não vê sua mãe fazer, então não fale não. Então essas coisas, só isso que a gente teve de dificuldade, tá tendo de dificuldade hoje, mas em termos de cuidado a Elisa foi mais complicada. Que a Elisa ela foi alérgica até um certo tempo a leite, a lactose então, foi muito difícil, ela tomou aquele, leite de soja, e a gente não sabia que o governo tem, se você procurar o médico, tudo e tem possibilidade de pegar esse leite. A gente comprou durante todo o tempo que ela usou então foi muito complicado. É, ela teve é, farmácia também a gente gastava muito em farmácia, porque cê vai no posto às vezes tem, às vezes não tem, então é uma dificuldade que a gente passou foi só nisso. Mas graças a Deus a única que foi um pouquinho mais doente foi a Elisa. Então até que descobriu que ela tinha problema, ela já tinha praticamente perdido os dentinho da frente, ela já tava bem né, dava muita infecção de garganta, muita coisa e eu levava no médico, levava, chegava lá, antibiótico, e uma coisa ou outra e até que descobriu que não foi nada disso, foi só a lactose que tava fazendo mal. Aí essa patroa dela pagou uma consulta particular, a qual nós levou aí o médico já só no pegar os exames dela já falou pra ela, pra mim e pra Maria Clara, essa menina é alérgica a lactose, tira o leite que ela vai, ceis não vão precisar estar dando o antibiótico. Foi o que tiramo, ele não deu receita nenhuma, tiramo a lactose, o leite, acabou. E graças a Deus hoje ela é forte, cê vê que ela, corre, conversa, é bem expressiva, não tem nada.

(E): E como que foi, você falou de quando a Maria Elena nasceu, e você foi assumindo, como que foi, com a Elisa foi do mesmo jeito, você também pegou e já foi cuidando?

¹⁴ Marcelo é o segundo filho da Chica.

(C): Não não foi, não peguei e fui cuidando, mas eu, na verdade eu tive que ficar cuidando por causa disso, porque a Maria Clara foi trabalhar na casa dessa família e, que ela trabalhava de babá, e me deixou a Elisa acho que ela tinha uns, um mês, dois mês, acho que uns dois mês de idade. E aí eu fiquei tomando conta da Maria Elena e da Elisa, então elas não foram minhas neta, eu não tive netas, é, eu fui dar, é, agora que eu tô tendo neto, porque esse aqui é só se ela precisar mesmo (refere-se ao neto, terceiro filho da Maria Clara, que no dia está com os avós). Isso aí, que eu às vezes é, enquanto ela tá de férias a gente coisa aí ela ainda falou que, inda falei pra ela que agora sim eu tô sendo avó, porque agora ela cuida, ela dá o banho, ela troca, ela leva pra onde ela vai, então isto é ser avó, porque de vez em quando cê ficar e dar uma olhadinha é uma coisa, mas direto, aí você não é avó. Você não concorda comigo? Então é isso. Hoje eu tô podendo desfrutar dessa coisa que cês pode dizer, ah, é avó. Mas eu não podia porque eu era mãe no mesmo instante que era avó.

João Carlos (JC): Mas a gente também né, só tem um momento né, porque daqui a pouco ela retorna no serviço, acaba acontecendo igual as primeira.

(E): Você acha que vai acontecer igual João Carlos?

(JC): Ah, vai né, porque provavelmente ela vai voltar ao serviço. Ela vai entrar as sete horas da manhã e sai as seis da tarde, e a criança na creche eu acho que não, sei lá eu tenho uma opinião eu acho que não compensa né.

(C): Mas com seis meses vai.

(JC): Se tem possibilidade de cuidar, de olhar, dentro da casa, eu acho que é melhor, porque tudo bem, tem muitas crianças boas mas tem muitas crianças também que, acaba falando muito palavrão, muita besteira, tudo bem é pequena agora, mas vai pegando aquele ritmo né, então eu acho que na casa você procura dar uma educação melhor. Procura trilhar sempre um caminho melhor né. Mas no fim acaba, acontecendo igual as outras, porque ela vai ter que trabalhar, o pai vai ter que trabalhar, a hora que tiver com idade pra ir lá no prezinho igual tá, a Maria Elena a Elisa né, aí já melhora, mas até lá, já praticamente é filho né. Acaba sendo, sendo considerado como filho do mesmo jeito.

(E): E quando as meninas nasceram, você imagina que ia ser assim João Carlos?

(JC): Ah, eu vou falar uma coisa pra você, eu sempre imaginei. Eu imaginei por causa do serviço né, porque a mãe tem que trabalhar né, se a mãe tá trabalhando, então as crianças vai ficar com, não vou dizer tanto comigo porque eu também trabalhava, passou a ser mais, a avó tem mais parte de mãe do que o avô de pai. Eu saía cedo de manhã e voltava mais, praticamente de noite né. Então imaginar isso aí sem dúvida né, porque qualquer, qualquer avó imagina né, desde que a pessoa tem que trabalhar, se não quer por em berçário nem nada...

(E): Que alguém vai ter que cuidar...

(JC): Que alguém vai ter que cuidar né. E no fim a criança vai crescendo acaba, tem muitos que chama avó de mãe, às vezes nem, tem criança que não chama nem a mãe de mãe, às vezes chama até por nome, mas a avó, sempre foi a mãe né. Então eu acredito, que esse daqui também não vai ficar fora não.

(E): E como você se sentiu quando você descobriu que a Maria Clara tava grávida, e que você já imaginava que as coisas fossem acontecer assim?

(JC): Ah, a gente nem, torce pra que corra tudo bem, graças a Deus não teve complicação, não teve nada né, então é diferente né. Porque os filhos mesmo já cresceu né, então os neto praticamente né, eu não sei se é impressão ou não, mas parece que os neto é, a gente parece que tem mais amor do que os próprio filho. Eu não sei, é minha opinião.

(E): Você sentiu essa diferença de filho pro neto?

(JC): Eu senti. Eu acho que não é só eu não, eu acho que a maioria que cê pergunta acho que, neto parece que, o neto ou a neta, é, dá a impressão que você tem mais carinho do que o próprio filho. Pelo menos isso daí, eu sempre senti e conheço muita gente que sente, pensa do meu jeito mesmo.

(E): E isso, você falou em relação a esses netos né, que é os da Maria Clara, e os outros netos, você acha que é diferente?

(JC): Não, não são diferente, a única diferença é a convivência né Carol. Porque eu tenho o Marcos, eu tenho as neta, então não tá todo dia com você né, então quer dizer muda um pouco né, mas em matéria de ser humano é tudo igual né. E, então, os que é criado com você, tá toda hora, tá ali, tá brincando, cê tá conversando, então fica um pouco mais diferente né, então você não tem aquela convivência que, igual os outros que cê tá lá com ele, porque de vez em quando que eles vem aqui, eles não tão direto junto com você. Então eu acho que os daqui cê se apega mais. Então os que tá, que cê criou, que tá convivendo com você, você se apega mais com, do que com os outros né.

(E): E você Chica?

(C): Eu acho que tem diferença. Eu acho que tem, porque as meninas da Maria Clara, elas me quer um bem especial, vamos se dizer assim. As meninas do Marcos mal se cumprimentam, elas não tem uma convivência com você, elas tem mais convivência com a avó da mãe dela. Mas, comigo, mesmo que nós vamo na igreja, tudo junto, cê percebe que elas não, não te dão, não liga, não chega perto, não se aproxima, cê me entendeu, então eu acho que tem diferença. Das crianças da Maria Clara pra essas, e seu corrijo vamos supor, eu posso ficar brava com as meninas da Maria Clara, posso tá perto, ela faz como que eu falei, acabou. As dele, ele não fala, mas a mulher não gosta. Elas pode tá fazendo arte que ou cê aceita, ou então cê compra uma briga. Então eu acho que tem diferença.

(E): E a Maria Clara respeita quando você coloca algum limite nas filhas dela?

(C): Respeita, respeita e aceita entendeu. Se elas chegá lá ah, a minha avó, ah, se vira lá com a sua avó. Pode voltar porque vocês aprontaram, cês se vira lá. Então, eu acho que num, eu acho que tem diferença. Por mais que não queira que, que a gente goste, ah, a mesma coisa, eu vou te mostrar por uma diferença. A Maria Clara recebeu um ano que ela já trabalhava nessa firma, e nós fomos na cidade comprar roupa, pras meninas dela, que ela falou mãe, vamo lá que eu vou comprar com o meu seguro e o décimo terceiro eu vou comprar umas roupa pras menina. Aí fomo junto, chegamo lá, ela comprou pras do Marcos também. Cê acredita se quis, a Lavínia¹⁵ não sei, não quis, do mesmo jeitinho que ela comprou pras outra dela ela comprou pras do Marcos. E a Lavínia não, não aceitou. Então eu acho que tem diferença. Cê não concorda comigo? Porque não foi diferente de preço, de comprou melhor pras dela e pior pras minha, não, comprou igualzinho, só a estampa do vestido que era diferente, porque não ia

¹⁵ Neta da Chica, filha do Marcos.

comprar tudo igual também, e a menina não quis. Então eu acho que a mãe influencia muito essas menina. Tem uma influência, e não é uma influência assim boa, pra dizer que as menina poderiam ser mais bem tratada, ser mais bem cuidada, porque ela precisa de ajuda pra cuidar dessas criança, e ela não aceita. Então eu acho que aí ela coloca uma barreira entre nós e as meninas, mas quem tá saindo prejudicada não somos nós, é as menina, porque o que nós podemos fazer pra, pra Maria Elena com a Elisa, nós podia fazer pra ela também, mas não fazemos porque não podemos. Entendeu, eu acho que tem diferença. Por mais que não queira.

2 - (E): Me conte como era o comportamento do seu(ua) filho (a) quando bebê: sono, alimentação, atenção aos estímulos do meio, choro, irritação, agressividade...

(C): A Maria Elena nem a Elisa não era agressiva não. Mamava de três em três horas, o normal, dormia bem, a Elisa, a Maria Elena nasceu gorda, muito bonita, toda vida ela foi muito linda, os cabelo cacheado, bem bonito, então a Elisa que já nasceu muito pequenininha. A Elisa nasceu um ratinho que eu tive até medo de dar banho. É, devido não sei se foi a Maria Clara ter, ter praticamente assustado com a gravidez tão em seguida mesmo. Talvez, ela era tão nova que eu acho que ela não tinha experiência assim também de não engravidar tão em seguida né. E, aí acabou nascendo a Elisa, mas logo logo também ela se desenvolveu bem, ela tem uma, uma inteligência muito grande, e chorar, ela não era muito de chorar não. A gente, só quando a Elisa teve esses probleminhas de saúde, só quando pequena também, mas depois não tivemos problemas com elas não.

(E): No caso a Maria Clara amamentou?

(C): Sim, até...

(E): As duas, como que foi?

(C): Não, a Elisa foi menos, foi só enquanto ela teve de dieta, que ela tava em casa. Aí depois ela começou a trabalhar, e passamo pro leite de soja, porque ela não podia com o leite, nem o Nam¹⁶ ela não pode tomar. Aí passamos já pro leite de soja e ficamos.

(E): E a Maria Elena?

(C): A Maria Elena? A Maria Elena tomou Nim. Já, ela, amamentou sim, a Maria Elena amamentou mais, e aí já passou pro Nim, e, graças a Deus ela, foi bem também, nunca tivemos problema com ela assim.

(E): Nem de sono, nada disso?

(C): Não, não dormia bem. Não tinha não, não era de chorar de noite né bem?

(JC): Não.

(C): Nada, era bem, toda vida ela deitava na cama junto comigo, não era bercinho também não, porque nunca aceitaram berço, era na cama mesmo. Agora esse fica no berço (referindo-se ao neto no carrinho), já elas não ficava não. E, dormia junto comigo na cama, o João Carlos

¹⁶ Por vezes a usuária utiliza a nomenclatura Nam ou Nim, referindo-se ao leite Ninho.

tava trabalhando fora, aí ficava comigo na cama, nunca deu choro nem nada não. Dormia de nove assim, dormia na parte do dia, aí de noite dormia bem, então não tive trabalho não.

(E): Não chorava muito?

(C): Não, não, não.

(E): Nenhuma das duas?

(C): Nenhuma das duas, não. Tiveram bem, graças a Deus. Levei, tomou todas as vacinas, tudo que tinha que ser feito, nunca teve nada atrasado, sempre é, chegou no dia, já dava jeito de levar, e graças a Deus elas, até hoje.

3 - (E): Como você reagia a esses comportamentos? Como se sentia? Como fazia?

Os comportamentos é como elas eram quando bebês. Como você se sentia, que você fazia?

(C): Ah, eu gostava muito de ficar conversando com elas né. Mesmo elas num falando nem nada mas elas conversava comigo rindo é, mexendo, então eu me sentia feliz sim. E me ajudou muito na parte da saúde, de tudo, elas me ajudaram muito. Pode tá certa disso. Eu, às vezes as pessoas acha que um neto ou uma criança pode prejudicar não, é, tem pessoas que até, numa certa, às vezes num tem filho nem nada, mas deviam adotar. Porque uma criança ela trás alegria, ela trás um bem-estar muito grande, não é dizer que, ah, eu sempre gostei muito de criança, ajudei a minha irmã também a criar os dela, que hoje são tudo casado, tudo velho já, já tem até netos, então, acho que num foi, perdido não. Pra mim foi ótimo ter feito isso. Não me arrependo não.

4 - (E): Como é a rotina do seu(ua) filho(a)? O que costuma fazer em dias de semana e aos finais de semana (banho, alimentação, sono, escolha das roupas, escola...)?

(C): Ah, sim, a Maria Elena ela é bem, bem encrenqueira nessas histórias. Banho, negócio de cabelo, é, ver a roupa dela...

(JC): É muito vaidosa, né.

(C): Ela, gosta de escolher a roupa pra vestir, não é qualquer coisa que ela veste, num pode até num ser nova, mas se ela gostar ela veste, mas se não for do gosto dela, ela é encrenqueira. Já a Elisa não. A Elisa o que cê der pra ela vestir, ela fica contente, alegre, é completamente diferente as duas. São irmãs, mas muito diferentes. De gosto, de tudo, a Elisa é, vai pro banheiro, se escova o dente sozinha, se, é quer tomar banho, pentear cabelo, ela mesma, ela, sabe que ela sabe pentear o cabelo sozinha? Ela faz trança na irmã, ela quer fazer trança na irmã, ela diz que até no projeto ela andou fazendo trança nas criança lá, então ela, nós falamos pra ela cê vai ser cabeleireira quando cê crescer né, ela fala assim ah, eu gosto de mexer em cabelo vó, então eu acho que ela tem uma possibilidade de ser.

(E): A Elisa?

(C): A Elisa. Já a Maria Elena ela, faz, mas assim, na vaidade dela, porque, não que ela goste de tá, de tá fazendo.

(E): Como que é a rotina delas? Acorda, o que faz durante semana?

(C): A Elisa acorda vai direto pro banheiro escovar o dente, e depois vai pra casa da mãe dela, pra tomar café, que ela toma café lá.

(E): Que é aqui no fundo?

(C): É aqui no fundo, ela vai no fundo da casa da mãe dela. Depois ela volta, aí ela já volta arrumada pra ir pra escola, porque seis horas da manhã ela tá acordada, e ela é a primeira, a estar arrumada pra tudo, não é como a Maria Elena. A Maria Elena pra acordar ela é muito difícil. Cê que tem que tá chamando, aí a Juliana já entra pro meio e chama e faz ela levantar, porque senão eu vou chamar a mãe porque você não quer levantar. E, e depois elas vão pra escola, passa o dia na escola né, a parte da manhã. Depois chegam aqui, tomam banho, e vão pro projeto e fica lá até as quatro e vinte, aí depois vem pra casa de novo. Aí, dia de segunda, elas ficam em casa. Dia de terça, é, terça também que não tem culto na igreja. Mas aí dia de hoje tem culto (*quarta, dia da semana em que está sendo realizada a entrevista*) aí vai pra igreja, aí não fica na televisão não, aí depois na quinta também tem culto, elas também vão pra igreja. Na sexta não tem, aí elas ficam na televisão. Então é, sexta, sábado tem culto, aí cultinho das crianças das duas as quatro e meia, aí também não fica na televisão, só de manhã. Sim, aí elas ficam na televisão só na parte da manhã.

(E): E nos finais de semana?

(C): É, aos finais de semana é assim, elas no sábado elas vão pro cultinho, que tem das duas as quatro, aí depois ela, no domingo, se a mãe dela vai na casa da outra avó, ela vai junto, a Elisa. A Elisa, a Maria Elena não vai, ela fica comigo, só se eu for. Aí se, se o João Carlos tiver aqui pra me fazer companhia, ela vai, até ela pergunta pra mim, eu posso ir mãe, não tem problema eu ir? Não, não tem, aí ela vai. Agora se o João Carlos não tiver, ela não vai não. Ela fala pra mãe dela não eu não vou porque minha avó vai ficar sozinha, eu fico aqui. Aí não vai.

Segundo encontro: 27/12/2017 às 14h, com duração de 2 horas

(E): Estávamos falando sobre a rotina, e sobre o sono, como é, onde as meninas dormem?

(C): Ah, hoje elas tem a cama delas né, apesar que elas não dormem na cama delas lá na casa da mãe delas, aí eu ponho o colchão no chão ali e elas dormem no meu quarto ainda.

(E): Aí você e o João Carlos dormem na cama de vocês?

(C): Durmo na cama e elas dormem no colchão no chão. Mas não que elas não tenham a cama delas, que eu comprei daquelas que tem a cama auxiliar né. Aí, mas fica lá no fundo, e como elas não ficam no fundo.

(E): Sim, elas acabam não usando a cama.

(C): Não, não usa a cama, a cama tá lá à toa. Mas tô acabando de pagar a cama delas ainda.

(E): E antes elas dormiam aqui com você na cama?

(C): Dormia comigo também, sempre dormiram comigo mesmo. Todas duas. Ou é na cama, ou às vezes o João Carlos que dormia no chão antigamente, aí elas dormiam comigo. Aí agora

eu peguei aquele colchão seu¹⁷, aí eu pus pra mim e pus um colchão pra elas no chão. Aí elas dormem no chão.

(E): Aí depois que trocou o colchão que elas passaram a dormir no chão.

(C): No chão.

(JC): É que o outro colchãozinho que tinha era de solteiro né, então não cabia as duas. E a cama lá, por causa de ser alta, e criança mexe a noite, uma acaba caindo em cima da outra, acaba até machucando né Carol. É por isso que não usa ela, a cama do fundo né.

(C): Não, mas elas não gosta mesmo, não vai mesmo.

(JC): Na verdade elas não gosta né, prefere dormir aqui mesmo né. É, que foi criado junto né, então...

(E): E você falou que desde pequenininha dormia com você na cama, desde bebê.

(C): Desde pequena né.

(E): Como que foi pra você separar, quando falou que elas iam dormir no chão, que elas estavam acostumadas a dormir com você?

(C): Não, é, eu achei melhor porque a Maria Elena tem uma mania de vim, ela vem encostando e fica debaixo da sua costela, é ruim pra você dormir com ela. A Maria Elena ela é daquelas que se esparrama na cama direto, então não achei ruim não, achei que foi melhor. Até acho que o pequenininho deles agora, eles dorme no berço né, e eu falei pra ela não põe na cama porque a partir da hora que você por na cama, depois você não volta ele no berço que ele não acostuma. Então ele já dorme direto no berço. Desde pequenininho. Então não acho que é ruim não, acho que cada um tem que ter mesmo o seu, a sua cama, tudo certinho.

(E): Mas aí elas conseguiram acostumar quando você falou que elas iam dormir no colchão?

(C): Mas por causa de ser aqui no meu quarto, aí não tem problemas, elas assiste, coloquei assim dizendo pra elas que era pra elas assistir. Aí elas acabava dormindo e ficava ali, aí acostumou.

(E): Isso faz pouco tempo né?

(C): Faz, desde aquela vez que eu peguei o colchão lá no projeto, que cê trouxe. Foi até a moça, faz pouco tempo que elas dorme sozinha. Mas aí, até aí dormia às vezes uma aqui outra lá, uma aqui, aí trocava, porque ficava aquela que ficava lá, queria vir pra cá, aí ficava revezando, uma semana uma, uma semana outra, agora não, agora já fica tudo. Aí agora, bem tá fervendo(*fala com o marido e vai ver a calda fervendo*).

(JC): Precisa despejar lá.

(C): Pera só um minutinho (*João Carlos e Chica estão fazendo um pão*).

(E): Vai lá que eu te espero.

¹⁷ A avó refere-se a uma doação de um colchão de casal doado pelo PAS no grupo de convivência, da qual a usuária foi beneficiária, há cerca de sete meses antes da entrevista.

(JC): Mas tudo vai de costume né Carol. Igual esse pequenininho aí, se você acostumar ele no berço, provavelmente ele vai dormir no berço. Agora se acostumar junto com a mãe, o dia que vai tirar vai, vai sentir falta né, aí vai querer dormir mais. Assim foi as meninas. Então as menina desde pequena acostumada praticamente dormir junto né, então acostumou e, agora hoje dorme por causa de ser no quarto aqui né, mas se por lá como já teve o outro quarto aí elas não dorme se coloca as menina no outro quarto né.

(C): Na verdade esse outro quarto que a gente usa pra fazer pão, essas coisas, é o quarto da Maria Elena, que até pintamo, que ela queria a parede rosa né, pintamo uma parede rosa, era resto de tinta, que o João Carlos trazia do serviço. Aí pintamo duma cor, outra doutra porque não dava tinta pra pintar tudo igual. Mas aí depois aconteceu isso dele ficar doente, a gente resolveu montar ali aonde o, as coisas do pão, porque senão fica, não tem jeito, a minha cozinha é muito apertada, não, tem hora que, e não tem espaço pra fazer maior né, então é isso, agora elas fica com a gente aqui mas até também, eu acho que mais com o tempo elas acostuma. E lá com a mãe delas agora, a mãe delas também tá arrumando a casinha do fundo, cê precisa ver, tá ficando uma gracinha. Acho que daqui uns tempo elas também... Não vou garantir né (risos).

(E): E a alimentação, como é?

(C): Ah, elas é assim. As vezes come na casa da mãe dela, as vezes não quer comer na casa da mãe delas, como aqui, as vezes toma café lá, se a mãe delas faz alguma coisa diferente logicamente se elas gosta elas come, elas quer. Mas a mãe delas não tem, nesse ponto não tem misereza não. Já faz, faz bastante, faz a comida pro João Carlos e elas também come. Agora de ontem pra cá tão comendo do meu arroz também, do arroz integral. Aí dei, achou bom, tá comendo também. A Elisa principalmente, disse que prefere comer desse. Agora, elas come de tudo Carol, elas não tem enjoamento não. Até chicória a Maria Elena come.

(JC): Na verdade aonde sair primeiro a comida elas tão comendo né (risos). Se sai da primeira a vó, se sai da avó é aqui.

(C): Ué, aonde tiver primeiro, é ali memo.

(E): E pra escolher as roupas, elas escolhem ou você?

(C): Elas escolhem sozinhas, não, não, não precisa de mim não. Elas escolhe elas mesma. A Maria Elena principalmente, a Maria Elena é mais enjoada pra roupa. A Elisa qualquer coisa que cê vestir tá certo.

(E): Você está falando que ela mora lá no fundo, a Maria Clara, mas como que foi quando ela engravidou? Ela morava ali no fundo, morava com vocês? Ela chegou a casar?

(C): Não, não ela chegou a casar. E ela morava em, nós morava em Jaú. Porque eu morava aqui mas eu fiquei ruim, tive um problema é, tive um começo de infarto, até foi lá no projeto. Que eu fiquei ruim. Ia nessas reunião que já tinha, que era o doutor, era o Ricardo, não sei se você conheceu um senhor, ele é marido de uma japonesa, que tinha lá na Sebes¹⁸. E, aí eu tava lá e de repente agarrei ter muita dor no peito, e depois e pra vir embora, não conseguia vir embora. Aí de tanto pedir a Deus a Maria Clara apareceu lá, conseguiu me trazer embora pra

¹⁸ SEBES – Secretaria Municipal do Bem-Estar Social

casa. Aí eu fui no médico depois que ela fez eu ir, o médico falou pra mim que era um começo de infarto, que já duas, duas ou três vezes que me dá. Aí o Marcos veio aqui e quis que eu fosse pra Jaú, pra casa dele. Porque lá, lá pra médico é muito melhor Carol. Nossa, o tratamento que se tem em Jaú não se tem aqui. Aí eu fui fiquei um, fiquei um pouco na casa de uma colega porque eu num, não sou muito chegada com a Mirela minha nora, aí depois disso aluguei uma casa pra nós. Aí a Maria Clara engravidou. Mas, é, já tava comigo, o João Carlos já não tava também, cê tava aqui.

(JC): Não, eu tava pra cá.

(C): Cê tava pra cá.

(JC): Serviço né.

(C): Ele levava compra pra nós todo mês, o João Carlos, já fazia compra e levava e, nós ficava lá. E quando eu melhorei eu agarrei fazer salgado fora também. A Maria Clara ajudava. Aí engravidou da Maria Elena. E de repente quando nós pensamo que não, ela logo em seguida engravidou da Elisa.

(JC): Veio saber aqui né.

(C): Veio saber aqui. Aí já tinha vindo pra cá.

(JC): Já tinha mudado pra cá, então onde que elas soube que, ela nem sabia que tava grávida da Elisa. Suspeitava né. E aí, chegou e nasceu aqui.

(C): Chegou, passou mal na rua e eu, mas o que que é isso, e ela ruim, ruim, ruim, vai ver, ligamo pro médico dela lá de Jaú, e ele tinha dado o número do celular dele, e ele tava aqui em Bauru, tava dando consulta aqui. Aí ele falou que não, que era pra ela ir lá. Foi no, não sei como é que chama aquele posto lá, onde ela foi, que ele tava, no pronto-socorro. No Bela Vista parece. Aí nós fomos lá, ele já pediu exame, falou pra ela pode ir direto pro ginecologista, fazer tratamento aí porque você tá grávida de novo, e você não pode, tem que ser coiso porque as gravidez dela é tudo de risco. Ela já tinha perdido duas criança.

(E): É? Antes da Maria Elena?

(C): Antes da Maria Elena. Ela já tinha perdido duas criança.

(E): E era desse mesmo pai da Maria Elena?

(C): Não, não, do marido dela mesmo.

(JC): Do primeiro casamento.

(C): Do primeiro casamento.

(E): Ah, ela teve um primeiro casamento?

(C): Ela teve um casamento que ela casou no civil, tudo certinho.

(E): E aí isso foi lá em Jaú já?

(C): Não, foi aqui.

(JC): Foi aqui.

(E): Foi antes de vocês mudarem?

(C): Isso. Aí depois esse rapaz agarrou dar muito trabalho, aí separou, e foi aonde ela conheceu o pai das menina. E aí que tem as menina. Mas antes disso, do primeiro marido dela ela teve essas duas sim.

(E): E porque que ela perdeu, que problema que ela tem?

(C): É, o útero dela né, não segura. E cê vê que até desse aqui, quando foi chegando já pros, pros três meses antes de ter foi preciso ficar em casa, ela já tá parada faz bastante tempo, porque senão corria o risco de perder. É num, num segura.

(E): E aí ela separou do primeiro marido, aí vocês foram lá pra Jaú e lá ela ficou junto, chegaram a morar junto com esse pai das meninas?

(C): Olha junto, junto assim na casa não. Não, não, não, não.

(E): Estavam juntos mas cada um na sua casa?

(C): É, cada um na sua casa. Não chegou a ficar junto não.

(E): Aí teve a primeira, e aí...

(C): Teve a primeira, aí passou não tinha um ano ainda quando eu trouxe a Maria Elena embora. Eu já fui pra maternidade, tudo com ela, depois ficamos mais né bem, uns seis meses.

(JC): Só deu um ano uma pra outra.

(C): Não chegou a ter um, um ano a Maria Elena lá não. Aí viemo embora e tamo aqui até agora, de volta. E ela nunca separou de mim mesmo, ela sempre viveu aqui. Só saiu esses tempo atrás porque cê lembra que ela foi morar com o primo dela ali no barraquinho, mas também não deu certo, voltou pra trás. Então ela nunca separou não. Agora eu não sei porque, eles compraram um terreno né, agora disse que vão começar a construir agora em janeiro. Talvez não sei se vai pra ser pra morar ou o que que vão fazer.

(JC): Ah mas não tá com cara que vai morar não.

(E): É, porque Zé Maria?

(JC): Tão arrumano aqui (risos).

(C): É, diz que...

(JC): Se tão arrumando o fundo né Carol, então.

(C): E ficou bonita a casinha dela agora.

(JC): Colocou piso lá no fundo, que eles compraram lá e, o rapaz mesmo colocou.

(C): E trabalha muito bem viu Carol. Trabalha.

(JC): Porque se tivesse com intenção de construir pra lá.

(C): De mudar.

(JC): Não tinha arrumado lá né.

(C): Ah, quem sabe ele arrumou pra deixar pra nós alugar né.

(JC): Ah (risos). É o que é um pouco difícil né.

(E): Mas então ela ficou grávida da Maria Elena, teve lá em Jaú, você ficou com ela lá, e aí ela continuou com o pai. Como que era o pai, o nome do pai das meninas?

(C): Gilmar.

(E): E aí ela continuou um pouco com ele e engravidou de novo do mesmo?

(C): Isso, do mesmo.

(E): Mas aí resolveu voltar pra cá, porque não casaram, quando ela tava grávida já não deu certo?

(C): Não casaram, já não deu certo. É ela largou, separou.

(E): E aí voltou e veio aqui, pra essa casa, junto com vocês.

(C): Uhum.

(E): Até ter a menina, e quando teve foi trabalhar, e você ficou cuidando.

(C): É, eu fiquei cuidando. Aí ela pôs também na creche né, aí eu buscava, levava, o João Carlos levava cedo. Quando o João Carlos não tava, ela pagava alguém pra levar e eu ia junto.

(E): Colocou com quanto tempo?

(C): Ah, a Elisa foi novinha, a Maria Elena já foi mais velhinha, deu trabalho pra ficar. Como esse aqui ela já vai arrumar pra por.

(E): A Maria Elena foi com quanto tempo, você lembra?

(C): A Maria Elena eu acho que foi com, com um ano e pouco já e ela deu trabalho pra fica hein. Ela não queria não. Agora a Elisa, nossa, foi novinha, cê precisa ver que belezinha. E gosta até hoje. Aí agora vai por esse aqui.

(E): E aí depois ela veio, você falou que ela morou com o primo um tempo, tentou ter outro relacionamento e as meninas ficaram aqui.

(C): Ficou. Aí eu não deixei ir.

(E): Aí não deu certo e ela voltou.

(C): Voltou de volta.

(E): E aí como que foi agora com esse outro relacionamento que ela está, atual?

(C): Olha, esse outro rapaz eu até nem num sabia, quando cê vê ela mexendo muito no telefone, é, falou em telefone, lascou tudo (risos). Aí eu sempre via ela pelos canto, com coisa, eu não sei mexer nessas coisas. Mas aí quando foi um dia ela falou pra mim assim: ô mãe, ela tava vendendo sonho pra mim porque os final de semana, ela trabalha fora, mas os final de semana eu fazia sonho e ela ia vender pra mim, e aí ela falou assim pra mim ô mãe, eu conheci um rapaz ele disse que vem aqui que quer conhecer a senhora com o pai. Eu falei pra ela mas de novo, outra vez (risos). Aí ó pro cê ver, e tinha uma irmã da igreja que falava pra ela Maria Clara, larga mão de cê ficar arrumando coisera porque olha, Deus me mostra certinho um rapaz, até ele é bonito, tem um carro, tem uma, e tem outra, ele é muito boa pessoa e cê vai ver que todo mundo na sua casa vai gostar dele. Mas não fica arrumando. Quando foi desse primo memo, ela tornou a ir lá, conversar com a irmã a irmã falou pra ela num, não adianta cê tenta que não é essa, não é essa, já falei pra você que não é essa pessoa. E quando foi menina no sem teto¹⁹ ela vendendo sonho, conheceu ele, aí ele veio aqui chegou de tarde né bem, num dia de tarde, o João Carlos tava aqui. Aí chegou, conversou, tudo, começou a conversar e ele é muito brincalhão. Se você ver ele nossa, ele enche o seu saco pra danar. Eu, comigo até que muito não, porque eu já trato desde esses esfrega que andei tomando com esses outros genro meio maluco eu não, assim, converso, trato bem, mas eu fico mais na minha. Agora com o João Carlos não, com o João Carlos ele brinca muito, é os dois brinca demais. Aí eu já tratei ele mais sério, tudo, aí logo ele falou pra mim que ele gostou dela e queria ter um relacionamento sério com ela tudo, eu falei ah, isso não é comigo não, já não, né, a gente já tá tão escardado que fica meio, suspeito. Ah, aí nisso ele quando foi passou um pouco ele já veio pra cá, ah, não vou dizer pro cê que os móveis que ele já tinha ela acabou é, ele ia vender tudo porque, aí ela acabou comprando dele, ela não pode dizer que é dele, ela comprou, tudo. Que ele também é separado né, a mulher dele foi embora com outra pessoa pro Piauí, ela é de lá do Piauí e acabou indo embora com outra pessoa. E levou um menino que ele tem. E todo mês até ela deposita a pensão lá do menino. E, aí eles, ela comprou os móveis dele que veio até um bercinho. Ó pro cê vê, ela falou assim pra mim: ai mãe, o berço acho que eu não vou querer não, o berço acho que eu vou dar pros outros. Falei pra ela guarda, num tem necessidade de desfazer né. Vai que uma hora precisa, vai, olha a boca (risos), falei vai que uma hora precisa a gente não precisa comprar. Ah, mãe não quero saber não. Falei ai, deixa aí, que se ele tá vendendo, que ele ia vender pra moça da firma, o guarda-roupa, o, tudo que tinha, por seiscentos reais, tudo novinho, e o bercinho ia. Falei pois então, já pega o bercinho, guarda, desmonta ele e guarda. Ah, aqui bem, ó, não, não (*falando com o bebê*). Foi assim que fez, trouxe, acho que nem chegou a desmontar né.

(JC): Desmontou nada, guardaram inteiro.

(C): Guardaram ali, e de repente não é que a danada já tava grávida de novo. Mas vivem bem Carol, graças a Deus dessa vez eu não tenho o que reclamar não. Já tive muito viu, mas hoje não tenho, ele é uma pessoa muito trabalhador, se, só esses dias pra trás também que ele ficou doente, aí ficou, uns três dias né bem, nossa, indo, indo no médico, e não descobria o que que tinha, como de fato não descobriu mesmo. É, com muita dor também na, abdominal, tudo, mas graças a Deus num tenho o que reclamar dele não. Trata as menina muito bem, aonde vai

¹⁹ Quando a avó menciona “sem teto”, está se referindo a uma ocupação pelo Movimento Social de Luta (MSL), em que famílias ocupam alguns terrenos que consideram ser do governo e não estão sendo utilizados, na expectativa de conseguirem parte de um terreno para construir suas casas.

quer levar as menina, sabe, é, esses dias foram até no cinema, levaram as meninas pra, pra passear, então eu acho que tá bom demais.

(E): Como que é o nome dele?

(C): É, Edú né?

(JC): Eduardo não sei o que lá.

(C): Eduardo não sei do quê, mas trato ele de Edú.

(E): E como que é a relação das meninas com ele?

(C): Ah, é boa hein. É, cê vê que o pai vai fazer um ano agora em fevereiro que veio aqui. O pai delas. Não voltou mais. Disse que vinha no aniversário da Elisa, que era em setembro, em agosto, não voltou mais. Nem agora no natal não apareceu. Nem pra falar feliz natal.

(E): Não liga também?

(C): Não, não liga, não pergunta, não sabe, não fala nada. É desse jeito, o dia que dá na telha dele ele vem, o dia que não, passa aí tempo que dá e num aparece, num fala nada.

(E): E as meninas, como que reagem quando ele aparece?

(C): Olha, conversam bem, mas sempre a menor, ultimamente tem dado as suas patadas (risos). Porque a menor não tem trava na boca né, então, a Elisa é meia triste, e outro dia ela falou pra ele memo, é, e falou pra mim aí, eu falei pra elas, agora, cês já tão grandinha, às vezes seu pai vem e vai querer que vocês vá passar uns dias lá na casa dele. Não, mas já, eu já falei pra ele que é ele na casa dele e nós na nossa casa. Que se ele quiser ele vem aqui. Elas não vão, então não é nós que proíbe, a gente tenta aconselhar porque sabe que uma hora isso pode acontecer. Não tem como evitar, sabe disso. Mas, por elas, obrigada ele não pode levar. Mas, de boa vontade também é que elas não vai. Eu acho que não.

(E): E elas não comentam dele? Nessas datas e ele não ir?

(C): Nada, não, não, não, não. É uma falando pra outra, ele nem liga pra você porque ele nem no seu aniversário ele num veio. É assim, cê só escuta os, os tititi aí cê fica brava pra não, pro caso não aumentar, mas fica nisso mesmo.

(E): E ele está pagando a pensão?

(C): Tá. Com a advogada que ele disse que era de porta de cadeia, tá quase acabando com ele (risos). Eu falo pra ele isso aqui, só que a advogada é muito triste sabe, eu falo pra ele mas quanto me coçou a língua pra falar que era advogada de porta de cadeia. Mas fiquei quieta.

(E): Mas porque?

(C): Ah, porque, foi assim, eu chamei ele pra uma conversa porque tinha as menina, e primeiro tinha a Maria Elena, depois nasceu a Elisa e ele quieto, ele não ajudava com nada, e só ficava o João Carlos e eu vendendo as coisas, tendo as coisas pra vender e ela trabalhando pra baixo e pra cima, aí eu chamei ele, falei pra ele que o João Carlos vinha no final de semana de lá de Itatinga que ele tava, pra nós conversar, sentar e conversar né Carol. Ó, pelo

menos a menina tomava leite já, não é leite comum, a Elisa, então eu falei olha a gente senta, conversa, cada um dando um pouquinho, num pesa pra ninguém. Cê veio, e eu falei pra ele se cê não vier eu vou colocar no juiz. E ele achou que eu brinquei porque ele não acreditava né, e eu quando foi na segunda-feira eu fiz ela ir lá e falar com a Isabel e por. E aí ele veio, diz que não acreditava que eu tinha feito aquilo, e depois falou pra mim que ela era uma advogada de porta de cadeia. Eu falei pra ele ah, então tá bom. E é, depois disso ele tem sofrido um bocado na mão dela (risos), porque óia, trabalho de advogado igual ela faz é difícil viu. A gente só não quis também botar essas coisas do João Carlos²⁰ com ela porque a gente acha que já deu trabalho demais e ela não cobra sabe Carol, por causa de ser pra ele, porque ele trabalhou muitos anos pra ela, então ela não cobra e a gente fica sem graça de ficar também né. Foi por isso que a gente não fez, mas ela trabalha muito bem. Nesse ponto não podemos reclamar não.

(E): E agora com esse padrasto novo, como que elas estão? Com o pai não tem essa relação, agora com ele como que está?

(C): Ela chama de pai, elas trata bem.

(E): As duas?

(C): As duas, todas duas. Eu até achei absurdo a Maria Elena. Quando ela começou sabe. Porque eu não acreditava não. De verdade, que isso fosse acontecer. De jeito nenhum.

(E): E porque que você não acreditava?

(C): Ah, Carol, ela não se dava com ninguém com a mãe dela, que ela pusesse pra dentro de casa. De jeito nenhum. Ela é, ela tem um gênio muito difícil. Então, todo, todos que a mãe dela teve, podia ser um namoro ou amizade tudo, quando ela via né bem, ela já, ela por si própria ela já se afastava, já cortava assim, num tinha amizade nem nada. Então ela nunca teve. A intenção não era de dizer que esse ia passar no teste não. Mas esse passou e cê vê até a mãe dela, dele, ela chama de vó, toma bença tudo sabe, foi bem diferente mesmo. E a voinha gosta deles, cê precisa ver, a mãe dele mora lá no sem teto, mas vai embora daqui uns dia. Eles são do Maranhão.

(E): E como que foi pras meninas quando a Maria Clara ficou grávida de novo, quando soube que ia nascer, quando ele nasceu?

(C): Ah, eles gostaram, e gosta do menino, vive em cima menina, precisa tá falando porque esse sujeitinho aqui gosta de colo, mas a gente não gosta de dar o colo né, e ela, a Maria Elena mesmo coitada, gosta de ficar brincando direto com ele. Elas não acharam ruim não. Foi, foi tranquilo. Porque tem criança que não aceita né. Elas não, elas aceitaram numa boa. Aí, sua mãe chegou (*se dirigindo ao bebê, pois a Maria Clara chega com as filhas Maria Elena e Elisa*). E o Bem também, aí (*Bem é a forma com que a Chica chama a Elisa*).

Maria Clara (MC): Oi. Oi, tudo bom?

(C): Aí, essa é a Maria Clara, que cê não conhece.

(E): Sim, tudo bem?

²⁰ A avó está se referindo a um problema sério de coluna que João Carlos tem passado há cerca de um ano e meio, que o impede de trabalhar, em que estão tentando conseguir uma aposentadoria.

(MC): Prazer. Servida? (*está comendo uma pipoca doce*).

(E): Não, não, obrigada.

(C): Garanto que é pipoca. Acordou tô chacoalhando.

(MC): Vou levar (*referindo-se ao carrinho com o filho Daniel*).

(C): Ô Bem, vai com a mãe.

(MC): Que a vó tá conversando. (*Vão todos para o fundo*)

(C): Aí, tá vendo. E é uma moça bonita. E muito trabalhadeira Carol, ela, agora graças a Deus ela pegou, tem bastante juízo, graças a Deus mas olha, foi bem difícil viu. Foi bem difícil pra gente que é pai, que é mãe, não é fácil não. A gente sempre quer o melhor pros filhos né. E o melhor talvez, pros filhos, não é o melhor que a gente quer né. Tem tudo isso.

(E): E agora como que foi quando nasceu esse outro? Porque dos outros você pegou pra cuidar.

(C): Ah não, eu olho assim, se precisar, às vezes igual hoje ela foi buscar remédio pra mim, na farmácia e ficou aqui um pouquinho, mas assim também no carrinho. Num fico pegando, num. E também se ela precisar ir em algum lugar que não dá pra levar eu seguro. Aí fica aqui. Mas do contrário ela mesmo que olha, ela cuida de noite tudo. Não é nem, nem me preocupei nem na dieta. E ele também ajudou muito na dieta. A mãe dele veio ficar né, e já não precisou mais que eu ficasse não.

(E): E quando ela ficou grávida, foi uma decisão dela, sua, de todos que ela começasse a cuidar mais, diferente do que foi com as outras meninas?

(C): Ah não, ela mesma já falou que dessa vez ela mesmo queria cuidar, porque ela num teve o, vamos supor assim, a oportunidade de olhar né, porque na verdade das duas eu, acho que eu, não sei se foi medo, mais medo meu ou, ou se foi um apego mesmo que eu tive, que eu já peguei da maternidade e já quis cuidar e depois veio a Elisa mas aí já foi mais necessidade também né, que ela tinha que trabalhar, só o João Carlos não ia, não que não fosse dar conta, mas não ia, ia ser difícil, né, aí já ficou, esse ficou pra ela mesmo. Eles já tomam conta, vão pro mercado, leva junto, é só mesmo quando não dá mesmo. Porque aí eu falo pra ela se tiver ventando muito, eu fico preocupada, por causa de coisa, eu falo pra ela não, deixa que se não vai demorar, num vou, aí fica, mas do contrário não.

(E): E o pai é presente com o menino?

(C): Ah, sim, nossa, ele já chega. Até com as menina mesmo, ele já chega com as menina tá aqui ele já grita, vão tudo lá pro fundo, conversa, brinca, só vem na hora da novela de dormir mesmo, a maior parte.

(JC): Na hora da novela delas.

(C): Ah sim, aí vem tudo de volta. Aí já vem, vem dorme. Mas ele num é de sair, num é de beber, sabe, é muito, assim, é um homem mesmo, vamos se dizer assim. Porque tem muita porcária por aí também viu. Tem muita porcária.

5 - (E): Seu filho costuma obedecer ao pai e a mãe? Conte como são as situações que envolvem obediência e regras. Como você reage e entende essas situações? Qual de vocês o filho respeita mais?

(C): Ah, a Maria Elena, ah, eu acho que, eu acho que eu e Maria Clara. Porque o João Carlos ela leva na brincadeira (risos). Acho que porque o João Carlos nunca bateu, nunca né. Agora eu e a Maria Clara nós, é, agora ela tá aprendendo a lutar no projeto, e quer lutar com o vô. Mas isso tá dando um trabalho. A Maria Elena né. Mas tá dando um trabalho, hum. Aí tem dia que precisa, hoje mesmo eu falei pra ela ó, eu tô te avisando hein, depois se ele te bater você num rateia. Aí por fim precisa dar uns grito com ela, pra ela poder obedecer, porque ela é meia, ela acha que cê tá só falando, num tá falando sério entendeu. Aí tem hora que você precisa, então, mostrar pra ela que é sério. Mas ela, a mãe dela ela obedece demais. E também o Edú as vezes pede pra ela, ele põe ordem também lá, tem que lavar um copo, não é serviço de ficar trabalhando, mas se tem um copo na pia ó, vamo lavar esse copo pra não ficar, cê entendeu.

(JC): Carol vou dar uma olhada no pão que tá assando.

(C): Mas é assim, ele também põe ordem e elas obedece viu. Eu percebi que ele, que ele tem um jeito de lidar assim bem, bem, na hora de dar carinho, ele leva pra comprar um sapato, ele leva pra comprar uma roupa às vezes sabe, num é aquilo caro, mas ele demonstra que ele, ele tem hora pra tudo. E elas obedece sim.

(E): Você falou da Maria Elena, e a Elisa?

(C): Também. A Elisa tem um luxo com ele até mais do que a Maria Elena, você percebe que, que é diferente até a convivência dos dois como se fosse pai mesmo, e filha mesmo. A Maria Elena, tem esse coiso mas ela é mais desligadona, mais, ela secona, ela não é muito de agradar e de, né. Mas é, tudo normal.

(E): E a Elisa, quem que ela respeita mais, quando fala de por regras, essas coisas?

(C): Ah eu acho que a mãe dela. Eu acho que a mãe dela porque a mãe dela não brinca em serviço (risos).

(E): E o que você quer dizer com isso?

(C): Porque eu, eu fico o dia inteiro, Elisa, olha que eu vou te bater, olha que eu vou, mas eu nunca, a mãe dela ela não ameaça, a mãe dela quando coisa ela já...

(JC): Dá umas chinelada.

(C): Dá umas chineladinha, mas você precisa ver o escândalo, você não viu o escândalo. Porque às vezes você nem relou nela, mas se você falar que vai bater e arrancar o chinelo, mas ela sai por aí mas ela faz um griteiro por esse quintal a fora que parece que tá matando ela. Mas aí ela sossega. Mas ela obedece assim. Até o Marcos que é tio, falou com elas é uma vez só. Elas num tem muito essas coisa não. Elas tem educação nesse ponto vamos se dizer assim. Que tem criança que não, já responde né, elas num são de responder não. São muito, graças a Deus, mas procuramo educar. Talvez num seja aquilo que, né, ainda porque tem muito tempo pra aprender né. Mas elas chega lá.

(E): E como vocês fazem quando vocês pedem e elas não querem fazer?

(C): Ah, é assim ó, se foi a mãe dela, eu não interfiro. Porque senão, se a mãe dela manda e eu desmando vai ficar uma coisa que ninguém obedece ninguém. E a mesma coisa lá, se eu falar a mãe delas também não se intromete, então, não tem esse negócio não, é a regra, é nós é que, nesse ponto se eu falar a mãe delas fala a sua mãe, a sua avó num falou, falou, então vai lá se virar com a sua avó. E volta pra trás.

(E): São mais vocês duas que definem o que cada uma vai fazer?

(C): É, são mais nós duas, que define.

(E): E se elas teimam?

(C): Aí nós bate. Não assim de machucar mas mostramo ou então deixamos de castigo. Porque elas gostam dessas novela que passa da Dulce Maria essas coisas, ah, então, ceis num vai fazer, não, tudo bem então num tem novela, num tem nada e eu desligo mesmo. Esses dias pra trás elas teimo aí que tavam conversando e brincando em cima da cama e pra lá e pra cá aí eu falei olha, ceis não vão assistir as chiquitita hein, acharam que era brincadeira, continuaram brincando, cê num sabia se assistia a televisão ou se via a bagunça delas. Fui lá e desliguei. Agora vocês podem bagunçar. Não vó, nós num vai fazer mais. Agora não, agora só amanhã, porque eu falei que não e não. Aí só no outro dia que foram assistir. Porque senão cê num mostra a autoridade, num é que cê quer ser mais, é que cê tem que mostrar que tem alguém pra mandar, senão elas vão crescer de qualquer maneira. E aí na escola vai ser complicado, porque hoje você vê a criançada tá difícil.

(E): João Carlos, você tenta colocar alguma regra, ou deixa mais para as meninas mesmo?

(JC): Eu procuro mais conversar né Carol. Ó, num pode fazer isso, num pode fazer aquilo. Às vezes dar algum castigo também, alguma coisa, os desenhos, essas coisera que elas gosta né, cê corta pra ver se aí, procura animar um pouco né. Mas bater não, eu procuro mais conversar, às vezes algum castiguinho, alguma coisinha. Mas, no mais.

(C): O castigo dele é leve. Ele é um bobão. Ai, eu não tenho paciência, gente.

(JC): É que não adianta, cê bate agora aí...

(C): Daqui dez minutos...

(JC): Bater, bater é dar uma chinelada na bunda né, você dá umas chinelada daqui a pouco tá a mesma coisa.

(C): E dá até dó porque aí elas vem, te agrada e aí fica pior.

(JC): Então procura é, dar um castigo naquilo que elas gostam de assistir né, e aí quem sabe melhora né.

(E): E quando você conversa com elas, elas dão atenção?

(JC): Dá, dá atenção. Elas dão atenção. Se for do assunto é, do interesse delas dão atenção né. Mas sempre dá atenção né, então. Ouve tudo, concorda ou não concorda. E assim por diante.

6 - (E): Conte como foi a aquisição de autonomia do seu(ua) filho(a) (desmame, andar, ir para a escola). Como você se sentiu?

(C): Ah, eu gostei porque me ajudou muito. É, na escolinha que elas tavam, lá que eles desmamaram a Elisa. Foi lá porque a Elisa já foi pro berçário né.

(E): A Elisa tinha quanto tempo?

(C): A Elisa tinha seis meses quando foi. Então lá que eles mesmos desmamaram, eles mesmos ensinaram ela a ir no banheiro, tiraram fralda, tudo, quer dizer que isso eu num posso falar. E a Maria Elena também ficava o dia inteiro pra lá, já foi mais velhinha mas ainda num tinha tirado. Aí lá eles foram, elas foram libertando assim de tudo. Mas foi, vamos supor, foi tranquilo. Elas num deram trabalho não, por isso não.

(E): O desmame da Maria Elena, que foi em casa, como foi?

(C): Não então, ela foi mais velha pra creche, a Maria Elena já tinha parado de mamar, já tinha.

(JC): Já tinha. Não no peito ela mamou muito pouco porque a Maria Clara não tinha leite na época né, era muito pouco, então ela mamava mais na mamadeira né.

(E): Então desde bebezinha ela já não mamava no peito?

(C): Não, muito pouco, ela mamou o ninho. O leite ninho.

(JC): E o desmamar dela de repente foi largando, começa a passar pro copo né. E, ah não, vou pegar um copo de leite. Não vou querer na mamadeira. Um dia queria mamadeira, o outro dia já queria no copo. E assim foi até que largou por si, mesmo.

(C): Nós falava que tinha bicho na mamadeira, ai, que a mamadeira não gostava, e aí ela acostudou com tomar no copo. Compramo aquele copo que tem o canudinho também, depois fomos tirando aquele também porque senão fica só naquilo né, e assim foi indo. A fralda também logo ela largou, aprendeu, nós compramos aqueles peniquinhos que coisa e cê começa a ensinar né, bem...

(JC): Mas ela largou por si mesma.

(E): A Maria Elena?

(C): A Maria Elena. A Elisa já foi tudo pra lá.

(JC): A fralda ela largou praticamente por si mesma. Ela achava até ruim de por a fralda que ela falava que apertava né. Ah, deixa eu dormir sem fralda. Não, cê vai mijar na cama.

(C): Não, num vô.

(JC): Num vô. E aí foi indo, foi indo, foi indo, foi acostumando, um dia às vezes acontecia, outras não e...

(E): E ela tinha quanto tempo essa época?

(C): Ah, tinha uns dois aninho, três aninho.

(JC): Uns dois anos mais ou menos, um ano e meio, dois anos.

(C): Mas ela não gostava não, disse que apertava muito ela. E por mais, porque ela era bem gordinha sabe, por mais que cê comprasse fralda grande pra ela ainda, ela disse que apertava, e ficava memo a marquinha assim. Aí largou mão sozinha, graças a Deus num tivemos dor de cabeça não.

(E): E na escola como que foi pra adaptar quando elas foram pra creche?

(C): Ah, a Maria Elena deu trabalho. Porque uma semana você pode ir e ficar com a criança, até num certo horário você fica com a criança. E na hora de deixar ela? Aí minha fia do céu enquanto a mãe tava lá, tava uma beleza, que a Maria Clara ficou essa semana aí, não foi eu que fui não, foi a Maria Clara mesmo, aí a Maria Clara ficou. Quando foi um dia a Maria Clara falou pra elas, porque elas queria que ficasse mais tempo e a Maria Clara tinha serviço, que ela trabalhava, então o patrão tinha dado pra ela até parece que nove ou dez horas pra ela ficar e depois ir pro serviço. E a mulher não porque ela tá chorando, a Maria Clara falou pra ela ó, se quer saber de uma coisa, então eu vou levar embora, larga mão disso, fica só a outra, porque não adianta. Aí teve uma das moças lá, que ela até não é professora, mas ela viu a Maria Elena fazer, porque era uma birra, não era bem, não podia ter outra coisa, porque ali na escola que elas foram é muito bem tratado, muito bem cuidada, a diretora é uma beleza, todo mundo cê precisa ver, e a professora, essa moça, ficou brava com ela, é, falou sério mesmo com ela, e foi, parece que foi na hora certa. Nunca mais ela deu trabalho. Chegava lá, deixava ela e ela, nunca mais deu trabalho, mas ela deu muito trabalho no começo.

(JC): É, mas é o começo né Carol, depois acostuma, até enturmar, tudo né, depois...

(C): Uma semana, ela não queria ficar. Mas também ela acostumou muito comigo aqui em casa né, eu nem num levava, porque eu já sabia que se fosse eu ia ser pior, então a Maria Clara que levava, não cê leva porque, se eu for lá num vai, e aí a Maria Clara ficou essa semana inteira, por fim. Agora a Elisa não, a Elisa desde que foi já ficou muito bem, nunca deu trabalho. Não tenha dúvida disso. Que ela não deu trabalho nenhum.

(E): E como você se sentiu quando elas foram pra creche?

(C): Ah, eu acho que foi, é, porque é assim, a convivência com a escola é melhor, porque tem a convivência com outras crianças né. A gente não tem criança em casa, então quer dizer, vai ficar aprendendo só aquilo que cê sabe, eles num tem, a gente num tempo pra brincar com eles, porque é uma roupa pra lavar, uma comida pra fazer, então cê num tem tempo, e ali não, ali eles tem tempo pra isso, porque já é pra isso mesmo. Então pra mim eu gostei que fosse assim. Que eu achei que pelo menos elas poderiam ter um pouco de liberdade, né. E desde que a escola era boa, que a gente começou a ver que era uma boa escola, eu achei que foi bom. Pra eles, até hoje elas gostam demais, a Maria Elena, a Elisa saiu esse ano já né, veio pra cá pro Gildo agora, não pro Dirce, esse ano ela já vai pro Dirce, não sei nem se vai se acostumar né. Sei que no Gilda lá nossa, ela, o negócio tava demais de lá da escola. Nunca gostava nem de faltar. E quando tava chovendo que não podia levar, ficava em casa nossa ela ficava triste, agora esse ano eu não sei, porque ela vai pra cá, o que vai dar ali.

(E): Mas você acha que é fácil pra ela se adaptar?

(C): Bom Carol vai depender muito da, acho que da professora, dos coleguinha de escola, vai demorar, eu acho que num vai ser da primeira vez assim não.

(E): E pra ir pro projeto as duas como foi a adaptação?

(C): A adaptação foi melhor quando a Elisa foi. Porque a Maria Elena não se adaptava a ficar sozinha. Se as menina do Marcos não fosse, ela não queria ir. E depois que a Elisa começou a ir, ela já se adaptou mais. Aí hoje quem, a Elisa puxa ela né, o dia que ela às vezes ela chega da escola ah, hoje eu acho que eu não vou pro projeto, ah, vai sim porque eu não vou ficar. Então quer dizer ela é obrigada praticamente a ir, mesmo que ela goste ou ela não pode faltar por causa da outra. Agora só falta, esses dias pra trás até faltou porque ela num tava muito bem com a garganta, passou um pouquinho mal eu liguei até e avisei, falei ah, eu não vou mandar porque elas num tá muito boa, mas quando tá, elas vão bem, agora não tenho mais do que, tão se adaptando bem, as duas junta. Lá dão um pouco de trabalho né?

(E): Não, acho que não.

(C): Ah!

(E): Não sei, porque não sou eu que fico com elas.

(C): Hum, mas são pimenta viu, são bem pimentinha. Num são fácil não. Só quem fica que sabe.

(E): E você fala isso em que sentido? Como em casa você percebe esse jeito?

(C): Olha, é, se tiver a televisão num tem criança em casa. Mas se não tiver, nossa pai do céu. Elas bagunça demais. Elas são muito bagunceira. Mas, se ocê deixou na televisão também elas vai o dia inteiro. Aí nem cumê num come. E num pode né. Tem que ter um meio termo. Então é...

(E): E aí como que você faz pra por o meio termo?

(C): Ah, tem hora que você desliga sem, sem querer mesmo, cê, primeiro cê deixa assistir os desenhos que cê sabe que é mais é, vamos supor, elas gostam do do, tem um desenho de manhã que elas gostam, então cê prefere deixar assistir aquele e já avisa, ó, vai assistir esse e depois os outros não porque tem que arrumar a casa, tem que ajudar a fazer alguma coisa, e cê põe o limite assim. Porque cê também não pode deixar, porque senão ela fica deitada o dia inteiro, se brincar ela leva o prato pra comer deitada na cama. E como é que come deitado? Então aí cê tem que fazer desse jeito.

7 - (E): Como era a sua relação com os seus pais ou figuras cuidadoras quando criança?

(C): Olha eu tinha uma, uma, uma ligação muito grande com a minha mãe. Meu pai não. Meu pai, num tive muita, muita convivência com o meu pai. Mas a minha mãe é, ela ia pro sítio eu ia junto, onde ela tava eu tava junto. E, então eu num, foi uma convivência muito boa. Apesar que minha mãe batia de vez em quando né, como sempre mas, foi uma ótima convivência. Eu não tenho do que reclamar não. Agora do meu pai, ele nunca me bateu, nunca me chamou a atenção assim mais, é rude ou coisa, mas eu não tinha uma boa convivência com ele. Talvez porque trabalhasse né, chegasse só, ele saía de madrugada, chegava de tarde, então, ah não sei te explicar, é, era uma coisa que não tinha mesmo a convivência, de dizer que, mas, convivi até os, até os doze ano, quase treze ano, que foi quando ele morreu. Eu senti muito depois que ele morreu porque aí ia passando o tempo, cê num via mais, aí cê, parece que aquilo né, mas a minha mãe eu senti muito. Minha mãe, toda a vida a separação da minha mãe foi muito difícil pra mim. Mesmo casado, ou sem casado, do jeito que fosse, mesmo depois de mais velha eu ainda achei muita falta. Já do meu pai não. Vamos ser honesto né, não é porque morreu que eu vou falar que, então eu acho que da minha mãe eu senti muita falta.

(E): E ela faleceu quando você tinha quantos anos?

(C): Eu tinha tido a Maria Clara. Foi em noventa. E, aí ela, ela ficou quinze dia internada, em coma, quando eu fui eu cheguei, eu num tava, eu morava em Piraju, quando eu cheguei, cheguei num dia no outro dia ela morreu. Mas eu num tive mais contato com ela depois que eu saí de Pouso Alegre. Só vi ela mesmo no caixão. E num, num tenho uma, num tive uma convivência melhor com ela porque não morava perto, mas graças a Deus, sempre respeitamo muito uma a outra.

(E): E você João Carlos, com seus pais?

(JC): Ah, eu vou falar pro cê, antigamente não era nada fácil né, então apanhar, apanhava de acordo né. Esse daí num tinha pra onde correr né. Não tinha uma pessoa às vezes conversando, e quando tinha duas pessoas mais, mais velha conversando, num podia nem passar perto né, na faixa de sete, oito anos mais ou menos já estudava, já ia pra, depois do almoço já ia pra, levar o almoço e já ficava na roça né, e eu tive uma infância até boa, fala pro cê não, embora que eu apanhei muito, pra mim serviu né, porque, é uma educação né, então aprendi muito com isso daí. Então pra mim eu num, tenho do que reclamar. Que deu, meu pai morreu em 76, minha mãe morreu agora uns dez anos pra trás, mas a convivência minha com, com a minha família, com meus irmão, foi tudo bem, num tenho que reclamar não. Em vista do que você vê hoje, hoje é terrível né, porque você não pode corrigir, hoje você num pode fazer nada que favorece, num pode ensinar a criança a trabalhar, num pode ensinar a fazer nada que, antigamente não, antigamente cê podia ensinar, escola era totalmente diferente né, que eu sempre falei que o, o terceiro e quarto ano, antigamente, é praticamente o ginásio hoje né, porque hoje você vê, tem pessoa aí que tá na quinta, sexta série e num sabe fazer uma conta, precisa buscar no celular ou então numa calculadora né, então antigamente era, cê ficava três, quatro ano no, no primeiro ano mas cê tinha que aprender e aprender de acordo né. Então pra mim tudo essas coisas aí pra mim foi bom viu, aprendi, sempre soube, onde eu entro sempre soube entrar, sempre soube sair, sempre soube respeitar, então, teve uma infância meio sofrida mas pra mim foi bom. Foi uma aprendizagem que a gente tem né. Em vista de hoje.

(E): Que diferenças vocês percebem da época de vocês pra hoje?

(JC): Muita diferença.

(C): Ah, muita.

(JC): Antigamente você tinha uma brincadeira, tinha liberdade pra brincar, pra jogar uma bola, jogar maia, essas coisas né, hoje já raramente você vê essas coisas, hoje cê vê...

(C): Hoje cê vê a mulecada com droga, com tudo quanto é coisa, eles num tem, eles num tem vida.

(JC): A mulecada que cê vê hoje é tudo na base de droga, ouvindo esse som aí, esses rap, essas coisera aí, menininha pro meio, então isso daí eu acho que é uma perdição né. No meu tempo já não tinha essas coisa né. No meu tempo as brincadeira era tudo mais sadia, hoje nem brincar, porque de vez em quando você vê a pessoa soltando pipa, no meu tempo tinha também é claro né, e cê vê é uma brigueira, cerol, aquelas coisera tudo misturada, no meu tempo num tinha, era uma coisa muito mais sadia. Então hoje, de antigamente pra hoje é totalmente diferente né, em matéria de escola, em matéria de tudo, em geral, em geral.

(C): Imagina que a professora apanhava na escola, professora antigamente levava pedaço de régua, era de...

(JC): Sarrafo de madeira né...

(C): Sarrafo, essas, era, tipo de vassoura, cabo de vassoura, e elas dava pra machucar mesmo, e num tinha pai e num tinha mãe pra ir lá reclamar. Hoje as coitada apanha na sala de aula, esses dias eu vi uma reportagem aí que a mulher tava com o olho tudo cortado, tudo machucado, isso aí é papel de mãe, deixar os filhos fazer essas coisas na sala de aula, porque a educação vem de casa.

(JC): Mas um pouco também, às vezes, num é nem o pai e nem a mãe né, um pouco também é os que aplica a lei né. Porque hoje cê num pode corrigir. Cê num pode fazer nada, cê num pode ensinar uma...

(C): Ah, mas pode roubar, pode matar, pode fumar droga...

(JC): Cê num pode ensinar uma criança a trabalhar porque, se você vai ensinar uma criança a trabalhar, em dez doze ano aí, já é exploração de menor né. Então, eu acho que a lei que eles aplica favorece muito a criançada, o menor, e o pai então, fica sem reação.

(C): Com quinze anos, a criança só pode aprender a trabalhar com quinze anos, aonde que se conta uma coisa dessas? Não existe isso. Ensinar cê num pode por em serviço pesado, entendeu, não pode por uma coisa que assim, vá prejudicar a saúde da criança, mas eu acho que ensinar a lavar uma louça, ensinar a passar um pano, ensinar a fazer um servicinho, gente, isso num mata ninguém, e nem vai fazer ninguém parar de estudar, quer dizer uma comida, uma, eu com sete ano eu cozinhava, no fogão de lenha, inda ia buscar a lenha ainda, pra poder fazer a comida, hoje, muito pouco. Porque, porque tudo num pode, tudo num pode, porque o governo banca, porque o governo, e aonde que vai parar, tá essa situação que num tem cabimento pra lugar nenhum, todo mundo passando esses, esse apuro que só Deus, é roubo pra tudo lado, que cê vê, é hoje no jornal da manhã, num sei se cê viu, até um senhor de idade, hoje num tem a liberdade de confiar num senhor de idade minha fia, ele entrou dentro da loja em São Paulo, entrou uma moça primeiro, olhou, olhou, viu o celular, não sei se do dono, de quem que era lá, aí deu um sinal, lá veio um senhorzinho, passou a mão, catou e levou embora. É, coisaram pela câmara de segurança, viram sabe, então quer dizer, como é que pode uma coisa dessa. Da onde que tá vindo isso, que exemplo que tá indo, e quando chegar daqui uns ano, ah, eu posso num tá aqui, eu posso ter morrido, posso num tá nem viva mais pra ver, mas e essa geração que tá vindo, ensino num tem nada, num sei, eu fico de boca aberta porque eu num sei o que que vai ser deles não.

(JC): Até uns anos atrás era melhor né Carol. A turma reclama muito daquele negócio da ditadura, na ditadura pra mim era muito mais melhor. Você num via roubo, você num via essa drogaiada que tá, porque, porque tinha lei né, era uma lei severa...

(C): E tinha horário pra entrar em casa, né, hoje...

(JC): Era uma lei severa, era uma lei severa, mas acho que se abrir a mão igual tá agora, a se tornar pior né, cê vê tem muito jovem, criança né, que tá tudo perdido na droga né, naquele tempo num tinha. Porque que não tinha, porque a lei era dura. Pegava uma pessoa ali usando qualquer coisa, eles catava, batia, torturava, mas sabe, e era onde é que ele comprou, ia buscar o pé né, agora hoje não, pra entra preso cê tem que fazer um exame de corpo de delito, onde já

se viu isso, e na conversa, ninguém dá nada né. Cê sobe aqui, às vezes seis, sete horas da noite, você sobe aqui ó, ameninada, a criançada, tudo enrolando maconha na beira da rua, a polícia passa ali ó...

(C): Dinheiro bem. Menino assim novinho. Tinha um que agora nem sei pra onde foi, mas ele vivia aqui, você passava ali ele tava contando pacote de dinheiro, coisa que cê, tudo...

(JC): Tudo droga né..

(C): De droga.

(JC): Tudo de vender droga.

(C): Assim, na rua, assim sabe, ninguém. É muito complicado Carol, nós tamo indo pra uma...

(JC): Então eu acho que no tempo mais antigo, na minha infância, quando eu era criança, num via essas coisas né. E as coisas era totalmente diferente né, do que é hoje né. Então pra mim, eu vou falar pro cê, se pudesse voltar no tempo eu voltava lá atrás. Ah, se cê precisasse sair de casa ninguém mexia nas coisas, hoje se você, cê sai por aí, cê num sabe se você volta vivo ou não. E o que que vem a ser isso daí, é a lei que eles aplica né, então num tem lei. Pega agora, amanhã tá aqui fazendo a mesma coisa. Ah, pegou de novo, levou lá, amanhã tá aqui, do mesmo jeito. Então, antigamente pra mim era muito mais melhor do que, o que a gente, vive e presença hoje né.

(C): Eu conheci um senhor, que ele tinha um monte de filhos, ele era bem escuro e a mulher também, mas as meninas era com a mãe pra mina lavar roupa e cuidar da casa, e os filho homem dele, desde o mais pequeno até o maior tudo pra roça. Ele plantava de meia com um senhor, então eu vou falar uma coisa pro cê, os filho dele deu de noite ia tudo pra escola, estudava de noite, e ele num deixou de fazer os filho estudar não, mas que os filho dele trabalhava, isso lá perto de casa ninguém podia falar. Tinha o Gil que era o mais velho, que não sei se era o nome dele ou se era apelido, mas a gente tratava de Gil, e tinha o Juninho, tinha os outros tudo, a filha mais velha tava em São Paulo trabalhando, todo mês mandava o dinheiro, e todo mundo trabalhava, desde o mais, só ficava mesmo os mais pequenininho porque tinha uma das irmã pra tomar conta, que até era colega minha, mas morreu, deu leucemia, deu câncer no sangue, e morreu nova também, a menina, mas hoje cê num vê mais isso Carol, hoje tá muito complicado.

(JC): Hoje nem parte de estudo, nem nada cê num vê, entra dentro da classe de aula é uma bagunça, se a professora falar qualquer coisinha já é perigoso apanhar. Esses dias tava vendo na televisão, a professora com o olho tudo roxo, o aluno bateu. Então, hoje...

(C): E bate mesmo, eles num tem...

(JC): E o mundo vai indo, daí pra pior, né.

(C): Eles num tem essa educação mais não. No nosso tempo a gente respeitava, cê vai me desculpar. É Carol, tá complicado, a gente tem mais preocupação é isso mesmo, porque vai chegar um tempo que como é que vai ficar essa criançada, os que educa tem, os que são educado, e os que não são, e essa convivência vai bater tudo na escola, vai ser uma geração, vai ser a mesma coisa que uma geração contra a outra, porque ninguém vai entender mais nada, se é que vai existir escola um tempo pra frente né. Aqueles que puderem vão pagar e se tem de todo jeito, porque num é só porque tem dinheiro que vai ter educação, então vai ser

bem, vamos esperar pra ver. E eu espero que melhore, peço a Deus que Deus né, entre com providência, porque do jeito que tá indo num vai muito longe não, tá bem, bem esquisito a situação do pobre, ou do rico, ou de quem que seja, num tem, cê num tem mais, cê num pode deixar seu carro, cê num pode deixar sua casa, cê deixa a sua casa, se o cê deixar com alguém, cê fica preocupado porque tem gente dentro, se o cê deixa sozinho cê tá preocupado porque as suas coisas que você trabalhou com tanto sacrifício vai embora de qualquer jeito, e ninguém vai fazer nada porque num se pode fazer nada porque é menor, porque na verdade, os grande faz, mas depois quem toma é os menor porque os menor num vai pra cadeia, né, os menor fica livre, então, enquanto não mudar esta lei, porque se o menor não pode trabalhar, como é que ele pode roubar, como é que ele pode fazer o que ele faz, então ele tem que assumir as consequências dele, ou então se a partir daí se não pode vai os pais. Ah, mas seu filho fez, você num viu, num educou, então agora paga pelo crime do filho, pra ver se quem sabe se o filho tiver consciência ele vai pensar duas vezes. No que eu acho que se fosse no meu caso o Celo²¹ não teria essa consciência. Tô sendo honesta e sincera, entendeu. Porque eu posso falar com ele, ele parece que ele acha graça daquilo que ele, que eu estou falando. É como se eu, é como se ele num tivesse noção daquilo que, que pode passar ou que pode acontecer. Vê, eu me sinto muito mal pela situação porque eu num sei nem como ele tá vivendo, nem o que tá fazendo, e pretendo não me meter nisso, porque eu já tenho problemas demais pra poder tá, me coisando nisso, e é mas ele, tá indo prum caminho que, eu num sei se um dia tem volta. Eu tenho que ter essa consciência porque eu sou mãe, e a mãe quer sempre o melhor pros filhos, mas os filhos num quer o melhor pra ele, eu acho que eu fiz o que eu pude, ele voltou²², eu tornei a fazer aquilo que tava no meu alcance, mesmo assim, eu acho que fiz mal. Porque do jeito que cê faz, num tá bom. Eu num sei o que quer, o que que pensa, o que que sente, porque se você não fala você num pode expressar aquilo que sente, se você num explica o que é, o que tá sentindo, o que tá se passando, o que acontece, ninguém pode te ajudar. E eu acho que o caso dele é esse, ele num, num consegue, né.

(E): E você está falando dele, que problema que você está pensando que ele está passando?

(C): Ah, Carol, num sei não, mas se o Marcelo não tiver mexendo com droga, eu não sei não. Mas eu num ponho minha mão no fogo. Não foi o ensino que a gente deu, nem de bebida, nem de nada de álcool, que graças a Deus o João Carlos num bebe, a única coisa é que ele fuma, mas a gente não deu, mas eu tô suspeitando sim. Só não tive essa certeza. Ah Carol, pra uma pessoa que não mexia nas coisas dos outros começar a mexer nas coisas dos outros, é, ah, num sei, eu, como mãe eu tenho essa suspeita. Como mãe eu, eu te garanto que eu tenho. E num vai ser muito longe pra eu descobrir essa verdade não. Pode tá certa disso.

(E): O que você acha dessa situação João Carlos?

(JC): Ah eu, vou falar uma coisa procê, foi criado, o Marcos mesmo sempre foi criado no serviço junto comigo, ele foi até numa altura também, ele trabalhou tempo no Panelão²³, trabalhou no Confiança, nunca ajudou nada aqui em casa, dinheiro não sei pra onde.

(C): E não ajuda mesmo, o dinheiro some.

²¹ Celo é a forma com que a Chica chama seu filho Marcelo.

²² Marcelo se desentendeu com a família há algum tempo, devido a irmã abrigar Marcelo na casa do fundo, e Marcelo pegar dinheiro dos pais, até que um dia os mesmos viram ele pegando e brigaram com o filho. Depois desta situação Marcelo mudou de cidade, praticamente rompendo relações com os pais, raramente se comunicando com a irmã Maria Clara por telefone. Há cerca de três meses ele veio para a cidade da família.

²³ Panelão e Confiança são redes de supermercado da cidade.

(JC): O dinheiro não sei pra onde ia, pra pagar uma conta de água, de luz, pra ajudar a pagar era a coisa mais difícil, até mesmo pra, uma vez aí que ela pediu um remédio que num tinha na farmácia, se dava pra ele comprar, a resposta foi uma, se sobrar eu te dou.

(C): Foi bem assim que ele falou pra mim.

(JC): Agora aonde vai o dinheiro então, sei lá, então cê tem, cê fica, sei lá, cê fica num barco sem saída, né Carol. Cê num sabe, bebida eu sei que bebe, agora, parte da droga, eu num sei né.

(C): Ah, eu suspeito.

(JC): Pode ser.

(C): Nooossa.

(JC): Que tem uma suspeita né. Porque se for...

(C): Não, eu num vi...

(JC): Se for, se for droga, ah não ser que seja lá um, uma cocaína, algum outro tipo, porque no crack num é né, porque no crack você já conhece de testa a pessoa né. Então no crack num é, a não ser que seja na cocaína, alguma coisa.

(C): Olhando pra ele tá normal, cê num vê uma coisa assim de...

(JC): Mas o dinheiro desaparece, aí já veio uma vez um rapaz aí...

(C): Veio uma não, veio umas três vez aqui no portão.

(JC): Fazendo cobrança, cobrança de que?

(C): Diz que emprestou dinheiro pra ele.

(JC): Então, sei lá.

(C): Mas, não acreditei na história entendeu, e isso tá me, até hoje eu continuo sem entender.

(JC): Aquela suspeita né, eu não posso afirmar nada porque eu nunca vi, então.

(C): Não, eu nunca vi ele usar, mas que até o menino vim cobrar no portão disse que era...

(JC): Mas cobrança veio umas três, quatro vez veio né. Então, sei lá.

(C): Tenho as minhas suspeitas sim.

(E): E o que você acha que aconteceu?

(C): Eu não sei.

(JC): É, se tiver, mal caminho né.

(C): Ele Carol, ele era uma pessoa, depois que ele entrou pra trabalhar no Panelão, nunca mais ele foi o mesmo. Aí ele arrumou umas amizade, num foi só no Panelão bem, no Panelão e na igreja ali da, da Madureira. Ele Arrumou já o Fabrício que era um colega dele, que ele acabou Carol comprando bateria, banda, é, tudo que tem numa banda ele comprou, tá tudo no nome dele porque eu vi a nota fiscal em casa, e tá com esse Fabrício. E agora quando ele veio, ele até num ia aqui pra casa e nem ia pra casa da Joana²⁴, ele veio porque na verdade ele achou que o Fabrício ia recolher ele porque tudo que ele tem tá com o Fabrício, e o Fabrício disfarçou, disse que num tava aí, que num sei o que, e ele ficou sem aonde tem, nem aonde ficar. Então eu digo pra você, a amizade ela pode ser muito boa, mas a pessoa também tem que ter a cabeça no lugar, porque dependendo da amizade, em vez dele te ajudar ele te afunda mais ainda. E eu não tô te dizendo isso que é por causa do dinheiro nem por causa de nada, porque ele trabalha toda vida ele nunca foi de esquentar em dar nada mesmo em casa. Pra não dizer procê esse cimentado foi ele que deu porque, porque eu caí em cima dele quando ele foi mandado embora do Confiança, porque é, essa moça que, ele tá com ela agora, é prima da moça que saiu de lá do Confiança e antes dela sair ela era encarregada dele, aí ele pediu pra ser mandado ele já tava com cinco ano e meio, aí ela mandou, antes dela sair ela dispensou ele pra ele poder sair, porque ele já tava querendo sair mesmo, porque só trabalhava a noite, cinco ano e meio a noite pra ele já tava, ele disse que já tava cansado. Aí depois ele descansou, ele recebeu, num chegou a receber nem tudo o seguro desemprego, quando ele já foi pro Superbom junto com ela, depois aí conheceu essa prima dela, e essa prima dela bebe igual a não sei o que e agora ela tá grávida, eu nem sei o que que tão passando pra lá, porque o pai dela tá pagando o aluguel pelo o que eu sei, pelo o que a Joana falou, o pai dela que tá pagando o aluguel e ela tá trabalhando, ele parece que não tá trabalhando, aí eu nem sei o que que tão se virando. Melhor nem pensar né, pra ficar nervosa e me acabar é melhor deixar isso pra lá. Cada um procura aquilo que quer não é. Eu aconselhei, eu já fiz tudo que tava no meu alcance, não quer ajuda, que que cê quer que faça, num chega, num expõe, num fala ó, o negócio é assim, assim, assado, aconteceu isso, isso, isso, isso, isso, mas eu quero sair, eu quero, cê vai procurar ajuda, mas ninguém fala, ninguém, só, é, ele é no canto dele, você pode falar com ele que ele não abre a boca, pra nada, então é porque não quer ajuda.

(E): E quantos filhos você teve Chica?

(C): Eu tive três. O Marcos, o mais velho, depois o Marcelo, esse é do meu primeiro casamento. E tem a Maria Clara, que é do João Carlos. A o Marcos eu quis muito viu Carol, porque eu, eu não podia ter filhos né, aí foi um tratamento que eu fiz e acabei engravidando. Depois de quatro anos engravidei do Marcelo. É, quase quatro anos, porque eles são diferença de pouco. O Marcos fez trinta é, acho que trinta e quatro agora, e o Marcelo vai fazer trinta agora em março, trinta dia vinte de março, é isso mesmo são quatro anos de diferença um do outro. Mas, foi normal, a única coisa é que foi muito difícil porque o pai deles num, num assumiu né, é, eu era casada tudo, mas num assumiu não. Ele preferiu sumir né, não assumir (risos). Então, aí depois eu conheci o João Carlos, o Marcelo tava com um ano, aí eu vim embora. Larguei ele pra lá, logo depois, nós já tava com quantos anos junto? Acho que foi em...

(JC): Quantos anos juntos do que?

(C): Quando o pai deles morreu?

²⁴ Joana foi casada com o irmão da Chica, sendo cunhadas por muitos anos. Há cerca de três anos Joana separou-se do marido, mudou-se para a cidade de Chica e continuaram uma relação de forte amizade. Joana também participa do grupo convivência na instituição com a pesquisadora.

(JC): Ah, nem alembro mais viu.

(C): Acho que dois mil, num lembro mais, mas qualquer hora eu acho o atestado de óbito tudo aí eu te confirmo, porque eu tenho tudo aí sabe. Aí falei assim mas aí nem eles foram lá ver.

(E): Vocês já estavam separados há um tempo?

(C): Já, já tava separada.

(E): Não deu certo e aí você separou e depois conheceu o João Carlos?

(C): Isso. Aí vim embora, nunca mais voltei pra lá, voltei quando eles tava com, tinha acho que uns cinco anos mais ou menos, mas levei pra ele ver tudo, sabe, aí eu já tinha divorciado no papel também, levei tudo os papel pra ele, depois logo ele morreu também num, as crianças num chegou a ter mais contato muito com ele não. Mas o Marcelo mesmo num tendo contato parece que é o filho que mais puxou o pai, até a bebida é, é complicado, é uma coisa que eu não consigo entender como é que pode num ter sido criado junto, apesar de ter o sangue né, talvez, mas bebe que dá medo.

(E): E o pai também bebia?

(C): Bebia. Não fumava mas bebia, ele também não fuma, mas bebe. Então é complicado, muito complicado. Ter filhos hoje, não aconselho ninguém (risos). Passar por mim não tem filho. Larga mão disso que é besteira. É uma belezinha quando pequeno mas depois que cresce, ai meu Deus, eu tenho medo. Porque os meu, os meu foi muita decepção viu. Olha, no natal, ontem mesmo ainda falei, gente, eu acho que eu sou a única que, os filho, os neto num vem dar feliz natal, num passa nem na porta, num vem ver, o filho só vem se eu ligar, ainda assim, se você ligar e implorar muito, porque senão o Marcos nem aparecer aqui não aparece, entendeu é muito complicado, eu num sei se eu sou a única, mas que é uma raridade isso é, ou não? Ou tem mais gente que você conheça?

(E): Eu acho que tem todo tipo de família Chica.

(C): Não, a minha é muito complicada. Eu num, sei lá, só ficou eu e a Maria Clara aqui, eu nem pro fundo num fui, porque eu já num tava boa mesmo, num fui nem pro fundo. Mas olha, toda festa, é dia das mães, é tudo, o Marcos sabe aonde vai, pra sogra. Isso, depois que ele casou, ele só tem a sogra. Eles brigam, brigam, brigam, mas tão lá, sempre lá, aqui ninguém vem. Então é complicado.

(E): E porque você acha que aconteceu isso com os filhos? Que foi essa decepção?

(C): Ah, eu acho que depois que ele, a Mirela vamos supor assim, a Mirela é uma pessoa que ela, ela não é, ela nunca, gostou de mim, vamos se dizer assim. Ela só me quis como bode expiatório, que foi no dia que ela veio aqui pra mim ir lá assinar os papel pra eles casar. Mas depois que ela se viu servida, ela tacou foi os dois pé no meu traseiro, como diz o povo né. E nessa situação aí, se eu chegar na casa dela ela não me manda entrar, não me oferece um copo d'água, num, é, nada disso. É como se eu fosse uma estranha. Agora, pra mãe dela, isso eu vi com os meus próprios olhos, quando foi o aniversário, primeiro aninho da Lavínia, chegou lá ah mãe, tem danone na geladeira, tem num sei o quê, tem num sei o quê, e pra nós que tava chegando junto com a mãe dela, que a mãe dela ainda deu carona pra nós no caminho, nem água ofereceu. E é certo? Me conta. Então é complicado né. Eu acho que se ela tem mãe, ele também tem, mas quem que tem que impor isso? É ele. Não adianta eu falar, porque se eu vou

falar, quem vai ser mais por ruim? Então, se ele não se impõe, se ele não fala nada, é porque aceita.

(E): E o que você acha disso João Carlos?

(JC): Ah, eu, eu sei lá, eu teria esse porém comigo, a pessoa casou, como ta vivendo longe, a convivência deles né, obrigação ele teria né, tanto ela como ele né, mas desde que não tem então não sei qual é a conversa deles, o que que, o que que passa na cabeça deles né Carol, então, é uma coisa que, pra mim, praticamente, é inexplicável. Porque casaram já foram embora pra Jaú. Certo, conviveram lá bastante tempo né, os dois. Portanto a mãe morava lá ela nunca foi na casa da mãe. A mãe viveu dois anos lá. Perto, raramente ia. Às vezes vai quando precisa de alguma coisa né, aí vai, pelo contrário não vai né. Então não sei, sei lá. O que que passa na cabeça, o que que pensa. Ou se a mulher impede, ou se a mulher fala alguma coisa e ele fica chateado de não vim. Eu não sei.

(C): Também não sei.

(JC): Sei lá.

(E): Antes de casar ele era próximo?

(C): Ah sim, nossa, trabalhava junto com o pai, era...

(JC): Trabalhava comigo, trabalhou bem junto comigo.

(C): Ah, era diferente.

(JC): Trabalhou bem junto comigo, parece que trabalhou bem parece que uns seis sete anos junto comigo, aprendeu muita coisa e não quis aprender muita coisa né.

(C): Não, mas o que ele, vamos supor, o que ele aprendeu graças a Deus tem dado pra ele sobreviver né que ele faz serviço de pedreiro, claro que não como o pai, vamos ser bem honesto né, mas...

(JC): Não sei também, talvez seja a distância né, que conviveu lá também, fez afastar um pouco né, não sei, o que que eu posso falar, o que que passa na cabeça né.

(C): Num sei, num faço a mínima ideia.

(JC): Vem aqui de vez em quando, dá uma passadinha, vai embora.

(E): E quando vocês se conheceram ele era pequenininho né João Carlos?

(JC): Ah, tinha o que?

(C): O Marcos? O Marcos tinha quatro anos e o Marcelo tinha um ano.

(JC): É, era novinho. Era novinho, é criancinha de tudo.

(E): E você tinha tido outra família, outros filhos?

(JC): Eu? Eu tenho um menino em São Paulo. Mas não deu certo né, então eu tenho um menino.

(C): Mas nunca mais viu também.

(JC): A mãe desapareceu, num sei nem pra onde é que foi, nós se separamo né, ela de medo de eu levar o menino, morava numa casa ela mudou pra outro lugar, nunca mais consegui ver. Num sei nem pra onde que foi, que ela tinha um medo de levar o menino embora né, eu falei pra ela não eu não quero.

(C): Eu cansei de falar pra ela Olga, eu não vou levar o seu filho embora, não é a minha intenção, que às vezes ela...

(E): Você chegou a conhecer ela?

(C): Conheci, uma moça muito bonita sabe.

(JC): Morava em São Paulo, trabalhava numa obra mais ou menos daqui no Panelão, e depois eu mudei pra Santana, quando eu larguei eu mudei pra Santana, aí ficou bem longe né, do Parque Novo Mundo pra Santana, então no final de semana eu ia lá e pegava o menino pra, pra levar pra casa, pra passar o dia junto. Ela de medo ela mandava a menina dela junto também, a menina pequenininha.

(C): (risos). Ah, como que chama a menina mesmo?

(JC): Vanessa.

(C): Vanessa. Mas que menininha bonitinha menina. Ela, a mãe dela era muito bonita, loira sabe, era muito bonita.

(JC): Eu falei pra ela, cê é muito inteligente né, além de levar o moleque ainda leva a menina embora (risos).

(E): A menina era de outro relacionamento?

(JC): Era de outro, mas a menina era, era novinha, tinha o que, acho que tinha...

(C): A idade da Elisa.

(JC): Mais ou menos a idade da Elisa.

(C): Mas muito mas, sempre tratei bem viu Carol, não tenha dúvida disso, mas eu falava pra ela não precisa se preocupar não, que eu não vou levar seu filho embora não, eu acho que do mesmo jeito que eu não gostaria que levasse os meu, ah, não era a mesma coisa, a dor não era mesma? Só que era dela, o filho era dela, e o filho era meu, então eu não podia fazer uma coisa dessas. Eu falava pra ela se um dia tiver que ir pra algum lugar e levar, eu venho te aviso, cê vai ou vai junto, não tem problema não. Mas ela tinha um medo. Mas sempre entreguei na hora certa, sabe, ela deixava ir, aí às vezes eu mesma que ia levar né bem, na casa dela, não tinha nada não. Graças a Deus sempre respeitei a, não tinha condição de juiz não, não fez nada disso, mas nunca desrespeitei, sempre levei, trouxe, cuidei bem, o menino tinha bronquite, às vezes precisa levar no pronto-socorro, até no pronto-socorro cheguei a levar, mas num, nunca mais vi também o menino. Mas deve ser um moço muito bonito, e é da idade do Marcelo. Né? Tá com trinta anos hoje. Ele é de março também né.

(JC): Me parece que é, nem alembro mais do fato, nem alembro mais.

(C): É, o Marcelo é do dia vinte, e ele eu não lembro o dia, mas é de março também. Vai fazer trinta ano os dois junto, só não sei quando. É. Mas são coisa que passou né. Talvez um dia ele até bata na nossa porta, quem é que sabe? E fale ô, meu pai tá aí? (risos). Fala pra ele olha, num sei se é ele, mas tá (risos). É, a gente brinca tudo mas o caso é sério hein.

8 - (E): Seu(ua) filho(a) já demonstrou curiosidade sexual? Como foi? Como reagiram? Explique.

(C): Não, não, nunca tiveram essa curiosidade, de perguntar, nem de nada disso.

(JC): Acho que nem sabe que que é isso, por enquanto...

(C): Ainda por enquanto, mas daqui pra frente como vai a escola, também vai, num pode-se dizer que não vá é, ter a curiosidade né. Mas nunca tiveram não. Por enquanto ainda num, num tiveram a curiosidade.

(E): E nem de perguntar de onde vem os bebês?

(C): Não, não, só se perguntou pra mãe delas, porque pra nós não.

(E): Diferença de corpo, homem, mulher, essas coisas?

(C): Também não. Nunca perguntou não. Só se agora por causa de ver o irmãozinho, possa até ser que pergunte né.

(E): Mas pra vocês ainda não chegou a perguntar?

(C): Não, pra nós ainda não chegou a falar nada.

(JC): Sobre essas coisera aí não. Só perguntou uma vez da onde que, da onde, da onde que a gente vem. Eu falei pra ela é a cegonha que trás (risos).

(C): Ah, mas de novo?

(JC): Ela, mas o que que é cegonha? É um passarinho que vem. Mas trás no bico? Trás, porque de vez em quando tem o...

(C): No pica-pau.

(JC): No pica-pau, é, aqueles passarinhão que carrega alguma coisa no bico, falei é igual o do pica-pau.

(C): Ah, coitadas.

(JC): Ficou assim né. Ah, mas muito criança demais né, pra você explicar essa situação né. Mas, mas nada. Ficou quieta. Não falou nada né. Como diz né, nem sei se acreditou né (risos). Porque na escola hoje em dia se aprende muita coisa né, então, ficou quieta.

(C): Mas é que elas ainda tão no segundo né, agora do terceiro pra frente já é, já é mais provável que dê aula que fale.

(E): E quando a mãe engravidou de novo, que elas viram a barriga crescer e tudo, não perguntaram?

(C): Não, elas só conversava com o Daniel na barriga e tudo, mas nunca teve, acho que a curiosidade assim, de coisar não.

(JC): Eu não sei qual delas que chegou um dia desses e perguntou como é que ia sair de lá de dentro, eu falei operando, cortando a barriga.

(C): É porque a mãe, na verdade num mentiu.

(JC): Porque a mãe, fez cesárea mesmo né, então.

(C): Que a Maria Clara todos eles é cesárea.

(JC): Então ficou por isso mesmo.

(C): Mas pra mim mesmo num, até hoje elas num, num me cataram (risos).

(JC): Ah, mas isso a hora que tiver na escola né Carol, aí com seus oito, nove, dez ano, aí começa né, alguma, ou às vezes até a própria escola, hoje que, faz parte de aula, alguma coisa, aí pode até ser. Mas eu acho muito novo ainda, acho que eles num. E fora o que aprende fora né. Isso daí não tem pra onde correr né, aprende fora né. Mas às vezes num chega, também num pergunta nada, às vezes tem cisma, sei lá. Ou não sabe mesmo, mas até hoje num, eles num tem feito coisa assim, e, com relação a essas coisas não. Num perguntaram nada até hoje.

9 – (E): Como ficou a vida conjugal após o nascimento do seu(ua) filho(a)? Explique.

(C): Ah, a nossa? A nossa, normal, num tem nada de...

(E): O que mudou depois que as meninas nasceram?

(C): Ah, eu num sei, o que mudou foi assim, porque a gente já não tava mais acostumada a carregar os filhos, é, pra onde ia né, vamos supor, o mercado, aonde fosse, é, num tinha mais esse coiso. Que a Maria Clara já tinha casado, tudo, então num carregava mais. Ela ia às vezes, muito difícil ela ir. Mas hoje, aonde nós vai leva elas, é nesse sentido assim que mudou bem. Que elas num deixa nós fala, falou que vai sair, porque pra nós sair, nós tem que avisar lá no fundo ó, nós tamo saindo, se elas tiver lá, já do jeito que tiver já vai, seja limpo ou seja do jeito que for, vai atrás mesmo. Num fica. Isso mudou né.

(JC): É, mudou assim né, nesse sentido aí né. Pra onde vai quer ir junto né. Então num...

(C): E num importa se nós vai pra posar, ou se nós vai pra voltar logo, ou se não, vai mesmo.

(JC): Às vezes até pede pra sair né, às vezes tá aqui ah, ceis num vão lá pra pracinha, brincar um pouco lá no, nos brinquedos, vamo no mercado, às vezes até elas mesmo pede né.

(C): É, a gente num, tem hora que a gente pega e, larga o que tá fazendo e leva porque, fala, se tá pedindo às vezes é porque tá com vontade né, porque elas num sai, a gente num deixa ficar nem pra fora né. É, dificilmente vê pra fora. É, a gente, às vezes quando pede a gente, quando num é assim, direto né, porque se for muitas vezes nós tem que falar que não e num vai né, cê num concorda?

(E): E você sentiu mais alguma outra mudança João Carlos, depois que as meninas nasceram?

(JC): Ah, mudar muda né Carol, isso daí num tem dúvida né. Cê chega, depois cê brinca, tudo, é bacana. Então muda. É como se tivesse o, é como se você voltasse no tempo da, que os filho era pequeno né, cê brincava, tinha aquela convivência com eles né, então, é um motivo muito de alegria né. Pra mim é motivo de alegria né. Às vezes cê tá aqui, vai lá, começa a fazer um carinho, às vezes começa a perturbar, brincar, então, pra mim é bom. Pelo menos pra mim foi bom.

(C): A Elisa gosta de ser cabeleireira.

(JC): Às vezes cê tá ali tranquilo, aí vem ela, deixa eu arrumar o cabelo, aí começa, daqui a pouco taca água pro cabelo, quando não põe chuchinha, vira uma narquia (risos). Então cê pega amor né, é gostoso. É legal.

(E): É, e antes estavam só vocês né?

(C): É, antes tava.

(JC): É, mas normal né.

(C): É, mas a gente já sabia que um dia ou outro ia vim os neto né, só não sabia que a gente ia olhar (risos). Mas, depois eu peguei tanto amor nas bichinha que olha, é difícil viu. Ficar sem elas. Às vezes quando a Maria Clara vai pro sem-teto que leva, nossa, eu acho uma falta. A Maria Elena nem vai, se eu num for, e se o João Carlos num tiver em casa, aí ela num vai, ela fala não, vou ficar de companhia. E fica mesmo. Às vezes dá até dó dela, coitada, porque, é pra ela sair, se divertir, passear e ela num vai, se eu num for num vai de jeito nenhum. Mas é bom que, a convivência nossa é maior né.

(E): E olha o que vocês passaram então, quando vocês se conheceram já tinham filhos.

(C): Tinha.

(E): Aí ficaram um tempo sem filhos quando os filhos casaram, aí ficou só o casal. E depois vieram as meninas, aí ficou como se fosse filho de novo. Como que foi passar por essas mudanças? Porque uma hora estava vocês com os filhos, outra hora estava só o casal. Aí depois os filhos.

(JC): Ó Carol, é um negócio até engraçado viu, você teve aquela etapa que você criou os seus, cê vem vindo tudo, até, pega aí uma idade de dez, doze anos, praticamente eles quer ser dono do seu nariz né. Então dali pra cá praticamente para de brincadeira, essas coisera já, é menos né. Então, um quer ir prum canto, o outro quer ir jogar uma bola, outro quer fazer uma coisa, fazer outra, então, praticamente já vai, já acostumando daquilo. Aí quando vem a segunda etapa lá, que é os neto né, então é, pra mim é motivo muito de alegria né, você torna a se apegar tudo de novo né. Enquanto é pequeno, enquanto tá aí nessas idade aí, tá indo tudo bem, é legal, agora, agora a hora que chegar ali na fase dos doze, treze anos, já começa a deixar de novo.

(C): É capaz que num queria nem ver nós de novo.

(JC): Aí começa já a desdeixar nós de novo né. E assim vai indo, é a vida.

(C): É, cada etapa da vida que vai tendo que, é como diz...

(JC): Mas é gostoso, porque é experiência, cê brinca tudo né, cê escuta, escuta muita conversa na orelha, porque, a Elisa mesmo é uma que fala que cê precisa de ver, começa a conversar cê num sabe nem da onde arruma assunto né. E, é assunto que cê nunca, nunca ouviu falar, tô ouvindo né. E, é gostoso até, às vezes eu tô deitado às vezes, chego até a dormir, ela ô, cê tá dormindo, tem que ouvir. Então é gostoso, essa fase, esse tempo que você passa com eles é gostoso viu. Principalmente quando é pequeno assim. Agora, pega seus doze, treze anos, aí as ideia já é tudo diferente né. Já começa a passar mais pra ideia, sei lá, de jovem né, então, já não é mais, aquele momento gostoso né. Então já começa a mudar as ideias deles né. É igual os outros mesmos né, aí uma hora quer, às vezes quer jogar uma bola, uma hora quer ir na casa de um colega, num sei o quê, vai mudando totalmente né. Vai amadurecendo aí vai mudando né. Mas que é bom é viu. É gostoso.

(E): E tem alguma coisa, da vida de vocês só quando eram casal, quando os filhos foram embora, que vocês sentem falta?

(C): Ah, eu sinto sim porque de primeiro eu gostava muito de ir pro rio com ele, mas hoje eu não vou mais. É, a gente tinha barco, tudo, e aí, e, eu sinto falta sim, de quando a gente ia pro rio, pescar, andava de barco, tudo, mas, hoje já não é a mesma coisa.

(E): E você João Carlos, tem alguma coisa, que você sente falta?

(JC): Ah Carol eu, vou falar uma coisa pra você, eu não, e eu acho que eu não tenho nada. Agora não, agora eu tô com a coluna, o joelho meio, meio moído né, braço também né, mas, quando há possibilidade às vezes a, eu até vou pro rio pescar, então praticamente eu não acho falta não. Essa aqui, ela num vai. Ela era boa companheira né, levava, fazia um exercício, tudo né...

(C): Ah, mas os pernilongo...

(JC): Às vezes você tenta puxar, você tenta puxar, chega lá vai devagarinho, paro um pouquinho, sento, mas num, ela num vai né. Então num, num acho falta. Acho falta assim da parte da saúde né. Porque todo final de semana quando eu tava bom, num sábado é, às vezes quando tinha folga, aí abaixava pro rio direto, então pra mim eu num, num vejo assim muita diferença não. Agora ela, deu uma boa desanimada. Não vai porque tem medo de pernilongo.

(C): Ah, não.

(JC): Conviveu um bom tempo junto comigo que eu fui pescador profissional na época né, conviveu um bom tempo dentro d'água e nunca teve medo, agora.

(C): Sô tonta não.

(JC): Mas foram momentos bons né Carol.

(C): Mas é que de primeira eu num tinha mais, num tinha alergia, cê entendeu, agora hoje, qualquer picadinha de qualquer coisa, já, me faz muito mal. E vira ferida até se deixar. Tanto é que quando nós tava em Boiçucanga, eu tenho as pernas tudo marcada, e o médico ainda falou pra mim, se a senhora não for embora daqui, a senhora vai virar ferida pura, porque é uma alergia que num, é, tinha aqueles, como é que chamava aqueles mosquitinhos?

(JC): Os borrachudos. Tem muito.

(C): Os borrachudos, e onde picava virava aquela coceira, e álcool, passava, mas virava ferida mesmo sabe, nas pernas, nossa e tava ficando feio mesmo, então eu, aí, viemos embora pra cá né, saímos de lá, graças a Deus num tive mais nada, é de alergia mesmo, então eu tomei medo de beira de rio, dessas coisas, porque cê já imaginou cê ficar, aí cê vai tomar um remédio cê num pode por causa que eu tenho a diabete não é tudo o que eu posso tomar, então já fico em casa. Num saio mais. Ah, mas eu saio atrás docê (risos). Quando cê vai eu vou. Aí nós vai pra algum canto²⁵. Ah, agora eu ainda posso até arriscar qualquer dia porque agora eu tô pondo calça comprida, mas tem que ser no frio, no calor não vou não, porque o calor eu sinto muito calor.

(JC): Vai no frio, vai pescar no frio.

(C): No frio, porque aí não tem pernilongo.

(JC): Pescar o que, vai pegar frio na beira d'água (risos).

(C): Ah Carol, não tem pernilongo.

(JC): Se você chegar lá no frio Carol, cê num pega um lambari.

(C): Ah, mas anda ué, cê ta falando de andar na beira d'água.

(JC): Não, mas é, de primeira ela, eu levava ela pro serviço de primeira, ela ia bem, tudo, num tinha esses problemaiada, mas depois que parou né Carol, aí começou, né. Andava, pro beiral de rio aí.

(C): É, andava de bicicleta.

(JC): Andava pro beiral de rio aí, ia pescar, a pessoas às vezes fala ah mas, vai pescar às vezes você senta num lugar, não, você senta, anda um pouco daqui, anda um pouco dali, quer dizer, cê tá fazendo uma caminhada né. Às vezes tem parte mais longe, aqui tá muito sujo, então vai pra outra parte, então cê tá andando um pouco, nessas épocas, ela não tinha nada desses problema que ela tem hoje né. Trabalhava aí comigo, eu levava ela, não, numa massa, batia massa, às vezes já pnhava lá em cima no caixote quando era no alto né. E, então nesse tempo aí ela, ela era sossegada, andava, pra lá, andava pra cá, não tinha problema. Depois que deu aquela parada, foi surgindo as coisaiada né, então. Eu acho que num queima caloria também, então um pouco...

(C): Vai só engordando.

(JC): Atrapalha né.

(E): E quando que você deu essa parada?

(C): Ah, faz tempo.

(JC): Ah, faz anos viu fia.

(C): Faz tempo Carol.

²⁵ Chica está fazendo referências aos passeios realizados no grupo convivência com a pesquisadora.

(E): E você parou porque estava tendo problemas de saúde ou porque resolveu parar mesmo?

(C): Não, resolvi parar mesmo, não foi, é mais sem vergonhice mesmo. Porque, tem coisa que você não pode parar né, tem coisa que cê tem que continuar. E...

(JC): Às vezes dependendo do que você faz também às vezes acaba enjoando né.

(C): Não, mas pescar eu sempre gostei sim. É que depois foi vindo, depois veio as criança também, aí a gente já fica mais pra olhar né, ajudar a olhar...

(JC): É porque...

(C): E hoje se eu falar que vou sair a Maria Elena vai querer ir atrás, como é que eu vou levar ela na beira do rio. Ah, cheguei a levar ela quando ela era novinha, até antes, até antes, até quando era novinha nós ainda foi posar, não, fomos.

(JC): Quem?

(C): A Maria Elena.

(JC): Não.

(C): Fomos, fomos em Piraju, lembra que nós foi na casa da... Não, ela tava grávida.

(JC): Num foi.

(C): Ela tava grávida. Não.

(JC): Agora a Maria Clara acostumou desde o tamanho da Maria Elena a ir comigo dentro d'água. Daqui eu ia pra Piraju pescar...

(C): Ficava quinze, vinte dias com o pai.

(JC): Chegava lá ela remava o barco pra mim. Adorava água.

(C): Você já viu o rio de Piraju?

(E): Não.

(JC): É da largura do Tietê aí.

(C): Ah, uma água limpinha, nossa, é uma delícia, e tem uma, uma...

(JC): É o Paranapanema, você não conhece, já ouviu o rio Paranapanema?

(E): Já ouvi falar, mas não conheço.

(C): Nossa, mas tem uma cachoeira.

(JC): Ah, tem parte lá que é da largura da ponte de Pederneiras, e outras partes é bem mais larga né...

(C): Aquela cachoeirinha, nossa, aquela água branquinha, gostosa, ai, maravilhoso.

(JC): Então a gente tem muita amizade lá, que eu morei lá né, a gente morou lá né, então quase todo final de semana eu tava indo e ela tava indo junto.

(C): Agora não.

(E): E isso até as meninas nascerem?

(C): Não, bem antes.

(JC): Não, isso quando ela era pequenininha, a Maria Clara que era pequena, do tamanho das crianças.

(E): Foi nessa época que aí você já foi parando de ir?

(C): É, já fui parando. Aí já num fui mais.

(JC): É, por causa da menina né, aí foi crescendo também né Carol, aí complica.

(C): Aí depois as meninas foram crescendo, a Maria Elena ia, a Maria Clara ia, mas eu tinha medo de deixar os meninos, né, porque, eles às vezes não queria ir, e com negócio aí de venda droga, essas coisa tudo pra, pra rua aí, eu também não era de deixar meus filho jogado assim não, ele ia mas eu ficava. Então já comecei a num, num ir mais. E depois o Marcos casou, aí ficou o Marcelo, e foi indo assim meio que, ah, sei lá, foi eu mesmo que, acho que num, num quis mais. Ou tem tempo pra tudo né. Às vezes a gente fala assim não, ah, parei, as vezes é, é o tempo mesmo de parar né. Parei no tempo certo. Eu num sei nadar, num sei nada, eu andava em pé no barco, pondo rede, tirando rede, eu sempre aprontei muito viu (risos). É, eu faço rede também, cê pensa que não é.

(JC): Pegou um, pegou um corimbo uma vez, num lugar de...

(C): Quase que eu pulo dentro do rio menina, sendo que eu num sei nadar.

(JC): De trinta metro de fundura, uma maia pequenininha, um corimba desse tamanho, dessa largura, a maia miúda, então enroscou só o focinho dele, que ela puxou, o corimbo soltou, saiu nadando devagarinho, quase que pula no lugar, trinta metro sem saber nadar.

(C): Quase.

(JC): Pra querer pegar o peixe.

(C): Mas depois que eu vim a lembrar que eu não sabia nadar, cê entendeu, até, por isso é que eu falo procê, às vezes acontece as coisas, as pessoas fala assim ai, não, num é, é que às vezes quando a pessoa vai lembrar já era, num teve esse tempo de...

(JC): É, essas coisas assim no momento de susto né, mal, nem, nem planeja nada e acaba, né, acontecendo.

(C): Aí acaba fazendo coisa errada né, mas, é muito gostoso mexer com peixe. Eu, muitas vezes, eu pensei até, numa época, em vender, em vender aqui Carol e ter comprado na beira do rio. Então eu muitas vezes eu tive essa vontade sim, só que o dinheiro daqui num dá pra comprar lá né, e construir. Mas eu acho que eu teria uma outra vida.

(JC): Ah, geralmente né, cê tá num.

(E): Em que sentido?

(C): Ah sim, eu acho que seria muito bom pra mim, pelo menos pra minha saúde, porque, o rio, a água, tudo isso é, o mato ele te trás uma coisa muito melhor.

(JC): Ah, não é só, é em tudo se você quer saber né. Porque você come uma verdura sadio, você planta uma mandioca não tem veneno, num tem nada, você cria um frango não tem veneno, num tem antibiótico no meio não tem nada, ovo num tem nada né, que tem possibilidade de criar né, pega um peixe, o peixe é fresquinho, cê come, então o ar é outro né, então, totalmente diferente.

(C): Eu não gosto de peixe que vai em geladeira. Eu gosto de acabar de pegar e comer né, então eu acho que por isso quase num, mesmo que tenha dinheiro num compro peixe, porque eu não gosto de peixe congelado. Eu gosto dele é, pegado, então quando ele vai pescar que ele trás, aí já limpa no dia, eu já faço no dia mesmo. Num, se congelou, depois que congelou eu nem ligo mais de mexer porque, só se for pra eles, porque eu mesmo num como não.

(JC): É tipo sítio né, você morar em sítio é totalmente diferente da cidade né. É tudo que você, você faz ali dentro, você planta ali dentro, você colhe ali dentro...

(C): Depois outra, cê já faz outro movimento com o corpo né.

(JC): Você mesmo que sabe o que que você tá plantando, o que que você tá comendo né, aqui, tudo que você compra, tudo que você come, é de mercado né, e pra chegar no mercado, pelo o que a gente vê tudo aí em televisão, tudo, primeiro lugar o agrotóxico tá no meio né, e muita gente num tem nem companheiro de engenheiro agrônomo, taca de qualquer jeito, né, então.

(E): A relação de vocês com a Maria Clara hoje, o que vocês acham, como vocês acham que é? Você falou dos outros filhos...

(C): Ah, eu com a Maria Clara, nós tivemos assim um pouco de diferença, quando foi, é, principalmente desse sobrinho, que teve morando com ela né, mas graças a Deus hoje a gente tem uma relação muito boa, é, talvez, ela por, vamos supor, num queria brigar comigo porque era ruim, mas também num queria brigar com ele porque né, vamos supor, num era que a gente queria briga, a gente queria que entrasse num acordo. Mas, hoje, graças a Deus, nós temos uma outra convivência. Uma convivência que graças a Deus, nossa, eu não perturbo ela com nada lá no fundo, ela fica, tem um sossego vamos se dizer assim, ela também não me perturba sabe, é bem, bem como sempre foi mesmo. A gente sempre teve, as pessoas falavam até, achavam um absurdo a amizade que a gente tinha antigamente, depois foi se desgastando um pouco, devido, depois que ela casou, tudo, aí começou um desgaste, talvez ela quisesse viver a vida dela, e talvez eu por, pela experiência de mais velha talvez me intrometesse no que não era da minha conta também porque, eu acho que num era eu que tinha que falar, era ela e, mas hoje quando a gente vê que ela arrumou uma pessoa que num precisa você, nem de você falar e nem da gente se intrometer, ah, é uma outra convivência. Cê num concorda comigo? É um outro tipo de vida porque ele tem uma criação muito boa, é, ela também graças a Deus a gente procurou dar uma criação pra ela muito boa, então eu acho que num teve porque mudar isso né. Então até eles moram aí, tudo, é, ficam, as criança, às vezes se eu saio, eu preciso sair, e num dá pra levar as crianças, que quando num dá eu falo ó, num vou levar por isso, mas aí fica com ela, fica com ele, ele cuida bem, ela também, então. Agora

com o pai ela sempre teve um relacionamento muito bom. É mais era eu mesmo porque eu sou muito cricri viu, quem vê a minha carinha, hum (risos).

(E): Desde criança ela era mais próxima do pai?

(C): Desde criança. Ela sempre se deu muito mais com o pai do que comigo. É, eu num tinha uma relação muito, muito amigável assim não. Depois de um tempo, aí que a, nossa amizade começou e nós tivemos uma amizade melhor depois de uns quatorze, quinze anos, mas antes não. Antes ela tinha né? Era mais com o pai mesmo.

(JC): Ah, é que você saía, levava junto, tudo que queria fazia os gostos né, então.

(C): Uma filha só né, é fácil.

(JC): Então, ficou aquele grude né Carol. E, é até hoje viu. Até hoje ainda é.

(C): E é mesmo, tudo que ela faz, ela vem trazer pro pai. Café na cama de manhã até hoje.

(JC): É, até hoje.

(C): É, o pai toma café na cama.

(JC): Na hora que chega o café eu levanto (risos).

(C): Ah, nem sempre, mas nem sempre.

(JC): É, mas também cê num vê não, quando eu tava na função seis horas da manhã o café já tava pronto e ia pra cama também. É, isso esquece né Carol.

(C): É, nem sempre.

(*Maria Clara chega*).

(C): Você leva café na cama pro papi todo dia ou não leva?

(MC): Levo (risos).

(JC): Mas quando eu tava na função eu também eu levava, então ficou trocado.

(MC): Ficou elas por elas. Eu vou lá buscar o carro.

(C): Você quer o telefone?

(MC): Não. Eu já venho viu (*Deixa o bebê com a Chica*).

(C): Tá bom. É, mas que leva o cafezinho na cama leva.

(JC): Mas quando eu tava trabalhando seis horas eu tava com o café pronto, então, quer dizer.

(C): Não, mas ninguém tá dizendo que é errado.

(JC): É trocado.

(C): Não, mas eu sei. Mas ninguém tá dizendo que é errado, se for ver bem, tá certo, e muito, e merece até mais que isso pelo que ele já fez.

(JC): Pra mãe num vem, a mãe num bebe.

(C): Eu num tomo café. Agora eu tô tomando sabe o quê, suco de laranja com berinjela de manhã, é o que eu tomo, e graças a Deus eu senti melhor depois.

(JC): Pra abaixar o colesterol né.

(C): Eu acho que tava me dando essas dor muito forte, é o fígado, que tava com muita gordura, e os médicos num fizeram exame pra ver, então desde que eu passei tomar eu me senti melhor sabe, e eu todo dia eu tomo sim um, hoje eu tomei dois copo, porque a, tem dia que a laranja tem pouco caldo, tem dia que tem mais, aí deu dois copos eu tomei tudo pra não jogar fora, falei agora, já fez vai né, e tomei. E não é ruim não, é gostoso até, porque fica mais o gosto da laranja, todo dia eu tenho feito.

(E): Bom, tem alguma coisa que eu não perguntei mas que vocês queriam comentar, falar?

(JC): Ah Carol, pra mim, sei lá. Pra mim foi muito bom a conversa, que a gente acaba aprendendo até mais alguma coisa não é, às vezes em matéria de pergunta, às vezes muita coisa que a gente num sabe, cê pergunta, então a gente responde, então pra mim é um avanço a mais. E só.

(Chica está brincando com o netinho bebê)

(C): Quer levar pra você?

(E): Não (risos).

(JC): Esse daí é quietinho Carol.

(C): Esse daí cê ia se dar bem.

(JC): Esse daí é uma beleza.

(C): Você ia se dar muito bem.

(E): É, eu vejo que ele ficou quietinho desde o começo.

(JC): Não, esse daí é quietinho. Esse daí só dá alguma reclamaçãozinha às vezes quando tá molhado, ou então quando tá com fome. Mas é.

(C): Não, mas não dá não.

(JC): Não dá trabalho não.

(C): O negócio dele é que a hora que ele quer banho, ele quer banho. Ele toma três, quatro banhos por dia. Que eu acho que ele sente muito calor. A mãe já levanta cedo dá um banho, depois quando chega ali pelas dez, dez e pouco ele já quer outro banho, mas a hora que cê larga ele pelado na cama cê precisa ver que graça. Aí ele ri, aí ele se esbalda. E hoje que eu fui lá ver ele tomar banho, que a mãe tava dando banho, mas ele se arreganha tanto que ele não sabe nem o que que ele faz pela alegria do banho. Mas é, graças a Deus esse daqui não

deu trabalho igual as meninas não. As meninas era muito chorona. Mas ele mama bem, come bem, dorme bem à noite. Até a médica assustou, porque disse que ele dorme a noite inteira e que não pode, que tem que dar mais mamadeira. Falei pra ela, num acorda não, num acostuma não, porque depois cê num guenta. Ó, se ele num acordou é porque ele num tá com fome, eu acredito assim, eu acredito que se ele tiver fome, ele vai chorar, ele vai resmungar né, mas não, disse que ele dorme a noite inteira, e só vai acordar quatro, quatro cinco horas da manhã. Aí ele acorda, ela já troca, dá mamá. (eu não gosto que põe a mão na boca rapaz, é a chupeta – falando com o bebê).

(E): Então era isso. Eu queria agradecer vocês pela generosidade, de conversar, de contar a história de vocês, é um estudo para ver como estão as famílias hoje. Justamente essas coisas que vocês falaram, as mudanças que estão tendo, é isso que a gente está estudando.

(C): Imagina. É, mudança muito grande né, que às vezes a gente nem percebe, conversando até que a gente vai perceber, porque senão a gente passa batido, cê num tem essa noção não. Mas nós é que agradecemos a oportunidade de poder falar, que eu falo feito a Candinha né.

(JC): Não, mas a hora que quiser, fazer uma pergunta alguma coisa a casa tá aberto, tá disponível.

(E): Muito obrigada!

ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM OS PAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Identificação:

Nome: Maria Clara

Estado civil: Casada

Idade: 27 anos

Escolaridade: 8^a série incompleto

Renda mensal: R\$2000

Estado civil: Casado

Nome: Eduardo

Escolaridade: 8^a série completo

Idade: 30 anos

Data em que a entrevista foi realizada:

11/03/2018 às 10h, com duração de 3h15minutos (domingo)

Perguntas:

1 – Entrevistadora (E): Como imaginava seu(ua) filho(a) durante a gestação? Como foi deparar-se com o bebê real? Me conte sobre a gestação, desejos, expectativa em relação ao seu(ua) filho(a).

Maria Clara (MC): Bom, como eu imaginava, é, eu acho que eu imaginava já mais ou menos do jeito que ela nasceu mesmo, que, assim, sobre o aspecto físico dela eu imaginava daquele jeito e ela acabou saindo do jeito que eu imaginava.

(E): E ela no caso é a Maria Elena?

(MC): É a Maria Elena, sim, a Maria Elena. A Elisa eu já imaginava quando eu comecei, desde o comecinho da gravidez eu imaginava que ela seria um menininho, que eu queria um menino na época, aí depois já, eu fiquei sabendo que era uma menina, e fiquei feliz também, vindo com saúde tá bom, mas eu tinha pra mim que era um, um menino. Que mais você perguntou aí? Da gestação...

(E): Você imaginava de um jeito, como foi quando nasceu e você viu, porque uma coisa foi na sua imaginação, outra foi quando nasceu.

(MC): Sim, quando a Maria Elena nasceu eu me assustei, falei meu Deus, que ela nasceu bem gordinha assim, falava meu pai do céu, eu com um bebê de verdade agora, né, foi, completamente assim, deu um negócio na cabeça né. Eu era bem nova na época, quando eu tive ela, engravidei com dezessete anos, depois eu tive ela com dezoito já, falei é uma responsabilidade assim enorme agora né, não é um bebezinho que você pega ele de brinquedo e daqui a pouco deixa né. Já a Elisa eu me assustei também, porque como a Maria Elena nasceu bem gordinha, bem assim, a Elisa já nasceu magrinha, tão magrelinha na época, que ela nasceu com dois quilos e pouquinho, nasceu no tempo certo, mas nasceu completamente diferente da irmã dela, que eu olhava assim e falava meu Deus essa menina não vai pra frente, de verdade, porque uma nasceu bem forte, já a outra completamente diferente uma da outra. Mas, tão tudo aí, graças a Deus.

(E): E durante a gravidez como foi, passar por esse período, como você se sentia?

(MC): Foi bem tranquilo, é, no começo da Maria Elena, na verdade, eu tive muitos problemas no começo. É, eu com, chegou com três meses da Maria Elena eu tive um começo de aborto, é, aí eu passei no médico, ele me deu um remédio pra poder segurar ela, eu emagreci, fui embora, fiquei assim até os três meses dela, fiquei muito ruim, muito ruim mesmo, não parava nada no estômago, não comia nada, só dormia, era da cama pro sofá, do sofá pra cama. E, aí, como a médica lá me deu uma medicação, foram três injeções se eu não me engano pra tomar, e eu tomei essas três injeções e foi aonde eu me levantei. Depois desse período, foi muito tranquilo, eu não tive nada, nunca tive esse negócio de muita vontade, essas coisas, foi bem tranquilo mesmo. Agora na hora de ter ela... Só que como assim eu não tive dor de parto, é, ela já tava passando da hora de nascer, foi quando o médico me mandou as pressas pra fazer a cesárea porque diz que ela já tava fazendo coco dentro da bolsa, e aí foi onde eu tive ela as pressas. Da Elisa também no comecinho eu tive um pequeno problema também, que eu também tive que tomar remédio pra segurar, quando chegou nos três meses, mas aí depois também foi super tranquilo. E do Daniel graças a Deus eu não tive nada, nem enjôo, nada, nada, nada, foi uma benção a gravidez, foi totalmente diferente das meninas, bem diferente.

(E): E o que você imaginava, quando você tava grávida do Daniel? Porque você falou das meninas né, e dele?

(MC): Ah, do Daniel, do Daniel eu já sabia que seria um menininho, eu já tinha dentro de mim que seria um menino, a gente sempre fica com aquela dúvidazinha né, será, será, mas dentro assim de mim eu já sabia que ia ser um menininho, ele foi bem mais tranquilo porque foi uma coisa planejada, a gente planejou, eu e o pai dele a gente já queria, então eu já tinha mais consciência, não, é isso que eu quero, aí foi muito mais tranquilo do que o das meninas, o das meninas eu era muito nova, foi um susto, nem imaginava, então dele já foi tudo bem mais, mais tranquilo.

(E): E depois, quando ele nasceu? Porque você estava com aquela expectativa, vocês planejaram, e ele nasceu, e aí?

(MC): Foi, felicidade, só felicidade. Como você, eu acredito assim, quando você não tem experiência nenhuma e você se engravida sem estabilidade nenhuma e sem esperar aquilo, é completamente diferente do que quando você planeja. Então quando você planeja uma coisa, você tem e é só alegria, quando você tem um filho, sem o planejamento, é uma alegria também, porque é um filho, mas você fica completamente perdida. Então tem essa diferença. Hoje, do Daniel, eu sabia que eu queria ser mãe, a mãe que eu não fui pra elas, então, tudo tem sido diferente, desde o momento que eu engravidei até hoje.

(E): E dentre essas diferenças, o que você pode falar, o que mais te marca da diferença delas pra ele?

(MC): O primeiro é que não foi planejado, nenhuma das duas, certo. Segundo é que eu não pude ser pra elas a mãe que eu queria ter sido. Então assim, pra ele, eu determinei, eu vou ser a mãe dele. Porque das meninas, é, hoje elas me chamam de mãe, até uns três anos atrás não chamavam. Me chamavam por nome e a minha mãe sempre foi a mãe delas. Da Maria Elena principalmente. Até hoje, infelizmente tem uma diferencinha aí. Não que hoje elas, me chamam de mãe, mas, principalmente da Maria Elena a consideração eu ainda vejo que, falta um pouquinho. Então tem essa diferença, grande.

(E): E como você se sente percebendo isso, esses anos que você via que elas não te chamavam de mãe, chamavam pelo nome, e como você se sentiu com a transformação, quando elas passaram a te chamar de mãe?

(MC): Eu ficava um pouco triste. E ao mesmo tempo não, porque assim, a minha mãe, graças a Deus, sempre foi uma mãezona pra elas, sempre fez de tudo, fez o que ela pode, eu agradeço muito, e eu também não pude ser a mãe que eu queria ser porque eu sempre tive que trabalhar, então eu deixei a Maria Elena com a minha mãe, pra começar a trabalhar ela tinha uns cinco meses. A Elisa já foi bem menos, a Elisa acho que tinha uns dois meses. Eu passando apertado, o pai dela não me ajudava. Então eu trabalhava a noite, eu posava no trabalho, eu saía, eu entrava no meu trabalho quatro horas da tarde, aí eu posava lá, eu voltava pra casa, nove horas da manhã. Então eu chegava aqui em casa, a minha mãe ainda não muito boa de saúde, com as duas meninas, é, eu chegava aqui em casa, aí eu limpava a casa, fazia comida, dava banho nelas, era o tempo delas já almoçar e querer dormir, eu fazia elas dormir, duas horas eu pegava o ônibus aqui de novo, porque eu tinha que pegar dois ônibus pra chegar no estoril, pra poder estar lá quatro horas, e essa foi uma vida bem corrida, durante um ano e dois meses. Então assim, eu não vi a Elisa crescer, eu não vi a Maria Elena crescer, eu não vi elas começar a andar, eu não vi nada. Era muito corrido. E até que chegou um tempo que a minha mãe falou eu não aguento mais, não dá mais pra mim, foi onde eu parei um pouco. Onde eu comecei então a ficar mais com elas. Mas a parte assim, mais gostosa, e a pior na verdade, porque as duas eram pequenas, e elas precisavam de mim aqui, principalmente na fase que começa a querer andar, que dá muito mais trabalho, eu não presenciei, quem presenciou foi ela. E o Daniel já foi diferente, porque, é, eu tive esse tempo aí, de licença maternidade, então deu pra mim curtir ele agora, até os cinco meses, agora eu voltei a trabalhar, mas também assim, eu ainda saio uma hora mais cedo durante um mês, e num ponto, tá aí que provavelmente eu vou perder o trabalho, mas no outro ponto eu tô feliz porque eu vou poder ficar um pouco mais com ele. Eu penso em trabalhar junto com o meu pai, nesse caso, tipo ficar como autônoma, que daí da pra fazer os meus horários e acompanhar ele muito mais.

(E): E nessa época da gravidez, você falou das duas meninas que foi sem planejamento, como que foi a atitude do pai biológico delas, com relação a gravidez, você teve alguma ajuda, algum apoio?

(MC): Foi sempre bem difícil. É, era um relacionamento assim um pouco complicado, a gente nunca chegou a morar junto, ele tem uma outra família, entendeu, então assim quando eu fiquei grávida, o procedimento dele foi, assim, ele tem uma casa lá com a família dele, ele passou essa casa pro nome da filha dele mais velha, provavelmente com medo da minha filha, da Maria Elena, ter alguma coisa, enfim. E aí ele, teve que contar pra família dele que, a Maria Elena, tava vindo por aí. Então assim, as filhas dele, tudo, elas vem hoje, a esposa dele vem, desde o começo, desde quando ela nasceu, veio, conheceu, é, ele registrou, só que assim nunca foi aquele pai presente. Ele fez o papel dele de registrar, só que assim, quando uma fralda tava na metade eu já tinha que começar a pedir porque se eu esperasse acabar a menina ficava sem fralda, entendeu. Quando ela nasceu, ele era dono de uma granja de porco, ele era sócio junto com um outro amigo nosso, quando ela nasceu ele, eu deixei ela já com cinco meses com a minha mãe, a Maria Elena, pra mim poder trabalhar, eu trabalhava pra ele na granja, e ele me pagava então um salário por mês, porque depois que eu engravidei foi muito diferente, ele dizia que não dava nada de graça pra ninguém porque tudo que vem de graça a gente não sabia dar valor. Então eu tinha que deixar a menina, que era filha dele, com a minha mãe e ir trabalhar. Eu trabalhava todo dia eu entrava as oito horas da manhã, eu saía as cinco, com uma hora e meia de almoço, que é aonde eu ia, almoçava em casa, dava mamã pra ela, e foi assim. E da Elisa já, eu não queria mais aquela vida pra mim, achava que já não tava bom,

foi quando eu vim embora pra Bauru, falei pra ele que não dava mais, fui embora pra Bauru, e quando eu cheguei aqui eu comecei a trabalhar já, cheguei no mês de dezembro, consegui um trabalho no centro, logo que eu cheguei, e com um mês que eu tava trabalhando eu descobri que eu tava grávida. Foi onde eu perdi o emprego, porque eles não quiseram me segurar, porque eu já tava grávida, foi bem difícil, meu pai me ajudou demais, ele assim, eu nunca mais quis ficar com o pai delas, mas mesmo assim na gravidez ele ainda vinha, ele acompanhou também a gravidez da Elisa, quando eu tinha que ir em médico ele vinha, ele me levava pra fazer ultrassom, ele me levava, não pagava, mas ele levava. Quem pagava as ultrassom era o meu pai. Ele num dava assim dinheiro pra pagar, mas ele vinha e acompanhava, acompanhou, levou, até quando a menina nasceu, quando a menina nasceu ele veio, viu, registrou, e, no comecinho até quando elas tinham acho que uns dois aninhos ele ainda vinha com mais frequência. Mas aí depois disso hoje ele vem a cada um ano, pode-se dizer que um ano, se menos uns oito meses, é onde ele aparece pra ver, entendeu. Isso é o presente.

(E): E depois de quanto tempo da Maria Elena você precisou voltar a trabalhar, depois que ela nasceu?

(MC): Da Maria Elena, eu voltei ela tinha cinco meses. A Elisa eu voltei mais cedo, porque como a Elisa, eu perdi emprego assim que eu soube que ela tava grávida, então tava muito difícil só pro meu pai manter a casa, porque a minha mãe já não trabalha né, e então quando ela tinha dois meses eu já voltei a trabalhar, a Elisa. Aí foi onde foi aquele trabalho a noite que eu te falei que foi muito corrido. E a minha mãe ficava com as duas pequenininhas, a Maria Elena, na época que a Elisa nasceu a Maria Elena já tinha um ano e meio, e a Elisa no caso com dois meses.

(E) Edú, como foi a sua expectativa do Daniel? Porque das meninas você não estava aqui na família ainda, mas e do Daniel? Na época da gravidez, depois quando nasceu?

Eduardo (EDU): Do Daniel, foi, na verdade a gente planejou né, ela falava que queria ter um menino, aí a gente começou, com três meses que a gente já tava junto ela já engravidou, aí quando soube que ela tava grávida aí, ela ficou na expectativa do que iria ser, até eu falei pra ela o minha fia, eu fiz um menino (risos). Foi um menino que eu fiz. Aí nós começou a planejar, caçar nome, depois de fazer a, aonde, dá o, a ultrassom lá que...

(MC): Que vê né o sexo.

(EDU): Que vê o sexo do menino. Só que na primeira não viu, acho que na segunda também não né.

(MC): Não.

(EDU): Só na terceira.

(MC): Na segunda acho que ficou meio, ele deu parecerzinho mas não quis se comprometer.

(EDU): O médico já tinha visto lá o, ele viu um negocinho lá um saquinho lá mas pode ser uma, mas era um saquinho mesmo. Aí nós começou a caçar o nome dele, aí o nome dele nós colocou como, parecido com o nome do outro filho que eu tenho. Se chama Danilo. Aí nós ficou lá, preparando tudo pra vinda dele, foi tudo como Deus planejou e a gente também.

(E): E o Danilo tem quantos anos?

(EDU): O Danilo tem um ano e sete mês.

(E): E ele mora aqui por perto, mora longe?

(EDU): Não, mora longe. Ele mora uns três mil quilômetros daqui.

(E): Nossa, bem longe então.

(EDU): Lá em Sergipe, não chega a dar três não, mas dá uns dois e oitocentos, por aí.

(E): E ele está com a mãe?

(EDU) Está com a mãe.

2 – (E): Me conte como era o comportamento do seu(ua) filho (a) quando bebê: sono, alimentação, atenção aos estímulos do meio, choro, irritação, agressividade... Bom, o que você lembra, do que você acompanhou, e também agora do Daniel.

(MC): É, eu lembro mais da Maria Elena. Que a da Maria Elena eu ainda acompanhei ela até uns cinco meses. Deu muito trabalho. Meu Deus do céu, só Jesus na causa. Ela tinha refluxo, refluxo bem forte, então assim, é, a gente, ficava com medo de deixar ela dormir sozinha, porque era daquele que quando voltava assim, ela vomitava longe mesmo, é, então assim quando ela acabava de mamar tinha que ficar com ela um bom tempo de pezinho, e isso e aquilo, e eu acredito que, como os médicos dizem, eles falam que o refluxo dá muita queimação na criança, então ela sempre foi muito agitada, acordava várias vezes a noite pra mamar, é, até que eu fiz o exame, dei uns remédio pra ela. Só que a Maria Elena principalmente ela sempre foi muito agitada, a gente, é, fez acompanhamento pra ela no médico e até acho que uns dois aninhos dela de idade a gente dava um remedinho que era um calmante natural, o médico passou, e a gente dava pra ela, pra ela se acalmar mais, porque ela foi muito agitada. Já a Elisa, a Elisa só deu trabalho assim, que ela tinha um pouco de intolerância ao leite, então como eu comecei a trabalhar muito cedo, eu tirei ela do peito cedo, com dois meses eu tirei ela do peito pra voltar a trabalhar, e ela, então ela teve uma intolerância, ela teve uma infecção por causa de dar o leite, eu troquei o leite dela várias vezes, e até ela só pode se adaptar com o, o suco de soja, aquele Ades de maçã, era o único que ela bebia, só que chegou uma época que eu não sei se ele não sustentava muito bem, apesar dela já comer nessa época tudo, já começou a comer, ela mamava um litro daquele por noite, era horrível, meu Deus, misericórdia, eu falava pra médica não consigo tirar, e a médica deixa ela com fome, dá chupeta, dá outra coisa, mas não dá o leite, porque ela não pode mamar desse tanto já, isso foi até um ano e meio dela, mamando, e eu fazia de tudo, só que via que não tinha jeito, ninguém ia conseguir dormir, porque enquanto não dava ela não sossegava e eu dava a mamadeira, então foi até que ela por si foi largando, mas isso já tava aí com quase dois anos. Já o Daniel desde que nasceu, nossa, tão quietinho, só dorme, dorme a noite inteira, ele acorda de manhãzinha, ele tem um chocalhinho dele ali e ele já chuta o chocalho, tipo acordei, e ele não chora, não acorda chorando, ele já coisa, já, a gente vai lá ele já começa a dar risada, sempre brincando, sorridente, até quando ele tá doente, que a semana passada ele ficou meio febrilzinho, a gente levou no médico, num, num tinha nada assim no exame físico que ela fez, orelha, garganta, tudo, graças a Deus não tinha nada, mas ele ficou meio febril, e mesmo ele doentinho ele só fica quietinho, não é uma criança chorona, ele é bem tranquilo, bem calmo, e, é, dorme a noite inteira, dá umas sete e meia, oito horas mais ou menos ele dorme e vai até no outro dia, não mama de noite, ele é bem tranquilo. Acredito eu, como eu já perguntei e a médica disse também, é tudo decorrente a gravidez né, acho que se a

mãe, talvez, passa muito nervoso ou tem uma gravidez mais turbulenta isso reflete na criança lá na frente né. E a gravidez do Daniel foi bem diferente, bem tranquila, acredito que possa ser por isso que hoje tem uma diferença aí entre eles.

(E): Sim, e você está amamentando ainda?

(MC): Não, não. Eu num...

(E): E como que estão agora os cuidados, é você que está cuidando?

(MC): É, como eu voltei a trabalhar agora, na verdade assim até o mês, até o dia dezessete do mês, mês passado que eu voltei a trabalhar? É, dia dezessete do mês passado fui eu que cuidei. Quando ele nasceu, a minha sogra veio, a minha sogra ficou aqui, uns dias em casa, me ajudou, mas assim, é, ajudou mas eu também não deixava assim muito, porque como eu te disse eu queria ser a mãe desde o começo. A minha mãe também às vezes vem, quer ajudar, mas eu, se eu tô eu prefiro eu fazer, a não ser agora como eu voltei a trabalhar, então de manhã cedo eu já levo ele dado mamar, trocado, tudo bonitinho, aí eu deixo lá com ela, que é o período que eu não vou estar, mas eu cheguei também, ele já vem pra cá. E, eu que cuido, ficou doente eu que levo no médico, eu que troco, eu que dou banho, eu que dou mamar, eu que faço.

(E): E quando foi as meninas né, você falou assim que por um tempo, ainda mais a Maria Elena, ficou um tempo maior com elas logo que nasceu. Quem que cuidava?

(MC): A minha mãe, desde que chegou. A minha mãe, ela, tomou pra si, não sei se pelo fato de eu ser muito nova, e como eu também num, só tinha dezoito anos, sabe, então assim, eu deixei, ela cuidar, eu dormia assim, na época só tava morando eu e ela, que ela foi pra Jaú pra fazer um tratamento, é, e como eu nunca morei com o pai das minhas filhas, então assim, ficava eu, ela e no caso a Maria Elena. Então assim a Maria Elena dormia no nosso meio, as vezes, aí de final de semana o meu pai ia pra lá, porque meu pai tava trabalhando não tinha como ele ir, então é so deu, ele chegava na sexta e vinha embora no domingo a noite, então assim quando os dois tavam dormindo lá no quarto deles, aí eu dormia no quarto separado com a Maria Elena, mas era assim se a Maria Elena acordava de noite e começava a chorar, ela só esperava eu dar o peito e pegava e levava pra ela. Então assim eu nunca tive aquela responsabilidade, principalmente com a Maria Elena. Ela sempre tomou, não, pode deixar que eu cuido, pode, enfim, foi ela que, que cuidou. A menina não podia dar uma choradinha que ela já vinha e pegava, e eu também nunca me importei, eu deixava, era a minha mãe, a gente tava tudo ali, e acho que foi até por isso que hoje elas consideram muito mais a minha mãe do que eu, que a responsabilidade foi transferida toda pra ela. Talvez se ela tivesse, acredito eu naquela época, não, você teve, eu to aqui, eu te apoio mas a obrigação é sua, talvez eu tivesse, mas como ela fazia e eu via que era com tanto amor e com tanto carinho, eu achei que não havia mal nenhum. Assim, né, me arrependo hoje, mas...

(E): Você se arrepende hoje?

(MC): Sim, sim, com certeza, muito, muito.

(E): E como que veio assim, você começou a se sentir arrependida, depois com o tempo passando, vendo as coisas acontecendo, como que foi?

(MC): Eu fui cair em si, que era eu que devia ter feito esse papel todo, assim, talvez não teria como eu mudar a história, teria como eu mudar até os cinco meses, mas depois disso talvez

não teria mais, porque como eu te disse eu tinha que trabalhar, e como eu tinha que trabalhar, ficava com ela. Mas assim, com o Daniel hoje é diferente, porque quando eu chego eu já pego, eu cuido, e elas não, elas eu chegava, as vezes eu ia fazer uma comida e isso e aquilo, e passava o tempo e ela continuava cuidando, não tinha aquela responsabilidade de chegar. Então eu fui perceber que tava assim, longe demais, quando elas começaram a crescer, que aí, eu não podia falar nada. Talvez eu ia, chamar a atenção eu não podia, se eu pegasse um chinelo, misericórdia, ela vinha pra cima de mim que, não deixava. Hoje, agora, depois de...

(E): E ela a sua mãe?

(MC): A minha mãe, sim, na verdade, a relação minha e das meninas mudou bastante, ainda não tá cem por cento, mas mudou bastante depois que eu vim morar com o Edú. Porque, é, dos relacionamentos aí que eu tive, o Edú foi uma pessoa assim que foi bem aceita pela família, porque ele é uma pessoa responsável, porque ela vê que a gente se dá bem, ela vê que ele cuida bem das crianças, entendeu, então assim, hoje ela deixa um pouco mais, mas dependendo eu ainda não tenho aquela autoridade que eu gostaria de ter com as meninas. Ela ainda, coloca ali, por exemplo se ela vê que eu pego firme com a Maria Elena ela já põe assim, e você vê que a autoridade minha não vale muita coisa. Então às vezes eu deixo, eu falo assim eu vou deixar ela criar do jeito dela, mas eu vejo que às vezes não tá certo, e eu tento falar, e é aonde a gente às vezes entra em conflito com isso, e eu me retraio. Mas eu vejo que lá na frente pode...

(E): Sim, e o que por exemplo, que você vê e fica achando que talvez não seja a melhor opção, a forma como ela cria?

(MC): Talvez por ela amar demais, ela corrige de menos. Entendeu. A Maria Elena ela não faz nada, pra ela pegar uma agulha que caiu no chão, se você pedir ela chora, ela não quer fazer, entendeu, ela já tá com oito anos, eu acredito assim, que ela já tem que começar, lógico, uma criança ela tem o seu horário de estudar, ela tem o seu horário de brincar, só que a Maria Elena é uma criança que tem dia que ela não quer ir pra escola, ela chora pra ir pra escola, só que a, a escola ela pega no pé, porque comigo foi diferente, comigo ela pegava no pé, minha mãe, ela pegava no pé pra mim ir pra escola, e eu nunca gostei de estudar na verdade, e o meu pai passava a mão na cabeça, não, deixa ela, né, só hoje, e isso e aquilo, e foi onde eu nunca me interessei pela escola, então ela fala assim que eu não estudei, mas as meninas vão estudar, isso ela pega muito no pé quanto a escola, elas vão estudar e vão ser alguém, entendeu, é, esse é o único ponto que ela realmente pega firme, mas no caso assim deu querer ensinar, Maria Elena, você tem que limpar o seu quarto, Maria Elena, não deixa jogado, Maria Elena isso, Maria Elena aquilo, se eu coloco a menina pra fazer um serviço, esses dias eu saí de manhã pra trabalhar, aí eu falei assim Maria Elena e Elisa, hoje vocês vão arrumar o quarto de vocês e vão limpar o quintal. Se eu chegar de tarde e o serviço não tiver feito, a gente vai conversar. Que eu quero pegar firme pra ela aprender, ela tem que aprender a fazer alguma coisa. Era umas dez e meia eu liguei pra minha mãe, não, era meio dia, porque as meninas chegam vinte pra meio dia do serviço, da escola, eu falei assim, mãe, elas já, já arrumaram o quarto delas, já almoçaram já arrumaram o quarto delas, já começaram a limpar o quintal, ela falou assim queeee o quintal eu já limpei, eu já até lavei tudo, então você vê que ela faz, pra passar o pano quente em cima da menina, porque ela sabe que ela não vai fazer, e a hora que eu chegar eu vou ficar brava com ela, entendeu, e eu acho que é isso que ela erra um pouco, no meu ponto de vista.

(E): Você falou também que faz pouco tempo que elas começaram a te chamar de mãe. Quando que isso aconteceu? Você lembra como que tava, o momento de vida que vocês estavam passando?

(MC): Tava um momento assim que eu não, como eu já te disse eu não tinha autoridade nenhuma, eu não podia falar nada, e isso e aquilo, e aí eu comecei a reclamar com a minha mãe, eu tive uma séria discussão com ela, eu falei para, você tá estragando essas menina, você não tá vendo que você tá estragando elas, que o seu jeito de amar é tão grande que, que você não pode falar nada com elas, eu falei nem de mãe elas me chamam, aí ela falou pra mim mas eu nunca disse pra elas me chamar de mãe, realmente, ela nunca disse, entendeu, e aí, é, a Maria Elena um dia faltou com o respeito comigo e eu corrigi ela, falei pra ela, eu falei assim eu não quero mais que você me chame assim, e aí foi onde a minha mãe começou a conversar com elas também e pegar no pé quando elas me chamavam, eu falei assim ó, a partir de hoje, se você não me chamar de mãe eu não vou te atender, falei que eu sou a tua mãe, e aí foi onde, às vezes ela vinha ela ainda me chamava por nome e eu me retraía e ela, aí foram as duas acostumando. E acostumando a chamar ela de vó também. (Vai pra lá que a mamãe tá conversando).

(E): E isso elas tinham quantos anos?

(MC): Hum, acho que a Maria Elena já tinha uns seis anos eu acredito. Num lembro muito bem, mas eu acho que ela tinha uns seis anos, foi uns dois anos atrás, que quando a gente se conheceu ela já, ela já me chamava de mãe já, então foi um pouco antes de conhecer ele, mas mesmo eu chamando de mãe, a relação assim só foi melhorar mesmo, quando a gente começou a ter um relacionamento eu e ele, que daí eu comecei a ter um pouquinho mais de autoridade, que ainda não é tudo aquilo que eu queria, mas já tá melhor. Tá bem melhor. Ela já deixa mais um pouco.

(E): Sim, e você acha que agora, você falou da sua mãe se sentir mais confiante de perceber que você está com uma pessoa bacana do seu lado. E as meninas? Da parte das meninas mesmo. Porque tudo bem, a sua mãe dá mais essa liberdade, e as meninas, como que foi a reação delas?

(MC): Ah, as meninas sempre gostaram dele, desde o começo, sempre gostaram. Aí teve uma época que quando eu tava grávida já do Daniel eu falei pra elas assim, ó, é, cês gostam dele, elas siiim né, aí eu falei assim, então que que vai acontecer, agora vocês tem que começar a chamar ele de pai, uma porque assim eu falei ele cria vocês como se fosse pai de vocês, porque o pai de vocês, vocês vê que praticamente nem aparece, então ele não é um pai presente, então do mesmo jeito que eu sou a mãe de vocês, ele tem o papel dele de pai, e eu falei e outra, se vocês começarem a chamar ele de Edú, quando o Daniel nascer, ele não vai acostumar a chamar de pai, ele vai chamar de Edú também. Entendeu, do mesmo jeito que vocês acostumaram com a sua avó, vocês só via eu chamando ela de mãe, por si vocês acostumaram a chamar ela de mãe, e aí foi onde elas começaram, no começo meio assim, bem com vergonha, né mô, chegava assim perto dos outros assim não queria chamar não, ainda era Edú...

(EDU): Mas eu achei que foi bem rápido, bem mais rápido do que com ela.

(MC): Foi, muito mesmo, aceitaram, vixi, foi bem tranquilo, elas gostam.

(EDU): E hoje é, pai pra cá, pai pra li...

(MC): A Elisa chama até de paizinho né, ô paizinho (risos). Bem tranquilo.

(E): E conta um pouco como foi a história de vocês, quando vocês se conheceram, como vocês decidiram morar junto?

(MC): Essa ele conta (risos).

(EDU): Não, cê que conta. Conta aí (risos).

(E): Ah, conta Edú, conta, você tá tão quietinho.

(MC): Só eu que tô falando. Eu já falei demais.

(EDU): Não, cê conta, conta aí (risos).

(MC): É, eu tava trabalhando na época, na mesma empresa que eu trabalho hoje, e de final de semana a minha mãe fazia sonho, pra mim, e eu vendia sonho pra ajudar os meus pais de final de semana. Então todo final de semana a gente fazia, eu trabalhava até meio dia no sábado, e aí o meu pai e a minha mãe já ficava fazendo o sonho e a gente, levava depois do almoço, a gente almoçava tudo, e aí se arrumava e ia todo mundo, ia eu, meu pai, as meninas, todo mundo, eles ficavam no carro e eu saía pra vender o sonho. Aí tinha lá o acampamento, no Morada da Lua, que a minha mãe nessa época, é, ela tava lá, ela tinha lá o, a casinha dela lá, mas mesmo assim ela ainda vinha, fazia o sonho aqui em casa e a gente saía pra vender. Aí um belo dia né, eu fui vender sonho, e, e aí o Edú tava sentado lá, que ele também morava lá no acampamento, e ele tava deitado no sofá, que era até nesse sofá aqui (risos), tava lá fora, aí eu cheguei assim até, na metade assim do, do terreno, e eu vi que ela tava dormindo, aí eu pensei ah, não vou chamar não, eu até virei pra voltar pra trás, aí eu falei, quer saber, vou voltar, e aí eu chamei, falei moço (risos), aí ele acordou, aí ele falou assim chega pra cá, com esse jeitão meio doido dele (risos), aí eu cheguei e falei assim você quer comprar sonho, e ele falou assim deixa eu ver, aí ele sentou, aí eu abri, mostrei pra ele os sonhos tudo, e, aí ele falou que ele queria, e a gente começou ali a conversar. Só que nessa época, ele tava com a mãe do filho dele ainda, com a Sara, e, só que ele já não vivia muito bem, enfim, e até nesse dia ela tava lá, ele ofereceu um sonho pra ela eu acho que ela tava meio brava com ele sabe, que ela nem respondeu, aí ele ainda falou assim ah, deixa mais um aí se ela não quiser eu como (risos). Aí eu vendi o sonho pra ele e fui embora. Foi nesse mesmo dia não foi? Que você subiu lá em cima? Foi no outro né? Não, foi nesse mesmo dia. Porque aí a sobrinha dele eu tinha oferecido sonho pra sobrinha dele na casa de baixo mas eu não sabia que eles eram parentes, e aí ela revirou o dinheiro lá e não tinha, a mãe dela tava trabalhando, quando eu cheguei ali na minha mãe de novo, as duas sobrinhas dele subiu, eeeee, me dá um sonho, me dá um sonho, que elas tinham ido lá pedir dinheiro pra ele pra comprar o sonho, aí elas foram. Aí eu fui lá pra parte de cima, quando eu cheguei lá na parte de cima, ele já tinha pegado o carro e pegado o Danilo e subido lá na casa da outra prima dele, que também tava morando lá. E a hora que eu cheguei lá ele já tava lá. Aí ele falou assim ê moça, tá me seguindo (risos). Ai Deus, aí a gente começou uma amizade ali, começou a conversar, enfim né, nesse dia eu fui, aí teve um outro final de semana que não deu pra gente vender o sonho, então a gente acabou nem se vendo, no outro final de semana eu fui pra vender o sonho, eu passei lá na casa dele não tinha ninguém, e eu tava descendo pra ir, pra uma casa de uma outra sobrinha, porque os parente dele tava morando tudo ali, e aí nessa hora que eu descí pra ir na casa da sobrinha dele da Cleonice, ele tava vindo de carro, e tava ele a Estela e o Ismael. E aí ele falou assim, ô moça, e eu tava com as duas meninas, nesse dia elas foram me acompanhar, aí ele falou assim ô moça, porque você não deixa as meninas com o pai delas pra você ir

vender o sonho? E eu falei assim porque eu sou a mãe e o pai delas. Aí a Estela falou era tudo o que ele queria saber (risos). Aí quando eu fui lá vender o sonho, ele falou assim depois você passa lá na Estela que eu vou tá lá, aí eu fui, passei, eles compraram o sonho, nesse dia a Estela perguntou pra mim se eu tinha, é, facebook, eu falei que sim, aí eu passei o meu nome pra ela me adicionar no face, e aí ele acabou pegando ali a conversa, e pegou e me chamou no messenger pra gente conversar, aí foi aí que a gente começou uma amizade. Só que o Messenger tava muito ruim, e eu logo passei o meu WhatsApp pra ele, eu falei ah, vamo conversar pelo whats que a internet fica caindo toda hora.

(EDU): Mas com isso, eu já tava, eu já num tinha mais nada com a, com a, minha ex mulher entende.

(MC): Mas assim, pra mim eu não acreditava, porque como eu já tinha, uma história dessas com o pai das minhas filhas, que disse que não tinha nada, e enfim, e por fim das contas foi ver que ele era casado, que ele tava com a família dele como tá até hoje, a ex mulher dele perdooou e, pelo erro dele, de ter se envolvido comigo ainda casado, eu não acreditava, então assim a gente, começou a conversar, ele queria vim me ver na primeira semana eu não deixei, e aí depois na outra semana a gente conversando tudo ele queria vim aqui em casa e ele veio, eu deixei ele vim, só que a Sara ainda morava com ele. E aí ele disse que ele tava se separando, porque ele já num, num vivia bem com ela, enfim, só tava com ela por causa do filho e não por causa que ele gostava dela, e eu disse pra ele então, então você resolve primeiro uma situação pra depois a gente começar outra, porque esse negócio de falar que ai, que eu tô me separando, que isso que aquilo, e a gente começa a se envolver, e aí a separação nunca acaba e a gente acaba vivendo aquele, aquela coisa tudo de novo e eu não queria mais isso pra mim. Então aí foi assim, ele veio aqui numa quarta, só que realmente, eu não acreditava mas realmente os dois num, num viviam bem, na sexta-feira ela já foi embora, pra casa da mãe dela, que diz que a situação já tava que meio que insustentável. E depois tanto é que não era mentira porque quando eu conheci minha sogra ela contou toda a história, enfim, já era um relacionamento...

(EDU): Desde que o Danilo, desde que ela engravidou do Danilo, nós já não, não tinha uma, uma convivência boa, nós num vivia junto sabe, eu passei viver junto com ela por causa do, que ela engravidou, aí eu assumi até uns, um ano e, um ano e dois mês.

(MC): É, a mãe dele me contou que, na verdade foi ela que pegou no pé pra eles ir morar junto, porque já que tinha o bebê, ele disse que saiu com ela acho umas duas vezes, duas vezes né mô, com a Sara?

(EDU): Umas três vezes.

(MC): Umas três vezes, e aí ela acabou engravidando.

(EDU): Era tudo o que ela queria, no serviço dela a menina lá, minha prima, a minha sobrinha me contava que era tudo o que ela mais queria era engravidar de mim, pra ela, tava tipo planejando né, mas eu num...

(MC): E aí a mãe dele começou a pegar no pé, porque já que ela tava grávida, que então ele, assumisse, que ficasse, enfim, e, ele, é, assumiu esse relacionamento mas sem gostar dela. Até quando a gente começou a ficar junto aqui, ele falou assim pra mim, que tudo o que ele viveu comigo em um mês ele nunca tinha vivido com ela em um ano e dois meses...

(EDU): Não, em dez dias o que eu passei com ela em um ano e pouco com ela num, os dez mês já tinha superado um ano e pouco entendeu.

(MC): E aí foi assim, a gente, é, ele veio, depois veio na quarta-feira, na sexta-feira a Mara foi embora e desde que ele veio na quarta-feira a gente nunca mais deixou de se ver, só que a gente ainda não tinha nada até ela, e aí ela foi embora, depois que ele falou pra mim que ela realmente tinha ido embora, que não dava mais o relacionamento dele então aí a gente começou a namorar. A gente ficou namorando mesmo ele na casa dele e eu na minha o que, uma semana, duas semanas? Duas né?

(EDU): Eu acho que mais.

(MC): Duas ou três semanas. Na acho que na terceira semana, num sábado ele já posou aqui em casa.

(EDU): Ela já não queria perder mais (risos).

(MC): Aí desde isso que ele posou aqui em casa, que na verdade eu ainda tava ali na frente com a minha mãe, eu dormia no, nesse quartinho das meninas, e as meninas sempre dormiram com a minha mãe, então elas dormiam lá no quarto com a minha mãe, e eu dormia aqui. E aí a gente nunca mais se largou, aí ele começou praticamente a morar aqui em casa, desde o dia que ele dormiu aqui, ele vinha todo dia, e ainda passava na casa dele, porque ele tinha as coisas dele lá, do trabalho ele passava, tomava banho, às vezes ele vinha aqui pra casa e daqui ele ia pro trabalho, e assim foi. Até que o meu irmão saiu daqui do fundo, que o meu irmão morava aqui com a minha cunhada, e aí o Marcelo saiu daqui, e a gente então passou a morar aqui no fundo. Aí tamo junto até hoje, já faz um ano e, alguns meses...

(EDU): Meio, um ano e meio...

(MC): Aí logo já veio o Daniel e enfim tamo aí graças a Deus, agora faz um mês e pouquinho que a gente casou, e vamo tocando, com fé em Deus.

(E): E depois de quanto tempo que vocês estavam juntos que vocês começaram a planejar a gravidez do Daniel?

(EDU): Ah, isso foi pouco tempo né.

(MC): Vixi (risos). Foi uns dois meses, acho que uns dois meses, a gente morando junto e, e eu falei pra ele que eu tinha vontade de ser mãe de novo, e, e que eu queria um menininho, e ele também, no começo é, o filho dele acho que foi embora ele tinha seis meses né, seis, sete meses...

(EDU): Tinha cinco, quatro.

(MC): Cinco, tinha pouco tempo...

(EDU): Acho que era quatro.

(MC): Com certeza ele também sentia falta. Não que o Daniel de maneira alguma vai preencher né, o lugar do outro, mas é, eu acredito que você tá acostumado ali com um bebezinho então você sente falta né, não que...

Maria Elena entra na casa.

Maria Elena (ME): Vai pegar o Daniel.

(MC): Vou já.

(ME): Que a vó foi no tio Marcos.

(MC): Tá. Não que ele vá preencher, mas ali a gente, de certa forma um queria o outro também, porque sentia falta, eu via que ele sentia falta do nenê, e a gente planejou, então foi e tudo aconteceu.

(EDU): Mas nunca deixei de ajudar o outro não viu.

(MC): É verdade, nunca deixou.

(E): E como está sendo agora né, você tá falando que você percebeu, mas e da sua parte, ele foi embora, e como você se sentiu?

(EDU): Ah, eu me senti no começo, ficava meio triste sabe, ficava triste, mas, fazer o que, eu não tinha como eu viver com a mãe dele do jeito que a gente vivia, mesmo ela tando, ela sabendo que eu não gostava dela, a pior coisa do mundo pra uma mulher, é ela, você perguntar se eu te amo, e eu falar que não. Entendeu, é, aí também, ela querer alguma coisa, tipo uma relação ali, entendeu, cê sabe né, e eu dizer não, não e não e não, e ela insistia, mesmo assim ela queria continuar comigo, pra criar o Daniel, mesmo não tendo aquilo na cama entendeu. E eu não quis, aí. E a distância, já faz mais de um ano, faz quase dois anos, superei, mas chegou outro, mas o Daniel, tá aqui comigo né, mas o Danilo, não tá. Eu tenho vontade de ir ver ele mas, eu acho que ela num, ela num quer que eu veja ele.

(E): Bom, eu acho que a sua consideração pelo Danilo era muito grande, porque se você ficou todo esse tempo se relacionando com ela, mesmo sem sentir nada, uma relação de homem e mulher, era porque o seu sentimento por ele né, é muito grande né.

(EDU): É.

(E): E ela só ficava aqui por causa de você? Porque logo em seguida que não deu certo ela foi embora.

(EDU): Na verdade ela veio trabalhar aqui.

(E): Vocês eram...

(EDU): Eu sou do Maranhão.

(E): E aí vocês vieram pra cá porque ela começou a trabalhar?

(EDU): Não, ela é de outro estado, ela é de...

(MC): Eles se conheceram aqui.

(EDU): Sergipe.

(E): Ah, entendi. E os dois vieram pra cá então?

(MC): É, só que ela...

(E): E se conheceram, cada um de um lugar?

(MC): É, cada um de um lugar.

(EDU): No começo ela insistia muito pra querer ficar comigo, só que eu não queria, na verdade eu até, às vezes quando ela via que o carro, que o carro não tava lá ela ia perguntar pra alguém, pra onde que eu tinha ido, entendeu. Aí desde disso, que ela começou a espetacular a minha vida eu já num, num queria mais. Aí... E eu gostava de outra pessoa mas, ela no meu pé, aí a outra pessoa brigava comigo por causa dela, aí às vezes eu ficava na minha quieto, a outra tinha brigado comigo, e ela lá insistindo, ia até na minha casa lá, entrava lá e tudo mas eu não queria. Aí aconteceu algumas vezes aonde ela engravidou. E ela fez tudo planejado, porque...

(MC): E na verdade, ele conta, porque ele não tá explicando bem (risos). Ele conta que ficou com a Sara por causa que a outra brigava com ele, ele ia lá ver a outra, aí a outra brigava com ele porque sabia que a Sara tava no pé, aí ele pensou assim, quer saber, enquanto uma tá me desprezando a outra tá ali quase se arrastando nos meus pés, então, vamo pro abraço né, e foi aonde, nasceu, o Daniel, o Danilo né. Só que aí no caso ele nunca gostou dela, ficou mesmo uma por insistência dela, e outra por, talvez, sei lá, carência de homem né, que homem cê sabe né, é uma benção, e aí nessa, brincadeira, acabou vindo o neném né. E aí foi onde a mãe dele veio, aí acabou pegando no pé, pra então que ele assumisse né, já que ele, que eles engravidou, e onde foi os dois morar junto. Mas segundo tanto ele conta quanto a mãe dele também quando eu conheci ela contou a mesma história, não dava certo, nunca se deram bem, nunca, foi um relacionamento bem, só por causa do neném mesmo.

(EDU): Eu sinto falta dele.

(E): Imagino, porque todo esse tempo que você ficou né, você falou, é um bebê né, aquela convivência, deve ser muito, muito triste mesmo. E assim né, não é que vocês se separaram mas ficaram morando próximos, então você vai lá e vê. Não, é quase três mil quilômetros, então pra ir, não é simplesmente vou ali e vejo né. Tem que ter todo um planejamento em todos os sentidos, né. E até pelo o que você falou, se ela tem essa resistência, não quer que você encontre, aí torna as coisas ainda mais difíceis.

(MC): Mais difíceis.

Silêncio.

(E): Bom, vocês falaram aí dos nomes né, são bem parecidos, porque que vocês escolheram nomes parecidos? (risos)

(MC): Foi ele que escolheu, pergunta pra ele (risos). A gente na verdade assim, é, por mais que eu soubesse que era um menino, às vezes eu ainda ficava meio em dúvida, eu falava será que é um menino mesmo? Tem aquela coisa de dúvida. E aí a gente acabou, entrando num acordo, se fosse menina eu escolheria o nome e se fosse menino ele escolheria. E ele escolheu um nome parecido, tão parecido que até hoje, olha, outro dia eu disse assim que se fosse, se eu pudesse eu mudaria o nome dele. Porque ninguém chama ele de Daniel. Todo mundo chama ele pelo nome do irmão. A gente não, não batiza, porque como a gente é evangélico a gente não batiza, mas a gente faz uma apresentação da criança.

Elisa entra na casa.

Elisa (ELI): O mãe (falando baixo)...

(MC): E na hora da oração, o pastor me chama ele de Danilo. Meu Deus, tem misericórdia. Então assim, foi muito parecido mesmo.

(EDU): Nem mesmo sem o pastor saber.

(ELI): O almoço tá pronto.

(MC): Sem o pastor saber. O pastor nem sabia que o Danilo existia.

(E): Então ele não conhecia?

(MC): Não, imagina.

(EDU): É, ele chamou ele de Danilo.

(E): E aí porque você decidiu dar o nome parecido?

(EDU): Ah, eu, eu queria, colocar um nome que combinasse com o primeiro sabe, tipo, tudo com D. Nós caçou bastante nome, tinha Dener, Daniel, tinha bastante nome sabe, num tenho muito agora na mente, mas o que eu mais gostei foi Daniel. Aí a gente colocou de Daniel.

Maria Clara e Elisa conversam baixinho.

(MC): Vai.

(ELI): Ah, e a vó disse que o almoço tá pronto.

(MC): Tá.

Elisa sai.

(E): É, aproveitando essa situação aí que ele falou dos nomes dos meninos, e com relação ao nome das meninas? Que também é parecido, eu estava percebendo depois, são todos os nomes muito parecidos.

(MC): São parecidos.

(E): Quem que escolheu, como que foi?

(MC): Então, na verdade, a Maria Elena eu escolhi junto com o pai dela. O pai dela tinha uma avó que chamava Elena, e ele tinha assim, a família por parte de pai dele, eles eram italianos, legítimos, então ele disse que chamava ela de nona, entendeu, é, aí ele tinha assim um carinho muito grande por ela, apesar dela já ter falecido, e eu queria colocar Maria alguma coisa pra ser parecido com o meu nome, e aí ele queria colocar Elena, e aí foi onde falou, eu falei então fica Maria Elena, porque ele queria Elena mas eu queria alguma coisa com Maria, então, ficou Maria Elena. Já da Elisa, eu queria parecido com o a da Maria Elena pra combinar, só que eu num, num sabia assim, eu falei ah, eu fiquei em dúvida, e aí um dia eu cheguei no meu pai e falei pai, que nome que eu coloco? Aí ele falou assim porque que você não coloca Elisa, eu acho bonito. Eu falei pronto, então vai ficar Maria Elena e Elisa. Aí pra não ficar só Elisa eu

coloquei Elisa Fernanda. Então, foi por isso (risos). Que eu queria mesmo os dois iguais, quase iguais né.

(E): Sim, e aí ficou um parecido com o seu né, e o da Elisa, Elena, Elisa, bem parecido.

(MC): Quase a mesma coisa.

3 – (E): Bom, a gente falou do comportamento quando bebê, e agora como você reagia a esses comportamentos? Como se sentia? Como fazia? No caso de cada um.

(MC): Hã, no caso das meninas, tanto da Maria Elena quanto da Elisa, é, eu peguei pouquinho né, como eu já te disse. Mas o da Maria Elena eu ainda peguei ela assim mais ou menos da idade que Daniel tá hoje, é, era, gostoso, só que pra mim era, como se fosse, ali, brincar de boneca, né, que eu não tinha aquela responsabilidade, então era uma coisa aí que coisa gostosa, eu pego aqui, eu brinco um pouquinho, mas a responsabilidade não era minha entendeu. Então assim, era bom. Da Elisa eu já não vi nada, não vi nem ela começar a andar. Quando eu cheguei aqui um dia ela já tava andando e foi, é, a Maria Elena eu ainda peguei um pedacinho, como eu trabalhava só no centro,

Elisa entra no quarto ao lado e liga a TV.

(MC): Eu trabalhava só no centro, chegava em casa já de tarde, eu peguei a fase dela querer começar a andar, só que como eu já tava completamente cansada, de trabalhar o dia inteiro, a minha mãe também já tava sobrecarregada das duas, às vezes eu chegava num tinha nem uma janta pronta, nada muito feito, assim em casa, ela dava só um tapinha, então eu chegava e me preocupava mais em arrumar a casa, em fazer uma janta, aí a neném queria atenção, aí eu já não tinha muita paciência, com tudo aquilo, então assim não foi muito, eu tô curtindo mais mesmo o Daniel na verdade. Que ele já acorda sorrindo, já, já é aquela coisa completamente diferente. Hoje eu chego, que nem agora, eu tô saindo até mais cedo nesse horário, então eu chego em casa, pego ele, eu brinco, eu dou banho, é muito diferente. Até o, a sensação, o sentimento, por mais que eu ame todos, é diferente. De todos eles. Cada, parece que cada sorriso é uma conquista diferente.

(E): E você Edú, como você reage aí, você também fica junto com o Daniel, como que é?

(EDU): Ah, eu, tudo o que ela falou é praticamente igual, entendeu, a gente tá sempre com ele, eu saio às vezes, saio do serviço cedo e volto a tarde, mas quando eu chego, na hora que ela liga meio dia eu já pergunto e o Daniel, já ligou pra sua mãe, aí, pra mim, só felicidade. Ela, ela às vezes briga comigo que eu pego ele e eu rolo na cama entendeu (risos).

Elisa sai do quarto.

(MC): Faz umas brincadeira muito doida, ele rola na cama, aí o menino começa a resmungar, e eu para com isso (risos).

(EDU): Mas ele gosta.

(MC): Mas ele gosta, verdade, ele gosta.

(E): Deixa eu te perguntar outra coisa. Você falou assim que a sua mãe praticamente tomou né, as meninas, e já começou a cuidar e assumir. E como tá sendo agora? Porque você tomou a decisão, você tá cuidando, mas e ela?

(MC): É, você fala das meninas ou do Daniel?

(E): Falo do Daniel, porque das meninas ela ainda, continua cuidando bastante...

(MC): Sim, continua, parte de escola, projeto, o médico é ela que leva, não sou eu que levo no médico, ela que leva, ela e meu pai.

(E): Mas assim, como você disse, ela meio que tomou, ela já assumiu a responsabilidade. E no caso do Daniel, como que tá sendo, porque você tá cuidando, mas em parte ela também fica, pelo menos agora que você tá trabalhando, como que tá sendo lidar com isso, que que você percebe?

(MC): Ele ainda é muito novinho pra mim dizer que, que tem alguma interferência, não tem, nenhuma, eu saio de manhã, eu deixo com ela, quando eu volto de tarde eu já passo, eu já pego, e eu vejo que com o Daniel eu não sei se pelo fato ou deu já tá mais amadurecida, ou pelo fato dele ter o pai por perto, eu vejo que ela num, ela num se impõe absolutamente nada, entendeu. Eu não sei se, se foi por causa do pai das meninas talvez, tá ali, se tivesse talvez teria sido diferente, num sei né, só Deus sabe como seria, mas eles, com o Daniel é completamente diferente de com as meninas, ela não, não se impõe em absolutamente nada. É, eu que tenho levado ele no médico desde a primeira vez, desde a primeira, desde a primeira consulta, eu que levei, esses dias mesmo, semana passada, atrasada o Daniel ficou meio febril, ela me ligou, perguntou onde tinha o remédio, eu disse onde tinha tudo mas assim que eu cheguei do médico eu e o pai dele que levamos, entendeu, então é uma coisa assim, que a responsabilidade é completamente minha mesmo. Ela me ajuda muito, porque é, eu não preciso deixar com uma outra pessoa, ou não preciso deixar ele na creche, e da mesma maneira que ela me ajudou muito com as meninas ela me ajuda com ele também, mas com bastante limite. Eu sou a mãe entendeu, dele. Eu sou a mãe, e ela só me ajuda nas horas, é eu preciso sair pra qualquer lugar, eu posso deixar com ela, posso contar com ela, mas a responsabilidade tem sido minha. Dele.

(E): E então você faz questão de deixar isso claro mesmo?

(MC): Sim, desde o começo.

(E): Do que é sua parte e o que é parte dela.

(MC): Sim, desde o começo. Eu sou muito, completamente agradecida por ela, das meninas também eu sou, muito agradecida, eu nunca tive assim o que reclamar, a minha mãe ela sempre foi o meu alicerce, ela sempre me ajudou demais. Talvez das meninas ela tenha ajudado demais mesmo (risos), né, demais mesmo, com tanto amor e carinho que, que ela considera as meninas como se fossem filhas dela mesmo, entendeu. A Elisa ainda é um pouquinho mais pro meu lado viu, sempre foi, a Elisa, sempre foi mais apegada a mim, se eu saio, que nem assim ó, eu já fiquei internada quando eu operei da vesícula, quando eu operei da vesícula eu fiquei internada, eu fiquei uma semana, uma semana e pouquinho, porque eu fiquei ruim, a Maria Elena nem pergunta. Cê vê que ela não sente a minha falta. Cê vê que ela num, mas a Elisa ela falava comigo no telefone ela chorava, ela queria eu perto, é, a minha mãe disse que ela deu um pouco de trabalho, principalmente nos primeiros dias, aí a minha mãe foi explicando, não, a mamãe tá internada, porque ela vai passar por cirurgia, assim assim assim, então a Elisa ela sempre foi mais apegada a mim, desde o começo, eu não sei se é porque quando ela era mais nenenzinha eu não fiquei muito com ela, então ela sentiu aquela falta de mãe, então assim ela sempre foi mais do meu lado. Ah, a Maria Elena já não. A Maria

Elena eu posso sair, posso tá, posso não tá, pra ela num, o importante é a minha mãe. A minha mãe sai um pouquinho ela já quer ir atrás, ela, se eu vou às vezes no acampamento, lá na casa das minhas cunhada com o Edú, se meu pai não tá em casa, que nem hoje ele foi pescar, ele não tá em casa, se eu falar que eu vou sair, e a minha mãe, e às vezes ela pode até ficar pronta pra sair, a Maria Elena, mas a minha mãe fala assim ah, cê vai deixar a vó sozinha, acabou. Ela não vai. Ela já fica com a minha mãe. E se ela for também, vai num dá cinco minuto que a gente chegou no lugar, ou ela já quer ligar pra minha mãe, ai deixa eu ligar pra minha vó como é que ela tá, pra vê como é que ela tá, ou ela ai mãe, vamo embora, porque a vó ficou sozinha, então cê vê que ela tem um amor muito grande pela minha mãe. Então eu acabo deixando. Deixando elas. Não que eu não ame, eu amo demais, mas, eu faço o que eu posso, sempre fiz o que eu pude, é, dou as coisas na medida do possível, ajudo na medida do possível, mas, a minha mãe que, que toma conta. Tanto é que, é, hoje o pai delas dá a pensão, já, já há um tempo, até uns dois anos da Maria Elena ele nunca deu nada, e aí a gente acabou entrando na justiça, na verdade eu nem queria entrar, a minha mãe me incentivou muito a entrar na justiça, porque ela não achava certo só eu se matando ali sem, sem ter a ajuda dele, então pelo menos isso, e desde que saiu então o benefício da pensão eu nunca peguei um centavo, é a minha mãe que administra, ela que recebe, ela que compra as coisas pras meninas, enfim. Eu não me meto, nada disso. Eu faço a minha parte, dou o que eu posso, dou a atenção na medida do, do possível que elas vem, só que a Maria Elena principalmente é assim, é, ela vem aqui em casa, que aqui em casa, aqui em casa eu boto regra, ó é assim, que que ela faz, vup pra minha mãe. Dependendo do jeito que eu chamar a atenção dela ela fica um, quase um dia inteiro sem aparecer aqui, fica lá pro lado da minha mãe. Aí depois ela vai vindo de novo, vindo de novo, e assim vai.

(E): E como você se sente vendo essa aproximação tão grande das duas, que às vezes pra sair, fazer um passeio com vocês, a família, ela acaba optando por não ir?

(MC): Ah, eu, eu não ligo mais. No começo eu ficava assim, mais é, as duas faz bem uma pra outra na verdade, então assim a minha mãe, eu acredito que a minha mãe precise desse amor, cê vê que ela é dependente assim do amor da Maria Elena, e a Maria Elena também não fica sem ela, não fica, não adianta, eu acredito que se um dia eu precisar viajar pra longe e não levar minha mãe, eu nem levo, eu deixo com a minha mãe porque, ou a minha mãe vai junto ou eu não levo porque eu sei que eu vou ter trabalho com ela sem a minha mãe. Então assim eu, hoje, hoje eu já não ligo mais assim, dela ter todo esse amor. A não ser quando ela faz algumas desfeitas pra mim como ela fez hoje de manhã, eu fiquei muito chateada, muito chateada. Eu levantei de manhã, fiz um bolo, coisa que raro eu fazer, ele tá comigo já há um ano e meio ele sabe que, eu num faço, é difícil, até por causa do dia a dia corrido. Então sempre quem faz as coisas diferentes assim é a minha mãe. Eu faço a comida, o arroz, o feijão, o café da manhã, essas coisas. Aí levantei, fiz um bolo pra gente tomar café, e aí elas não apareceram pra tomar café, porque elas dormem lá, e eu chamei Maria Elena, vem tomar café. Aí ela já chegou assim, de que que é esse bolo? Eu falei é de coco. Só que é aquelas massinha pronta sabe, só tem o sabor e o aroma de coco. Mas cadê o coco? Aí eu não respondi, eu fiquei calada. Ah, vou pegar um pedaço pra experimentar, você vê que ela tem aquela, tipo te esnobando sabe? Eu sinto assim, ah, eu vou pegar um pedaço pra experimentar. Aí ela comeu um pedaço e falou assim, é, tá bom, mas não chega aos pés do bolo que a minha mãe vai fazer pra mim hoje, que a minha vó vai fazer, que é um bolo de prestígio que ela pediu. Aí ela me respondeu dessa maneira (suspiro).

(E): Nossa...

(MC): Aí eu falei assim pra ela, você é muito mal agradecida (*se emociona*). Aí ela falou assim, que o bolo tava queimado (*Maria Clara chora*).

(E): Ah, Maria Clara...

Silêncio.

(E): São coisas que a gente se magoa mesmo.

(MC): E não é a primeira vez (*chorando*). Teve várias outras mas, deixa pra lá. E eu fico chateada, assim, não pelo amor que ela sente, mas por ela (*solução*)... desfazer de mim por esse amor que ela sente pela minha mãe entendeu. Porque por mais que eu nunca fui uma mãe muito presente, eu sempre procurei fazer o melhor. Talvez eu num tava aqui pra dar todo o carinho que a minha mãe deu, mas a parte financeira eu precisei fazer, pra ajudar meu pai, só que muitas vezes elas ainda não entende né, que a parte financeira pra elas talvez não seja o importante agora, na cabeça delas, a gente sabe que sim, que precisam né, precisam comer, precisam vestir. É, a Maria Elena ela é uma criança assim de oito anos mas, se tiver um pão com manteiga ela não quer comer. Ela quer se tiver um pão com presunto e queijo, e ela fala assim na cara dura, se eu chamar ela se eu comprar um pão aqui de manhã, e falar pra ela assim Maria Elena vem comer, ela fala assim tem presunto e queijo, e eu falar que não, ela não quer. Ela quer pão de queijo, e, e você vê que é diferente, porque assim, quando eu compro tudo o que ela quer, o amor da Maria Elena por mim, eu penso que é um amor, interesseiro, vamos dizer assim, infelizmente, é minha filha mas eu falo. Se eu comprar tudo o que ela quer, se eu fizer os gostos dela, pra ela tá bom, só que se eu não tiver pra dar, ela não tá bom. Porque assim, é, a minha mãe ela, ela faz. Tudo o que ela quer. Tudo. Tudo. Ela pode não ter agora, mas ela fala assim daqui a pouco eu vou lá e eu compro. Quando a minha mãe não tem o dinheiro o meu pai compra, e eles sempre fizeram todos os gostos dela. É um erro? Não sei. Mas eu penso diferente, eu penso que você tem que ser agradecido pelo dia que você tem bastante, mas o dia que você não tem você tem que saber conviver com aquilo. Tem dia, que quando a gente recebe pagamento, que vai fazer uma compra, você compra uma coisa diferente, mas não é todo dia que você tem aquilo. E você vê que o dia que você não tem ela desfaz. Como ela desfez do meu bolo hoje de manhã. Eu acho que não precisava ela responder daquela maneira. E eu fui e eu falei pra minha mãe, eu falei mãe, cê acredita que a Maria Elena falou assim assim assim, e ela falou ah, mas é o jeito dela, ela fala sabe, ela fala eu converso com ela, minha mãe diz, eu converso com ela, eu, mas, ela também não pode mudar a cabeça da menina, ela diz, ela diz que ela conversa com a menina, que não pode ser assim e tal mas, a gente vê que, não sei que que vai ser lá na frente. Às vezes eu, às vezes eu fico triste, e eu começo a tentar imaginar como vai ser a Maria Elena com quinze anos.

(EDU): Eu não sei se porque, se é por causa dela ser uma criança mas, quando, às vezes até que a vó dela fala pra ela entra por um ouvido e sai pelo outro.

(MC): Essa semana, a minha mãe, a gente foi na igreja na quinta-feira, e a Maria Elena não quis ir porque diz que tava cansada. Aí a, na sexta-feira, Carol, se ela tivesse cansada ela tinha ido dormir né. Sexta-feira de manhã quando essa menina foi pra escola, toda riscada de caneta, os pé, meu Deus do céu, ela colocou uma sapatilha, tudo riscada, eu falei Maria Elena que que é isso, essa era a sua canseira de ontem Maria Elena? Olha só a situação de você pra você ir pra escola agora toda riscada, que ela fez uns desenho assim, no peito do é, tudo aparecendo, e aí já tava em cima da hora dela sair, o meu pai já apressando ela pra ir, que o meu pai leva ela pra escola, e eu também já saindo pro trabalho. Eu falei pra ela Maria Elena, de tarde eu vou conversar com você. Pra quê? Hum. A menina saiu a minha mãe já veio, é,

porque se você for querer bater na menina, porque tudo você quer resolver assim, eu falei mãe quanto amor a gente dá pra essa menina, quanta coisa a gente passa a mão na cabeça, a gente fala mia fia não é assim, quantas vezes eu sentei com ela, eu sentei com ela, olhando no olho dela, e falando Maria Elena você tem que melhorar, Maria Elena as coisas não é assim minha fia, eu falei não resolve. Tudo bem eu sei que num vai resolver as coisas você espancando, mas eu acredito que de alguma forma que eu ainda não descobri qual é, ela tem que melhorar. Tem dia que eu não posso abrir a boca pra falar nada com a Maria Elena que a Maria Elena já sai daqui chorando como se eu tivesse espancado ela só de eu chamar a atenção, ela fica nervosa, se eu pedir pra lavar um copo pra mim essa menina já chora, chora, chora, chora, e ela vai lá pra mãe dela, pra minha mãe, às vezes a minha mãe vem lavar a louça que eu pedi pra ela lavar. Que já aconteceu isso algumas vezes. E, eu já pensei em procurar um psicólogo, pra eu ver se, se a gente assim, todo mundo junto consegue achar uma maneira. Porque no meu entendimento, ela vai dar trabalho lá na frente. Muito. Muito trabalho.

(E): E quando você fala essas coisas pra sua mãe, tenta apontar isso que pode acontecer lá na frente, com o jeito que ela está educando, como que ela reage?

(MC): Na verdade Carol, eu muitas vezes prefiro não falar. Porque assim, eu sei que é minha mãe, mas ela é muito sentida. Ela é uma pessoa muito boa, mas ao mesmo tempo muito sentida. E, a gente já teve vários conflitos eu e ela. Então assim, eu procuro evitar. Eu evito, eu não falo. Uma vez, ela ficou um tempo assim, meio com raiva de mim porque eu cheguei a dizer pra ela que ela ia estragar a minha filha do mesmo jeito que ela estragou o Marcelo. De tanto passar a mão na cabeça. O Marcelo hoje não conversa com ela, eu acho que você deve saber um pouco da história, não sei se ela te conta ou não, ele se acha dono de si, ele não dá satisfação, muitas vezes, hoje ela já procurou se defender disso, ela, a defesa que ela criou foi deixar pra lá, não corre mais atrás, procura não sofrer, mas ela já sofreu muito.

(Uma das meninas chega e Maria Clara pede pra ela sair).

(MC): Mas ela já sofreu bastante. Já chorou muito por causa dele, muito, muito, muito, mas, eu que cresci junto eu vejo que, foi da mesma forma que tá sendo. O Marcos o meu pai sempre levou pro trabalho, sempre acompanhou meu pai, o Marcelo a minha mãe queria levar, o meu pai queria levar e a minha mãe ai, o meu Celinho, deixa ele, deixa ele comigo que ele vai me fazer companhia, que o meu Celinho, que o meu Celinho, só passando a mão na cabeça, deu no que deu. O Marcelo não respeita ela, o Marcelo, ela já chegou chorando porque ele tem vergonha dela. Um dia eles foram pra cidade e ela chegou em casa aos prantos porque ele não anda perto dela. Não anda. Ele anda lá na frente, como se, os dois vão fazer uma coisa junto mas ele não anda. Já teve relato de pessoas que diz que ele tinha vergonha daqui da nossa casa, da onde a gente mora, da nossa família, e aí eu falo adiantou tanto amor? Eu acho que a gente tem que saber amar. E saber a hora de corrigir. Esse é o meu entendimento. Talvez eu pense assim hoje justamente pelo que eu vi, por tudo o que eu vi, pelo crescimento, eu era criança ainda, eu acho que eu tinha quatro anos, mais nova que ele, mas eu já entendia. E sempre foi assim, o Marcelo sempre foi o preferido dela, e o preferido dela hoje é o que menos dá atenção pra ela. Um dia ele tava trabalhando e ela ruim, ela pediu um remédio pra ela, ele olhou pra cara dela e falou se sobrar eu te dou. E uma pessoa assim que ela deu a vida dela por ele. Você via que era uma paixão assim, que ela num tem o amor, ela diz que são todos iguais mas, ela num tem o amor por mim e pelo Marcos que ela tem pelo Marcelo. Hoje, é um pouco diferente. Porque, hoje ela caiu em si, até da última vez que ele veio aqui, ele já tinha aprontado algumas da última vez ele ainda aprontou mais, então assim ele não liga pra saber se ela tá viva, se ela tá morta, se ela tá bem se ela tá precisando de alguma coisa, num liga, ele num dá satisfação da vida dele. E quando ele resolve aparecer, é

só pra aprontar. Só pra dar desgosto. Então, eu temo por isso. Temo por lá na frente, acabar acontecendo a mesma coisa.

(E): Ver a história se repetir.

(MC): Ver a história se repetir. E eu não poder fazer nada. Cê tá vendo, mas cê não pode fazer nada. E eu nem sei como fazer. Eu não sei como agir. Que eu não quero magoar ela, mas também. Então eu não falo nada, eu fico quieta, às vezes eu tento, mas quando eu tento, eu vejo que ela, arma, então eu, baixo a bola. Falo deixa ela tocar do jeito que ela quer. Esse dia mesmo que eu falei que eu ia chamar a atenção da Maria Elena depois, quando a Maria Elena chegasse, ela já, se armou, e eu falei pra ela eu não digo mais nada então. Faz do jeito que a senhora achar melhor. E assim vai. É do jeito que ela preferir. Só, que quando é ela que tá brava, quando ela realmente tá vendo ali, ela corre pra mim. Entendeu. Só que assim, eu posso chamar a atenção quando ela tá vendo que lá o negócio não tá muito bom, aí o que que ela faz? Ou ela me grita, ou ela manda a Elisa vim pra mim ir lá dar um jeito na Maria Elena. Mas quando eu percebo que o negócio não tá bom e eu vou, ela defende. Então eu posso quando ela deixa. Só que numa hora dessas, de quando ela deixa pode ser tarde, porque a criança cresce né, e se cresce sem respeito, sem, só Deus sabe o que vai dar.

(E): E o que que o Marcelo aprontou da última vez?

(MC): O Marcelo, ele aprontou aquilo lá né, na casa da minha tia onde ele ficou, ele...

(E): Na casa da Joana você está falando?

(MC): Isso, ele roubou um relógio dela, só tava os dois lá não tinha como não ser ele, e eu acredito que foi, porque antes dele sair daqui da primeira vez ele já tinha roubado duzentos reais do meu pai. Foi por isso que ele saiu daqui do fundo, a gente já tava namorando eu e o Edú, foi bem no começo do nosso namoro, foi por isso que ele saiu daqui. E, ele, a minha tia deu o dinheiro pra ele ir embora, e ele veio posar aqui porque no dia que, que eles levaram ele na rodoviária meia noite, o pastor do meu irmão, a minha mãe e o Marcos foram, eles não conseguiram mais viagem pra ele, porque não sabia que o último ônibus parece que era sete, oito horas da noite, ele, aí não tinha mais ônibus. Aí ele veio, posou aqui em casa, no outro dia, acho que uma hora da tarde, ele ia pegar o ônibus pra ir, foi o horário que ele conseguiu. Chegou lá ele disse pra minha mãe simplesmente que ele não sabia, ele comprou a passagem, perdeu, o rapaz tirou a passagem, chegou lá na hora ele bateu a mão no bolso e aonde tá minha carteira? Como que ele não sabia onde tava a carteira dele se no dia anterior ele tinha, ele tinha ido comprar a passagem, uma pessoa que vai comprar uma passagem na rodoviária obviamente ela sabe que ela vai pagar que ela tem que tá com o dinheiro em mãos, e a minha tia deu o dinheiro pra ele. Aí a minha mãe ainda queria abrir a mala dele pra ver se a carteira dele não tava lá e tudo, e não, porque não tá aí, não tá aí, o que que ela fez? Ela teve que calçar a cara porque o cara lá da rodoviária ficou olhando assim, sem saber o que fazer, e o Marcos teve que emprestar, tirar da boca dos filho dele, pra emprestar pra ela, pra ela dar o dinheiro pra ele ir embora. Ou seja, ele ficou bem quietinho com o dinheiro que a minha tia deu pra ele, fingiu que tinha lá perdido a carteira dele, ou se ele perdeu a carteira Carol, uma pessoa que perdeu a carteira, ou e os meus documentos, né?

(E): Como que eu vou viajar sem minhas coisas.

(MC): Eu não posso viajar, cancela a passagem aí, eu preciso das minhas coisas. E ela arrumou o dinheiro pra ele, e aí depois no final da semana que que aconteceu? Ela fez sonho e

eu fui vender o sonho pra ele, pra ela devolver o dinheiro pro Marcos. Porque o Marcos também tinha os compromissos dele. E ela meu Deus que que eu vou fazer agora, porque eu emprestei o dinheiro do Marcos pra ele ir embora, e eu num sei, o problema da minha mãe é que ela pega o problema de todo mundo pra ela. Eu canso de falar isso pra ela, mãe, sabe porque você tá doente desse jeito, porque ela pega o problema da tia Joana, ela pega o problema do Marcos, ela pega o problema do Marcelo, ela pega o problema do mundo inteiro e trás pra ela, aí o que acontece? Ela fica ali se remoendo, se martirizando, todo mundo vivendo feliz. A minha tia, a minha tia tá super feliz lá com aquele cara, sem trabalhar, sem nada, mas tá feliz. Sustentando ele mas tá feliz. E ela tá aqui se remoendo porque ela tá vendo a situação da minha tia, eu falo mãe para, ela ficou na cama mais de quinze dias, por pegar o problema dos outros. E a gente fala pra ela, eu falo mãe, não é assim, não é assim. Aí agora, acho que da última conversa que você teve com ela no telefone, que ela disse que cê tava conversando com ela, ela, ela, cê deu uma acordada nela, ela te ouviu muito viu, cê deu uma acordada nela e ela, não a Carol falou que assim assim assim, então, ela comenta que eu vou seguir, porque assim. Entendeu, então ela, melhorou bastante. Foi desde isso aí que ela deu uma levantada, acho que desencasquetou isso da cabeça, e tá bem. Nossa, eu to gostando de ver viu, duns dias pra cá, né,

(E): Que bom!

(MC): Até o Edú tava comentando, vixi, tá melhor. Levanta, cuida das coisas dela, faz e, tá animada, eu falo até o, o Edú esse dias falou nossa, sua mãe tá animada né, eu falei graças a Deus...

(EDU): O almoço já tá pronto lá (risos).

(E): Vocês querem almoçar? Vocês querem dar uma parada?

(MC): Não, não é nem meio dia ainda, não.

(E): Ainda não, mas se vocês quiserem aí...

(MC): Vamos continuar um pouquinho mais.

(E): O que vocês acharem melhor. É, ela ficou muito tempo doente, desde o fim do ano, né, assim, entre ficar doente e depois ficar melhor né.

(MC): Na verdade a minha mãe ela nunca teve muita saúde. Desde que eu me conheço por gente. É, sempre, foi ruim. No começo quando eu tinha acho que a idade da Maria Elena mais ou menos ela já teve uma hemorragia que, misericórdia, foi onde ela precisou fazer a cirurgia do útero, tirou tudo, e, e sempre muito doente. E a gente já desde pequeno, talvez seja até por isso que eu tenho esse coiso de querer que a Maria Elena aprenda a fazer as coisas, porque eu aprendi a fazer as coisas muito, muito cedo. Do meu jeito, mas eu aprendi. É, que ela num tinha saúde pra fazer. Então assim, o Marcos que era o filho mais velho às vezes saía, ia fazer as coisas dele e deixava eu e o Marcelo, e a gente tinha que se virar. Com comida, com casa, tinha que limpar que se a gente num limpasse ela não aguentava, e de tarde o meu pai chegava e tava tudo, teve um dia que ela surtou com o Marcos, porque o Marcos gostou muito de pintura, hoje ele abandonou depois que casou, mas quando ele era, e aí ele ia, é, ajudar o Darci, que até ele é falecido hoje, ele ia ajudar ele e já aprender, então assim ele num ganhavam nada praquilo, mas ele ajudava o rapaz e aprendia também. E um dia ele saiu daqui a gente sem gás, sem comida, sem nada, e aí eu precisei ir na casa da vizinha pedir pra poder

ligar pra ele, pra ele vim porque ele era o mais velho, ele teria que tá aqui então já que, meu pai trabalhando, pra ele, sei lá, fazer alguma coisa pela gente né, e aí onde ela acabou ficando brava com ele tudo, e aí foi onde ele não foi mais. Mas foi uma vida assim bem, bem sofrida desde sempre, desde que a gente já começou a crescer, porque ela é sempre assim, um tempo tá bem um tempo tá ruim, um tempo tá bem um tempo tá doente, já passou por várias cirurgias, a última foi, a última que eu me lembro foi da vesícula, ficou mais de quinze dias internada, eu acompanhei ela, eu ficava de acompanhante, eu ajudei bastante, tudo o que eu sempre pude fazer eu sempre, tanto é que, eu ouvi um pedacinho da conversa ali, ela sempre dizendo pra você que ela é muito agradecida né, porque eu sempre tive ali, do lado dela, pro que ela precisar. E tô mesmo com muito orgulho, porque é minha mãe, ela pode ter os defeito dela mas, talvez os defeito dela seja tentando acertar. Mas ela é minha mãe, e, toda vez que ela precisou eu tava ali. Então a gente aprendeu muito cedo, sozinhos praticamente, que ela não tinha as condições de saúde pra tá, ajudando.

(E): E essas doenças que ela foi tendo já, desde quando vocês eram crianças, o que que era, você lembra?

(MC): Então, no começo era, essa hemorragia, ela tinha muita hemorragia, e não cortava e era, uma hemorragia forte mesmo, aí ela teve que, ela teve que, fazer a cirurgia. Foi onde ela teve um processo grande pra poder fazer essa cirurgia, porque ela pegou uma, uma anemia profunda, então ela teve que cuidar dessa anemia primeiro, mas era difícil cuidar da anemia por causa da hemorragia, então ela teve esse processo todo, pra depois ela passar pela cirurgia, e aí ela, depois, o processo de recuperação da cirurgia também. Aí ela ficou um tempo boa. Aí teve uma época que ela pegou uma depressão profunda, que ela não saía da cama pra nada, nem pra comer, nem pra tomar banho, ficou mais de mês, só chorava, só chorava, só chorava em cima daquela cama, só chorava, só chorava...

(E): E você tinha quantos anos, você lembra?

(MC): Eu acredito que uns nove anos, uns nove anos. Foi aonde eu comecei, já nessa época a ir na igreja, com a minha vizinha. Minha vizinha pedia pra ela deixar, eu ir na igreja, eu ia, eu gostava, foi onde eu, comecei a querer cantar e me envolvi com as coisas da igreja. E aí uma vez a vizinha, eu, e ela ruim na cama e eu achei que ela ia morrer, e ela veio, eu pedi pra, eu subi no muro e pedi pra vizinha fazer uma oração pra ela. E a vizinha veio, fez uma oração, tudo, e, e ela até conta que, nessa época ela falou pra Deus, que se Deus tivesse ainda, alguma coisa pra ela fazer, uma obra na vida dela, uma coisa assim que, que ele levantasse ela daquela cama, porque, ela também já não aguentava mais ficar por mão dos outros, ainda mais por mão de duas crianças, na verdade, que era eu e o Marcelo, que era nós que fazia as coisas pra ela, e uma criança ela num, num faz as coisas perfeito que nem uma pessoa grande né, então a gente fazia do nosso jeito. E ela viu naquela situação e, e eu acho que a fé dela foi tão grande que no outro dia, graças a Deus, nessa época ela tava de pé, ela tava cuidando das coisas dela, ela não tinha mais nada, e, mas é assim sempre, tendo engano, uma hora ela tá bem, ela passa um tempo bem, aí o mal dela é o nervoso, aí já juntou, de uns tempo pra cá pressão alta, a diabetes agora, colesterol, tudo alto, aí onde, e ela é um pouquinho teimosa também, a gente fala mãe, você não pode comer isso, você não pode comer aquilo, e ela ah, mas eu não posso comer nada, que não sei o que, aí quando ela tá muito ruim memo que nem esses dia ela ficou na cama aí, acho que uns quinze dias, aí ela para. Aí ela começa só fruta, sopinha, coisa assim, mas melhorou, hum, ela já acha que pode né (risos).

(EDU): A coca já tá aí.

(MC): A coca já tá aí, já, já comprou a coca hoje. Acha que tá podendo, que tá boa (risos).

(E): Só um pedacinho, só um golinho...

(MC): É, só um pedacinho, só um pouquinho... Onte ela tomou, meio copo e ainda falou assim pro Edú, tá vendo Edú eu, agora eu sei me controlar, eu não tomo mais assim exagerado, só um golinho (risos). Eita mãe, mãe é fogo. Mas é assim.

(E): Bom, deixa eu te perguntar agora antes de passar pra próxima, você falou bastante da Maria Elena, e a Elisa?

(MC) A Elisa ela é, completamente diferente da Maria Elena, nem parece que são irmãs pra falar a verdade. A Maria Elena ela, a Elisa ela tem um interesse muito grande de, em aprender, ela quer, cê tá na cozinha ela quer tá ali te ajudando, às vezes eu saio pra trabalhar, se eu deixo uma louça ali, por muitas vezes eu já fui surpreendida que ela vem, ela mesma começa a lavar, ou às vezes eu deito aqui depois do almoço, num domingo, e aí eu, eu num quero lavar a louça antes, só a hora que eu levantar, cê acorda escutando o barulho dela na cozinha, dela lavando, muitas vezes ela até incentiva a Maria Elena e as duas assim ai porque vamo deixar tudo limpinho pra mãe, e a Maria, a Elisa fala e a Maria Elena acaba entrando na onda, e vem e quer passar pano e, e põe uma florzinha em cima da mesa, mas a Maria Elena é por hora, a Elisa já não. Às vezes ela tem os momentinho dela, mas é momento de criança, de você falar não vai fazer isso ou aquilo e ela, mas é muito diferente, cê vê que ela é uma criança completamente disposta, ativa em te ajudar, se ela vê eu assim meio triste, ela vem, ela, se às vezes eu tô chorando assim ela enxuga, ah, porque que cê tá chorando, chora não, ela vem e me dá um beijo, uma criança muito amorosa, não tem o que falar, completamente diferente da Maria Elena. Muito diferente uma da outra. Não tem nem comparação.

(E): E o tratamento que a sua mãe dá pra Elisa, em comparação com o que ela dá pra Maria Elena?

(MC): No começo, eu achava que tinha uma diferencinha. Até hoje ainda tem. Mas é bem menos. A Maria Elena é tudo pra minha mãe. A Elisa no começo a minha mãe parece que não tinha muita paciência às vezes, cê via assim que, que era um pouquinho de injustiça em algumas coisas, que, que as duas ali às vezes tavam aprontando e só quem levava o fumo era a Elisa. Então assim, mas hoje melhorou bastante já nessa parte já, cê vê que hoje ela já trata as duas, praticamente igual. Mas mesmo assim... E ela diz também que a Elisa é muito mais ativa, que a Elisa ajuda muito mais, mas eu não sei, que eu acho que ela ainda não soube lidar com a situação da Maria Elena, então assim, cê vê que a Maria Elena é priorizada em todos os sentidos. A Maria Elena fala pra ela assim mãe, eu quero comer, sei lá eu o que, ela, ela pode não tá boa mas ela levanta e vai fazer. Entendeu.

(E): E a Elisa?

(MC): Faz. Mas nem tão na hora quanto pra Maria Elena. Ela faz as vontades sim, mas quem faz mais também é meu pai, da Elisa, da Elisa o meu pai, se a Elisa falar, ele vai ele faz ele compra ele, ele agrada, mas cê vê que a Elisa é mais o meu pai, a Maria Elena é mais a minha mãe. Esses dias teve até um, uma coisa assim que é nas pequenas coisas que a gente vê sabe, a gente tava deitado aqui eu o Edú, a Elisa e o Daniel, acho que foi, e o Edú falou assim pra Maria Elena, de quem que a sua mãe é? Aí ela falou assim da Elisa. Aí ele falou assim, aí ele

perguntou pra ela de quem mais? Sua. De quem mais? Do Edú, do Daniel. Aí ele falou assim e você? Não, porque eu sou da minha vó. Ela respondeu dessa forma, então você vê que é nas pequenas coisas, é nas pequenas brincadeiras do dia a dia, alguma coisinha que cê fala assim que, que você vê o sentimento dela onde tá. Então ela num, num se opõe, e num, num faz nem uma disfarçadinha assim pra, pra dizer o sentimento dela qual é. De pra quem é. Entendeu.

(E): As preocupações que você diz que tem quanto a Maria Elena, você tem alguma em relação a Elisa?

(MC): Não. Nenhuma. A Elisa é bem, bem amorosa comigo, sempre foi, já passei alguns momentos da minha vida aí antes de conhecer o Edú, muito tristes, e ela sempre tando aqui do meu lado, não vou deixar minha mãe, é, cê vê que por mais que ela seja uma criança, ela sempre foi muito amiga. Todos os momentos assim. Principalmente nos meus momentos mais difíceis, de dificuldade, de tristeza, ela sempre teve ali comigo. Querendo me consolar do jeitinho dela, ah mãe, não fica triste não, eu vou dormir aqui com a senhora, ela dormia comigo até, ficar grávida do Daniel né mô? Dormia com a gente a Elisa. Dormia ali do meu lado. Eu só tirei ela mesmo quando eu tava de barrigão do Daniel que eu ia, eu já não aguentava mais porque ela mexe muito na cama e eu ficava com medo de me machucar. Aí foi onde ela começou a dormir lá com a minha mãe, mas do contrário ela sempre foi muito comigo.

(E): E quando ela vinha dormir aqui como que a sua mãe ficava?

(MC): A minha mãe ela nunca deixou, na verdade quando eu passei aqui pro fundo, ela num, nunca deixou muito. As meninas dormirem aqui. Tanto é que elas compraram aquela cama que tá ali hoje, é, era aqui no meu quarto, comprou pra elas, elas dormiram na cama, duas vezes, uma vez, duas vezes, se dormiram. E, aí acho que a Maria Elena acabou caindo da, da cama, porque era alta, não sei o que, aí já pronto já, era o pretexto que ela queria né. Ai que, ela ainda não acostumou a dormir na cama, porque agora ela tá dormindo sossegada né.

(E): O pretexto que ela queria você diz ela a Maria Elena ou a sua mãe?

(MC): A minha mãe. Era o pretexto que ela queria pra, pras meninas irem pra lá né. E aí foi, a Maria Elena foi mais, que a Maria Elena desde o começo sempre dormiu com ela, a Maria Elena ficou com curiosidade da cama, mas acabou caindo em cima da irmã dela, aí chegou lá e contou pra minha mãe, pronto, a minha mãe não tinha uma cama no quarto dela, mas ela arrumou um colchão de casal e colocou. E aí quando eu já num tava aguentando mais a Elisa, ela também não era acostumada a dormir sozinha, e aí então foi onde ela acabou também convencendo a Elisa a ir dormir com a irmã dela lá, só que daí ela tá vendo que elas tão crescendo, que tava ruim pra elas, onde ela fez meu pai arrumar o quartinho delas ali e hoje elas dormem no quarto delas sozinha. Mas até então, era com a minha mãe. Nunca deixou assim as meninas, depois que a gente passou pra cá, dormi aqui não. E às vezes as meninas até queriam, ah, eu vou dormir lá na minha mãe hoje, mas ela não, dorme aqui mesmo, não sei o que, e, numa conversa aqui outra ali, convencia elas a ir pra lá. E elas iam. As duas.

4 – (E): Como é a rotina do seu(ua) filho(a)? O que costuma fazer em dias de semana e aos finais de semana (banho, alimentação, sono, escolha das roupas, escola...)? E aí nos três casos.

(MC): A Maria Elena de novo né, vamo lá (risos). A Maria Elena, é, quando ela era mais novinha, sempre ficou comigo e com a minha mãe, comigo até os cinco depois só com a minha mãe, é, o meu pai, no começo não deixava ela ir pra creche, por mais que a gente tava

lá em Jaú nessa época, minhas mãe às vezes queria colocar, eu queria colocar, mas o meu pai não porque, ainda é muito nova, não sei o que, e ela só veio pra ir pra creche mesmo quando a gente veio pra cá pra Bauru. Até então ela nunca tinha ido. Deu muito trabalho pra acostumar, a Maria Elena. Teve uma hora que, eu ia e cortava o coração de ver ela chorando do jeito que ela chorava, eu pegava de novo, aí acho que foi umas duas semanas assim. Teve um dia que a diretora falou pra mim, se você realmente quiser que ela fique você tem que deixar, que se ela começar a chorar e você querer levar pra casa num adianta você querer deixar aqui. Então assim foi um processo que ela sofreu bastante, mas, foi um mês sofrido pra ela mas ela acostumou. Até hoje ela não gosta muito de escola, ela vai, mas ela não gosta, tem dia que ela acorda chorando que ela não quer ir. Mas ela vai. Pra fazer tarefa, é, eu não sei, na escola, embora às vezes a professora reclame que ela tem conversado um pouco, é, aí a gente chega, a gente conversa, fala Maria Elena, não é assim, não pode conversar, você tem seus horários já que você vai pro projeto, que o projeto, por mais que você tenha as suas atividades é mais um momento de você brincar, lá na escola é mais sério, eu falo pra ela. Então na escola é o momento de você prestar atenção no que a professora tá falando pra você. Deixa pra você brincar, porque alguns amigos que você tem vai lá no projeto, então deixa pra você brincar na hora do projeto. É, o ano passado mesmo, as notas dela sempre foram muito boas, eu nunca tive, fora esse período da conversa, depois que eu conversei com ela ela melhora, a professora sempre falou muito bem dela, falou que ela é uma das primeiras alunas a acabar a matéria, e quando acaba ainda vai ajudar os amiguinhos. Mas quando já chega em casa, pra fazer a tarefa dá trabalho. É bem preguiçosa pra fazer a tarefa, a letra, bem assim, ruim, faz de qualquer jeito, sabe, quer ficar só na televisão, não quer, é, não quer sentar numa mesa pra fazer a tarefa, quer fazer na frente da, da coisa, da televisão. É, muitas vezes até, já tocando nesse assunto, ela vai comer na minha mãe, porque na minha mãe ela tem a liberdade de comer na frente da televisão, e aqui quando ela vem jantar ou almoçar aqui eu faço ela jantar na mesa, almoçar na mesa, então muitas vezes ela pega a comidinha dela ali e friep pra lá, aí fala cadê a Maria Elena, eu falo já foi. Porque ela sabe que se ela for comer aqui ela tem que sentar com a gente na mesa e comer. E lá ela tem essa liberdade, come em cima da cama, no chão do quarto ali, enfim, tem a liberdade de fazer mesmo o que ela quer. Então às vezes ela, é dessa forma. Já a Elisa eu já mandei ela pra escolinha um pouco mais cedo do que a Maria Elena, eu não esperei, porque como a Maria Elena deu muito trabalho, pra ir, eu falei então a Elisa vai se acostumar mais, então, ela já foi desde o berçário, ela era bebezinha ainda quando ela começou a ir, é, e aí do berçário pra cá, hoje, até, até agora que ela tá no primeiro ano hoje eu não tenho dificuldade nenhuma com ela, ela é uma criança que acorda já toda contente, já se arruma, já, não tem essa dificuldade com ela. Tem tarefa também, às vezes eu vejo que ela tem um pouquinho de dificuldade de entender o que eu tô falando pra ela sabe, da matéria. Esses dias mesmo, tava só, é, as letras, uma letra a, uma letra i, e tinha uns desenhos, eu falo pra ela assim qual que começa com a letra i daqui desses desenhos, é esse esse e esse, ela até sabe, só que na hora dela fazer sozinha parece que tudo aquilo que você explicou ela já não entende mais nada. Aí eu, eu fiz um risquinho pra ela, eu falei então é assim, é esse daqui que você vai pintar, esse e esse, que era só os começava, os desenhos começava com a letra lá tal, aí onde ela fez, mas você vê que ela tem um pouco de dificuldade de entender aquilo que você tá falando pra ela, tá óbvio ali, você explica e ela não entende muito. Mas já a questão de ir, de coisar, ela num, num tem dificuldade nenhuma com ela. Roupa. A Maria Elena sempre me deu muito trabalho com roupa. Ela gosta, gostava, hoje a gente tá conseguindo tirar, a minha mãe tá trabalhando bastante disso dela e tá conseguindo tirar que ela já veste outros tipos de roupa. Mas no começo era só calça league, só roupa apertada, uma vez a minha mãe comprou uma calça pra ela que, a minha mãe achou que era league, e até era, só que ela comprou um pouquinho maior, porque como ela gosta muito de roupa apertada fica até aquelas marcas assim de calça league sabe, que fica mesmo na gente, e minha mãe acha que faz mal ela ficar

vestindo só roupa apertada. E ela comprou uma roupa um pouquinho mais larga pra ela, uma league maiorzinha, de um tamanho maior, e chegou em casa ela experimentou e ficou folgadinha, ela não gostou. Ela não quis. Aí a minha mãe falou assim então se você não quer eu vou dar pra Lavínia, ela falou pode dar, e não usou. Não usa. Hoje a minha mãe conseguindo trabalhar um pouquinho mais isso, ela ainda, mas no começo era pior, ela não usava mesmo, se você, teve um dia que eu falei pra ela assim, você vai colocar essa roupa aqui pra você ir no mercado, a gente tava todo mundo saindo pra ir no mercado. E aí eu falei pra ela se você não por você não vai, e ela falou então eu fico. Lógico que eu levei, porque o meu pai também tava indo não tinha com quem deixar, mas, eu ameacei e ela não tem medo, ela fala então eu fico. Porque não é aquilo que ela quer. A Elisa já não, a Elisa de vez em quando assim ela dá aquela rateadinha de uma roupa ou outra que você coloca nela que ela não gosta, mas geralmente o que cê por tá bom, não tem muito. Só que a Elisa eu vejo um, um defeitinho nela, que ela tem, é muito, querer muita atenção. Ela tem isso. Se ela vê que o Edú tá brincando com a Maria Elena e não brinca com ela na hora que ela quer, ela já emburra. Se você, se ela tá falando com você, e você não presta atenção ali, porque você tá conversando com outra pessoa, ela já emburra. E ela quer muito o que é da irmã dela. A irmã dela ganhou uma saia de aniversário, no dia, a irmã dela colocou a saia no dia do aniversário, enquanto a irmã dela não tirou a saia pra ela vestir, ela não ficou contente. Então, é nesse ponto que eu vejo que ela tem esse defeito também, não sei se poderia já ser uma de inveja, alguma coisa assim, já desde criança, mas ela tem isso de, de querer muito o que é dos outros pra ela. Uma pessoa tá fazendo isso ela também quer. Entendeu. Se eu faço um penteado diferente na irmã dela, eu também quero.

(E): E é dos outros ou é da irmã?

(MC): Eu posso dizer que é da irmã porque é onde eu, eu vejo mais, entendeu, eu vejo mais. É, de fora eu já não posso falar, porque eu num...

(E): Você não tem esse contato.

(MC): É. Eu não tenho contato. Tipo com ela na escola, ou com ela, e as minhas sobrinhas também quase não vem aqui, entendeu, então não, é. E eu vejo que a Elisa ela tem uma dificuldade muito grande pra lidar com os outros. Porque ela é muito mandona. Demais. Ela é muito autoritária. Tudo tem que ser do jeito dela. A irmã dela mesmo, a Maria Elena ela, tem os defeitos dela, mas a Maria Elena cede muito pra ela. Porque se não for do jeito dela, não tá bom. Às vezes a Maria Elena não quer brincar e ela, é autoritária, e ela faz a irmã dela ir brincar porque ela quer que a irmã dela vá brincar. E se não for ela fica de cara feia, se a Maria Elena não fizer pra ela o que ela quer pra ela não tá bom, então ela é completamente autoritária. A Elisa. Às vezes ela vem assim, nesse ponto até querer ser comigo, mas eu não deixo. Não aqui é diferente, não é assim. E aí ela, abaixa a bola. Mas se deixar ela quer mandar em você. Então, é bem complicado de entender né, ao mesmo tempo que é um, uma coisa, daqui a pouco já tem aquele defeito, aquela coisa, então.

(E): E aí no dia a dia, a alimentação, você divide com a sua mãe, você faz um pouco e ela também? Em questão da tarefa pelo que você está falando você acompanha.

(MC): Sim. Sim, eu que faço, a não ser que seja uma coisa aí, eu não entendi, né, aí eu mando pra lá, mãe, vê se você entendeu, pai, vê se você entendeu. É, ou então assim, eu tô ocupada, eu tenho alguma coisa pra fazer, aí eles que ajudam, mas geralmente sou eu, elas vem e faz a tarefa aqui. Até porque se fizer lá, ela quer fazer na televisão e a minha mãe não quer deixar fazer na frente da televisão, não tem muita paciência, até comer ela não liga que come sabe,

na frente da televisão, mas na hora da tarefa não porque, aqui na mesa ela já faz tudo de qualquer jeito pra terminar logo, na frente da televisão então, sai só pela misericórdia. Então ela manda pra cá pra fazer. Então geralmente eu que acompanho a tarefa. Alimentação, elas não são muito de comer não viu, a Maria Elena, quer coisa boa. Se tiver coisa boa pra ela, se tiver, quando eu tô fazendo janta ela já vem já chega perguntando que que tem de comida. Se tiver strogonoff ela quer, se for um lanche então nem se fala, se for uma pizza também nem se fala. Que nem eu te falei do café da manhã, se tiver, às vezes o Edú vai buscar pão e lá na padaria de manhãzinha tem pão de queijo, se tiver pão de queijo ela come, se tiver só o, o pão com manteiga ela não quer, ou tem que ser com requeijão, pra ser pão assim sem presunto e queijo tem que ser com requeijão, senão ela num quer. É, comer a gente tá tentando colocar regra nesse negócio tipo assim dum danone, que ela come um dois três dez, se você comprar aquele Yakult ela acaba com o Yakult na hora. Tomando um atrás do outro. A Elisa já não é muito assim de danone, dessas coisas, mas pela Maria Elena danone, bolacha, salgadinho, só porcariada. Então não tem muito controle nisso. Aí chega na hora da comida ela já comeu tanta coisa que às vezes ela não quer comer, come uma duas colheradinha e deixa toda a comida no prato. Então a Elisa é mais tranquila, ela até come a comida, ela não é muito fã de carne, num gosta muito, muitas vezes ela prefere o arroz e o feijão. Mas também se colocar uma cenoura no arroz que nem eu coloquei esses dias raladinho, elas foram comer na minha mãe porque tinha cenoura no arroz, ninguém comeu. É mais ou menos por aí.

(E): Como que tá a rotina do Daniel?

(MC): O Daniel eu, eu dou, ele acorda, às vezes eu já dou banho nele de manhã, às vezes não quando num dá tempo, é, ele toma uma mamadeira de manhã, eu que faço a mamadeira dele, ele mama aqui, e eu já levo ele trocadinho tudo bonitinho pra minha mãe até dado mamá. Aí eu deixo ele lá com ela, passa o dia, é, a médica liberou já frutinhas, essas coisas pra ele, até a gente deu um danoninho por conta ontem, a minha mãe faz um caldinho de feijão com batatinha, dá pra ele. E aí de noite quando ele volta, ela dá banho ainda durante o dia, de noite, de tarde quando eu chego eu dou outro banho e aí ele mama, mais umas duas vezes depois que eu chego e dorme. Então, essa é a rotina dele.

(E): E nos fins de semana?

(MC): Nos fins de semana ele fica mais aqui, comigo o Daniel, a Maria Elena e a Elisa geralmente é dessa maneira que cê vê, não é porque você tá aqui, é sempre lá mesmo na minha mãe, elas vem aqui, brincam um pouquinho, fica aqui um pouquinho. Quando eu faço almoço aqui, quando eu faço almoço aqui, é, geralmente quando eu faço aqui a minha mãe não faz lá, a gente já come todo mundo junto. Às vezes ela faz, todo mundo come junto lá, mas a maioria das vezes quem faz a comida sou eu. É, no almoço ela faz, por causa das meninas, de noite quando eu chego eu tenho que fazer janta porque no outro dia a gente leva comida eu e o Edú, então já, já janta todo mundo aqui mesmo. Então as meninas vem e comem. Durante o dia eu não posso falar muito que ficam mais com ela, mas se tiver porcariada cê pode ter certeza que comem o que tiver, desenfreado mesmo sabe. Elas comem a comida da escola, então elas já vem almoçado mas, se tiver bolacha, salgadinho, Danone, e isso e aquilo, elas comem, num tem muito assim limite pra isso, não tem não. Fala ó você vai comer um por dia, ou uma bolacha pras duas por dia, não tem. Elas comem o que tiver.

5 – (E): Bom, agora é um pouco do que você já falou. Seu filho costuma obedecer ao pai e a mãe? Conte como são as situações que envolvem obediência e regras. Como você reage e entende essas situações? Qual de vocês o filho respeita mais? E aí no caso, o Daniel ainda está novinho, mas as meninas.

(MC): É, por incrível que pareça, mesmo reclamando um pouco, elas obedecem bem o Edú. Ele fala, já arrumou o seu quarto, não sei quê, e elas vão, faz, às vezes meia assim reclamando, mas você vê que tem uma diferença porque mesmo elas reclamando, elas gostam muito dele e num leva em consideração ele chamar a atenção. Bater ele não bate, nessa parte, se é que tem que dar algum, alguma chinelada sou eu que faço, ele fala ó já tá demais assim, e eu que corrijo, quando tem que corrigir. Mas o contrário eu vejo que elas ainda meio que reclamando, mandando uma duas três dez mas elas ainda obedece. Muita das vezes, eu falo assim pra Maria Elena, vai tomar banho, ou até pra Elisa mesmo, nesse caso são as duas. Vai tomar banho. Elas saem daqui, shiii pra casa da minha mãe, daqui dez minutos se eu for lá elas tão na televisão e não foram tomar banho. Aí eu tenho que mandar de novo, vai tomar banho, aí elas vão lá no guarda-roupa, finge que tá vendo uma roupa isso e aquilo, daqui a pouco cê vai ver elas tão na televisão e não foram tomar banho. A hora que eu pego firme mesmo, que eu falo cês vai agora ou cês vai apanhar elas vão. Então assim, é, não é uma coisa assim que uma criança que você falou e ela vai te obedecer, cê tem que falar uma, duas, três, dez, até você perder a paciência, a hora que elas vê que cê não tem mais paciência elas vão e faz. Então a educação delas geralmente é essa. E quando muita, muitas vezes eu perco a paciência a minha mãe ainda deixa eu, eu falar, hoje. Ela deixa eu, eu fazer do meu jeito. Mas muitas vezes também ela, às vezes se opõe e é onde eu me retraio. Se tá lá na casa dela então ela... Então talvez por esse chamado de atenção, por aqui, por mais que a gente esteja no mesmo quintal, mas por aqui ser diferente, elas ficam mais lá. Mais com a minha mãe. Elas vem, brincam, conversam, almoça aqui tudo mas, no mais mesmo, a maioria do tempo, mesmo no final de semana é na minha mãe.

(E): E aí no caso você tenta conversar algumas vezes e quando você vê que não tá adiantando aí você bate? É isso que você tenta fazer?

(MC): A maioria das vezes assim eu já nem bato, aí eu falo pra minha mãe. Falo ó, cê num tá vendo. Outras vezes, poucas vezes, mas outras vezes eu acabo dando uma chinelada sim, não vou mentir não. E ainda aonde elas vão e elas fazem. Mas você vê que, aquela chinelada também não vale de muita coisa não. Se você conversar, num resolve, porque eu já tentei com as duas, já falei. A Maria Elena, meu Deus do céu, eu já nem converso mais, porque a pior coisa que tem é você conversar com a Maria Elena e aí ela tem o mesmo defeito do Marcelo. Parece que você tá falando e ela tá querendo dar risada da sua cara. Se você for chamar a atenção dela, ela não é uma criança que fica triste, ela é uma criança que parece que debocha de você ali, e aquilo me dá uma fúria tão grande, que óia, Deus que me perdoe mas eu tenho vontade de socar ela. Tenho vontade, tenho. E aí eu já não falo, eu deixo pra lá porque, pra mim não perder a paciência eu já nem falo. Porque tem dia que eu vou falar pra você Carol, se eu chamar ela pra conversar, nós duas num, se eu chamar ela pra conversar e ela começar dessa forma comigo de querer debochar da minha cara, cê vê que cê tá falando e a criança, cê tá vendo que cê tá brava, chamando a atenção e a criança tá dando risada de você, gente do céu, aquilo me, me ferve por dentro. E aí eu já nem falo, prefiro não falar. Então assim eu falo Maria Elena vai fazer, Maria Elena vai fazer, e às vezes eu falo mãe, tô falando pra essa menina ir fazer, e ela aí fala vai fazer porque senão a tua mãe cê já sabe, e então ela vai fazer mas tem que falar muitas vezes. Até o Edú mesmo chama a minha atenção, ele fala assim, mor, num tá certo, cê tem que falar trezentas vezes pra ela fazer uma coisa, ele falo no meu tempo a minha mãe falava uma vez e a gente já ia. E hoje, não é assim. Não sei se é a geração, ou se é a criação da gente mesmo que.

(E): E a sua mãe coloca limite, quando ela fala as meninas obedecem?

(MC): Não, a mesma coisa. Mesma coisa. É assim ó, se eu falo, falo falo falo falo, elas num obedece aí eu vou lá, pra mim num bater, porque eu sei que ela vai se opor, mãe ó, e a mesma coisa, ela tá falando, falando, falando, entrou por aqui, saiu por aqui aí ela me grita Clara, ela sabe que quando eu vou e eu realmente imponho, ou ameaço de bater elas vão e fazem. E aí às vezes ela cansa de tanto falar e aí ela me chama. Então ela sabe sim que, ela num quer que ela sabe que eu não tenho muita paciência, porque muitas vezes ela acha que eu resolvo tudo batendo. É, então eu acredito que é isso que ela pensa. Eu num, num vou deixar porque senão ela num tem paciência de ficar falando e ela bate, mas muitas vezes ela também se cansa de tanto falar, e ela acaba me chamando. Porque ela num guenta. Entendeu. Então é, bem por aí. Eu falo num resolve, e eu falo pra ela, e ela tenta dar um jeito, dar uma passada de pano, lá vamo logo porque senão sua mãe tá aqui, ou às vezes ela tá falando, falando, falando, falando e elas entra por aqui e sai por aqui e ela me dá um grito, não precisa nem eu chegar lá, ela só me gritou elas vão e faz. Entendeu. É assim.

(E): E pra você Edú, como que é colocar limite, o que você sente, como você tenta colocar, o que você percebe delas?

(EDU): Ah eu converso com elas, às vezes eu falo um pouco bravo com elas né, mas bater eu num bato e ela acaba obedecendo. Tipo, que nem tomar banho, ela, eu mando ela ir tomar banho e ela fica enrolando igual elas faz, só que aí elas vai tomar banho aí eu já fico de olho até que elas sai do banheiro. Tipo amor será que elas já saiu do banheiro, aí eu vou lá, vou lá bater na porta do banheiro, faço ela tirar. Aí outro dia ela pegou no pé dela, porque ela tomou banho e a roupa ficou lá. Aí vai vendo as duas triste porque a roupa tava no banheiro e ela pegou no pé, fico brava mesmo, elas chagaram aqui até tristinha, quase chorando. A roupa suja na porta do banheiro, a toalha no chão do quarto, não tem. Mas elas obedece sim, custa a obedecer mas obedece.

(E): E tem diferença de uma pra outra? Quando você coloca limite ou elas são parecidas?

(EDU): Ah, tem diferença sim. A Elisa ela, ela me obedece mais. A Maria Elena ela obedece mas um pouco menos, por causa da proteção tipo, às vezes eu falo ela vai pra vó dela aí, aí às vezes até eu vou lá, cadê a Maria Elena? Você já foi fazer aquilo lá que você deixou lá? Ela fica ali, meio no pé da vó dela, vai fazer o que seu pai tá mandando. Aí ela vai. A Elisa ela, já obedece mais.

(MC): É difícil só o dia que ela tá meio assim memo que ela dá uma resmungada, mas geralmente mandou ela vai lá e faz. Ele pega muito no pé também com a questão de escovar o dente, que elas escova o dente tudo correndo...

(EDU): Não escova o dente.

(MC): Tem que ficar mandando, mandando, mandando, mandando. Aí vai escova tudo correndo. Aí ele fala pra elas fazer assim ó haa (*assoprar com o boca para mostrar o hálito*) pra ver se escovou mesmo. Menina, tem dia que a gente quase cai pra tá, ele volta pro banheiro e vai escovar o dente direito. Aí elas vão chorando.

(EDU): Elas vão chorando.

(MC): Porque, a Maria Elena mesmo, se ela chegou da escola, a Elisa também nesse caso, ela chegam da escola, e elas vão pro projeto, elas tomam banho e não quer escovar o dente, porque diz que lá elas vão comer, não mas é lá nós vai comer. Eu falo pra elas assim mas é a

mesma coisa de você levantar e não querer estender a sua cama porque você vai dormir de noite. Eu falei você tem que fazer, é uma questão de higiene. Tudo bem que lá você vai comer mas escova o dente pra você poder ir.

(EDU): Quando ela chega de manhã cedo aqui, a primeira pergunta que eu já, ela já querendo abraçar e tudo, aí calma peraí cê já arrumou a sua cama, hummm, volta lá e arruma a cama depois vem aqui. Aí elas volta meia, mas volta, arruma e depois vem. Já escovou o dente, ah não, aí vai escovar o dente. Agora ela já chega já, às vezes ela já chega tendo escovado o dente aí eu peço pra ver, não volta de novo, aí elas volta.

(E): Você acha que quando você entrou pra família e agora, teve diferença de uma pra outra, na relação que elas com você, de aceitação, de quando você chegou?

(EDU): Não, elas, sempre que eu cheguei na, que a gente começou a namorar elas sempre, elas gostava de mim, sempre gostou. Às vezes quando, eu chegava, eu demorava a chegar um pouco no começo elas já ficava perguntando se eu não vinha pra mãe dela. Agora, tá, me chama de pai, tudo, é pai pra cá, pai pra ali, pra onde cê vai, até se eu vou jogar bola elas quer ir junto também.

(MC): Só tem uma questão. Assim, interferindo. De vez em quando já teve eu acho umas duas vezes que elas falaram assim que no começo ele era mais legal. E aí elas falaram porque, você não me chamava a atenção. No começo, e hoje você briga, elas falam, que ele briga. Aí é onde ele explica pra elas mas no começo a gente falava e não sei se é por causa dele não morar aqui ainda, ser diferente, falava e elas obedeciam e hoje elas não obedecem mais. Aí é onde ele explica pra ela se você fizer tudo certinho, né, a gente não precisa chamar a atenção de vocês, só que porque que a gente chama a atenção, porque a gente tá falando pro bem de vocês e vocês não obedecem. Então algumas vezes elas já chegaram a falar pra ele ai pai, mas no começo você era mais legal do que hoje, aí ele porque, porque você chama a atenção hoje e antes você não chamava. Elas falam. As duas.

(EDU): E se elas vê, às vezes ah, mas você era bonzinho com a gente, agora cê tá mais, cê briga, às vezes pega a sandália pra né, pra. Mas agora. (*Elisa entra na sala*). Branquela azeda (risos).

(MC): Pode levar o pacote lá pra vó filha.

Elisa (ELI): Pode?

(MC): Pode. Fala pra vó que nós já vai lá almoçar viu.

(ELI): Tá. Eu e a vó e a Ana já acabamo de almoçar.

(MC): É? Nós já vamos também.

Elisa sai.

(EDU): Uma coisa também que eu pego bastante no pé delas, pé no chão. Igual escovar o dente, ela chega aqui tá com o pé no chão, volta lá e põe a sandália.

(MC): Mas eu acredito que isso é uma coisa talvez de genética lá atrás. Porque o, o pai das duas diz que mãe dele é meio, tem coisa com índio, alguma coisa assim sabe, E ele diz que mãe dele hoje é uma senhora de idade, mas ela só anda descalça. Ela só põe sapato pra sair

porque tem que por. Senão é só descalça. A vida, toda vida, dentro da casa dela, no quintal assim, ela só põe mesmo pra sair. Do contrário é descalça o tempo todo. Eles sempre falaram. Ela gosta. Eu não conheci ela e as meninas também não, mas eu ouvi falar. Pode ser né, puxa às vezes.

(E): A gente tá falando né, do Edú que teve essa aceitação boa assim, você teve outros parceiros nesse tempo, desde o pai dela, que elas chegaram a conhecer?

(MC): Sim, sim, sim.

(E): E elas aceitaram ou o comportamento foi diferente?

(MC): Muito diferente.

(E): Foi com o Edú mesmo que deu certo.

(MC): Foi, foi. Muito diferente. É, era muito pior. Muito pior do que é hoje a minha relação, com uma outra pessoa. Elas, não respeitavam e aí elas não respeitavam a mim também, e a gente, morou aqui também, num deu certo porque a outra pessoa também não era muito responsável, enfim, não teve, tinha os problemas dele, os defeitos dele, e aí eu entrei muito em conflito com a minha mãe, porque a gente tava junto e a minha mãe se metia bastante. Hoje eu vejo que foi pro meu bem, ela via que tava errado entendeu, e a situação chegou num ponto que eu saí, fui morar em outro lugar, e as meninas não foram comigo. Ela num deixou, ela não deixava nem as meninas irem lá me visitar assim às vezes de final de semana, então eu passei, foi uns dois meses antes do relacionamento acabar, dois meses aí, longe delas. Só vendo de vez em quando, eu passava do serviço, dava uma olhadinha, e ficava mais com ela mesmo, e aí eu vi que elas tavam cada vez se afastando mais do que já era, entendeu, então aí onde meu relacionamento acabou, eu voltei a morar aqui, e, era bem pior, muito pior nessa época. E eu brigava muito com a minha mãe também nessa época. Uma por causa que ela não aceitava o meu relacionamento e outra porque, é, as meninas às vezes não podia nem vim aqui. Teve uma vez que ela fechou a Maria Elena lá e diz que a menina não viria mais aqui. Porque a outra pessoa que tava comigo, meu companheiro, deu um grito com a Maria Elena, e ela não aceitou, que ele. A Maria Elena ela, tinha um armário aqui nesse lugar e a pessoa, é, eu falando pra ela descer, porque ela tava subindo no armário, eu falando pra ela descer, pra ela descer, e que ela ia cair, que ela se machucar, e ela fingindo que não tava nem aí, e aí ele falou cê não tá ouvindo o que a sua mãe tá falando? Mas ele falou num tom alto, e a minha mãe ouviu de lá, ela chamou a menina, e ela disse que a menina não pisava mais aqui. Porque ele tinha que gritar com o filho dele e não com ela, que ele não era pai dela pra gritar. Então foi muito turbulento nessa época, e não tinha autoridade nenhuma, nem eu, a outra pessoa também, não podia ter, enfim. E aonde eu vi que elas tavam cada vez se afastando muito mais do que já era e aí eu parei. Falei não dá, não dá pra continuar assim. E a gente já não tava vivendo muito legal também, foi aonde parou tudo. Mas assim, de melhorar por mais que tenha ainda as dificuldades, de melhorar, de aceitação, deu ter mais autoridade tudo foi mesmo de um ano e meio pra cá quando eu tô com o Edú, melhorou muito, muito, muito mesmo. Tudo, em todos os sentidos.

(EDU): Às vezes possa ser por causa dela ter ido com a minha cara (risos).

(MC): Olha, eu vou falar pra você, eu disse pra ele, e digo perto de você, eu nunca vi a minha mãe falando um a do Edú. Coisa que é muito difícil porque, nunca se deu bem com nenhum relacionamento que eu tive, nunca, nunca, e o Edú ela não abre a boca, ela não fala nada,

muita das vezes ainda ela, se tem alguma coisa assim ela ainda concorda com ele, do lado dele às vezes, é, muito diferente. Acredito eu que foi de Deus mesmo, porque, quando essas coisas são, acredito que vem de Deus e é pra dar certo tudo dá certo, e tudo tem se encaixado, tudo tem melhorado muito desde que a gente tá se relacionando.

(E): E hoje ela não interfere...

(MC): Não.

(E): Como ela interferia nos outros?

(MC): De jeito nenhum. Não, hoje, ela não abre a boca pra falar nada, num, num tem assim nenhum, oposição dela, de maneira nenhuma. Eu vejo até que quando ele chama a atenção das meninas, que nem ele chega a ir lá, muitas vezes ele fala assim aqui, aí daqui a pouco elas corre pra lá e ele vai lá na janela, já foi fazer o que eu mandei, ela ainda ó, teu pai tá falando, ela num tem oposição nenhuma. Mas eu acredito que seja comigo mesmo, talvez por eu falar, falar, falar e eu não ter muita paciência e eu acabo dando umas chineladas nelas e ela não gosta que, que eu bata. Eu não bato assim de, uma chineladinha ou duas, que ela diz que ainda de chinelo deixa mais sem vergonha ainda que talvez seja por isso que elas tão desse jeito né (risos). Talvez se pegar firme mesmo elas obedece (risos). Mas eu não pego, eu dou uma chineladinha assim pra assustar, mas mesmo assim ela não gosta muito. Então eu vejo, que ela, a minha mãe ela ainda respeita mais quando ele fala, se ele vai lá e pega no pé, do que quando eu falo, quando eu falo talvez porque ela saiba que se eu falar uma, duas, eu não vou aguentar e eu vou bater e ela, interfere.

(E): E aí a gente tá falando dos limites, e o seu pai, você acha que ele coloca algum limite, como que é a relação dele com as meninas?

(MC): Uma água morna (risos). Nem pra lá, nem pra cá. Ele sempre foi muito puxa saco da Elisa, muito. Uma vez eu tinha um cachorro aqui em casa e eu tava fazendo comida, e a Elisa sempre foi manhosa, escandalosa, aquelas coisas sabe. E aí ela me pediu um copo de água, e eu lavando louça ali, ajeitando as coisas, dei o copo de água pra ela, e ela saiu. Eu fiquei só olhando. A hora que eu olhei, invés dela beber a água, ela tava virando a água assim ia cair na orelha do cachorro que tava dormindo. Mas aquilo eu fiquei tão brava que eu tirei o chinelo pra ela, no que eu tirei o chinelo, essa menina deu um carrerão daqui pra lá mas gritando, esgoelando no meio do corredor, e o meu pai se assustou de lá, que que aconteceu, que que aconteceu, e ela chorando, chorando, desesperada, porque eu tirei o chinelo, eu nem bati. E aí ele veio fervendo em cima de mim, aquele dia eu achei que eu ia apanhar dele viu (risos). Porque se você quer bater na menina você pega e bate logo você não fica ameaçando pra menina ficar desse jeito, e não sei o que. Nossa, mas eu escutei, eu escutei, mas eu escutei aquele dia, meu Deus do céu. Mas só por eu tirar o chinelo ela já fez aquele escândalo, mas foi a única vez também assim que eu lembro que ele se opôs. Acho que por causa ele viu que ela tava daquele jeito, no desespero, ele se assustou também, e, do contrário. Hoje assim, hoje quando eu vou dar uma chineladinha na Elisa, eu já chego e já seguro logo, porque se ela ver eu tirar o chinelo, ela faz escândalo, não, não me bate mãe, pelo amor de Deus não me bate, já começa a chorar né mô (risos), é até engraçado né, ai meu Deus, ela chora, chora, chora. A Maria Elena não. Se eu vou bater nela, ela apanha calada, e ela já chegou até a depois que eu bater, ela fala assim não doeu. Cê vê que ela é rígida, ela é dura, ela num, muitas vezes ela nem chora, acho que ela fica se remoendo por dentro mas ela não chora, e às vezes ela ainda te afronta, ela fala não doeu. A Elisa já não, se você chamou a atenção da Elisa ela já tá chorando. E ela melhora. A Elisa muitas vezes. Se às vezes eu vejo que ela passa um pouco

do limite, eu pego firme com ela, ou eu sento e eu falo ó é assim, assim, assim, assim, você vê que ela, se torna outra criança. A Maria Elena não. Parece que quanto mais você, se, eu não sei lidar com a Maria Elena, porque se eu agrado, num tá bom. Ela num faz, ela num obedece. Se eu pego firme, parece que ela se torna mais áspera ainda. Então, eu, como eu já te falei, se eu tivesse, eu não sei se tem algum psicólogo de graça, se não tem, mas eu gostaria de ter um parecer de um profissional pra mim entender como eu lidou com ela, porque eu não consigo, eu não, eu não sei lidar com ela. Se eu vou com carinho não tá bom, se eu vou com carinho, ela me dá patada, que nem me deu hoje de manhã, se eu vou agressiva ela fica mais áspera. Ela se afasta mais. Então, como eu já te falei do meu medo, é justamente esse o meu medo, lá na frente, quando ela crescer, como vai ser a nossa relação a minha e a dela. Deus me livre guarde uma hora ou outra a minha mãe faltar, como vai ser? Como eu vou lidar com ela, como ela vai ser quando ela for uma adolescente, será que vai melhorar, será que é só uma fase de criança, e quando ela pegar a adolescência ela vai melhorar, ela vai mudar, ou ela vai ser uma criança assim, e vai crescer assim e lá na frente como que a gente vai, como que eu vou saber lidar com ela. Não sei.

(E): E você já chegou a falar sobre isso com a sua mãe ou não?

(MC): Não. Eu não falo justamente por, porque eu sei que, é, como eu já te disse a minha mãe é uma pessoa muito difícil de lidar, ela fica muito chateada. Eu até quando ela falou dessa, dessa entrevista que você queria fazer, eu fiquei imaginando, meu Deus do céu, se a Carol falar alguma coisa pra ela, meu mundo vai cair pra cá né, porque ela vai, eu falei é complicado. O nosso ponto de vista é completamente diferente. Eu acredito que você me ouvindo hoje você, você já deve ter outro parecer do que ela te falou. Que eu tenho certeza que é completamente diferente. Deve ter dado até um nó aí na sua cabeça.

(E): Não.

(MC): De tudo o que eu falei e ela falou (risos).

(E): Por incrível que pareça não deu nó.

(MC): Não?

(E): Não (risos).

(MC): Mas, eu fiquei imaginando. Então assim nunca conversei com ela, porque a minha mãe é assim, ela é uma pessoa um pouco difícil, ela é muito sentimental, é, dependendo, uma coisinha assim que você fale fora de, de qualquer maneira, tem que ter um jeito pra você chegar, pra você conversar com ela, uma pessoa que se magoa muito fácil, que fica chateada, então pra mim não magoar, eu não falo. Muitas vezes eu não falo porque eu não quero magoar ela. É, eu preciso dela. Entendeu. Então assim, talvez por eu precisar, por eu gostar demais. Eu fico chateada quando os meu irmãos chateiam ela, porque ela fica lá chorando, de canto, e eu não quero ser assim. Eu não quero ser uma pessoa que deixa ela chateada, eu faço o possível e o impossível pra não magoar ela. Entendeu, então eu não falo. Muitas vezes quando ela, tem alguma coisa assim eu saio, eu deixo, deixo a poeira abaixar, deixo, vai levando, vamo vê aonde vai dar, ver o que vai dar. Então eu não falo por causa disso, porque, eu sei que, já teve vezes, deu comentar uma situação com uma certa pessoa, é, nessa época foi até do relacionamento meu do pai com as meninas, comentei uma certa coisa, e essa pessoa depois, chegou nela de uma maneira completamente distorcida daquilo que eu falei, e causou assim, um conflito muito grande. Porque, aquilo que eu falei, assim, é que nem tem um negócio lá

né, eu sou responsável por aquilo que eu te falo e não por aquilo que você entende, eu te falo uma coisa você entende outra e acabou chegando no ouvido dela, eu confiei na pessoa e chegou no ouvido dela de uma forma completamente distorcida daquilo que eu falei. Então assim, eu sou muito preservada, no meu jeito de falar, eu aceitei assim, conversar com você mas, já morrendo de medo.

(E): Não, mas pode ficar na confiança que o que você tá falando aqui eu não vou passar pra ela.

(MC): Depois, depois acabar,

(E): É assim né...

(MC): Entendeu porque o nosso ponto de vista é completamente diferente um do outro.

(E): Sim, tanto que assim né, as entrevistas estão sendo feitas separadas. Que já é pra cada uma poder falar a vontade, sem se preocupar com o que a outra pode se sentir, ou ficar magoada, chateada. Porque é isso né, cada uma tem um ponto de vista.

(MC): Sim, sim. Verdade.

(E): E cada uma tem um ponto de vista baseado na experiência que teve né, cada um no seu lugar, vai sentir alguma e ter um ponto de vista sobre aquilo.

(MC): Sim. Aprendi muito viu, dos meus dezessete anos, dezesseis anos pra cá, foi muita experiência, muitas vezes muito dolorosa, já chorei muito, já me magoei muito. Mas, é, cada dia um aprendizado, a gente vai aprendendo a lidar com as situações, né, e não cometer os mesmos erros, procurar não cometer os mesmos erros, falar não aqui eu já aprendi. É como eu te disse, do Daniel foi completamente diferente, hoje eu não deixaria. Ela, por mais que ela goste, por mais que ela ame, por mais que eu precise, eu não deixaria ela, abraçar pra si como ela fez com as meninas. De jeito nenhum. Jamais. Eu, a gente foi uma coisa planejada, e eu disse pra ele, eu falei, eu até te comentei né mô, eu falei pra ele eu quer ser pra ele a mãe que eu não fui pra elas. Eu quero ter, mas eu, eu quero ser mãe. Então assim eu preciso dela, pra ela me ajudar, porque eu preciso trabalhar, mas com limite. Tá aqui, ela é vó, ela ama, ela me ajuda a cuidar, mas a parte de corrigir é minha. Vai ser diferente, muito diferente, cê pode ter certeza.

6 – (E): Conte como foi a aquisição de autonomia do seu(ua) filho(a) (desmame, andar, ir para a escola). Como você se sentiu?

(MC): Desmamaram muito cedo, né. As duas. Uma porque, é, eu não se por causa do estresse, daquilo, apesar que não foi estresse porque do Daniel foi bem tranquilo e com três meses também o leite secou. Da Maria Elena eu fiz de tudo, eu fui no pediatra, ele me deu um remédio pra espirrar no nariz, meia hora antes do mamá, pra aumentar o leite tudo, até o, quando, até os três meses o peito estufava assim, que tinha que tirar na bombinha, com três meses secou, de todos eles, até do Daniel. Não tinha mais leite. Então assim, desmamaram muito cedo, é, eu voltei a trabalhar muito cedo, não convivi muito, é, a Maria Elena eu peguei um pouquinho do andar dela, como eu te falei, eu chegava do trabalho né, e ela ainda queria aquela atenção, mas eu, mesmo com aquela correria ainda saia ali pra fora, andava um pouquinho, não tinha muita paciência na época, não tinha, daí eu acho que já por tar sobrecarregada, estar trabalhando o dia inteiro, chega em casa tinha coisa pra fazer, e isso e aquilo, então era mais a minha mãe. A Elisa quando eu cheguei um dia ela já tava andando,

nem vi, começou a andar, e o Daniel vamo vê aí, se Deus quiser eu vou conseguir acompanhar mais essa parte dele.

(E): Com relação a ir pra escola cê falou da Maria Elena que foi um pouco difícil, quando foi a Elisa foi mais fácil?

(MC): Foi. Foi. Porque eu coloquei ela mais cedo também, a Maria Elena era uma criança que, quando a gente chegou aqui em Bauru, ela tinha um ano e pouquinho, já tinha umas reuniões no projeto, que a minha mãe participava, é, na época se eu não me engano era até, era, curso de panificação que ela começou a fazer, e tinha uma salinha que uma moça ficava lá com as crianças, não sei se chegou...

(E): Sim, mas...

(MC): É até hoje? Ainda em?

(E): Não tem mais, mas antigamente tinha, quem ia fazer o curso deixava...

(MC): Isso, isso.

(E): Numa determinada idade a criança poderia ficar ali.

A Elisa entra na sala e conversa com Edú cochichando. Depois deita no quarto ao lado e liga a televisão. A Maria Elena também chega e vai assistir televisão com ela.

(MC): Isso. Ela não ficava. Parece que ela tinha um medo de outras pessoas sabe, ela, ela grudava na minha mãe e não desgrudava de jeito nenhum. Então ela queria que ela, ela se sentia protegida com ela. Então ela deu muito trabalho pra entra na, na escolinha. Já a Elisa, como eu coloquei ela bem mais cedo, ela já acostumou, e cresceu, e se dá bem até hoje, não tive problema nenhum com ela. Já o Daniel eu já fiquei meio assim de colocar, porque hoje em dia a gente vê tanta violência, né, de oito anos pra cá mudou muito, a gente vê tanta coisa assim, e ele novinho. Eu queria colocar ele se fosse aqui no Gilda aonde as meninas estudaram, porque eu confio no pessoal, as duas foram ali, já desde a, a Maria Ele, a Elisa já desde o berçário, a gente vê que era bem tratado. Só que eu tentei vaga ali e não consegui, então eles me encaminharam lá perto do, da Duque de Caxias, que deixaria o nome, mas como tem acho que mais três creches perto, eles falaram que, talvez não poderia ser pra li, poderia ser pra uma outra que abrisse, então eu não corri atrás até hoje porque eu não quero colocar num lugar que eu não confio. Então tá com ela por enquanto, novinho.

7 – (E): Como era a sua relação com os seus pais ou figuras cuidadoras quando criança? Pros dois.

(EDU): Não entendi.

(E): Como que era a sua relação com os seus pais quando você era criança?

(EDU): Com o meu, não na verdade com a minha mãe. Que meu pai, é, separou da minha mãe acho que eu tinha um, ela fala que eu tinha uns, não tinha nove mês ainda. E eu não tenho muita lembrança não porque a gente sempre mais foi, foi do interior né, nós trabaiô na roça e, a minha convivência mais era com meu tio que me criou. Ele sempre levava eu pro meio, pra onde ele ia, então eu era mais apegado a ele do que a minha mãe.

(E): E como que era a educação que eles davam? Seu tio, a sua mãe, quem você convivia mais...

(EDU): A educação era bem...

(MC): Bem rígida.

(EDU): Bem rígida. Se ele falasse, tipo, vai fazer aquilo ali, tipo alguma coisa que ele mandava, pedia, ele falava procê, cê já tinha que obedecer na hora, senão, o sapatinho comia.

Peço para aguardarem por um momento para eu salvar a gravação, porque um dos dois celulares que estava gravando travou.

(E): Sim, ó espera só um momentinho, deixa eu salvar, porque esse outro aqui...

(MC): A hora que ele terminar de falar vocês querem almoçar? Senão vai esfriar a comida. Aí vai ficar muito frio, e comer comida fria eu não gosto não (risos).

(EDU): Tá acabando.

(E): Está acabando, falta pouco.

(MC): Ah, então vamo terminar. Tá na sexta pergunta, quinta?

(E): Tá na sétima.

(MC): Ah, então, é só nove?

(E): É.

(MC): É? Então tá acabando.

(EDU): É (risos).

(MC): Eu já falei várias né, meu Deus do céu.

(E): Posso colocar o carregador aqui?

(MC): Pode.

(E): Essa tomada tá funcionando?

(MC): Tá sim. Vai lá na vó pra gente terminar a conversa (*se referindo a Elisa, a Maria Clara já foi embora*), depois cê vem, vai ajudar a vó a cuidar do Daniel.

(ELI): O Daniel tá dormindo.

(MC): Tá? Então vai assistir televisão.

(E): Deixa eu colocar, eu salvei aquela porque no outro celular travou ó.

(EDU): Mas você consegue enxergar alguma coisa aí? (*se referindo à luz do celular estar no modo mais econômico, com a tela quase apagada*)

(E): Hum?

(MC): Tá escuro.

(E): Tá escuro porque se eu deixar no mais iluminado vai gastar a bateria mais rápido.

(MC): Ah, tá.

(E): Mas dá pra enxergar. Peraí. Aí tá vendo porque é importante ter dois?

(MC): Né.

(E): Sim.

(MC): Já pensou a gente ter que falar tudo de novo, meu Deus.

(E): Nossa, não né, não (risos).

(EDU): Agora não precisa falar tudo né, ela já tem um bom conhecimento do que nós falou (risos).

(E): Mas sabe o que é, precisa ser exatamente aquilo que vocês falaram. Porque se eu anoto...

(MC): Você vai usar a gravação ou você vai ter que transcrever tudo o que a gente falou?

(E): A gente vai transcrever.

(MC): Caraca.

(E): Transcreve tudo, da sua mãe também, já foi transcrita. Pra ficar tudo exatamente...

(EDU): Mas tem umas partes que cê corta né?

(E): Não.

(MC): Exatamente.

(E): Exatamente tudo o que falou.

Conecto o celular no carregador e dou continuidade a entrevista.

(E): Sim, e aí você tava falando da educação que você teve como que era.

(EDU): A, que a educação antigamente, era o que, era 1987, até, até os meus, quinze anos, eles sempre me educaram bem, naquela educação bem rígida sabe, você tem que obedecer senão, o chicote comia. E, a primeira vez que eu fui pra escola eu num entrei na escola, cheguei lá na, porta da escola, a mulher, a professora, que recebe os aluno né, e eu não entrei, eu voltei pra trás mas não entrei. Quando eu cheguei em casa, ele num tava em casa, mas quando ele chegou as minhas irmãs contou e ele chamou eu e colocou de castigo, e bateu em mim. No outro dia eu fui eu entrei.

(MC): Não entra pra ver.

(EDU): Aí, eu sempre gostei de estudar sabe, mas a minha prioridade era mais a matemática. Matemática eu sempre estudei bem. Nunca tirei nota baixa, até o, a oitava série. Quando eu parei de estudar eu acho que eu tinha, quatorze ano. Com quatorze ano eu já tinha chegado, não era quatorze eu acho, era quinze, por aí, eu já tinha ido pra oitava série. Aí eu parei de estudar que, nós teve que mudar de, de lugar, e num, pra onde a gente ia também era tudo mais difícil, que sempre lá é tudo mais difícil né. Mas eu fui bem educado, apesar de eu ter estudado pouco eu aprendi bastante. Nunca fiz, nada tipo, de errado, e hoje eu, eu tenho um conhecimento do, do que eu vivi na minha infância e que foi bem, me ensinaram bem, me educaram sabe. É isso.

(E): E você Maria Clara?

(MC): Eu, até os meus, treze anos, é, eu minha mãe num, num se coisava muito, eu sempre fui mais pro lado do meu pai. É, eu lembro que quando eu era criança, às vezes como eu te falei já eu queria, não queria ir pra escola, e meu pai não, deixa ela, só hoje, isso e aquilo, então assim porque ele me protegia bastante, e eu sempre gostei muito dele também. Meu pai é, tudo pra mim. Eu sempre falei isso. Meu pai é, meu porto seguro, é, eu gosto muito dele, admiro muito ele. Então assim, às vezes a minha mãe ela nunca teve muita paciência comigo, entendeu. É, vamo se dizer assim, talvez ela conta que desde que eu era bebê, quando ela teve eu, passado pouco tempo a minha vó faleceu, então ela ficou muito triste, parece muito coisa, e aí desde então o meu pai que, que cuidou mais de mim, que dava mamá, que me dava banho, porque parece que ela entrou um pouco em depressão nessa época quando a mãe dela faleceu. E eu era muito novinha, então assim meu pai que me criou mais. E ela já tinha os meninos né. Então assim, desde criança eu percebia que parece que ela não tinha muita paciência comigo, tinha um, uma coisa que me dizia isso entendeu, já dentro de mim eu sentia, que era um pouquinho diferente ali. Principalmente com o Marcelo como eu já te falei. O Marcos também, ela ainda gostava mais, mas o Marcelo, era o xodó dela. Então tinha essa diferencinha. E o meu pai, eu era muito ligada com ele. Muito. Às vezes assim, teve uma vez que a gente, ela, eu não lembro o motivo, mas ela ficou brava comigo e ela queria me bater, e o meu pai pegou eu, é, nesse dia, eles até discutiram os dois assim, discordaram, é, nunca teve briga assim graças a Deus de agressão não, mas discórdias assim dos dois, é, e ele pegou eu e a gente foi viajar. Fomo, saímo, fui pescar com ele, mas a gente chegou aqui já era de noite. Então é assim ele sempre me protegeu muito. Ele sempre teve muito mais paciência comigo do que a minha mãe. A minha mãe ela nunca teve muita paciência e, acho que pelo fato dela sempre ficar muito doente também é, eu lembro mais dele. Às vezes ela pegava muito no meu pé, pra mim ir pra escola, ela também era uma pessoa que ela não gostava da gente com muita amizade, eu nunca tive muitos amigos, hoje mesmo, era só os amigos de escola e na época da escola, às vezes as meninas que a gente convivia na escola, no projeto, vinham assim no portão, querendo conversar, querendo ficar ali, e ela nunca deixou ficar aí no meio de molecadinha. Às vezes podia não ter nada pra fazer aqui dentro de casa, mas chegava ali no portão ficava com meia horinha de conversa ali ela já chamava pra dentro, vem que tem isso pra fazer, chegava aqui não tinha nada, era só pra mim não ficar ali conversando. Entendeu, então assim ela sempre me preservou muito, nunca foi de deixar ficar na rua, é, amizade aqui dentro de casa também era uma amiga ou outra assim que era mais confiável ali que podia vim, brincar um pouquinho, mas também nunca fui de tá pra casa dos outros. Assim, eu cresci a maioria do tempo posso dizer que sozinha. Só eu. As amizades era ali no período da escola, que cê tava ali, que cê convivia, mas fora isso num, num tive muita. É a maioria do tempo meio que sozinha mesmo, eu e meus irmãos. Mas eu acredito que eu fui bem educada também, num tenho muito o que reclamar não, apesar da gente por muitas vezes, hoje a gente se dá muito bem, nós duas, mas nós já tivemos aí umas, uns perrengue bom. Mas assim, quando eu fui vendo que os meus irmãos foram crescendo, e que eles não davam aquele amor

que ela precisava assim, não sei, parece que alguma coisa dentro de mim assim eu não gosto de ver ela triste, não gosto mesmo, não gosto de ver ela triste, não gosto de ver ela chateada, é, eu tô sempre ali se ela tá bem, tá tudo bem sabe, é, eu tenho um amor assim, depois dos meus treze anos pra cá tudo mudou. A gente era muito afastada até então, mas depois dos meus treze anos é, a nossa relação foi ficando, assim eu fui me aproximando mais dela, ela foi se aproximando mais de mim, a gente sempre foi, apesar das diferenças a gente foi sempre muito unida, com dezesseis anos eu já comecei a trabalhar, então ela ia, ela ia lá na cidade todo dia, que eu tinha o cartão de passe, ela ia, a gente almoçava junto todo dia, é, ela ia me buscar depois do trabalho, é isso foi pouco tempo, foi questão de oito meses, porque depois já desses oito meses deu trabalhando lá no centro, aí a gente já foi embora pra Jaú e logo engravidei da Maria Elena onde começou toda a história, que foi com dezessete anos que eu engravidei dela, então até esses oito meses aí a gente foi sempre muito unida, muito próxima e realmente os problemas nossos, as nossas diferenças, e discussões depois disso começou, depois que as meninas nasceram. Com o tempo que foi crescendo e aí veio as discórdias e isso e aquilo. Mas é, acredito que eu fui bem educada também, hoje eu, eu acho que num, num me arrependo não de nada e também da educação que eu tive eu acho que foi muito boa, às vezes que eu apanhei, que era mais ela que me batia, que meu pai nunca me bateu, era ela que me batia, até ela conta que vez eu tinha a mesma mania da Maria Elena, de deixar roupa assim revirada, de tomar banho e deixar a roupa jogada, e eu lembro que uma vez ela tinha comprado um, uma roupa e calcinha nova pra mim, e eu já era mocinha, eu já tinha acho que uns sete, oito anos, tinha a idade da Maria Elena, mais ou menos o tamanho da Maria Elena, e ela trabalhava e ela dava, tudo o que eu queria também, da mesma maneira que é da Maria Elena, apesar da gente ser meio distante, mas ao mesmo tempo ela fazia os meus gosto, só que o meu pai me protegia como ela protege a Maria Elena, na verdade né, o meu pai não gostava que ela brigava então eu corria pro meu pai, cê entendeu, é, aí ela comprou roupa nova pra mim, e aí eu, a gente ficava sozinho o dia inteiro em casa eu e o meu irmão, ela trancava o portão, e o meu irmão estudava, eu estudava de manhã e o meu irmão estudava a tarde, então o serviço era dividido, uma semana eu limpava aqui dentro e ele limpava o quintal, na outra semana eu limpava o quintal e ele limpava aqui dentro. E se a gente chegasse e o serviço não tivesse pronto, a gente apanhava. Tinha que tá pronto. E hoje, eu já cheguei a falar pra ela, eu falo você era tão rígida com a gente porque que você não ensina a Maria Elena, do jeito que você era com a gente? Hoje eu tento ensinar e você não deixa, da mesma maneira entendeu. Então assim eu lembro uma vez a gente tinha pulado o muro pra ir pra rua, que ela passava o dia inteiro fora trabalhando, a gente pulou o muro, lógico chegou na hora dela chegar, mais ou menos ali a gente sabia o horário que ela chegava e a gente entrou pra dentro, ela chegou aqui não tinha nada pronto, mas ela pegou nós nesse quarto aqui, os dois, de borracha, minha fia do céu, o negócio voou estrela. E a gente fez o serviço depois, a hora que ela chegou, ela num fez, ela bateu na gente e a gente teve que fazer. E a outra ocasião foi a ocasião da roupa, que ela comprou e eu tomei banho e eu nem sei, acho que ficou uma calcinha jogada ali no quintal, a hora que ela chegou a calcinha tava jogada no quintal. Ela num falou nada, ela saiu daqui, ela foi lááááá na minha vizinha de baixo, ela pegou uma mangueirinha de nível, cortada, que ela pediu pra vizinha, depois a vizinha até veio tirar sarro de mim sabe, porque ela falou que era por causa disso, porque ela ficou muito brava, porque ela trabalhava o dia inteiro, ela comprava as coisas pra mim e eu deixava da mesma maneira que a Maria Elena deixa. E ela chegou e ela me bateu, me bateu muito nesse dia, até a mangueira pegou assim e ficou um vergão no meu rosto, porque pegou na hora dela bater pegou no meu rosto e ficou um vergão no meu rosto, da mangueira, e ela diz que ela tava me batendo por causa disso, porque ela se matava de trabalhar pra comprar as coisas pra mim e eu não dava valor, e isso e aquilo e explicou tudo porque ela tava batendo, e ela me bateu muito naquele dia. Então assim, ela era bem rígida. E eu acho que por causa do meu pai também ver esse jeito dela, ele,

acolhia um pouco, então eu sempre fui muito ligada com ele. Mas já depois assim, já dos meus doze anos por aí, ela já era mais de falar, eu também já obedecia mais, já entendia mais, num tinha muito porque apanhar, era mais quando era mais criança mesmo. Mas ela sempre foi muito rígida. Mas apesar disso a gente também tinha as nossas diferenças mas ao mesmo tempo somos muito unidas até hoje.

(E): E o que que aconteceu com os seus treze anos que a coisa começou a mudar no seu relacionamento entre ela?

(MC): Na verdade ela sempre me falava do meu, do meu relacionamento com o meu pai. Assim, porque, a gente era muito unido, mas o meu pai também, ele me preservava muito assim né, é, e ela falava assim, cê vai vê, quando você quiser namorar, que seu pai num vai deixar, porque não sei o que, e isso e aquilo, porque eu era assim daquela filha que eu deitava ali no meio dos dois, às vezes eu dormia ali, entendeu, e eu deitava no colo do meu pai, meu pai era, eu sei que Deus tem que ser maior que tudo, mas meu pai na época era um Deus pra mim, vamos dizer assim, era Deus no céu e meu pai na terra. Entendeu. É, e aí acho que foi mais assim que a gente se aproximou quando eu já comecei a querer os primeiro namorico, que aí o meu pai pegava no pé e ela, e ela então me apoiava, falava não ela tá crescendo, é assim, assim, assim, e até foi o meu primeiro namorado foi o moço da igreja, na época o namoro era completamente diferente, era como se fosse um amigo, ele vinha aqui, às vezes ele dormia, mas eu dormia na época no quarto da minha mãe e esse moço dormia aqui, que era onde os meninos dormiam, então ele dormia aqui e a gente passeava como se fosse um amigo o dia inteiro. Entendeu. E, isso eu tinha treze anos o meu primeiro namorado, foi onde ele ia, a gente começou a se aproximar mais, porque eu via que por mais que ela era completamente rígida lá atrás, por ela não deixar nem eu conversar com uma amiga, depois de um certo tempo ela começou a me apoiar mais, que ela via que eu tava crescendo, e aí ela começou a vim mais pro meu lado, então onde eu talvez eu comecei a olhar ela com outros olhos, porque eu não entendia o porque que eu não podia nem ter amizade. Muitas vezes eu ficava chateada com isso, deu querer tá ali, as minhas amigas vinham no portão e ela me chamar, muitas vezes não tinha nada pra fazer mas ela não gostava que eu ficasse, de conversinha no portão. Talvez medo né de, crescimento, não sei enfim. Não sei os motivos dela. Mas às vezes isso me chateava. E quando chegou lá na frente ela já deu um apoio maior, ela já viu assim, ah ela tá crescendo, ela tá isso, ela tá aquilo, ela me apoiou mais. Então foi onde a gente se aproximou mais. A partir desse ponto aí eu, comecei a ver já com outros olhos.

(E): E você falou um pouco do Marcelo mas o que você percebe de diferença do tratamento que ela deu pros três filhos?

(MC): O Marcelo ela sempre passou mais a mão na cabeça dele. É, o Marcos nem tanto, eu também nem tanto, eu, o Marcos nem tanto, eu bem menos, quando a gente era criança. Mas o Marcelo ele tinha, eu cheguei a falar pra ela, que o Marcelo, se a Maria Elena fosse filha dele, não parecia tanto. Porque eu vejo a Maria Elena, eu vejo o Marcelo, lá atrás. Mesmo jeito de você chamar a atenção e ele dar risada, o Marcelo era desse jeito. A minha mãe ia falar com ele, ele dava risada. Igualzinho Carol, é a mesma coisa assim ó, tirou o xérox do Marcelo e colocou na Maria Elena. Mesma coisa, mesma coisa assim, e eu falando pra você talvez você não consiga entender, mas é a mesma coisa do meu irmão. E o proteger dela também é o mesmo, o meu pai queria levar ele pro serviço e ela, não é o meu sonzinho, deixa ele aqui que ele vai me fazer companhia, porque não sei o que, e sempre protegendo, sempre passando a mão, nunca deixou o meu pai ensinar aquilo que ele sabia, que o Marcos sempre acompanhou meu pai no trabalho, pouco ou muito hoje ele sabe de pedreiro e se não sabe mais é porque, já

aí depois de um tempo ele já num deu muita importância, num quis saber, quis passar pra outro rumo, mas pouco ou muito ele, o meu pai conseguiu passar pra ele. Já o Marcelo o meu pai não teve essa oportunidade. E, então assim, a Maria Elena é o xérox do Marcelo. Resumindo a história. Tudo o que eu vi ali o meu irmão, crescendo e tudo eu vejo hoje de novo, se repetindo a mesma cena com a minha filha. Só que na época era meu irmão e hoje é minha filha. Mesma coisa. O mesmo jeito, a mesma dificuldade pra falar, que ela tem dificuldade pra se expor, quando ela, às vezes tá meio nervosa, você vê que ela não consegue falar, ela já começa a meio querer chorar, volta e meia ela chega, ela fica assim, sabe, coisando as mãos, você vê que isso tudo é um, tipo de nervosismo, uma coisa, às vezes você vai falar com ela, ela já começa a chorar do nada, tem dia que eu chego do serviço que eu não posso nem oiá pra ela que já começa a chorar. Cê manda ela fazer alguma coisa, aí tudo eu, não sei que, a mesma coisinha, o mesmo, jeito dele, no começo, eu vejo nela, hoje. Mesmas coisas.

(E): Bom, você falou da relação do Marcelo com a sua mãe. E o Marcos?

(MC): Ah, eu não lembro muito assim, o Marcos já era um pouco mais velho, é, eu lembro que o Marcos era bem tranquilo, até uma certa idade, até uns dezessete anos, foi tudo muito tranquilo, e o meu pai sempre levou ele pro trabalho, é, acompanhou bastante o meu pai, não ficava muito assim com a minha mãe, era mais também pro lado do meu pai, que ele sempre considerou meu pai. Meu pai não é pai dele mas sempre considerou. É, agora já aí de uns, dezessete anos pra frente, o Marcos começou a dar muito trabalho pra ela. Também, já com, juntou com amigos, é, começou a querer fumar, e aí ela descobriu, ela pegou no pé, ele estudando a noite, e aí hoje graças a Deus não fuma, parou por aí a história, é, ele era roqueiro, então assim, o Marcos ele, por a minha mãe ser muito rígida, um dia ele falou pra ela que não via a hora dele ter dezoito anos pra ele, sair fora de casa. E ela disse assim pra ele que com dezoito ele não sairia, que ele só sairia com vinte e um, porque homem só é maior de idade com vinte e um anos. E, assim que ele fez vinte e um anos ele casou e, e não quis nem saber. Hoje ele se arrepende muito, porque casou também meio que de qualquer jeito, casou com uma pessoa que talvez não era muito certa, faz dez anos que tá levando o casamento, mas levando daquele jeito. Empurrando com a barriga por causa dos filhos hoje. Muitas vezes ele chega hoje e reclama pra minha mãe, e a minha mãe fala tá vendo, cê achava que era ruim aqui dentro comigo. Mas hoje você vê que a situação, então assim foi bem tranquila a relação dos dois até onde ele quis começar a criar asa de jovem, né, de eu sou dono do meu nariz. Mas até então foi bem tranquilo.

(E): E hoje? A relação dele com ela?

(MC): Hoje ela se magoa direto. A primeira vez que ela se magoou foi numa reunião que teve se eu não me engano no projeto mesmo, na época teve uma reunião e desde bastante tempo, desde que eu entrei no projeto que ela participa dessas reuniões, e se eu não me engano foi no projeto a reunião, que perguntaram pra ela, né, nesse meio de reunião tava todo mundo ali, perguntaram pra ele o que era família pra ele, e ele disse que família era os amigos. É, as pessoas, enfim, deixou bem claro que era as pessoas de fora, e não o pai e uma mãe, entendeu. E ela chorou muito, ela chegou e ela falou pro meu pai e, meu pai aí não fica assim né, cada um tem um jeito de pensar, a gente sabe que a gente tá fazendo o que pode. Depois disso, é, ele casou, aí também ele já não considera a nossa família família dele, porque ele se, ele se coisa naquela passagem da bíblia que fala que deixa teu pai e a sua mãe e constitui uma nova família, que aí o pai e a mãe já não é mais família, então assim, às vezes ela fica ligando atrás, ela fica correndo atrás, se não ligar ele também às vezes não vem, some, não dá notícia. Na verdade assim hoje até parou um pouco, porque ele tá vendo que a situação dela não tá muito

boa financeiramente, mas quando o meu pai trabalhava isso há um ano, uns dois anos atrás, era assim ele sumia e ela ficava ligando, ligando, ligando, ligando. E ele nunca teve muita cabeça, pra dirigir a casa dele. Então é assim se eles tem dinheiro, é comer lanche, é churrasco, é isso e aquilo e aquilo outro, e depois quando vem as dificuldades era aqui em casa que ele batia. É, e o meu pai sempre pegando no pé da minha mãe porque ele tinha que aprender a ter responsabilidade, pegou o dinheiro primeiro a casa, então assim eles não faziam uma compra boa e isso e aquilo e gastava todo o dinheiro, e a minha mãe muitas vezes escondido tirou compra daqui de dentro de casa pra manter a casa dele. Entendeu. É, e aí ela tirava escondido porque ela sabia que o meu pai ia ficar bravo. Porque ele tava se matando de trabalhar já pra sustentar nós, e as minhas filhas, e, e ela ainda tirava pra. Até uma vez eu fiquei assim, muito magoada, muito chateada. Porque quando foi pra entrar, com a pensão das meninas, eu não queria entrar. Falei não eu mesma sustento, né, o pai me ajudando, e ela insistiu pra mim entrar. E meu pai trabalhava prum, pruma advogada é, que essa advogada gosta muito dele, é Deus no céu e a advogada na terra. E ela fala mesmo, o Edú conheceu ela esses dias né mô, que é muito honesta, muito não sei o quê, e ela fala muito bem do meu pai. E ela entrou então com a ação contra o pai das meninas, é, de graça, ela não cobrou nada. Mas pra ela fazer isso eu tive que, passar por uma breve humilhação no escritório dela. Pra ela poder fazer. E ela ia entrar, e antes disso ela tinha mandado umas roupas pelo meu pai, volta e meia ela mandava alguma coisa assim, quando meu pai trabalhava pra ela, ela mandava algumas roupas, algumas coisas, e, nesse dia eu fui lá pra ela entrar com a pensão das crianças, e ela disse assim pra mim, olha, em primeiro lugar eu quero deixar uma coisa bem clara pra você. Eu vou fazer mas não é por você. Que você não merece. Ela falou eu vou fazer pelo teu pai. Porque eu gosto muito dele. E porque eu não acho justo você ter levado duas filhas pra dentro da casa dele pra ele criar. Aí ela falou assim em primeiro lugar você não é uma pessoa agradecida, porque eu sempre mandei as coisas pelo teu pai e você nunca ligou pra me agradecer. (*Silêncio, Maria Clara começa a se emocionar*). Ela falou desse jeito, olhando assim pro meu olho como eu tô olhando pra você. A tua mãe reclamou do Marcos, que o casamento do Marcos não é muito bom, que é isso e aquilo, mas eu tenho orgulho do teu irmão, ela falou, porque com todas as dificuldades dele ele nunca levou duas crianças pra dentro da casa do teu pai. Pra ele criar. (*Cada frase é dita com intervalos de silêncio, Maria Clara está muito emocionada*). Eu saí do escritório dela, peguei o ônibus, cheguei aqui em casa aos prantos, chorando.

(E): Eu imagino.

(MC): Chorando muito. Quando eu cheguei aqui ele, perguntou o que que tinha acontecido. E eu contei. E eu ainda tive que escutar assim. Num ponto ela num tá errada. (*Silêncio*). Ela tá certa (*Maria Clara diz essa frase bem baixinho*). Meu pai me falou isso. Mas eu sempre trabalhei pra ajudar sabe. O meu dinheiro era todo na mão deles. Eu fiz o que eu pude (*chorando*).

(E): Mas é uma coisa que machuca muito ouvir.

(MC): Aí quando eu tava também trabalhando, que eu saía trabalhava a noite, né, nessa época. A minha mãe chegou num já ponto de assim, quase na época da saída da dona Lúcia porque a minha mãe já não tava aguentando mais olhar as duas, ela tava lavando louça aqui. E um dia ela falou pra mim. Que eu não prestava nem pra ser mãe. Nossa, eu preferia ter lavado um tapa na minha cara do que ouvir isso dela. Me matando de tanto trabalhar. Então são assim coisas que magoam, mas também ensina muito. Aprendi muito. Desde então aprendi muito. Mas não é por isso que eu não deixo de amar eles, sabe hoje a gente se dá muito bem, mas

tem coisas que marca né, que a gente nunca esquece, nunca. (*Silêncio, Maria Clara está muito emocionada*).

(E): Porque são palavras muito fortes né. E vindo de uma pessoa de fora. E assim, fazendo um favor que na verdade você nem queria.

(MC): Eu não queria na verdade, a minha mãe insistiu muito, não, não tá certo, ele tem que. Por isso que eu, eu não pego Carol, eu não pego um centavo, eu não pego, o cartão meu, eu abro uma outra conta no banco pra mim, se eu precisar depois ter um dinheiro alguma coisa, o meu cartão do banco fica com ela, eu não pego um centavo, ela administra da maneira que ela quer, chega no dia ela tem a senha ela vai lá, ela tira ela faz. É, um dinheiro que, foi muito sofrido pra ganhar ele sabe. Foram palavras que, não dá pra esquecer jamais. (*Silêncio*). Pra mim eu não faço questão nenhuma. (*Silêncio, Maria Clara vai se acalmando*).

(E): Você tá falando da relação né, você falou um pouquinho do Marcos, e agora você trouxe a situação também que a pessoa mencionou, de ter trazido os netos né, que você acabou trazendo, que que você percebe de diferença na relação dos seus pais com os netos do Marcos? Porque com as meninas eles estão convivendo, eles estão bem próximos...

(MC): É, o meu pai até hoje ele num, assim ele num tem paciência com as meninas do Marcos, parece que nem considera muito na verdade. A minha mãe no começo ela quis se aproximar, é, da Lavínia, mas a Mirela nunca deixou. Na verdade quando a gente foi pra, pra lá pra Jaú quando ela foi fazer esse tratamento, que a gente foi pra lá, ah, ela tentou se aproximar na época, mas a Mirela fez uma desfeita muito grande pra ela lá, entendeu, a Mirela fez uma desfeita muito grande e ela então já deixou. É muito raro as meninas vim aqui, ficar aqui. Eu vejo assim que eles, é a minha mãe ela faz o que ela pode, na medida do possível, se tem um aniversário ela faz um bolo, entendeu, ela dá, o meu pai também dá, às vezes meio reclamando, porque fala ah, que eles nem, eles num ligam muito pra eles, as meninas principalmente. A Lavínia ela desfaz muito da minha mãe. Pra ela a vó dela, os parente dela é a família da mãe dela. Então assim, eles fazem na medida do possível, mas num tem aquela, nem a metade da consideração que eles tem pelas minhas filhas. E de certa forma, eu digo assim, que ele não trouxe, mas mesmo sem meu pai saber ele tava ajudando, porque ela tirava pra mandar, só que ninguém sabe. Por muitas vezes aconteceu. Entendeu, então não era uma coisa visível como no meu caso, que todo mundo via, mas é, acho que o pior é isso, você sabe que acontece praticamente a mesma coisa, mas outra pessoa ainda sai por, por boa porque, num trouxe assim visivelmente né.

(E): E ainda ter que ouvir de uma pessoa de fora, como a gente falou...

(MC): Que vai te fazer um favor e...

(E): Exatamente.

(MC): E te humilha antes de fazer esse favor.

(E): Sim.

(MC): Pra mim foi uma humilhação muito grande.

(E): Você acha que se, tivesse acontecido uma situação semelhante com o Marcos, como foi com você, das crianças virem morar aqui, a sua mãe teria assumido? Seus pais, como assumiram as meninas?

(MC): Sim. Sim. Sem a mãe, né.

(E): Isso.

(MC): Porque já tentaram morar aqui e não deu certo, porque a minha mãe não se dá bem com a Mirela. Sim, com certeza. Isso é, lá no começo lá atrás.

(E): Sim, sim.

(MC): Hoje, também não. Porque hoje as meninas já tem um certo tipo de educação, é, dada por eles, que a minha mãe também não tem muitas paciência, às vezes pede pra ficar aqui um pouco, a minha mãe deixa, porque né, mas cê vê que num tem paciência, mas lá atrás quando eram bebês com certeza. Sim, abraçaria também da mesma forma. Não tenho dúvida disso.

(E): Você falou um pouquinho da sua mãe com relação aos filhos, e o seu pai? Você sentia diferença na educação dos três?

(MC): Não. Não, não. Sempre, sempre tratou assim nós três juntos, se ele comprava uma coisa pra um, é ele comprava já pros três, se não dava pra comprar pros três ele esperava é, ter aquele dinheiro pra dar já pros três pra num fazer muita diferença. É, o único que eu vejo assim que o meu pai não se aproximou muito foi do Marcelo, que minha mãe também nunca deixou ele se aproximar muito, e hoje os dois também não se dão bem, não chega nem perto um do outro, eles nem se falam, hoje, os dois, não se falam. Mas com o Marcos o meu pai se dá bem, nunca teve problema nenhum, o Marcos chama ele de pai, vem aqui às vezes, quando vem né, aparece, tudo, tem problema nenhum não, bem tranquilo, a relação dos dois.

8 – (E): Seu(ua) filho(a) já demonstrou curiosidade sexual? Como foi? Como reagiram? Explique.

(MC): Sexual de homem e mulher, uma coisa assim, ou do próprio sexo deles, assim?

(E): Qualquer um desses sentidos.

(MC): Elisa vai lá na vó (*Elisa estava deitada no sofá*). Vai e depois a mãe te chama.

(ELI): Hum?

(MC): Vai lá na vó que depois a mãe te chama (*Elisa vai embora*). A Elisa no começo, quando ela era mais nova, eu tinha um pouco de medo, um pouco de pé atrás, porque ela gostava muito de coisa de menino. Era pra ela tinha que ser tudo azul, o jeito dela talvez, me demonstrava que ela, pudesse, ser um pouco diferente. Mas isso foi mais no começo. Quando ela era mais nova. Hoje eu já não vejo tanto isso, ela não era tão feminina no começo sabe. Hoje ela é um pouco mais vaidosa, mudou esse negócio de só querer coisa azul, de só querer coisa de homem, então assim hoje eu já não tenho tanto essa preocupação, mas no começo eu tinha muita. Quando ela começou a ir. Hoje ela tem seis anos, isso é quando ela tinha uns quatro anos, três quatro anos, quando ela começou a descobrir assim o mundo já, eu quero isso, saber falar eu quero isso, eu quero aquilo. Uma vez a gente foi comprar um tênis pra ela, ela escolheu um tênis de menino. Um tênis azul de homem. Eu falei mãe, mas esse tênis é de homem, mas é o que ela quer. Minha mãe comprou. Era meio que unissex assim, mas dava pra ver que não era de uma menina. O tênis. É, a Maria Elena ela já sempre foi muito vaidosa, muito, bem feminina mesmo, mas a Elisa no começo eu tinha essa preocupação. Hoje agora já nem tanto, ela já demonstra mais assim, querer se arrumar né, querer passar um batom, ela

adora um batom, uma coisa assim, acho que foi mais no começo mesmo, era muito criancinha ainda né, acredito eu. Hoje já é bem diferente, não tem muita, o que te falar não.

(E): E com relação a, quando você engravidou por exemplo, como que foi, elas chegaram a perguntar, como que ia ser, como que ia nascer?

(MC): Sim, elas perguntavam, agora quando eu engravidei do Daniel elas perguntaram sim, é, eu falei pra ela que era a cegonha que ia trazer (risos). Ainda acredita em cegonha ainda (risos). Não, uma cegonha vai trazer o bebê, isso mais no comecinho né, mas elas nunca tiveram a curiosidade de saber como exatamente eu engravidei, só sabiam que o neném tava aqui dentro, depois já, quando a barriga tava crescendo, e elas perguntaram como que ele ia nascer, e eu falei do mesmo jeito que vocês nasceram, eu mostrei o corte da cesárea, disse que o médico ia cortar aqui e ia nascer por aqui. Mas elas nunca me perguntaram assim como o Daniel foi parar aí dentro, né, não lembro dessa, essa coisa, essa pergunta.

(E): E com relação a diferença entre menino e menina? Porque agora elas vêem né, a diferença.

(MC): (Risos). Esses dias a minha mãe falou assim que a Maria Elena falou pra ela, a minha mãe tava trocando o Daniel, e ela falou assim mãe, quando que o saquinho dele vai cair? (risos). Ela pensou que ia cair que nem um umbigo que cai né, ela perguntou mãe quando que o saquinho dele vai cair. Aí a minha mãe falou assim num vai cair Maria Elena, porque ele é um menino, menino é assim, do jeito que cê tá vendo (risos). Ela fica bem, bem curiosa assim, nesse ponto sabe, mas, acho que foi só essa vez. Pra mim ela nunca chegou a perguntar nada, é, foi mais com a minha mãe mesmo. Não teve, mas elas são bem tranquilas nesse ponto assim. No começo às vezes eu via que, é, até teve um dia que ela, ela teve uma conversa que o pai dela tava sem camisa e ela falou nossa pai, como você é musculoso, não sei o que, teve um, um coiso assim sabe e eu chamei a atenção dela, onde cê tá aprendendo essas coisas, não sei o que, disse ela que foi num desenho, do jovens titãs, jovens não sei o que lá, que ela andou assistindo, e aí eu meio que dei uma repreendida nela porque eu achei que o jeito que ela comentou não foi muito, agradável pra idade dela entendeu, e faltando meio que, no meu ponto de vista com o respeito, eu dei uma chamada de atenção nela e ela nunca mais falou nada assim. Mas, cê vê que ela já tá querendo crescer, entendeu, já, já, já mostra, umas coisa assim, mas com ele exatamente foi só esse fato.

(E): E nesse sentido, de diferença de uma pra outra?

(MC): A Elisa ela parece ser tão inocentinha sabe, tão, tem um ano só de diferença mas, num ponto ela parece ser bem inocente. Mas ela é muito curiosa também, então assim, é, eu no começo, a gente meio que se beijava perto, hoje eu evito, porque cê vê que ela fica ali de olho, e sabe, é às vezes assim, se eu vou me trocar, ela fala pra ele pai, saiu do quarto que cê não pode ver, a mãe é menina, cê não pode ver, sabe ela, então assim a gente tem que tomar muito cuidado porque ela, é uma criança assim, ao mesmo tempo que ela parece ser bem inocentinha, ela num é tão atirada que nem a Maria Elena, mas ela é muito observadora, e tudo ela fala. Se ele vai trocar de roupa, ela quer que eu saia do quarto, não sai do quarto porque não pode, entendeu, é bem assim, a Elisa. Já a Maria Elena não tem esses negócios de ai saiu do quarto, deixa do quarto assim mas, cê vê assim que, ela acha que ela pode fazer aquilo que ela vê você fazendo. Então eu, eu evito, não faço nada que ela não possa, fazer assim, perto dela. É, se eu vou, se o pai dela tá deitado ali e eu vou lá abraçar ela quer abraçar também. Ela vai e abraça também. Aí às vezes eu falo pra ele assim, ai meu gostoso, não sei que, e aí ela vem abraça ele e fala assim ai meu gostoso, então você vê que ela faz tudo que

você faz. Entendeu. Ela é bem. Já a Elisa não, ela é bem amorosa mas, não sei se eu diria com mais respeito, ou com mais ingenuidade, do que a Maria Elena.

9 – (E): Bom, agora, a última. Como ficou a vida conjugal após o nascimento do seu(ua) filho(a)? Explique. E aí acho que assim, se você pudesse falar um pouquinho de como foi a mudança no relacionamento que você tinha com o pai das meninas, antes e depois que você engravidou, e depois agora de vocês né, porque são dois momentos diferentes.

(MC): É, o pai das meninas eu, eu nunca quis me relacionar com ele na verdade. Ele era bem mais velho que eu, quando eu conheci ele, ele tinha acho que quarenta e cinco anos e eu tinha dezessete. É, foi uma coisa assim, meio que ele insistindo muito, a gente foi embora pra Jaú, ele começou, a se aproximar. Como na época só tava eu e a minha mãe, logo que a gente chegou a minha cunhada fez uma desfeita muito grande com pra minha mãe, a minha mãe não quis ficar então na casa do meu irmão, a gente tava na casa do Zé, que é um amigo da família, e era sócio dele, só que a gente não poderia ficar ali por muito tempo, e Jaú é muito bom pra médico, então ele meio que se aproveitou da situação. É, ele se aproximou, ele ajudou a gente a alugar casa, na época ele não pagava nada, porque como eu fui mandada embora do trabalho eu tinha cinco meses de seguro pra receber, mas ele começou a querer se aproximar, eu não conhecia nada, ele me levou pra dar entrada no seguro, na caixa, e foi se aproximando, se aproximando, e aí ele despertou aquele interesse em mim, eu não queria. Mas a minha mãe meio que, que ele é uma pessoa boa, porque não sei o que, enfim, e moral da história eu acabei ficando junto com ele. Não por vontade própria nesse caso. E aí já logo eu engravidei da Maria Elena. E aí quando eu soube que ele ia ter que falar pra família dele, que ele tinha ali uma família em si, né, e que ele num tinha largado, não era separado e não vivia mal como ele falou, porque se ele vivesse mal como ele dizia, ele num tava com ela até hoje né. Então assim aí eu quis sair fora, só que quando eu quis sair fora eu já tava grávida da Elisa. A gente até tentou com, a Maria Elena com oito meses, eu resolvi vim embora pra cá e ele veio atrás de mim, disse que ele ia realmente largar da Mariângela, que ele ia morar comigo. E ele foi, eu resolvi ir, porque eu queria na época viver, por causa da menina, pra gente criar, porque eu não queria criar ela sozinha também né, eu era bem nova ainda, e com, ele disse assim que ele saindo daqui ele já passaria na casa dele e pegava as coisa dele. Que quando a gente veio pra cá, como a Mariângela ela sabia dela, é a gente passou na casa dele antes de vim, ele veio me trazer, aí depois disso ele ficou atrás de mim, e a gente voltou. Só que quando a gente passou na casa dele, ele mora aqui e a mãe dele mora aqui, a mãe dele não quis conhecer, ela nunca se interessou pelas meninas, ela rejeitou desde a primeira vez que ela soube, então assim a mãe dele fingiu que não tava em casa, tudo, e aí, aí a Mariângela até falou ai, a minha sogra não tá em casa, não sei o que, só que aí tinha um neto dela lá, que depois ele saiu pra brincar lá na frente, chamando ela, vó, não sei o que, então a gente viu que ela num, realmente não queria saber, porque eles queriam levar a menina lá pra ela conhecer e ela não quis. Aí ele veio, me convenceu a voltar, que ele voltaria, no meio do caminho ele já fez outra rota, que não era a casa dele ele disse assim que então ele me levaria lá, já era outra conversa, ele disse que ia passar já pegar as coisas dele então, ele me levou lá, onde a gente morava, eu e a minha mãe, e voltou pra casa dele. E aí ele ficou uma semana assim. É, quando ele voltou pra casa dele ele pegou, uma sacola com três peças de roupa, todas de trabalhar na granja mesmo, de serviço, não pegou nada que era dele. Só que daí mudou a história, em vez dele ficar todo dia na minha casa até tarde e ir embora pra casa dele, ele saía da granja e ficava todo dia até tarde lá na casa dele e voltava lá pra casa, já de cara feia, e sem querer conversar, sem querer jantar, dormia, no outro dia ia trabalhar, e ia pra lá, e ficou assim uma semana, quando deu uma semana, ele chegou numa sexta-feira a tarde e eu já tava com a roupa dele pronta já, na malinha do mesmo jeito que ele trouxe na sacola, eu falei eu não quero mais, tô voltando embora pra Bauru. Não dá. Desse jeito. Você falou que a gente ia tentar criar a menina junto,

agora, desse jeito, você não se decide né. E aí então eu, voltei embora pra cá, comecei a trabalhar, e eu descobri que eu tava grávida da Juliana. Desde isso a gente nunca mais teve nada, é, mas ele ainda ficou próximo. No período que ela tava grávida ele vinha, me levava no médico, não sei que, ele levava pra casa dele, quando a menina nasceu a minha mãe avisou, ele veio, viu, registrou, e parou por aí. E hoje ele vem uma vez por ano. Vê elas. Como eu vim embora pra cá pra Bauru, sempre teve uma grande diferença da Maria Elena pra Elisa. Ele gosta muito da, Maria Elena, mas a Elisa ele tinha dúvida que seria filha dele, porque eu descobri quando eu já tinha vindo embora pra cá. Então, ele chegou a fazer até as contas pra ver se, se seria filha dele mesmo, é, e eu disse pra ele, eu deixei ele em total liberdade de não registrar. Eu falei eu tenho certeza que ela é sua filha, na época ele não se interessou em fazer um exame de DNA, nunca pediu mas, é, a minha mãe e o meu pai queriam registrar a menina, por causa dessa diferença que ele fazia, já desde quando ela tava grávida, quando eu tava grávida. É, e ele diz que não, até no dia, o cartório fica lá na maternidade né, e eu ia sair sem registrar a menina, mas ele fez questão de registrar. Mas hoje eu ainda vejo que tem diferença. No aniversário da Maria Elena, todos eles, ele aparece, todos ele trás presente, quando ele trás pra Maria Elena no aniversário ele já trás pra Elisa, mas no aniversário da Elisa ele nunca veio. No da Maria Elena ele já chegou a trazer bolo, ele já chegou a vim com a esposa dele, com a filha, fez uma festa uma vez pra ela aqui, que a gente já tava aqui, e o da Elisa, é, tem essa diferença ainda, por mais que ele registrou mas. Ele ainda trata ela com diferença.

(E) E como que elas reagem?

(MC) A Maria Elena até um, certo tempo ela chamava, ela chamava o pai, ela queria que ligasse, mas assim como ele vinha, já bem distante de tempo um do outro e sempre prometendo aí, daqui uns dia o pai volta, ou amanhã eu volto, e num voltava, então ela foi vendo que ele só contava mentira, dizia que vinha e aparecia um ano depois, oito meses depois, seis meses depois, e então ela, eu vejo que hoje ela deu uma bloqueada nele. Ela não comenta nada sobre ele, o dia que ele teve aí agora que foi no aniversário dela ele trouxe um presentinho, eu vi que ela chegou aqui e falou assim cê sabe quem que tá aí? Mas aí eu vi que o olho dela já encheu de água, ela não chorou mas, é, eu vi que ela sentiu, e eu falei pra ela, é teu pai né, porque no aniversário dela eu tinha certeza que ele vinha, ela falou é, aí eu falei vai lá falar com ele, aí ela foi, mas e ela pegou o presente dela, tudo, veio aqui, mostrou pra gente, mas cê via que em todo o momento ela demonstrando o carinho pelo Edú. Ela vinha, ela abraçava ele, e ficava, ficou mais aqui no fundo, a Elisa ficou mais lá na frente do que ela, e ela uns dia antes ela já sabia que ele vinha, porque ele vem todo aniversário, ela chegou a falar pra minha mãe, se o meu pai vim eu quero sair. Eu quero dizer pra ele que eu vou na igreja, mesmo que não seja o dia de ir. E justamente caiu numa quarta-feira que era um dia de culto, e ela se arrumou e ela não quis ficar. Ela falou que ela ia pra igreja e ela foi. Então o pai dela chegou, acho que ficou aí coisa de uns vinte minuto por aí, até o tempo da gente se arrumar, vinte minuto, meia hora, e ela saiu, deixou ele aí e a gente foi pra igreja. A Elisa também foi mas, cê vê que ela tem aquele, ela deu uma bloqueada no pai dela. E quando ela, quando ele vem, cê vê que ela sente. Então não sei se talvez esse jeito dela possa ser por, por alguma coisa alguma mágoa, alguma coisa dele, mas cê vê que ela tem aí esse. A gente nunca falou mal dele pra elas, mas ela tem um sentimento aí de mágoa com ele com certeza, dá pra se ver isso visivelmente.

(E) E a Elisa, ela percebe que ele não vem no aniversário dela, ela chega a comentar alguma coisa?

(MC) A Elisa não é muito de comentar não. Uma vez ela, ele ligou, quando foi aniversário dela, ele ligou pra mim, que nessa época ele ainda tinha o meu número de telefone, depois

desse dia eu não dei mais o meu número de telefone, eu troquei, é, e eu não tenho mais contato com ele hoje. Ele vem aí, eu não recebo ele aqui, ele é recebido lá na casa da minha mãe. Se eu tô saindo, passando aqui pra sair, é boa noite, ou boa tarde, enfim, morreu o assunto aí eu não conversei com ele, é, sempre que ele vem, ele vem com a esposa dele, a Mariângela vem junto com ele. E ele ligou pra mim nesse dia de manhã e falou assim hoje é aniversário da Elisa né, eu falei é, e ele disse pra mim que de tarde ele vinha, pra ver ela, e eu caí na besteira de falar pra ela que o pai dela vinha. Eu falei o teu pai ligou, ele falou que ele vinha, e ele não apareceu, e ele não ligou mais, nem pra falar por telefone, ó não deu pro pai ir, mas parabéns pra você. Então assim, ela num fala, mas eu vejo que mesmo ele fazendo tudo isso ela ainda tem mais amor do que a Maria Elena, ela não tem tanta mágoa como a Maria Elena. Porque eu vim assim que ela ficou felizinha assim sabe quando ele veio, ela ficou mais lá na frente, ela vinha aqui também mas cê vê que a Maria Elena ela guarda mágoa, e a Elisa já não, pra ela, assim acho que é como uma pessoa que veio visitar e ela gosta, ela gosta muito do Edú também, mas a Maria Elena em todo o momento vinha, abraçava o Edú, como diz né, ele tá aí mas você é o meu pai, eu acredito que foi mais ou menos isso. E a Elisa já não, ela não tem problema nenhum, ela vai, ela conversa, ela fica lá, brinca. É esse o meu ponto de vista. Não tem, como eu te disse ela é, parece que ela é um pouco mais inocente que a Maria Elena, não tem aquela mente assim mais, ela tem uma mente mais de criança ainda apesar de ser muito esperta em algumas coisas.

(E): Olha, passando esse tempo você lembrando agora, e você me falando né, de que você teve um relacionamento com ele que você não estava querendo ter, e que em parte o incentivo da sua mãe colaborou pra isso, como que você se sente olhando pra isso hoje, lembrando, o sentimento que fica, em relação a sua mãe, de ter incentivado naquela época uma coisa que você não queria?

(MC): Arrependimento (silêncio). Muito. Muito arrependimento de não me, de não me opor, de não por a minha opinião, de, de não ter sido mais firme, de dizer não, não quero. É, até assim, eu vou te dizer uma outra opinião agora, um outro fato, tá acabando já viu mô? (riso). Eu vou te dizer um outro fato que você vai ver que, que realmente eu me arrependi. Teve uma vez um pessoal, amigo do meu pai, que ele conheceu trabalhando, e era uns, uns peão de obra, assim, ele conheceu lá em Itatinga e eles vieram trabalhar aqui. Acho que eram cunhados, enfim, parentes. E esse rapaz, é, a casa que eles alugaram aqui no José Regino tava, é, já o aluguel pra vencer, enfim, não iam renovar o contrato, e a casa aqui, só eu morava aqui no fundo sozinha, eu já tava morando aqui no fundo sozinha nessa época. É, a gente veio lá de Jaú, aí eu fiquei aqui no fundo, as meninas ficavam mais aqui comigo, e, a minha mãe mudou pra frente, e aí ela falou pra mim que eles tavam sem onde morar, então acho que era coisa de quatro ou cinco rapazes, e o meu pai, eles eram amigo do meu pai, então eles alugaram aqui então, acho que por um mês, um mês e pouquinho. Pro meu pai, pra eles ficarem aqui. No fundo. E eu passei lá pra frente então com a minha mãe. E esse rapaz, que era o mais amigo do meu pai, ele se interessou por mim. Mas eu não queria, eu não gostava dele. Nessa época eu não tinha ninguém, eu tava bem tranquila, bem sossegada, eu num queria saber de relacionamento. E aí o rapaz começou então a, a, a agradar as criança. Ele passava no Atacadão, ele comprava doce, comprava as coisa, e tratava as criança super bem, as crianças até gostavam dele, que criança que não gosta né, se todo dia cê chegar com doce, uma coisinha diferente. E foi onde ela começou, você tá vendo que ele gosta das crianças, você já teve um relacionamento com uma outra pessoa que, que num, num dava nem atenção pra suas filhas, aí ela começou cê num tem que pensar mais em você, você tem que pensar nos seus filhos, você tem que pensar em ter alguém que elas gostem, aí eu disse assim mas eu não gosto dele, aí ela disse mas você aprende a gostar com o tempo, com a convivência, como que você não gosta de uma pessoa que você nem sabe. E a gente entrou num grande conflito,

nesse um mês, um mês e pouco depois, eu acho que eles chegaram a ficar dois meses, porque o rapaz ficava em cima de mim, ele queria e, eu já não podia nem olhar pra cara dele, porque eu já tava ficando com raiva dele, porque eu chegava do trabalho e ele tava lá em casa, em vez dele ficar aqui no canto dele no fundo ele ficava lá, e a minha mãe, a gente entrando em pé de guerra porque ela queria que eu aceitasse porque as meninas gostavam dele. Que ela achava que seria uma boa, porque elas sentiam a falta de um pai, e eu disse eu não vou ficar. Até uma vez ela ficou completamente chateada comigo porque eu indo buscar a Elisa na escola com o carro do meu pai, ela tocou no assunto. Deu dá uma chance pra ele, e eu disse assim pra ela, mãe, a última vez eu vou falar pra você, eu já fiquei com uma pessoa que eu não queria uma vez, porque você quis, e essa pessoa foi o pai das meninas. Falei eu não vou fazer essa mesma, essa mesma burrada de novo. Nossa aquilo pra ela, ela ficou chateada comigo uns par de tempo, ela ficou sem conversar comigo...

(E): Imagino.

(MC): Foi como se eu tivesse ofendido ela assim, e ela trata isso como uma ofensa mesmo entendeu, por isso que eu nem gosto muito de tocar nesse assunto. E, só que eu só disse pra ela a verdade. Eu falei não quero, não quero, não quero, não vou, bati o pé que eu não queria, a gente chegou a ficar sem conversar porque ela queria que eu aceitasse esse rapaz e eu falei pra ela eu não quero, não gosto, não vou ficar. Então assim até que eles, que ele viu que realmente eu não queria, e ele desencanou e ele foi embora, e aliviou a situação e tudo melhorou, mas mesmo assim de vez em quando ela ainda dava uma tacada ainda na cara sabe.

(E): Sei.

(MC): Então assim, o nosso conflito grande foi por causa disso, aí graças ao bom e querido Deus o Edú apareceu e acabou toda a história (risos). Hoje eu tô com uma pessoa que eu gosto, que eu amo, que eu respeito e que elas também gostam, e que a minha mãe também gosta, que o meu pai também gosta, e graças a Deus tem dado certo, depois de todo o sofrimento tem dado tudo certo.

(E) E aí veio o Daniel.

(MC) E aí veio o Daniel.

(E) E aí mudou, como que mudou a vida de vocês depois que o Daniel nasceu?

(MC) Pra mim mudou completamente. Porque foi tudo muito diferente. É, eu tive o Daniel, já tendo a certeza de que eu queria ter o Daniel, tendo a certeza de que eu queria ficar com o pai dele, é, e tendo a certeza de que seria tudo completamente diferente, que eu faria tudo diferente. Desde já tá com uma pessoa que eu gosto, até ao ponto da criação, até ao ponto de não depender dos meus pais pra isso, até o ponto de, de ficar com ele, por amor, mas também ficar com ele pra educar o Daniel junto. Entendeu. É, eu sempre falei isso pra ele, eu falei a gente vai ter um filho mas, eu não penso jamais em deixar ele. Entendeu, eu não penso. Uma porque eu amo ele, e outra porque criar um filho sozinha, não é fácil (*Maria Clara pronuncia a última expressão mais baixo*). Eu tenho a plena certeza disso. Então assim, o Daniel veio pra, transformar tudo aquilo entendeu, toda aquela falta de ter um filho que eu tinha, de, de, de você poder, falar assim esse é meu, porque eu tenho duas mas, uma delas não é minha. Não é. Eu tenho a plena certeza disso. Hoje eu perguntei assim pra Elisa meio na brincadeira, se um dia eu sair daqui se ela vai comigo, ela ainda fica meio assim por causa da irmã dela, porque ela é muito amigada na Maria Elena, mas ela ainda diz que vai. É, às vezes ela fala

que vai, às vezes ela fala assim ai, mais de final de semana porque eu tenho a escola, não sei que, sabe, mas cê vê que ela... A Maria Elena já não, ela já diz logo é com a minha vó que eu vou ficar. Se um dia eu sair. Então assim, o Daniel veio pra, transformar tudo. O Edú, desde o Edú já veio pra transformar, toda a minha vida e, agora o Daniel também, tá sendo só, só coisa boa, tudo do jeito que eu imaginava, sendo bem, uma alegria atrás da outra graças a Deus.

(E): E pra você Edú? O que mudou?

(EDU): Pra mim. Pra mim mudou tudo também. Que eu, na verdade eu, eu, eu tava num relacionamento que eu num queria, e desde então apareceu ela na minha vida e tudo ficou, completamente diferente. E, além de tá com uma pessoa que eu não gosto eu procurava sair pra poder me divertir em outro lugar, entendeu, e hoje eu não penso em nada disso.

(E): E enquanto casal, teve mudança depois que ele nasceu?

(MC): Não.

(E): Não.

(MC): Não, não, eu acredito que não. É, claro que assim, é, num é aquela coisa assim, é teve um certo tipo de mudança assim, mas desde o começo pra cá, porque no começo, né, tudo novo, aquela coisa, aquela euforia assim, eu acredito que a gente amadureceu um pouco mais, mas da, da maneira que era, mas assim, tá, tá ótimo do jeito que tá. Eu fiquei assim, eu me sentia um pouco, depressiva assim quando eu tava grávida, porque eu fiquei com um barrigão, que eu num guntava andar, ele não queria nem encostar sabe, não fica pra lá, porque assim se ele encostasse, porque eu já sentia incomodada, mas ao mesmo tempo que eu sabia que era, por causa do, da gravidez, que eu mesma me sentia incomodada, às vezes eu me sentia um pouco, ali, triste, porque ele num se aproximava muito, principalmente já no final da gravidez, eu me incomodava muito queria logo que a barriga saísse porque eu tava com aquele barrigão me sentindo horrível (risos). Me sentia gorda, me sentia feia, mas assim, depois que ele nasceu, voltou tudo ao normal, tá tranquilo. Bem tranquilo.

(E): Bom, deixa eu só te perguntar, já acabou, mas deixa eu só te perguntar, cê falou que nesse tempo todo aí das meninas você ficou morando com a sua mãe, só nesse período que você ficou com esse outro rapaz que você ficou...

(MC): Que foi um período de dois meses.

(E): Isso, no restante você tava sempre com a sua mãe.

(MC): Sempre com a minha mãe, sempre com a minha mãe. Foi o único período assim, acho que num chegou nem dois meses, eu saí e fui morar em outro lugar mas, é, num já num deu certo já logo eu já retornei.

(E): Sim. E eu vou te fazer uma outra pergunta, mas se você não se sentir a vontade você não precisa falar, mas é que como você comentou mais de uma vez, você falou da desfeita da Mirela. O que exatamente aconteceu, porque vocês foram lá pra Jaú e ficaram lá na casa do Marcos, foi isso?

(MC) A gente, é, a gente foi pra Jaú, e a gente ficou, quando o dia que a gente chegou a gente ficou na casa do Zé, que era o amigo da família, e quando chegou pra gente ir pra casa da

Mirela eu não sei se o meu irmão, num tinha comentado com ela, num tinha entrado em acordo, e isso e aquilo, e ela acabou dizendo que ela já disse que com sogra e com mãe ela não moraria, ou seja, minha mãe já, logo se tocou. A gente posou uma noite na casa dele, é, o dia que a gente chegou, é, depois no outro dia a gente posou na casa dele e aí ela já saiu com essa conversa. Aí teve uma outra situação que a minha mãe tava lá na casa da Margarida e ela tava também na casa da Margarida, e, e tava na hora delas irem pro ensaio lá da igreja, e a nenemzinha da Mirela tava comendo, com a minha mãe, nessa época era só a Lavínia, tava comendo com a minha mãe. E a minha mãe também ia descer, só que ela tava dando comida pra menina primeiro, e a Mirela tomou a menina dela e disse que não, que a filha era dela, e que a menina ia com ela a hora que ela fosse, ela nem deixou a menina terminar de comer. A minha mãe também ia pro mesmo lugar e disse assim não, deixa a menina terminar de comer, a hora que descer, e aí a menina tomou, a Mirela tomou a menina e disse não, a menina é minha filha e a hora que eu for ela vai. Disse assim na cara da minha mãe, e a minha mãe então a partir ela começou vê que ela não poderia nem se aproximar como vó, porque nesse caso ela num queria né, fazer que nem ela fez comigo, comigo também ela só fez porque eu deixei entendeu, talvez se eu tivesse me imposto, teria sido diferente né. Mas como eu sempre morei com ela, eu num via mal nenhum. Hoje eu vejo que poderia ter sido diferente. Mas a Mirela não, acho que de medo de perder a menina, sei lá, alguma coisa assim, ela já, já se impôs assim e a minha mãe também já percebeu que ela não queria muita aproximação, e sempre foi assim, nunca se aproximou muito, de nenhum deles, ela nunca deixou. Sempre foi assim.

(E): Bom, tem alguma coisa que eu não perguntei que vocês queriam falar? (risos)

(MC): Não, acho que eu já falei até demais (risos).

(E): Eu já perguntei tudo e mais um pouco (risos). Eu queria agradecer vocês...

(MC): Imagina.

(E): Pela disponibilidade, por terem ficado aqui comigo todo esse tempo, abrirem aí coisas tão íntimas né...

(MC): Sim.

(E): Da vida de vocês. É, tenham certeza que isso vai ajudar muito, né, é o que eu disse, a gente faz uma pesquisa, e a gente deixa vocês com todo o anonimato dos dados de vocês, mas são experiências que ajudam muito depois outras pessoas, porque assim a gente trabalha com tantas famílias, e todas tão diferentes, e a gente ver como cada família se organiza, funciona, isso ajuda a gente a tentar depois fazer um trabalho melhor, ajudar mais as pessoas que vão procurar o nosso trabalho. Então, assim, só, gratidão mesmo...

(MC): Sim.

(E): Muito obrigada por esse tempo, Edú já tá cansado não tá?

(MC): Tá com fome eu acho (risos).

(E): Tá com fome né (risos).

(MC): Eita.

(E): Bom, mas é isso, muito, muito obrigada, e assim queria te dizer mais uma vez, eu já te falei mas, é, quando a gente falou do sigilo, do anonimato, é, o sigilo inclusive pra sua mãe.

(MC): Por favor. Por mais que eu sei que você, é muito amiga dela...

(E): Sim.

(MC): E que talvez até você queira ali, dar assim uma ajudinha nas palestras de vocês, dar um toque, não comente nada do que eu comentei com você porque vai, gerar, uma guerra aqui em casa, cê pode ter certeza disso.

(E): Sim. Mas assim eu imagino que de alguma forma ela vai perguntar.

(MC): Sim.

(E): Ou de querer saber se foi a mesma coisa do que ela falou, mas tenha a certeza que eu vou dar um, um jeito de, de sair da situação sem comprometer ninguém.

(MC): Uhum, agradeço.

Elisa entra na sala.

(ELI): O mãe, a vó disse assim que a Carol deve tá com fome.

Todos nós rimos.

(E): Nós já tamo indo.

(MC): Fala que já acabou (risos).

(E): Acabou de acabar.

(ELI): Então eu cheguei na hora certa.

(E): Chegou.

(MC): Você chegou na hora certa. Tá, vai lá falar pra vó que já acabou (risos). Ai, ai.

(E): Então tá certo.

(MC): Vamo comer? (Falando com Edú)

(EDU): Eu vou tomar um banho.

(MC): Vai tomar banho primeiro?

(EDU): Pode comer que eu vou tomar um banho.